UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01262038 1

PARCERIA
A. M. Pereira Lda.

ANTERO DE QUENTAL

PROSAS

VOLUME I

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

PQ
9261
Q4A15
1923
v.1

LIBRARY
MAR 8 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

1055768

PROSAS

Edição e propriedade de Couto Martins
Lisboa

ANTERO DE QUENTAL

PROSAS

VOLUME I

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 200 exemplares numerados

N.º 15

ADVERTÊNCIA DO EDITOR

A presente colectânea das Prosas *de Antero de Quental deve-se aos Srs. Dr. Joaquim de Carvalho, administrador da Imprensa da Universidade, e Cândido Augusto Nazaré, director das oficinas da mesma Imprensa, a quem testemunho o meu agradecimento. Agrupando-as segundo a ordem da sua publicação e respeitando absolutamente o texto, tiveram apenas em vista facilitar a todos os admiradores do grande Poeta o conhecimento duma obra difícil de obter pela sua raridade e dispersão, e de extraordinária importância para o estudo da evolução do seu Espírito.*

Conquanto se reünam todas as «prosas» até hoje indicadas pelos bibliógrafos e algumas que o não foram ainda, aqueles senhores não ignoram as dificuldades que há em determinar a autenticidade de alguns escritos anónimos, publicados sobretudo

em jornais. Por isso, julgam de seu dever convidar todos os que possuam elementos para a resolução destas dúvidas a que contribuam para a organização definitiva e exaustiva da bibliografia anteriana, servindo assim os interesses da cultura portuguesa e a memória de um dos mais claros espíritos do século XIX.

COUTO MARTINS.

PROSAS

PUBLICADAS ENTRE OS ANOS

DE

1859-1865

EDUCAÇÃO DAS MULHERES

É mister que os povos se embruteçam em seus braços, ou se civilizem a seus pés.

. . . . . .

É em vossa alma, jovens esposas, que repousam os destinos do género humano.

AIMÉ MARTIN.

Sem a mulher, a aurora e o occaso da vida seriam sem soccoro, e o meio-dia sem prazer.

S. BARRETO.

Em tempo em que a força imperava, arbitro irrecusavel em todas as contendas, defendiam nobres paladinos e intrepidos cavalleiros, de viseira calada e lança em riste, a honra da dama de seus pensares; e o vencedor ufano ia receber modestamente a coroa e o beijo pudico, paga de seu brio e galhardia.

Era o tempo em que a voz lacrimosa d'uma dona offendida em sua honra, ou de donzella acabrunhada por desleal tyranno, topava echo certo em todo o coração nobre e generoso, que batia sob um arnez de cavalleiro, e, em seu desagravo, reunia em volta a si todos quantos braços valentes empunhavam lança ou espada.

Era o tempo em que o insulto feito ás damas por orgulhosos Bretões custava caro, custava a vida áquelles que, de imprudentes, ousavam proferil-o; porque

sempre à testa d'uns — *doze d'Inglaterra* se encontrava um — Magriço-aventureiro a desaggraval-as. Tempos foram, que jamais voltarão.

Nem curemos de os chorar, que não morreram ainda os crentes da virtude feminil, que á face do seculo ousem defendel-a. Se já se não defende a virtude ou formosura de tal dona ou donzella, quebrando lanças na estacada, ha ainda corações crentes, pennas eloquentes a pugnar, não exclusivos por esta ou est'outra virtude, mas pela elevação e supremacia de todo sexo e de toda classe.

Já se não peleja pela formosura da mulher, mas sim pela innocencia da sua naturesa pura e sem macula; mas sim por seus direitos; mas sim pelo logar d'honra, que de jus lhe compete no banquete social.

Aos atrevimentos scepticos de Byron, ás impuresas insultantes de Voltaire, ao cynismo nauseabundo do seculo de Luiz xv, responde a nossa era com a philosophia reverente d'Aimé Martin, com a poesia consoladora de Lamartine, com todas as almas elevadas, que sabem sentir e crer virtude, dedicação e amor.

A era é melhor: o meio de discutir e convencer — mais racional e proprio de homens.

A victoria d'outr'ora estribava-se no terror ou na admiração; a de hoje cala no coração e na intelligencia, estribada na rasão e na verdade.

Assim tambem a mulher é hoje mais reverenciada, mais compreendida e mais amada; hoje a mulher, por assim dizer, fala todas as lingoas, cala em todos os corações, affecta todas as formas da litteratura e da sciencia: a philosophia, a medicina, a poesia, o romance, tudo hoje trabalha com affan em remir a mulher da escravidão da meia-edade, da prostituição e

embrutecimento do Oriente; e em eleval-a ao thalamo conjugal, a todos os direitos e prerogativas, que o seu triplice character de amante, esposa e mãi lhe dá jus a reclamar.

A mulher é um ente fraco, desvalido, apaixonado e nobre, mais que tudo; todavia sem ella, como disse um poeta, o mundo seria um ermo melancholico, os deleites apenas o preludio do tedio.

Por este character merece de todos differença e gasalhado.

A sua fraquesa e desvalimento a recommendam ao arrimo e protecção das almas fortes e generosas; ao amor das almas nobres e apaixonadas — a nobreza de seus sentimentos: a todos — a consciencia da sua superioridade e da nossa dependencia; dependencia suave e imperceptivel, mas real e poderosa, dependencia de filhos, d'amantes, d'irmãos, d'esposos; dependencia moral apenas, mas por isso mesmo mais forte, porque convençamo-nos uma vez, taes quaes somos, é a mulher que assim nos faz; e o seu império é tanto mais poderoso, quanto é mais sobre o coração, isto é, sobre o sentimento, que elle se estende, e, muito principalmente, no dizer d'Aimé Martin, sobre as nossas mais ardentes paixões.

Por qualquer face, que encareis a mulher, no estado relativo do homem em frente d'ella, sempre encontrareis uma paixão, de que, mesmo insensivel e voluntariamente, lança mão para nos dominar, guiar já no bem já no mal, para nos enobrecer ou para nos aviltar. É por essa paixão, que nos insufla n'alma os principios, em que a sua está imbuida, consubstanciando-as assim, ou, dizendo melhor, consubstanciando a nossa com a sua, porque, n'esta assimilação moral,

a alma da mulher nunca perde nada da sua individualidade, sendo que é só a do homem, que se homogenêa com a d'ella.

A paixão da amante, a amisade da irmã, a solidariedade da esposa, o amor da mãi são outras tantas cadeias invisiveis, com que a providencia se aprouve ligar estreitamente a vida da mulher á do homem, e tornar assim a sua dependencia moral penhor de proteção para a fraquesa d'ella.

Disse, não sei qual philosopho, que quem faz os homens são as mulheres.

Bebemos, com effeito, nos seios da mãi, nos olhos da amante, nos braços da esposa todas as virtudes ou todos os vicios, com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o misterioso guia, e mestra da nossa educação moral, em todas as phases da nossa vida, claro é que, o que formos no bem ou no mal, a ella o devemos.

Esta é a verdade, bem que nos pese: mas não nos deve pesar, pois que em nossa mão está o transformar esta dependencia em doce reconhecimento e fazermonos bons, fazendo boas nossas mãis, nossas amantes e nossas esposas.

A educação, no sentir d'um grande homem (*a*), não deve começar nem pelo clero, nem pelo povo, nem pelas escolas, nem pelos mestres, mas pelos mestres e educadores naturaes, — pelas mulheres, com as mulheres, e só pelas mulheres; pelas mãis, pelas filhas, pelas amantes, pelas esposas: e esse bem que lhe fizermos — ficai certos — que todo sobre nós, e com usura, reverterá.

(*a*) Aimé Martin.

A Philosophia, depois de correr largo tempo desvairada pelos campos da abstração e do frio raciocinio, parou, de cançada por tantos erros; e olhando para o coração da mulher pasmou de não ter dado mais cedo com a solução do problema; pasmou de ver como um pouco de sentimento dava melhores fructos, do que todos os seus raciocinios frios e calculados.

É que a philosophia até ahi não era christã; é que a philosophia até ahi não tinha ainda olhado para um coração de mulher; não tinha ainda medido a vehemencia de suas dores, a expansão de suas alegrias, o fundo de suas affeições; não tinha ainda considerado a influencia d'este magnetismo sobre a alma do homem.

Quando a philosophia deu solução ao problema do aperfeiçoamento moral do homem todos pasmaram de como a ninguem lembrara ainda coisa tam clara: já Colombo o dizia: é que as coisas mais claras são as que mais escapam; e o olhar que vaga perdido no espaço sem limites, raro attende ao que a seu lado se passa sobre a terra, grão de areia perdido na immensidade.

Eis porque hoje vemos o phenomeno da concordancia entre todas as sciencias e todas as litteraturas sobre a necessidade da educação intellectual e, maximamente, moral da mulher. É que todos viram, reconheceram e reconhecerão, que é só por meio d'ellas, que poderemos attingir o verdadeiro bem, porque só ellas nos podem pôr na verdadeira estrada, que conduz a elle (1).

(1) Assinado: *Anthero Tarquinio Quental.* Publicado *in*-PRELUDIOS-LITTERARIOS, Jornal Académico, dirigido por V. da Silveira. (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1859). Vol. I, n.º 13, (pp. 149-151). *(N. do ed.)*

NA SENTIDA MORTE DO MEU CONDISCIPULO E AMIGO MARTINHO JOSÉ RAPOSO (1)

Fagueiros sonhos de mancebo ardente
Eil-os murchos por terra, entre essas flores,
Inda, á primeira luz do sol nascente...
Nem prendeste um sô lirio resplendente
Na crôa dos amores!

ALEXANDRE BRAGA.

Demos uma lagrima ao que morreu...

Entre o que partiu e os que ficam, entre o que foi e os que ainda são, ha um laço mystico a unir a morte á vida, um feudo de sympathia um penhor d'esperanças n'um melhor futuro, cujos horisontes só se nos abrem ahi aonde o viver acaba, que todos, quantos nós somos, — viajantes d'um dia espalhados por esse mundo — devemos áquelle que nos deixa, e que foi nosso companheiro nas alegrias ou nas dores.

No arruido das praças públicas, entre o debater dos interesses, em meio do tumultuar de mil paixões, passa ás vezes no ar um gemido funebre, ultimo adeus d'al-

(1) Martinho José Raposo Júnior, filho de Martinho José Raposo, nasceu em Moura, onde foi baptizado em 5 de Julho de 1841. Frequentou em 1858-59 o 1.º ano de Direito, chegando a matricular-se no ano lectivo seguinte, no 2.º ano do mesmo curso. *(N. do ed.)*

gum que foge em demanda d'outros mundos e d'outro viver.

Mas dos que ficam talvez que nem um só correspondesse á derradeira saudação do que se parte: absorvem-nos outros interesses, sympathias e esperanças d'outra ordem: para esses o finado póde muitas vezes ser um braço ou uma intelligencia de menos, rarissimas uma alma a quem despedaçam violentamente os laços que ás outras a prendiam e que, ao despedir-se chorosa, pede tambem uma lagrima em troca da sua dôr.

Morrer, quando, já encannecidos no viver, a cabeça por si mesma nos pende para o chão, sob o pêso immenso dos annos e dos cuidados; quando a luz da vida, quasi a extinguir-se, nos indica que breve vem já o ultimo descanso; quando a alma, despida das ilusões da terra, sem nella ter já a que prender-se, só aspira aos largos horisontes do céu; morrer, então, é pôr um termo á sua dôr; é caminhar com passo firme em busca d'um futuro de ha muito almejado; é cumprir com peito alegre esta lei, a ultima que nos impõe a natureza.

Mas partir, quando se tem ainda uma alma, ardente d'aspirações infinitas; um peito, transbordando d'esperanças e d'affectos; quando no coração se sentem de continuo medrar e desabrochar todas, quantas ellas são, essas flores mimosas do crer e do sentir, que nos esmaltam a vida, que nos saudam, a cada passo mais que damos na senda do existir; quando esse existir nos sorri pelos vastos horisontes de mil brilhantes illusões, que gera a imaginação florida do mancebo, e que todas o fogo da sua esperança lhe promette realisar; oh! então a morte é o espectro que nos gela de terror, é um chôro partido e estridente como o estertor da ago-

nia; porque então morrer é partir, deixando a vida, campo de mil flores que nos sorri, em busca d'um futuro de que só vemos trevas e incertezas!

Quando se é assim, Amigos, como todos nós somos, jovens e esperançosos, é então que se deve pagar esse feudo de sympathia áquelle que, como nós, se veio sentar, cheio de fogo e d'aspirações, no grande banquete da vida, mas a quem a morte veio colher ainda em principio, lançando-lhe da mão o calix, que apenas levava aos labios...

Demos pois uma lagrima ao que morreu (1).

(1) Assinado: *Anthero Tarquinio Quental.* Publicado *in*-PRELUDIOS-LITTERARIOS, vol. II, n.º 2. (Janeiro de 1860), p. 13. *(N. do ed.)*

LEITURAS POPULARES

> Derramai a instrucção sobre a cabeça do povo, que bem lhe deveis este baptismo.
>
> *Alm. de França.*

I

BIBLIOTHECAS RURAES

Um dos grandes symptomas de regeneração e progresso moral do seculo, em que vivemos, é, sem dúvida, o desvelado carinho com que, quasi por toda a parte, cuidam grandes e pequenos, com interesse ou desinteresseiramente no melhoramento e instrucção do povo — esse grande, inculto, e interessante engeitado — como d'elle diz um grande poeta. É que a grande voz da democracia quando fala, inspirada pela bôca dos Kossuths e dos Mazzinis, falas de amor e de esperança, não sei de coração generoso aonde não tope um echo.

II

Bem que a Europa jaza manietada mais ou menos pelos grilhões da tyrannia, com tudo não se mostram os governos descuidosos em promovêr a illustração pelo meio das massas: por toda a parte, nomeadamente na França, na Italia, na Allemanha e até na inculta Russia, se vêem a cada passo escholas para o pobre, e não é raro topar o trabalhador, pela hora da

sésta, entretendo-se a folhear, lêr e entender livrinhos, que, apezar de mui comezinhos e de popular expressão, nem porisso deixam de o iniciar no saber.

É certo que os verdadeiros promotores d'este progresso intellectual não são os oppressores, que mal têm elles tempo de se rodearem de lanças e bayonetas: são os democratas, os verdadeiros amigos do povo, que por elle velam, e cuja voz, que é a voz da verdade e da justiça, apezar de proscripta e desterrada, brada tão alto, que a propria tyrannia, em que lhe pese, se vê forçada a se sujeitar mais ou menos aos mandatos d'esses representantes da opinião: parece que a providencia capricha em haver os tyrannos por instrumentos da propria ruina, pois só a illustração, que dá ao homem a consciencia de seus direitos, pode derribar ruins governos e oppressores. Assim a instrucção progride e gradualmente estende a sua rêde, anhelando abraçar todas as camadas da sociedade, ministrando á terra virgem mas productivel semente de muita ideia, que se ha de resolver em ainda muito mais obras de bem e só para bem.

III

Remissa e vagarosa, porém, vae a instrução por esta boa terra de Portugal; e ai de nós se não se attende a este grave mal com promptos remedios; ai de nós, porque um povo que possue a liberdade sem instrucção, que só o póde n'ella iniciar e nos sagrados direitos em que se resolve, a custo poderá conserval-a, e o que é mais, conserval-a sem abusar.

Saídos apenas d'um baptismo de sangue, em que nos foi mistér mergulhar para grangear uma alma nova, para reconquistar a austéra mãe dos povos, a liberdade, conservâmos ainda vestigios cruentes e reminis-

cencias odiosas d'essa lucta fratricida, bem que em prol da patria; e é só a instrucção que nos póde lavar da fronte as manchas do sangue de nossos irmãos, e conduzir-nos a bom fim.

Qual é pois a causa da ignorancia — indigna do seculo — em que vegeta todo o nosso povo e grande parte da burguezia? Porque não é só o proletario, é tambem a classe média em grande escala, que não cura de seus direitos e liberdades, considerando os, indifferentes, como uma invenção do seculo, e desconhecendo que só elles são as garantias unicas e segurissimas da sua individualidade e progresso.

A causa não está na escassez de livros populares, que alguns temos nós e de elevado merito; nem menos na indifferença do povo portuguez, que sabido tem elle mostrar o como zela seus direitos, uma vez compenetrados por elles.

A resposta já de ha muito a deu um grande homem e um grande Portuguez, quando se lastimava de que — possuindo nós ainda todos os elementos d'uma grande ventura, só nos faltasse um — *a vontade dos que podem.*

IV

A carencia duma boa organização de escholas, dum bom regulamento litterario, e um ministerio — proprio de instrucção — o campo que se acanha a quem sabe, e só se alarga a quem tem e póde; eis as causas do menosprezo e quasi aversão, que entre nós soffrem lettras e sciencias. Esta é a causa, a só causa de tantos males.

Sei que é dura e fere o ouvido, e mais ainda o coração, esta verdade; comtudo é uma e tão amarga, que custa a confessar, parecendo melhor desculpa a mingoa de livros bons e baratos.

É facto que entre todos os povos cultos, sendo que as nossas bibliothecas gemem debaixo do pêso de boas obras nacionaes, sômos porém um dos que menos livros possuimos maneiros e de facil comprehensão. Abundam as nossas livrarias em pesados volumes, de ainda mais pesada erudição e elevado estylo; mas ao alcance do obreiro, do agricultor, do proprio camponez, volumes, que por seu tamanho, preço e clareza a elles se amoldem, que lhes mitiguem, por sua amenidade e instrucção, o rustico e affanoso lidar, a custo se depára com um ou outro.

N'isso differimos da França, da Italia, da Allemanha, que os têm aos cardumes, emquanto que os nossos escriptores parece falarem-se mais entre si do que com o povo.

V

Com tudo, para quem tiver sêde de instrucção, para quem bem os procurar, ainda ha que se achem e que sirvam.

As grandes ideias, se vieram encontrar Portugal adormecido nos braços da ignorancia, ainda houveram almas nobres e intelligencias elevadas aonde fizessem écho; e a geração nova tem continuado de testimunhar á Europa, que os elevados pensamentos da fraternidade não deram com corações esquivos em peitos portuguezes. Ainda ha quem tracte com afan do que convem ao seu paiz, e quem se não peje de dar testimunho, com palavras ou com escriptos, do seu pensar, crêr ou esperar.

Nem temor deve haver de que estaque em tão boa senda, porque a era é nova e a ideia virgem, e longe o dia vem, em que tem de ceder o passo a outra maior e mais elevada.

O dever de todos, quantos sômos, que pugnâmos pelas liberdades e bem do povo, é seguir sempre a grande ideia, através de todos os estorvos e revézes, com o peito ao vento, o rosto alto, e os olhos só fitos no futuro. Abrir bem o coração á voz que vem de cima, e cerral-o á das paixões da terra.

VI

Disserra eu não serem elementos de felicidade que nos faltavam; mas só o querer dos que podem tirar d'elles materia de muito bem. Temos a ideia e temos os meios; tenhamos tambem a vontade, e para todo o mal se deparará remedio.

Um pequeno alvitre quero eu lembrar, que, com ser pequeno e de pouco custo, talvez não deixe de gerar bom fructo.

Ideia d'um grande francez e grande amigo do povo, Mr. Cormenin, soube ella insinuar-se no animo d'um governo illustrado, que a soube aproveitar, e d'ella já hoje em França vão brotando fructos de muito bem.

Se o exemplo d'um povo tem algum pêso no obrar dos outros, porque não applicaremos e experimentaremos entre nós a ideia do grande homem, sendo que ella produz, como tem produzido, resultados tão elevadamente civilisadores?

Tal experiencia quizera eu se realizasse em nossa terra, que certo estou de nos não deixar illudidos.

VII

A ideia refere-se maximamente aos habitadores dos campos, esses, mais que todos, engeitados da civilisação moderna.

E comtudo é á sua illustração que de mais vontade

nos deveramos applicar. A agricultura é a melhor e mais verdadeira mãe dos povos, e, como diz Castilho, só um povo que lhe quer, e a quer, e a serve com desenganada preferencia, só esse é rico, rico sem fausto, mas sem receio de empobrecer — o trabalho da terra é a fonte de todos os outros trabalhos, e assim, não é justo que nós, que em ocio disfructâmos o trabalho do camponez, lh'o suavizemos em troca com algumas gôttas do balsamo da instrucção?

Alêm disso, se trabalharmos em proveito da sua illustração, é em proveito nosso que trabalhâmos. O cultivador, que ler, conhecerá melhor o tempo, as estações, a qualidade do torrão, da semente, o que mais convem a este ou est'outro terreno, e que especie de grão deva lançar á terra. Com este progresso na agricultura o lavrador produzirá melhor, mais, e mais barato.

Não será, pois, tambem o nosso proveito?

Ainda que não fossem elles homens, e, como taes, com egual direito a se illustrarem, bastaria a perspectiva do proprio lucro para nos fazer cuidar d'elles com affinco, pois que, curando d'elles, de nós curâmos em realidade (1).

VIII

Entendera Cormenin que o rustico, por ser rustico, nem por isso devia ficar privado d'esse pão do espirito, que é a leitura.

Partindo d'esta verdade, imaginou elle uma bibliotheca de 200 ou 300 volumes de materia comezinha e de facil digestão para o povo: cada concelho possue uma d'estas bibliotecas dividida em tantas menores, quantas as aldeias e logares que em si conta, e em re-

(1) Fim do 1.º artigo. *(N. do ed.)*

lação a ellas numeradas. Cada uma d'estas livrariasinhas é enviada pelo administrador do concelho ao parocho de cada aldeia, a fim d'elle distribuir gratuitamente os volumes a quem delles precisar e os pedir, assentando o nome de cada leitor n'um rol, e riscando-o á maneira que se vier fazendo entrega dos volumes.

Depois de seis mezes passados, todas as obras que compõem a livrariasinha se devem achar em casa do parocho, que a remete á aldeia que tem a bibliotheca de numero immediato, recebendo em troca a que lá estava para o mesmo fim.

Passado tempo, quando cada aldeia tenha tido por espaço de seis mezes cada uma das bibliothecas parciais, isto é, todos os livros do concelho por partes e por varias vezes, far-se-ha troca da bibliotheca toda com a do concelho seguinte, continuando sempre assim com o mesmo systema de leitura, de sorte que em poucos annos poucos livros terão, passando por milhares de mãos e através de milhares de intelligencias, feito o gyro do paiz, e levado a instrucção aos mais necessitados, sem que para isso se exijam grandes despezas.

A este alvitre, tão simples como economico e proficuo, chamou Cormenin — Systema das Bibliothecas Ruraes Ambulantes.

IX

A bondade de tal alvitre por si e claramente se deixa ver. Realisar o desideratum da civilisação moderna — a instrucção do povo — em tão grande escala, tão bem, e por tal preço, cuido que outro algum o poderá fazer melhor.

Nos primeiros annos poucos resultados bons se tira-

rão, porque ainda os habitadores dos nossos campos desconhecem as vantagens da leitura, mas, acostumados pelo uso, e, por assim dizer, aclimatados com o systema, e, maximamente, vendo os fructos que hão de colher os que lerem, dentro em breve toda a população dos campos correrá em busca de livros e será com injustiça, que o soberbo habitante da cidade lhes poderá chamar — boçaes.

X

Na escôlha dos livros é que se deve requerer toda a cautella, para que a instrucção não degenere em leituras prejudiciaes ou sem proveito.

Deverá constar cada bibliothecasinha de pequenos volumes sôbre sciencias naturaes, medicina domestica, livros de religião, de agricultura, de política geral, de administração, historia, geographia e viagens; tudo isto escolhido por pessoa versada e idonea.

Na nossa terra, nomeadamente, deve-se curar principalmente de os procurar ou traduzir em chã linguagem das estrangeiras, escolhendo entre todos os melhores e os mais uteis.

Comtudo é não acobardar, que ainda se acham livros bons e uteis, e os que não houverem podem bem supprir-se com versões dos melhores dos outros paizes mais adiantados que nós, n'este genero de literatura popular.

XI

Alguns livros ha, assentei eu, que estão no caso de percorrerem a estrada de tal missão: originaes portuguezes uns; outros vertidos em nossa lingua das estrangeiras. E que muito importa essa differença? já disse alguem que o genio não tinha patria: um bom livro, que appareça hoje, já ámanhã falará todas as

linguas, e será lido com ardor por todos, quantos elles são, os povos cultos do globo.

D'alguns livros sei eu, que satisfazem as exigencias: poucos em verdade são elles, mas bons, mas bonissimos: quasi todos conhecidos e amimados do público; alguns não tanto: a todos o nome do auctor lhes é caução. Folgo de ter fallado n'elles um pouco de longo, porque tão bons são, que lhes desejára ainda mais carinhos, mais diffusão por entre o povo. Com elles quizera eu se começasse a obra civilisadora das — Bibliothecas Ruraes.

XII

Aquelle, que primeiro convem que o povo leia e releia, e por elle seja mui manuseado, mui meditado, tem em si a propria recommendação: vem assignado por nome portuguez e dos maiores. D'elle disse Castilho — aquelle que em alguns paragraphos pretender julgar uma obra tão cheia, tão variada, tão germinal toda ella, como é este livro, provaria, ou que não a lêra, ou que não era digno de a ler. Nós a lêmos, a relêmos, temol-a ainda aberta, e aberta a deixaremos sôbre a meza para novas meditações.

Seu titulo é:

ESTUDOS SOBRE A REFORMA EM PORTUGAL (1)

POR

J. F. HENRIQUES NOGUEIRA

Não é um livro: é uma obra.
G. PLANCHE.

I

O livro cujo valor apregoâmos, e ao qual outorgâmos um primeiro eminente logar na nossa ora ideal

(1) Impresso em Lisboa em 1851, na Tipografia Social. In-8.º peq., de XVI-320 pág. *(N. do ed.)*

— mas tão realisavel Bibliotecasinha popular, é digno de tal occupar, sendo que entre todos é elle o mais util e accommodado á intelligencia do nosso povo — ainda mal — tão inculto, tão por mondar de cardos e ruins ervas, e, o que peor é, com tão pouca esperança de proximo e util cultivo.

O auctor do livro, como bom philosopho, cura menos do que é, ou póde ser, do que indaga o que em sã razão devêra existir: e ao tempo que, em succinto mas substancial quadro, alevanta o rude trabalhador ao nivel de seus direitos, não se mostra remisso no estudo dos deveres que se lhe oppõem; accrescendo ainda um catechismo acabado dos meios de realisação d'uns e de satisfação dos outros. Ajuntai ainda uma expressão clara, por correcta; uma viveza toda meridional de imagens; um finissimo tacto ou, por assim dizer, um como faro mui mimoso no descubrimento dos males sob que geme a sociedade; e a mão segura em alvitrar meios de prompto remedio; e em limitadas phrases havereis o livro.

II

Diz modestissimamente o auctor, que o livro não é mais do que a selecção de pequeninos estudos ácêrca d'esta ou d'est'outra reforma. Sôbre modo maior é o seu merecimento, e em conta de maior obra o tenho eu. É um sistema de organisação social completo e cheio; resumo, conciso sim, mas germinal das reformas, que ha mistér um povo e uma sociedade já gastos. Dai-me população e territorio, que meios de organisar um governo no livro os acho eu todos: mas governo racional, philosophico sem que seja irreligioso (e é este o dizer verdadeiro da palavra); governo, finalmente, como o deve ser um no seculo desenove.

Se desejaes um testimunho do seu bem querer, lêde no Prologo da obra, e vêde com que tocante singeleza resume elle, em parcas palavras, o seu credo politico e social, onde, a par do grande reformador, depareareis com o poeta e com o cidadão honesto, e amante da sua patria.

III

Eis os termos em que se expressa:

— Quizera que, n'um paiz como o nosso emancipado por cruentos esforços da tutela humiliante, egoista e sanguinaria da monarchia absoluta, cansado do regimen espoliador, traiçoeiro e facioso da monarchia constitucional, necessitado de restaurar as forças perdidas em luctas estereis e de cicatrizar feridas, que ainda gotejam, ávido em fim, de gozar as doçuras da liberdade, por que tanto ha soffrido; quizera que o governo do estado fôsse feito pelo povo e para o povo, sob a fórma nobre, philosophica e prestigiosa de — Republica.

— Quizera que o poder supremo, emanado do voto universal, residisse na assembleia dos representantes do povo; e que o poder executivo fôsse confiado a um ministerio de tres membros, nomeados pela assembleia.

— Quizera que a administração da justiça corresse imparcial, rapida e gratuita; que os serviços feitos ao paiz tivessem uma recompensa condigna; que os crimes achassem correcção em vez de vingança; e que a pena de morte, vestigio maximo da barbaridade, fôsse abolida.

— Quizera que a guarda nacional, milicia gratuita, que não obriga o cidadão a abandonar as suas occupações, constituisse o grosso da força armada; e que o exercito subsidiario se reduzisse unicamente aos corpos scientificos.

— Quizera que a despeza publica fôsse inferior á receita; que se proscrevesse o ruinoso systema das dividas; e que a applicação dos rendimentos do Estado fôsse inteiramente productiva, illustrada e philantropica.

— Quizera que a rêde tributaria, que ameaça d'estancar o paiz, ficasse reduzida a um só imposto progressivo sôbre a renda, cobrado sem despeza e realisado sem agio.

— Quizera que os capitaes, pela barateza do juro, auxiliassem a producção, em logar de absorverem a maior e melhor parte de seus lucros.

— Quizera que o direito á subsistencia pelo trabalho tivesse nas officinas, colonias e obras públicas, uma util garantia; que o trabalho das mulheres ganhasse uma área mais vasta, e que fôsse melhor retribuido.

— Quizera que a Agricultura, a Industria-fabril e o commercio recebessem do estado uma desvelada protecção, como fontes principaes da riqueza.

— Quizera que as estradas, os canaes, as barras, e em geral, todos os meios de viação merecessem a preferencia no extenso capitulo das nossas necessidades.

— Quizera que a communicação do pensamento não achasse obstaculos; e que o correio fôsse inteiramente gratuito, tanto para as cartas como para os escriptos periodicos.

— Quizera que os orphãos, os doentes e os invalidos, que dependem da caridade pública, encontrassem nas casas de misericordia lenitivo para os seus males; e que se franqueassem a todos os operarios as instituições economicas e preventivas da miseria.

— Quizera que os cuidados exercidos sôbre a saude pública conseguissem minorar e extinguir, se tanto

fôsse possivel, as causas de infecção, que vão minando gradualmente a robustez das gerações.

— Quizera que o derramamento da instrucção chegasse ás ultimas camadas sociaes; que a imprensa pública se tornasse um instrumento de progresso; e que o estado protegesse o talento abandonado, que a falta de cultura não deixa medrar.

— Quizera que a religião de nossos paes não servisse de escudo a interesses egoistas e mundanos, mas que acompanhasse o progresso da humanidade; que os bispos fossem, como n'outro tempo, eleitos pelo povo; e que os parochos se elevassem á altura de mestres e de moralisadores.

— Quizera que os interesses da localidade fossem attendidos primeiro do que tudo; que o territorio se dividisse para todos os effeitos em grandes e bem regidos municipios; e que as aldeias tivessem os melhoramentos indispensaveis ao bem commum dos moradores.

— Quizera que a associação, origem de maravilhas, se estendesse a todas as classes da sociedade e principalmente a aquelles que vivem do seu salario.

— Quizera que a familia, instituição primitiva e santa, não apresentasse o quadro odioso dos direitos de primogenitura, que dão a uns filhos a regalia de senhores, em quanto conservam outros na humiliação de servos.

— Quizera que a propriedade, direito natural e civilisador, se estendesse ao maior numero de individuos; e que, para completar a liberdade da terra, se permittisse a remissão de todos os encargos que a oneram.

— Quizera, por ultimo, que Portugal, como povo pequeno e opprimido, mas conscio e zeloso da sua dignidade, procurasse na — Federação — com os outros

povos peninsulares a força, a importancia, e a verdadeira independencia que lhe faltam na sua tão escarnecida nacionalidade...

. . . . . .

Não ha querer mais nobre, aspirações mais sanctas; a par do grande philosopho, haverá ahi quem desconheça o poeta e o humanitario? (1)

IV

Economista profundo, é um poeta e pensador; o illustre democrata, á maneira que nos apresenta uma das suas muitas, mas bonissimas reformas, não pode, precipitando o tempo pela imaginação, deixar de nos entoar um dos seus hymnos tão enthusiastas, tão intimamente consoladores de esperança no futuro para o pobre, o desvalido proletario.

A inspiração é tanta, a crença é tão forte, a fé é tão viva, que bastas vezes o tomarieis por um d'esses prophetas que nos pinta a antiguidade, a anathematisar os máus, de sobre esboroadas ruinas, a aviventar no coração dos bons a emmurchecida esperança em melhores tempos e mais christãos.

Ao ver tantas promessas de ventura, muitos, d'incrédulos, se negarão a dar-lhes fé; muitos lhes chamarão sonhos febris d'um sentido scismar de poeta: mas nenhum se atreverá a apodal-os de veneno ou de maldade. Muitos dirão com o poeta:

Vãos desejos, talvez; mas bons, decerto.

Mas nenhum terá força de lhes lançar o anathema terrivel, com que, verdade é, o seculo sôe pagar as ideias boas e nobres.

(1) Fim do 2.º artigo. *(N. do ed.)*

Quiçá cedo é, para diffundir a vontade de reformas: seja: que o não é: quem acampa nos arraiaes longinquos e desertos do futuro, e o aguarda sereno e firme na sua fé, tem uma nobre missão: — a de abrir e esclarecer, sentinella do porvir, a estrada da nova era, que outros, vagarosos, de prudentes, só mais tarde pisarão.

Não é tarde; que o mundo foge no infinito do espaço e caminha direito ás regiões encobertas do futuro; e, quando o seculo aperta o passo, não ha face de verdadeiro democrata, que deva pejar-se de o acompanhar n'este caminhar providencial.

Se é sonho, a sonhar por sonhar, mais val, como diz Pelletan, o sonho que diz a tudo quanto soffre cá na terra:

— Levanta-te, e espera!, do que o que lhe repete: — Soffre, que para o teu mal não há salvação nem lenitivo!

FELICIDADE PELA AGRICULTURA

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

> Da terra saímos; á terra volvemos:
> A terra nos veste, nos traz, nos mantem.
> Quem mais do que a terra merece os extremos,
> Que obtem dos bons filhos a próvida mãe? —
>
> A. F. Castilho.

I

Eis agora aqui um livro, que, em meio da geral fermentação de tumultuosas paixões e ambições immoderadas que agitam as nossas modernas sociedades; em meio d'este lamentavel estado de geral descontentamento e desgôsto de que todos mais ou menos somos victimas; quando, segundo judiciosamente observa

Aimé Martin, o artista descrê da arte, o padre de Deus, o mancebo do futuro, e até a mulher do amor, e nem um só tem o menor vislumbre de esperança na felicidade com que ainda póde topar no estado que lhe deparou a providencia; eis agora — digo eu — um livro que, em meio de tudo isto, nos promette essa almejada felicidade, que nos aponta o como a poderemos alcançar, que o prova — e o que mais é — não fala em referencia aos grandes, aos poderosos, aos que por si têm todos os dons da fortuna, mas ao pobre, ao desvalido, ao que chora e sofre em meio das trevas da ignorancia, da miseria, quasi, direi, da servidão.

É mister ser-se um grande poeta — poeta de muito crer e muito esperar = para poder lançar um olhar seguro por sôbre todas essas populações miseraveis dos nossos campos — orphãos da moderna civilisação — palpar-lhes todas as feridas, ouvir-lhes todos os queixumes, conhecer todo o fundo de seus males, e vir depois ainda crente, mais crente talvez do que nunca, entoar um hymno de esperança e felicidade para esses que por cruel ironia só lhe respondem com lagrimas e gemidos.

II

É que o poeta recebeu de Deus o condão mago de ler na noite de arredado futuro; de ver luz e muita luz ahi aonde outros só vêem trevas; flores de amor e de vida, aonde para muitos só brotam os goivos do sepulchro.

Esse lê bem, que assim lê em letras de ouro páginas de esperança e felicidade no grande livro dos destinos da humanidade.

Crê e espera — mas não lhe vem só do coração — do seu condão de poeta — essa crença e essa espe-

rança. Estudou, pensou, viu muito pelos olhos da sua intelligencia, e n'este estudo firmou elle em grande parte essa crença, que lhe dá a força de prometter ainda felicidade e muita felicidade para os campos, para os habitadores dos campos e para todos por via d'elles.

«Aconselhar a agricultura ao povo, diz o auctor, é aconselhar-lhe a propria felicidade.»

Veremos se o alvitre é tão bom como se apregôa, se não cegou o poeta a propria inspiração (1).

III

Retemperados pelas aguas lustraes d'um novo Jordão, por esse baptismo de fogo e sangue, pelo qual a Providencia aprouve fazer-nos passar, como iniciação nos umbraes do templo da liberdade, que a custo iamos conquistando, de tal arte nos cegou a novidade da conquista, tão afanosos nos mostrámos no empenho de a bem guardar, que de todo nos esquecemos de que não [é] ella o fim unico (como se já suppoz) dos humanos destinos, mas antes um como meio de alcançarmos outros progressos; um primeiro passo, d'entre os muitos que ainda temos a dar: uma mera iniciativa para aquelles que assentam o seu campo nos ainda mui desertos arraiaes do futuro.

Argos vigilantes, perdemo-nos enlevados na contemplação do thesouro, que assim nos traz preza a vista e a alma, sem nos lembrarmos, que em volta a esse pomo d'ouro, que com tanto amor guardâmos, outras e muitas formosissimas flores se definham e morrem, sem que produzam fructo, á mingua talvez d'uma gôtta

(1) Fim do 3.º artigo. *(N. do ed.)*

de água, com que — a haver boa vontade — se lhes poderia dar vida ás raizes sequiosas.

A agricultura, com ser a mais esperançosa para bom fructo, de todas essas flores, que vão murchando no pó ao minguar-lhes o alimento, é porventura de todas ellas a que mais soffre, e a quem mais se recusa esse alento e essa protecção, de que por tantos titulos nos é crédora.

IV

Mal de nós, que já nos ficam bem a traz esses tempos em que os grandes homens da maior nação se não envergonhavam de serem encontrados, em meio do rude trabalho das lidas agricolas, por um povo inteiro, que tambem se não pejava de os ali vir procurar, para os exaltar aos mais altos cargos da republica; e em que esses heróes, lavradores, depondo o toga da dictadura, depois da patria salva, se sentiam orgulhosos e felizes em voltarem cobertos de louros para o trabalho de seus campos, que em meio haviam deixado!

Já vão longe esses tempos; e todavia a terra, a «Alma-mater» dos antigos — não cessa de nos abrir o seu seio carinhoso, de nos chamar, de nos sorrir, de nos convidar com todos os seus perfumes, com todas as suas verduras, com todos os seus matizes de mil flores.

Mãe extremosa não conhece filhos ingratos e inconstantes; a todos gerou e a todos ha de involver. Se chora, encobre-nos os prantos; e, em dias de tribulação, lá a temos sempre, que nos estende os braços com affecto indisivel, que nos consola, nos acaricia e nos melhora, até que por fim, orgulhosos da propria grandeza, renegâmos a mãe que nos deu o ser, e nos afastâmos d'ella com desprêzo, como se não fosse a

ella e só a ella, que toda essa grandeza de deve atribuir!...

V

Com effeito, só por ignorancia ou por desmedido e mal fundado orgulho, se pode conceber tal desprêzo e tal ingratidão.

A arte de domar a terra, para d'ella extrahirmos aquillo de que mais carecemos na vida, não póde decerto ser apodada de rude, nem menos de desprezivel.

Tão velha como o homem, como as suas primeiras necessidades, é-lhe a sua antiguidade segura garantia de excellencia e de nobreza; desprezivel ninguem de boa fé lhe poderia chamar, sendo que todas as sciencias a veneram e cortejam, entre si disputando qual d'ellas lhe prestará maiores serviços.

As cidades, que assombram os campos com seus templos, columnas, praças, grandeza e luxo; os exercitos, que os assolam, impelidos pelo genio destruidor das batalhas; essas cidades ambulantes, que levam d'um mundo ao outro os productos de todos os climas: todas essas maravilhas de grandeza e intelligencia humana, tudo isto saíu dos campos, tudo isto por lá se creou; tudo isto ha de muitas vezes, nas longas horas de atribulação e de angustia, lembrar-se com saudade da humilde mas pacifica choça, d'onde primeiro desabrochára á luz do sol; tudo isto ha de deixar de existir, de mover, de tumultuar, ha de esquecer por fim, que elles hão de continuar ainda, por muito tempo depois do homem talvez, a vicejar, a florir, a fructificar, sempre bellos e sempre risonhos, agora e depois, como no primeiro dia da creação!...

VI

A industria e o commercio, os dois mais poderosos e mais incansaveis agentes e creadores da riqueza das nações, lá têm nos campos alicerce, lá foram buscar á agricultura todas as forças com que operam, todas as galas de que se revestem.

O ferro, com que o homem fabricou novos orgãos, para ajudar os que a natureza lhe déra; o carvão, com o auxilio do qual centuplica as suas forças; lá lh'os tinha a terra guardados no seu seio, com (1), mãe carinhosa: o linho, de que fabríca os vestidos que o revestem, tambem já lourejou pela encosta de suas collinas: o madeiro, que recurvado sulca as ondas em busca de novos mundos, tambem orgulhoso e gigante se ergueu outr'ora no meio de suas florestas: o grão, que o nutre; o fructo, que o delicía; o vinho, que lhe dá mais vida e alegria; tudo isto tambem por lá cresceu e medrou, tudo isto de lá saiu.

A sciencia, a mais nobre de todas, a sciencia de Deus, porque é a sciencia do infinito — a astronomia — tambem lá vae nos campos buscar a sua origem: lá nasceu entre humildes pastores, lá se desinvolveu, até que o homem das cidades, orgulhoso já de sua grandeza, a veio usurpar aos que primeiro a descobriram, para, no remanso do gabinete, ou no terraço do observatorio lhe dar ainda maior desinvolvimento.

A geometria — porventura mãe da astronomia, tambem nos campos tem seu berço.

Todas as artes lá vão buscar as materias com que operam, muitas tambem as suas melhores inspirações (2).

(1) *E. t. l.:* como. *(N. do ed.)*
(2) Fim do 4.º artigo. *(Idem).*

VII

Como essas cidras maravilhosas da fabula, que, rudes na forma e ingratas ao paladar, em si continham porém tanta formosura, tanta materia de bem para o mortal feliz a quem dado fosse o abril-as, como ellas é tambem rude e aspera a agricultura na fórma e pouco promettedora de prodígios.

Mas para quem bem a essencia lhe fôr especular, para quem, com entranhavel amor a cultivar, para quem, com mãos prodigas lhe souber dar afagos e carinhos, para esse, similhante á cidra fabulosa, tem ella um seio rico de muito affecto, de muita materia de felicidade e belleza, para esse, será ella sempre a amante extremosa, a mãe procreadora de prodigios sem conto.

Qual ha, porém, vara magica de fada, que — tocando-a — a chame á vida, a faça abrir ao sorriso e ao amor, lhe dê que do seio amigo brotem todas essas flôres de ventura, que lhe sabemos e ella nos promette, mas que sem estranho auxilio não podem desabrochar nem medrar?

Eis ahi o problema: mas eis tambem no livro a resolução, a vara de mago condão, a panacêa universal para os males, sob que geme esta boa terra de Portugal.

VIII

É a associação mãe de taes prodigios, de tantos beneficios, fonte perenne e inexgotavel, que apregoar-lhe valor e necessidade, alem de desnecessario, fôra loucura quasi rematada.

Com effeito, hoje, á luz do seculo XIX, quando é orgulho e timbre de toda a sciencia o prescrutar bem fundo a alma, a intelligencia e o corpo humano, pro-

curando ahi todas as leis da sua natureza, para n'ellas — e só n'ellas — se estribarem theorias e instituições, hoje desatino sería buscar ainda provas para aquillo, que d'ellas menos carece, sendo que a sociabilidade é, de todas as leis naturaes, aquella que mais exuberantemente demonstram as theorias da sciencia, e a mais que todas inexoravel e severa logica dos factos.

A muitas d'estas leis póde desobedecer o homem contra outras se póde totalmente revoltar, mas contra esta, por sem dúvida o tenho, sería tal attentado, que assento jámais poderá realisar-se.

Subtrahi os homens — um só momento que seja — ao seu influxo benefico, e para logo os vereis amesquinhar-se, quando não desapparecer da face da terra.

Condição primaria de sua existencia e progresso, ha de com elle mais e mais desinvolver-se, que não ha ahi decreto de rei da terra — fôra elle Cesar ou Napoleão — que ouse derrogar o decreto do Eterno!...

IX

É pois a associação o cumprimento d'uma lei natural.

Na progressiva evolução d'essa lei e a par d'ella, vejo eu caminhar a humanidade; desinvolver-se, se se ella cumpre; estacar, se pára; definhar, se esmorece; seguindo-a sempre e resentindo-se de suas menores alterações.

E é de razão, porque, a ser o fim do homem na terra o desinvolvimento de suas faculdades, que outra ha mais nobre e importante; que mais influa em seus destinos, que esta lei da sociabilidade?

Por ella se póde aferir o gráu de civilisação d'este ou d'est'outro povo, porque ahi aonde mais o homem se estreitar com o homem, aonde mais de um irmão se

ajudar o outro irmão, ahi tambem mais o espirito tenderá a elevar-se — e de feito se ha de elevar — elevação que toda se desata em muita sciencia, muito bem e muita ventura.

Reconhecidos estes principios, reconhecidos — quasi direi — demasiadamente, houve quem d'elles se possuisse a ponto de n'elles querer basear todo um systema de organisação social.

Desvairou-os o amor d'um principio, o conhecimento d'uma lei natural, por ventura a ignorancia de muitas outras; e, encarando o homem por lado restricto, quizeram o desinvolvimento d'uma faculdade á custa das outras todas.

Não quer isto porém a harmonia, essa outra lei de Deus, que tem de presidir — como revelando-o — a toda a creação.

É mistér que a todas as faculdades seja dado um maximo desinvolvimento: mas é mistér tambem que cada uma, ao alargar a sua esphera, não vá calcar outras, a quem egual direito assiste.

X

Porque é lei da natureza humana a liberdade, porque deve o homem responder por suas acções, não quer a boa justiça, não quer a boa razão, que á força — que não com a arma da persuasão — se lhe imponha o cumprimento d'uma obrigação qualquer, fôra ella tão sancta, tão prescripta por Deus, tão filha da natureza do mesmo homem como esta da sociabilidade.

Assim, é com a liberdade e só pela liberdade, que tem de se affeitar este grande pensamento da associação, este grande abraço que, obedecendo ás leis do proprio sêr, tem de — no futuro — dar homens e povos,

estreitando cada vez mais os laços que os unem, e centuplicando forças, sympathias e vida.

Problema longo tempo agitado, dá-lhe hoje a sciencia cabal resolução. Desde que esta, desprezando theorias incertas e imaginosas, foi buscar como base de seu estudo, para ahi fazer alicerce seguro aos principios que tinha de formular, a natureza do sêr, a quem todos tinham de ser applicados; desde essa occasião ganha estava a causa da liberdade.

Podem offerecer-se-lhe mil estorvos, levantar-se contra ella as maiores tormentas, que ella, através de tudo, lá ha de ir sempre seguindo seu caminho, ganhando o terreno palmo a palmo sôbre os seus adversarios, e libertando o homem cada vez mais do jugo da miseria, da escravidão e do embrutecimento(1).

XI

Associação e Liberdade: são estas as duas idêas salvadoras — e só ellas — que, uma pela outra completando-se, podem levar a bom fim as nossas modernas sociedades.

Associação livre — eis o que em nome da sciencia podemos affoutos responder a esses nobres, mas desvairados, sonhadores de utopias, que na fé de uma imaginosa organização social, toda artificio humano, que não segundo as leis do natural organismo, e em nome das sanctas esperanças e fraternaes aspirações, que em abundancia lhes enchem as almas generosas, nos promettem, ha meio seculo, o progresso da perfeita felicidade — porventura mais do que ao homem é dado esperar na terra.

(1) Fim do 5.º artigo. *(N. do ed.)*

XII

A sciencia toma o facto, especula-lhe a essencia e natureza, observa-lhe as relações, e de tudo deduz as leis que lhe presidem. Póde desempedidamente apresental-as á luz do dia, e para o futuro concluir affoutamente do passado; póde e deve-o, que outra não é sua missão.

Mas o que muita vez o frio calculo e analyse reflectida deixam, por mesquinho ou vulgar, sem dahi tirarem materia para considerações, toma-o para si o coração sensivel do poeta; pela imaginação o nobilita e engrandece, na mente lhe forma a robusta estatura; até que apparece em fim gigante de crescidas forças, esse que ainda ha pouco, de mesquinho e pigmeu, nem sequer attrahia as vistas do investigador curioso.

É assim que a imaginação e a analyse, a sciencia e a inspiração, uma pela outra se completam, trabalhando cada qual na esphera que por natureza lhe compete, e para fim commum — a *Verdade*, concorrendo uma e outra na medida de suas forças e aptidões.

São (ou antes deveram ser) duas irmãs queridas e extremosas, em obra commum, empregando desvellos e cuidados; nunca, como até hoje, riváes, que, por um mesmo amor, e em nome da mesma causa, se detestam e guerreiam.

XIII

É destes dous elementos — sciencia e inspiração — que brotam as nobres ideias e grandes verdades, que por vezes têm mudado a face de uma civilisação, quando, em vez de uma á outra se mostrarem hostís, para fim commum se têm dado mãos amigas.

Nas porfiosas luctas politicas do século, em que —

mais ou menos — todos temos sido actores ou expectadores, se encontra clara prova e exemplo manifesto da proposição que aventâmos.

Por longo tempo batalharam em bandos oppostos e á sombra de vario pendão os modernos representantes d'esses bons principios, uns e outros promettendo-nos felicidade, mas cada qual em nome de mui differente divindade; até que, passados que foram os tempos de mais escandecida lucta e acalorada discussão, a mesma força da verdade os trouxe a si; e a commum e amigavel união lhes soube chamar os animos discordes.

Ambos em parte transviados, a ambos comtudo assistiam tambem em parte principios de verdade. Inimigos, seriam sempre viajantes perdidos em densas trevas, cada vez a se affastarem mais das veredas trilhadas; reconciliados, um ao outro se guiam e ajudam, com as luzes e forças proprias, em nome d'uma longa amizade no futuro, postos em commum.

E, de feito, não é hoje que, no meio d'essa pleiada illustre de generosos espiritos, que anhelando anciosos por um melhor futuro, trabalham afanosos para alivio e engrandecimento dos que choram; não é hoje que entre elles se encontrarão rivalidades d'eschóla, mas indignas d'homens, ao bem dos homens votados.

São hoje irmãos. Os erros de cada qual, ao despirem-se dos velhos rancores, sacrificaram-nos no altar da nova aliança; e d'entre as cinzas impuras, que o vento dispersa ao longe, sahiu — nova Phenix — a flor immarcessivel da verdade eterna (1).

(1) Fim do 6.º artigo. *(N. do ed.)*

XIV

Associação e Liberdade dissera eu serem essas duas idêas aonde se depara mais verdade e que, ambas fundidas em factos, podem dar fructo mais sasonado e proveitoso; o leito por onde placida póde correr, demandando seu termo, a torrente — ora revolta e turbada por mil encontrados elementos que ahi se revolvem e guerreiam — da vida das modernas sociedades.

E como não seria assim, se, ramos frondosos de arvore, que no coração do homem tem fundas as raizes — a propria natureza, tem por fim, entrelaçando-se estreitamente e em mutuo amplexo apertando-se, ampararem-se e defenderem-se uma a outra, por que assim reciprocamente se protejam no crescer e no fructificar?

Se são ara sacro-santa aonde os animos discordes em busca da verdade — mas que d'alma a buscam, tem de vir pactuar aliança, queimando ahi, em holocausto incruento, o fel de paixões ruins e desamoraveis ¿como poderão ellas, por estranho desapego e ingratidão mentir ao que, em nome de futuro melhor, nos promettem, e a que, na fé d'esse almejado futuro, prestamos crença e esperança illimitadas?

Não podem. Quando á intelligencia e coração do homem se revela uma verdade, tam rica de evidencia, tam promettedora de consolações, não póde «*Aquelle*» que ao espirito a revelára deixal-a sem que pela evolução dos factos receba confirmação e com ella foros de inconfutavel.

Uma idêa assim nunca mente.

XV

Descendo das subidas regiões da abstração ao campo mais arido e abrolhoso — mas porventura mais util, das realidades, da theoria, aos factos; o livro, cujo bom espirito por todos quizeramos diffundido, como vaso de balsamo suave, que a todos vai ungindo e perfumando, apontando alvitres, que d'estes bons principios descendem, testimunhando não escasso cabedal de saber, — testifica tambem aquilatado amor pela sciencia e pelos homens; que em muito conta o amor e o enthusiasmo para o descobrimento da verdade.

De tantos e tam bons alvidramentos, quantos o livro encerra, um ha que, como base de systema, os resume em si, d'onde todos descendem, ponto culminante, centro em volta do qual, satelites a lhe reflectirem o brilho, volteiam todos os outros, compartilhando com elle a verdade e prestimo com que é dotado.

É este o projecto das «Associações Agricolas» (1), *(Continúa.)*

(1) Assinado: *Anthero Tarquinio Quental* (art. 1.º, 2.º e 3.º); *Anthero Tarquinio do Quental* (art. 4.º e 5.º) e *Anthero do Quental* (art. 6.º e 7.º). Este estudo, que não teve seguimento, foi publicado *in*-PRELUDIOS-LITTERARIOS, vol. II (1860). Coimbra (Imprensa da Universidade, até ao n.º 14 e dêste n.º em diante na Imprensa Literária), n.ºs 2, 3, 4, 6, 8, 15 e 20. *(N. do ed.)*

ESBOCETOS BIOGRAPHICOS

INTRODUCÇAO

> Il vivra de la vie des âges tout entiers, parcelle sans doute, mais parcelle qui comprend et qui contient le tout.
>
> LAMARTINE *(Vie des grands hommes.)*

Quando um povo se sente animado do desejo de buscar no fundo da sua historia os grandes factos, que concorreram para o seu engrandecimento, e os grandes homens, cujas vidas foram uma aspiração constante para o bem da sua patria, este desejo é sempre um symptoma certo do progresso d'esse povo e da sua moralisação.

O homem das civilisações decadentes, ou ainda em comêço, desconhece o sentimento fraternal, que torna a causa da sua existencia solidaria com a dos seus similhantes, e não vivendo pela sympathia na vida dos homens da sua geração, muito menos vive na d'aquelles, que o tempo como que sepultou debaixo do pó dos seculos.

Mas a lei constante da humanidade, lei de desinvolvimento e progresso, ha de actuar pouco a pouco sôbre o seu modo de existir; e o homem, filho d'uma civilisação mais adiantada, ha de em breve sentir que o amor de si e a indifferença para com tudo mais, que absorvia

todo o viver de seus avós das eras barbaras, são agora horizonte limitado para os vôos de sua alma, que já tenta expandir-se mais, e mais viver.

Accrescem então novas necessidades moraes de affecto, de interesse e de sympathia, que o levam a buscar com affan, noções ácêrca dos outros homens seus contemporaneos, ou já sepultos no tempo, e quasi esquecidos; a testimunhar amor a uns, a outros aversão; a approvar as acções d'estes, reprovar as d'aquelles; enthusiasmar-se em frente d'um grande caracter, e aspirar a egualal-o; a chorar sôbre as desgraças immerecidas d'outro, a quem não poupou sorte menos favoravel.

O fundo negro, em que se desenham os vultos sombrios, dos que mereceram o desprêzo ou a reprovação da posteridade, e a auréola de gloria, que cinge a fronte dos que — heroes de acções illustres ou martyres de nobres ideias — têm attraído a si todas as sympathias e todas as bençãos dos seculos e dos homens, que vieram após d'elles, elevando o espirito do povo até à apreciação dos grandes caracteres e ao desprêso dos baixos e odiosos, ha de produzir a mais salutar influencia sôbre o desinvolvimento dos grandes instinctos populares — o amor e o enthusiasmo por tudo que é grande e bello — enthusiasmo e amor, que, na vida real, em breve tem de se desatar em esforços, para imitar esses typos grandiosos, que a historia, ajudada pela poderosa imaginação do povo, lhe representa como já tocando a méta da perfeição.

Assim, se ao estudo da historia é incentivo uma civilisação crescente, é tambem esse estudo motor poderoso d'essa civilisação, porque, dando a experiencia — que é uma luz no porvir — dá ao povo mais alma, se

assim se póde dizer, mais vida pelo coração, mais sentimento moral.

Mas se o sabio ha mistér, para fundas meditações, de graves assumptos, intrincadas questões aonde mais ostente sua erudição, o povo menos pensador, mas mais poeta talvez, prefere na historia o drama ao facto descarnado e sem interesse para o coração; pede que lhe deixem o entendimento em socêgo, e só quer o que lhe possa exaltar a imaginação e movêr a sensibilidade: ouve distraído a narração circumstanciada das transacções diplomaticas das côrtes e as reflexões de alta politica que a acompanham; em quanto que entre soluços e lagrimas escuta os ternos amores e triste fim da linda Ignez, e no seu enthusiasmo parece mais actor d'esse drama lacrimoso, do que simples ouvinte e ignorante.

Eis aqui por que na historia o povo prefere sôbre tudo a biographia: é porque é n'ella que a sua sensibilidade e a sua imaginação encontram um campo mais vasto, e no dizer d'um grande poeta (*a*) «é n'ella que se identifica pelo pensamento, pela admiração, pela commoção, pelas lagrimas, com os pensamentos, as acções, as vicissitudes, as grandezas, as virtudes, as quédas, os triumphos ou os supplicios d'esses grandes actores da tragedia humana.»

A ambição do trabalho que ora encetâmos, não é produzir effeitos taes: para produzil-os requer-se um Plutarco ou um Lamartine. A nossa tarefa toda se encerra em algumas notas e apontamentos de quando estudámos a historia do nosso paiz, e a vida dos homens que o illustraram: é-lhe unica ambição despertar

(*a*) Lamartine.

a lembrança de trabalho d'este genero a espiritos d'outra tempera e d'outra illustração.

Sairão estes esboços sem ordem de primazia ou preferencia: quem lêr, que os colloque segundo as suas sympathias (1).

O INFANTE D. HENRIQUE

> O oceano estava fechado; havia um mundo a descobrir; eu te dei a chave d'esse mundo.
>
> *(Carta de Christovão Colombo á rainha de Hespanha.)*

I

É o coração do homem uma como harpa melodiosa, de tão maviosos sons e por tal arte uns com outros casados, que esta só harmonia sublime da natureza humana fôra de sóbra a revelar-nos a mão munificente, com que o Creador espalhou seus dons por todo o universo.

Mas de todas, quantas ellas são, as cordas harmoniosas d'essa harpa celestial nenhuma ha, que ferida, solte para o mundo tão altos sons, de tão sublime toada, como essa com que ao Creador aprouve ligar a si a fraca humanidade, em que mais que em tudo se nos revela, e pela qual mais a Elle aspirâmos — o sentimento do infinito. É esta ideia de Deus um centro commum, a que todas vêm necessariamente convergir, a synthese do universo. D'elle dimana tudo, e tudo a elle tem de se referir. Assim tambem o sentimento da sua existencia, aspiração que a elle nos leva,

(1) Fim do 1.º artigo. *(N. do ed.)*

é o fóco aonde convergem todos os nossos sentimentos, que a todos enfeixa, e d'onde depois vem a irradiar, sublimes e grandes, como a ideia-mãe que os gerára.

Bastas vezes, em verdade, vereis extraviado correr á solta um sentimento pelos campos do êrro, chegando a ponto de tanto se transfigurar, que ninguem ha que o queira adoptar como filho legitimo d'essa ideia principal. É-o, comtudo: transviado, perdido o norte e o rumo, que de razão devêra seguir, lá o encontrareis ainda, se bem lhe especulardes a essencia, como sob a cinza fria e morta se encontra a faisca, languida sim, á falta d'ar, mas viva ainda, e capaz talvez de grande incendio.

D'esta fonte dimanam todos quantos affectos, ora fortes, ora brandos, vêm a entornar no peito do homem alguma cousa grande e nobre, superior a este barro e pó do mundo em que se revolve.

O que é, com effeito, o amor, esse mutuar de affectos de duas almas irmãs, senão um gôso, antecipado na terra, das delicias do céu?...

Que outra cousa é a esperança, esse embalar suave d'uma alma no futuro, mais que uma aspiração, melhor dirieis intuição do infinito? E a gloria, o sentimento do bello, o amor dos homens, que outra cousa serão mais que reflexos d'esse sentimento de Si, que Deus em nós depositou?...

São todos irmãos, que gerou o mesmo seio: ramos do mesmo tronco: raios dos mesmo centro: estames do mesmo fasciculo.

II

Mas de todos os sons, que ao tocar desfere esta corda maravilhosa, nenhum por certo eguala em extensão e harmonia estes dous, entre todos os mais altos

— o sentimento social e o sentimento religioso — o amor de Deus e pelo de Deus o amor dos homens. As páginas mais brilhantes da historia do mundo, aquellas em que cada seculo reconhecido vem insculpir, em lettras de ouro nomes e feitos, que no porvir têm de ser os seus melhores titulos de glorias perante as gerações futuras, aonde vão ellas buscar origem de tanto lustre, que outra cousa nos apontam de tão assignaladas acções senão um ou outro d'estes dous sentimentos?

Lá foi cada varão illustre beber a crença e a fé, que presidem aos grandes commettimentos; lá têm fundas raizes cada um d'esses feitos de dedicação e coragem, que dão nome eterno a um seculo e a um povo inteiro; lá, finalmente, acha a arte, a poesia as suas maiores e mais duradouras inspirações.

Modifica-os o tempo em seu correr; os costumes de cada povo com suas várias instituições, por vezes com seus êrros e prejuizos; um tempo lhes acanha o campo, outro vem que lh'o alarga; toma um aqui o nome de caridade, alli o de amor da patria; austero e rigido se nos mostra agora, logo alegre e expansivo; ora reservados em suas manifestações, exaggerados outras vezes até ao fanatismo; mas nem por isso lhes podem estes variados accidentes mudar a essencia, a origem celestial; leves alterações, eis tudo que contra elles podem os logares, os usos e o tempo, que tudo gasta, tão fundos no coração humano, os arreigou a natureza!...

Incentivo de grandes acções, que outro mais poderoso ha ahi em toda a historia, que mais saiba elevar o espirito do homem, que melhor demonstre a sublimidade de seus futuros destinos?...

Não esfriaram de todo ainda as cinzas de tantos

martyres, cuja crença energica morte de mil torturas não teve força de abalar; não estão ainda tambem extinctas as fogueiras da intolerancia, que a alguem seja lícito duvidar em boa fé, de quanto a alma se engrandece pelo influxo d'estes dous sentimentos.

Amor dos homens, enthusiasmo religioso, eis duas ideias, que nunca a terra viu apparecer sem cortejo de heroismos, piedade e dedicação; eis ahi dous sentimentos, que jámais toparam alma, em que não acordassem aspirações duradoras de virtude e elevação!...

III

Exemplos de taes sentimentos, entre todos os povos depararéis com elles. Sementes de virtude, lançadas pelo Creador no coração humano, estribando-se-lhe na propria natureza, não podem ser patrimonio d'um povo ou d'um homem só. O poder de ser grande e bom é direito que a todos assiste: filhos de Deus, a todos deu alma immortal com que a elle se elevem, desenvolvendo-lhe os nobres instinctos.

Mas nem a todos, porém, assistirá egualmente a faculdade de manifestar taes sentimentos.

Como sob a cinza morta e fria, e n'ella sepulta, existe a faísca ainda animada e vivaz, assim tambem não ha na terra de alma de homem, a mais deturpada pelo vicio e pela corrupção, em que sob essa cinza não brilhe — moribundo sim, mas brilhe ainda — o fogo sagrado, de nobres aspirações.

Ha porém mistér a faísca de quem a desenterre e anime, e como que das entranhas lhe tire toda a luz, calor e brilho que póde dar. Assim pede tambem a alma do homem, em meio das torpezas do mundo e sob tamanho fardo sepultada, quem a ajude e alente,

a revoque á vida, ao bem e á verdade, quem, finalmente, lhe dê que inspire e traga á luz ideias generosas e illustres feitos de virtude e heroísmo, que ao mundo attestem a realidade d'esse eterno princípio, fonte de toda a grandeza humana.

Fôrça é pois reconhecer a existencia de causas, que actuando d'este ou d'est'outro modo sôbre o homem, ora benefica ora desvantajosamente, o animam umas vezes a que se desenvolva e eleve, outras o forçam a que sempre no mesmo estado permaneça, quando não a que totalmente se degrade.

Milhares d'ellas se poderiam apontar. Entre todas porém avultam e como que a todas enfeixam, a historia do povo, o clima e natureza do solo que habita, e a raça de que descende.

É a historia incentivo de desenvolvimento moral quando mostra, engrandecendo-os através do prisma de interpostos seculos, a vida, os feitos, as virtudes e os commettimentos dos que antes de nós foram na terra, e faz assim nascer na alma d'um povo a nobre emulação, o desejo ardente de os egualar n'aquillo em que foram grandes, talvez até de os exceder.

A raça, pela pureza ou então pelo crusamento de vários sangues, exerce sôbre o caracter dos povos a mais poderosa influencia. Vereis o ousado Hespanhol, em cujas veias gyra sangue de Romanos, Godos e Arabes, ardente nos desejos, exaltado nas paixões, ambicioso e aventureiro, contrastando com o Inglez fleugmatico e frio, o Hollandez empreendedor e paciente, ou o Allemão sisudo e pensador.

Mas aonde maiores provas encontrareis da acção admiravel, que sôbre as faculdades da alma exercem circumstancias exteriores e independentes do homem,

é sem dúvida na influencia da natureza physica, cujas vicissitudes e accidentes, por secreta affinidade, vêm sempre a se repercutir visivelmente na natureza moral, no caracter, nos costumes, nas crenças ou nas aspirações d'um povo.

Sob um céu brilhante e limpido, em solo d'onde perpetuamente brotam flores de mil matizes, em que as fontes só têm ternos queixumes do doce murmurar, aonde o gorgear das avesinhas na ramagem fala ao coração falas de ignota ventura; aonde a noite se desce ás terras é só para mais amores ainda lhes trazer; aonde tudo em fim fala de esperança, de affecto e de felicidade; com tal céu e em tal solo, não sei eu de homem tão avesso ao bem e ao bello, em cujo coração não rebentem e de continuo borbulhem mil aspirações para Deus e para a verdade, mil ambições de grandes feitos, de nobres commettimentos. Ahi, para se ser heroe, poeta ou martyr, basta um pouco de vontade e de energia: o resto, quasi tudo, fal-o a natureza amiga sempre e carinhosa.

IV

Fadado para grandeza e ventura fôra por Deus este abençoado solo de Portugal.

Mil gerações, raças diversas passaram n'elle, e nenhuma morreu sem deixar de si um vestigio, um legado ás porvindouras éras — a memoria de suas acções e virtudes. Nenhum seculo, depois de rijo lidar, se foi envolver no sudario do passado, sem testar á historia mais um nome, um feito, um laurel, uma gloria, sem deixar ao futuro um exemplo, uma aspiração a egualal-o.

Celtas, Phenicios, Carthaginezes, Romanos, Godos,

Arabes, tudo por aqui passou, aqui viveu, pensou, sentiu, chorou ou exultou, mas não morreu totalmente, que Deus não dá embalde a vida ao homem, e tanta lagrima chorada, tanto sangue derramado não podiam caír em terrra tão ingrata, que não fôssem fecundar semente de muitas futuras glorias.

Esse sangue precioso de tantos que aqui batalharam por suas crenças, prejuizos ou interesses, confundido no chão que alagára, estreitou-se mais e mais, ainda se fundiu nas veias dos que depois vieram, e sôbre as ruinas dos que foram, ergueu-se então um povo, rico de força, de seiva, de recordações, de glorias no passado, de aspirações e de esperanças no futuro.

Esse povo, com os pés firmados na extrema do continente europeu, alargando os olhos pela amplidão das aguas, foi hastear o pendão das suas quinas — pendão que lhe resumia a fé e as crenças — nas restantes partes do mundo, ao Norte e ao Sul, no Oriente e no Occidente, d'uma a outra latitude, nos regelos do Pólo e nas regiões adustas do Equador!

Foram-lhe os mil canhões tuba ainda pouco sonóra para tamanha fama; o oceano, theatro estreito para façanhas taes; ser-lhe-ha ainda a eternidade tempo curto para que possam morrer as memorias de sua gloria!

Embalados pelo murmurar das vagas em descanso, que se espraiam indolente dos areaes, ou por seu rugido feroz, quando de encontro ás rochas se vêm despedaçar, não podiam os generosos filhos d'esta terra tel-a senão como patria de adopção. A outra, a verdadeira, aquella atrás de que se lhes ia a alma inteira, eram as ondas espumantes, o pégo immenso, aonde o espaço é sem medida e o horizonte sem limites!...

De feito, entre as páginas da historia portugueza — páginas de muita gloria — avultam e a todas excedem em brilhantismo aquellas em que a mão do tempo gravou em lettras de ouro os nomes d'esses heroes, que tendo por unicos guias a intuição magica de seu genio e a constancia de seus animos esforçados, se foram sulcando ousados as ondas nunca d'antes navegadas, em demanda de terras desconhecidas, abrindo novas estradas ás mais longinquas nações, e alargando os horizontes do progresso industrial e economico da velha Europa.

Maravilha, em verdade, ver como uma nação, ainda ha pouco libertada do jugo dos Sarracenos; que apenas tivera tempo de sarar as feridas ganhadas na heroica lucta contra as pretenções de seus visinhos; em tempo em que a ignorancia e prejuizo eram obstaculos ainda mais fortes, para realisar seus intentos, do que o mysterio impenetravel de tantos ignotos mares, e a falta de instrumentos e meios, com que havia a luctar; maravilha, e causa assombro que esta nação concebesse, intentasse e levasse a cabo a empreza de ir, através das longas ondas do Oceano, a climas e povos desconhecidos, levar-lhes com as armas na mão, a sua legislação, os seus usos, commercio, industria, crenças e religião, e, no convéz de suas caravellas, dictar leis aos reis e aos povos de quatro partes do mundo!...

É esta tambem a epocha mais gloriosa da nossa historia, a sua página mais brilhante; porque, engrandecendo-nos a nós, fizemos dar á sciencia um passo, que vale por seculos, á sciencia e ao progresso de toda a Europa.

Esta épocha, este movimento, este progresso, esta grandeza, a tudo isto domina um vulto gigante e im-

mortal porque a tudo deu o impulso, a primeira ideia. É este o Intante D. Henrique. (1)

V

Rapido corria o seculo XIV, proximo já a tocar seu termo. Mil trezentos e mais annos eram já passados desde que, no cimo do Golgotha, expirára o martyr divino, proclamando principios, que alteando o homem até á concepção de seus sublimes destinos, alentando-lhe a fé e engrandecendo-o em dignidade, deviam tambem abrir-lhe á intelligencia horizontes novos, alargando-lhe ante os olhos o campo infinito da sciencia e da verdade, que até ahi, nuvem espessa de erros e prejuizos, só lhe havia dado rastrear.

E com tudo jazia ainda em trevas o mundo cristão, e a Europa, avexada não sei porque genio malfasejo, apenas começava agora de sacudir de si — aqui e alli, a espaços — o torpor moral que a opprimia. Longos seculos de barbaria haviam pesado sôbre este velho solo, e o rijo lidar das pelejas desterrava para bem longe as luctas do pensamento. Só a Italia e a Grecia, essas duas patrias valídas do genio, as bem amadas da inspiração, pareciam conservar ainda reminiscencias saudosas dos tempos do seu esplendor. Já Dante, vasára na sua maravilhosa trilogia, de involta com as torturas do pensamento, as dores de sua alma angustiada; mas ainda Guttemberg, occulto nas sombras do futuro, esperava a sua hora para surgir, actor gigante, no grande drama da civilisação.

Constantinopla, curvada sôbre os pergaminhos herdados das eras passadas, sequestrada do resto do

(1) Fim do 2.º artigo. *(N. do ed.)*

mundo, repartia-se entre as luctas intestinas do poder e da ambição e o estudo dos thesouros litterarios legados pela antiguidade classica.

Mas uma e outra pertenciam demais ao passado. Textos da Biblia, passos dos doutores da egreja discutiam-se e glosavam-se d'involta com Virgilio e Juvenal: mas a sciencia, a verdadeira sciencia, o estudo de Deus, do homem e do mundo, essa pertencia muito ao futuro para que a Italia e a Grecia lhe podessem dar um instante de suas lucubrações.

E Portugal que fazia então? Portugal não escapára á sorte commum da Europa. Vira o velho poderio romano desabar aos golpes desapiedados do *frankisk* das hordas barbaras, que a seu turno tambem, depois de cumpridos os destinos providenciaes, tiveram de ceder o passo aos ardentes e indomaveis filhos do deserto Africano. Presenceára depois a lucta tremenda da cruz contra o crescente, embate de duas crenças inimigas, que, palmo a palmo, disputavam o dominio d'um solo, a que uns e outros haviam direito de dar o sancto nome de «patria».

Vencêram alfim os filhos do Evangelho, e os do crescente, apertados entre muralhas de ferro, que mais e mais se estreitavam em cada dia, e o oceano que lhe rugia já o hymno da agonia, tiveram de novo de saltar o estreito, a se acolherem por detraz dos muros da velha Septum.

Repousava agora, como o guerreiro, que depois de rijo batalhar, não reputa desaire ou cobardia encostar por um pouco a cabeça afadigada, para depois correr mais ousado e mais forte a novas pelejas.

VI

Não é porém entre o lidar das batalhas, mas sim no

remanso da paz, que a intelligencia se engrandece, e o espirito adquire forças para os mais arrojados commettimentos no mundo das ideias. Rebôa muito ao longe o echo das pelejas, para que a alguem seja dado o entregar-se ás severas meditações, que requerem os trabalhos da sciencia.

Portugal, que, como toda a peninsula, se vira por seculos transformada n'um vasto campo de batalha; empenhado sempre em luctas, já contra os de Mahomet, que palmo a palmo lhe disputavam uma terra a quem como sua queriam e defendiam, já contra o orgulho e ambição de seus vizinhos; Portugal, ainda então o combatente aguerrido, rico de forças, de seiva e de vida, mal tinha tempo d'um momento encostar em descanço a fronte coberta de louros e de suores. As noites mal dormidas não as consummia elle nas vigilias e lucubrações d'um profundo meditar; não, que ainda muitos filhos do deserto se pavoneavam no solo das Hespanhas, que só deviam possuir como leito de seu somno derradeiro!

Mas retrogrademos um pouco, a vêr se por ventura a nação se achava preparada para dignamente representar na grande scena do mundo o papel civilisador, que no céu lhe fôra destinado.

Sôbre o velho mundo romano passára outr'ora o bulcão impetuoso do norte. As rajadas violentas da conquista derrubaram o edificio gigante d'uma civilisação de seculos, e as suas ruinas alastraram todo o solo Europeu. A civilisação nascente encontrou-as depois, e buscando-lhes os vestigios espalhados aqui e alli, foi pouco e pouco e laboriosamente recompondo o edificio derrocado, modificando-lhe em partes a contextura, n'outras ampliando-o, e cada vez mais

consubstanciando-se uma e outra através das edades.

Era um trabalho de longos seculos...

Veio então a invasão sarracena varrer de novo no pó a tão laboriosamente architectada fábrica. Mas ahi toda a conciliação era impossivel. — Era o embate formidavel de duas crenças rivaes, embate de que só sangue e ruínas podia resultar. A fé perseguida, com uma mão segurando a cruz, que parecia querer desabar, empunhando com a outra o ferro vingador, foi acoutar-se, buscando um abrigo, entre os cêrros alcantilados das Asturias. D'alli os foragidos só levavam aos conquistadores da péninsula a morte e o exterminio, que com elles voavam pela calada da noite, através das povoações terrificadas.

Veio a cruz por fim a vencer, e pôde então hastear-se livre em todos os angulos da Hespanha. Um povo surgiu d'entre estas luctas gigantes, pelo qual se cumpriram depois na terra grandes designios da providencia.

Achava-se porém este povo preparado para o cumprimento de tão elevada missão? O campo das batalhas fôra-lhe até então unica eschola, a desgraça, seguro mestre em arrostar com as tribulações da vida. No infortunio aprendêra o verdadeiro stoicismo, coragem das grandes almas, que os nossos illustres capitães beberam com os primeiros leites, e que depois os tornou rivaes dos heroes da antiga Roma.

Mas a sciencia, essa luz divina, que Deus só revela ao homem a custo de muita vigilia e muita fadiga; a sciencia, que dirige a vontade e o braço, que domina o pensamento e a acção, e sem a qual a maior coragem e a mais viva crença não são mais do que grandes

forças inactivas, á falta de direcção, admiraveis inutilidades?

Essa não tivera ainda o rude guerreiro tempo de aprender. Povo, então ainda na sua idade heroica, poeta, porque, como diz Chateaubriand, n'essa edade todos o são, já em seu seio vira nascer mais d'um trovador enamorado; suspirára ouvindo as maguadas endeixas d'Egas Moniz, e, ao escutar o *Rouço da Cava*, aprendêra a detestar a traição e os traidores. Já Vasco da Lobeira, no seu Amadis de Gaula, romance de cavallaria, poema, que assim se póde chamar, dos altos feitos d'então, ensinara ao povo como a bravura se póde casar com a galanteria e nobreza. Talvez já então Fernão Lopes, pae da nossa historia, começasse a revolver na mente a materia daquellas singellas chronicas, que tão affamado o tornaram ao depois.

Era então ainda a primeira infancia das nossas lettras. Era o primeiro balbuciar d'um povo, que começava a sentir em si necessidades d'ordem superior aquellas, que até alli lhe tinham absorvido todo o viver. A poesia apareceu primeiro; seguiu depois a historia. Mas a sciencia de longas e profundas investigações, de aturado e reflectido estudo, essa esperava ainda a sua hora, tinha de seguir a marcha da civilisação europeia.

VII

Escassas luzes de sciencia nos legara a antiguidade; e se escassas eram bem mais apagadas chegaram até nós.

Certo é que o Christianismo, com a sua moral pura e sancta, transmittíra á civilisação moderna ideias precisas de direito e philosophia, porque essa religião realisára o ideal de todas as civilisações, e as páginas

divinas do Evangelho são a synthese admiravel, das doutrinas philosophicas do velho mundo ampliadas e desinvolvidas por uma razão superior e inspirada. Essas paginas eloquentes de verdade e sentimento chegaram até nós; acompanharam o mundo moderno na sua marcha atravez dos seculos; esclareceram-a e guiaram-a; presidiram e presidem ainda hoje, cada vez mais, ao desinvolvimento progressivo da *ideia* no seio da humanidade.

Essa sciencia, a sciencia de Deus e a do homem em frente de si mesmo e em face dos outros homens, essa legára-a perfeita o velho ao novo mundo n'esse sublime *testamento*, não d'um individuo ou uma nação isolada, mas d'uma civilisação inteira, que não quer morrer sem deixar de si uma recordação ás gerações que vão seguindo.

Mas nem em todas as epocas da historia da humanidade podem esses principios ser egualmente apreciados. Os effeitos d'um principio não se medem tanto pela falsidade ou verdade absoluta d'elles, como pela maneira porque são interpretados, pelo modo por que se applicam e se lhes tiram as consequencias prácticas. Todas as sciencias, a moral, o direito, a philosophia, o conhecimento do mundo phisico, todas entre si tem vinculos communs, que as estreitam, porque todas junctas não formam mais do que uma só sciencia, todas tendem a um unico fim, o estudo de Deus nas suas obras, ideia do infinito, que toda a creação revella, quer a estudemos na alma humana nas leis da sua razão, nas suas relações, quer na natureza phisica do Universo, na rotação dos planetas, nas transformações da materia e nas leis, que a ellas presidem. Todas se ajudam, porque todas brotam do mesmo centro.

Para que pois as ideias de moral e de direito, que

antigos nos legaram, podessem arreigar-se bem nos animos, desapertar em flores e arribar a bom fructo, era mistér que todas as outras sciencias as coadjuvassem. Era isto exactamente o que se não dava na época a que nos referimos, porque «o conhecimento da natureza, considerada na sua universalidade, a contemplação do mundo phisico, o estudo da acção simultanea das forças que se exercem na terra e nos espaços celestes», como diz Alexandre de Humboldt (*a*), todas estas noções eram ainda então bem apoucadas, se não totalmente nullas (1).

(Continúa).

(*a*) Cosmos — *Développement progressif de l'idée de l'univers.*

(1) Assinado: *Antero do Quental.* Êste estudo, que ficou incompleto, foi publicado *in*-O Academico (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1860), n.os 1, 2 e 3, respectivamente de Março, Abril e Maio. O corpo redactorial desta «Publicação mensal, scientifica e litteraria», da qual sairam apenas aqueles números, era constituído por: João de Deus Ramos, Eduardo José Coelho, Antero Tarquinio do Quental, Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro, Alberto da Cunha Sampaio, Alberto Telles de Utra-Machado, Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca, Severino de Souza Azevedo, José Maria da Cunha Seixas.

Como documento da concepção da vida desta geração académica, reproduzimos a seguinte:

INTRODUCÇÃO

Quem do escasso patrimonio que possue reparte com o seu irmão — faz, sem dúvida, uma obra meritoria aos olhos de Deus, e acquista o louvor da sua consciencia.

Enthesourando para os outros algumas preciosidades, havidas d'um legado immenso, que a todos deixára o trabalho benefico dos homens illustres pela sciencia e pelas artes; acceitando o encargo de satisfazer os deveres d'aquella herança grandiosa, encargo nobre que auxilia o desejo dos seus bemfeitores; elle é

digno do bom acolhimento d'uns, e do beneplacito e agradecimento de todos.

A herança da humanidade, o legado do homem, que procura a felicidade, ao homem que a deseja, é o amor ao seu aperfeiçoamento, é o feudo da intelligencia ao engrandecimento da sua ventura; e o que emprega bem aquelle thesouro, comprado á custa de tantos sacrificios, pode desejar a benção de quem para seu dominio o adquiriu.

Ninguem nos reprehenderá, pois, se formos depositar o que havemos como liberalidade de nossos protectores,—dos que se dedicaram e dedicam ao futuro de seus similhantes—nas mãos de seu verdadeiro senhor.

A offrenda, ainda que não seja valiosa, nem porisso é inutil; e O Academico, encarregando-se de apresenta-la a seus amigos, merece, não a repulsa desdenhosa e cruel, mas a bemquerença, que sempre dá um coração generoso.

Se alguem nos arguir de pobres, pelo pouco que realmente damos, não nos accusará de injustos, porque o presente, se de tenue preço, ha de ser dedicado e muito.

O Academico dá em prol da sua boa acolhida a ideia de abraçar em seu gremio as sanctas aspirações da geração nova, tendentes a facultar a instrucção ao povo e a regeneral-o, a fim de que elle consiga o seu virtuoso destino, o de não ser reputado como uma classe infima, porém como a classe primeira e verdadeiramente *unica;* aspirações e desejos estes, que tanto ennobrecem a epocha em que vivemos, e que são incontestavelmente o timbre mais glorioso do seculo desenove.

Ora, para cumprir esta missão caridosa e proficua, não se tornam essenciaes grandes recursos de talento extraordinario; — basta uma vontade enérgica, e apurada no trabalho, e um coração dedicado com todas as véras á liberdade dos que soffrem.

E essa vontade e esse coração havemos nós, porque desejâmos o grande dia da «egualdade para todos», e conhecemos que não se póde chegar lá sem o aperfeiçoamento moral de todos.

Se, como de facto, não conseguirmos muito, resta-nos a consolação de cooperarmos com os outros que mais valerem; e se não servir a pedra para o grande edificio da civilisação commum, não teremos de recriminar-nos pela nossa inactividade.

(N. do ed.). *Os RR.*

A LYRICA AÇORIANA

As mais conhecidas reputações litterarias, e a muitas vocações esperançosissimas de nossa saudosa Patria, tão celebre na historia de Portugal, — o Archipelago dos Açores — endereçamos carta com o intento de publicar um livro, composto de suas melhores poesias e prosas poeticas: intento que se ha de realisar.

Queremos ter esta fé, e temol-a.

Quando de mãos abertas, se corre pedindo a amigos, a patricios, a irmãos, não ha recear desattenções; muito pelo contrario, firmissimas esperanças, senão fundadas certezas, desabrocham para logo, alentando e fortalecendo o animo. E se o livro é por seu fim, como feixo em magestosa abobada, laço que tende a unir sentimentos, crenças, e sympathias communs, em obra tambem commum; se é pela idea de que brota testemunho de entranhado affecto patrio; não lhe é por certo melhor penhor desse affecto e desse estreito e sympathico laço, a occasião, circumstancias, e intima amisade d'aquelles, de cuja mente sahiu, ébrio d'amor e esperança, o pensamento d'assim resumir em um todo, e como num só canto, — todas essas vozes filhas d'um mesmo ideal, talvez, d'egual inspiração, mas — como estrophes esparsas d'uma unica óde — fluctuantes e espalhadas, aqui e ali, segundo o capricho do momento. Todavia bem pode ser que não fossemos com

nossos rogos bater á porta de muitos delicados cultores das lettras, nossos conterraneos, por delles não havermos noticia; se o fizemos, aqui instamos para que nos mandem as suas producções.

Uma boa nova queremos nós dar antes de concluir, e vem a ser: que a obra tem um prefacio, que só por si será um tratado de litteratura e de poesia, a julgarmos pela mimosa penna d'uma das mais robustas intelligencias do Archipelago, que o ha de escrever; do que estamos certissimos, porque o pedimos em nome da Patria.

Prefazendo-se esta obra concorremos todos, na medida das nossas forças, para o pagamento da divida nacional ao Principe dos Poetas Portuguezes.

Á Imprensa Açoriana rogamos queira reproduzir estas linhas, bem como o seguinte annuncio, pois esta é a causa do talento, cujo é protectora.

Coimbra, 12 d'Agosto de 1860.

Alberto Telles de Utra Machado.
Antero de Quental.

LYRICA AÇORIANA

Collecção de poesias e prosas poeticas de todas as poetisas, poetas e litteratos do Archipelago dos Açores. Redigida por Alberto Telles de Utra Machado e Antero de Quental. (Naturaes dos Açores).

A Lyrica Açoriana formará um volume de 300 paginas, pouco mais ou menos, edição nitida. Preço da assignatura (pago adeantado em moeda forte) 500 reis. — Avulso 600 reis. — Os nomes dos srs. Assignantes serão publicados no fim do volume. Ao

Monumento a Camões é destinado o producto liquido desta publicação.

Recebem-se assignaturas no estabelecimento do sr. Albergaria e Valle, Rua do Garcia, numero 1 e 2 e nesta typographia (1).

(1) Publicado *in*-Aurora dos Açores, n.º 303 (22 de Setembro de 1860). Reproduzido *in*-Nova Alvorada, ano III, n.º 11 (1 de Fevereiro de 1894), p. 91, donde o transcrevemos. *(N. do ed.).*

A ILLUSTRAÇÃO E O OPERARIO

> Morigeração, trabalho, sciencia, eis as armas com que a philosophia politica deste seculo ensina as nações civilisadas a combater n'uma lucta generosa.
>
> A. HERCULANO.

I

Não é para aqui amplificar excellencias d'uma classe que em si depara a consciencia do que é, e do que val: dos sonóros elogios de falsos amigos não precisa ella, que já lhes conhece o valor; da verdade, sim.

Não é a imprensa salão de nobres senhores, aonde, em refalsado cumprimento, sómente se cruze, como alguem disse, ponto de admiração com ponto de admiração. Deixemos a mentira para quem não sabe encarar outrem de face; deixemol-a como consolação, talvez, que não é esta ainda das suas maiores miserias.

Hoje, quem n'este campo se encontra, basta-lhe para reconhecer o amigo um aperto de mão sincero, que fará mais attendida a censura, filha do convencimento e do affecto; e ao inimigo, respeitando-lhe a crença, honra-o no combate leal e franco.

É esta a doctrina que professâmos.

Assim, se na verdade se incluir a censura, uma e outra diremos áquelles de quem somos amigos, por amor d'elles e por nosso amor.

Todos os dias se falla ao operario na sua grandeza

e na sua miseria; na sua força futura, e presente pequenez. Triste anthitese, que mais é para deslembrar, do que para repetir tantas vezes! De que val, com effeito, apresentar o mal, sem indicar o remedio, o veneno sem o antidoto?

Alguns o tem apontado, os que desassombrados fallam verdade, sem esperança de grangear amizades, sem temor de alevantar malquerenças.

Esses são os amigos do povo.

Mas são, infelizmente, inferiores em número e em bom acolhimento aos que só curam de lhe encarecer elogios, deslembrando o unico e grande interesse, o interesse do seu presente e do seu futuro.

Estes são os falsos amigos.

Aduladores do povo, mil vezes peores, na modestia do manto tribunicio, que os aduladores de reis, na pompa dos arminhos cortezãos!

É por isso que a voz mais fraca dos verdadeiros amigos ha mister de ser repetida por todos os echos, que ao ouvido e coração do operario possam levar palavras de paz, de esperança e de verdade.

O povo, não o que folga e dorme, mas o povo que trabalha, súa e chora, sabe hoje tão bem, melhor talvez, do que os sabios, quanto cria o seu trabalho, e quanto fecunda o seu suor e as suas lagrimas.

Entre a obra de Deus — a natureza — e a obra da arte humana atraves dos seculos — a civilisação — está elle que aproveita, affeiçôa, compõe e applica o que a natureza criára bruto e rude, para que no banquete da civilisação possa servir e ser util. Tambem não o ignora.

É elle que, em tempos menos christãos, e por vergonha, ainda hoje em parte, arrastou e arrasta o pesado

carro do trabalho, em proveito de raças privilegiadas e dominadoras. — Ensinou-lhe a historia e a experiencia.

Em seu seio, finalmente, repousam, esperando a sua hora, grande parte dos destinos futuros do mundo civilisado. Tantos lh'o tem repetido, que á força o deve saber.

Repete-se isto, com effeito, ao operario e diz-se verdade. Mostra-se-lhe o quadro da sua força e valor, e mostram-se-lhe realidades. Mas á medida das excellencias não se lhe faz vêr em toda a sua triste evidencia o vicio que o roe e gasta; mas a par do quadro do seu vigor não sobresahe, como devêra, o que representa a inacção e incuria, que lhe entibia as forças. N'esta restricção vae o perigo: sob essa capa se esconde um inimigo.

É pois mister que todos os seus amigos, amigos dedicados e sinceros se ajunctem sob um só pendão, e á uma bradem, fazendo que veja o perigo de dar ouvidos aos que só o exaltam, e o dissuadem de escutar os que o doctrinam e censuram, porque lhe querem bem, porque desejam para elle, tanto como para si, a felicidade.

E esta felicidade não está nas dissensões civis, no odio cego aos que a fortuna bafejou, na ignorancia, na ociosidade, na propaganda de ideias subversivas, nos clubs, nas revoluções; mas sim no trabalho, na morigeração, na economia, na familia, na fraternidade, na instrucção, finalmente, porque d'ella tudo isto descende, e por ella e com ella se cria (1).

(1) Fim do 1.º artigo. *(N. do ed.)*

Nem só de pão vive o homem.
J. C.

II

E comtudo, do povo que trabalha, não é o operario o que menos carece d'este pão do espirito, que é a instrucção; nem é na modesta officina, aonde — por ventura — falta mais de uma vez o do corpo, que esse outro poderá sobrar.

Falta-lhe, e falta muito.

E o operario tem fome e sêde de illustração, como verdadeiro engeitado, que é, d'esta civilisação incompleta, campo aonde apodrece tanta semente, que poderia arribar a bom fructo, e aonde das que vingam, tão boa sombra, mal gosada se esperdiça, sem d'ella se lograr quem mais a precisa e quer, por necessidade... e tambem por direito.

Scisma n'ella nos longos dias do trabalho; por mal dormidas noites, nas horas curtas, que rouba ao somno, ao descanso ou ao prazer, busca-a com ancia, esquece n'ella as maguas do presente, quer-lhe como aurora precursora de melhor porvir.

Muitos são assim: nem todos deparam a verdadeira. Nem é infundada essa esperança, nem ha medo de que tráhia a fé n'ella depositada.

Por isso deve querer-lhe o operario. Deve querer-lhe, porque só por ella se engrandece, conhecendo-se; porque é luz nas trévas do espirito, que a tyrannia de seculos escureceu, fio maravilhoso, que no labyrintho da vida o conduz e leva a bom termo; porque conscio por ella de seus direitos, tira d'elles força e vontade para o cumprimento do dever.

Deve querer-lhe, porque tudo isto lhe dá ella desinteressadamente sem usuras, nem restricções, prescre-

vendo-lhe apenas uma condição (facil condição, em verdade) a do trabalho e da honra.

De todas as artes, disse alguem, é a leitura a que menos custa e a que mais rende: e certo que não será na officina do operario, onde o ganho é pouco e o trabalho muito, que tão inusitada, quanto amigavel hospeda, póde topar com rostos descontentes, com peitos e animos esquivos. Na casa não deve haver quem do coração a não sirva e festeje, quem á lareira lhe não ceda o melhor logar.

Cumpre-lhe buscal-a, porque sem ella, sem o novo sangue que com a ideia se lhe enfiltra nas veias — escravo de paixões cegas e d'habitos herdados, que não acceitos pela razão, dominado pela fereza e vicio, que de perto segue a ignorancia, victima d'alheios interesses e ambições — torna-se em breve instrumento, por ventura cego, mas instrumento brutal, em mãos ambiciosas, de tyrannias e violencias com seus irmãos e comsigo mesmo.

Deve amal-a, porque tem coração de pae e mão de operario, affeita já ao lavor do officio, e sabe que sem coração que a moral eleve, sem mão que a intelligencia illustrada dirija, não ha bom pae, nem bom operario.

É dever que a consciencia prescreve ao homem o illustrar-se; é tambem direito que adquiriu desde que por guia lhe concedeu Deus a razão; mas é mais que tudo necessidade.

Necessidade de escolher um fim, para que por segura estrada possa caminhar a elle; necessidade de se conhecer a si, aos outros e a Deus, porque dentro d'estes tres pólos, harmonisando-se e pagando-se mutuamente as dividas contrahidas, se revolve toda a vida, e a actividade do homem e do universo.

Longe vae o tempo em que, como ideia politica, se apregoava a ignorancia das massas. Triste politica, em verdade, que só sabia embrutecer para dominar como se de dominio de brutos podesse resultar o mais tenue raio de gloria! Hoje é dever e necessidade. O que outr'ora sería a desgraça do tyranno, é hoje todo o orgulho do legislador.

Mas se a todos é necessidade illustrar-se, ao operario, mais que a ninguem.

Se o rico póde em parte supprir pelo ouro a sciencia que lhe fallece, elle, pobre e desherdado, só n'ella póde contar, como amiga unica e dedicada. Se um respira em atmosphera, aonde como que fluctuam milhões d'ideias, jaz o outro involto por ambiente, onde só abundam miasmas de corrupção e ignorancia. Ao rico, affeiçoou uma educação primorosa, transmittindo-se através de seculos, o espirito á luz, e o coração á verdade; ao operario cegam ainda as sombras de seculos de phanatismo, que lhe pezaram no espirito. Um, caminha por estrada batida e chã, de que sabe os raros precipicios, por que possa evital-os: o outro, por caminho ínvio e mal trilhado, aonde a tentação se effeitua nas trevas, aonde o transigir é morrer.

Um, é já o filho de uma civilização avançada; o outro, desherdado, sáe apenas das fachas infantís da natureza.

Por isso, mais que ninguem, deve o operário pela instrucção supprir a falta de calor vital, que até aqui o não deixou medrar e desinvolver-se (1).

(Continúa).

(1) Ficou incompleto. Foi publicado no hebdomadário O Cysne do Mondego (Jornal noticioso, literário e recreativo) — Coimbra, Imprensa da Universidade, n.os 2 e 3 (Outubro de 1860).

Assinado: *Antero do Quental. (N. do ed.)*

AS MEDITAÇÕES POETICAS DE LAMARTINE

Por maior que seja hoje a nossa admiração, por mais vivo que se nos affigure o enthusiasmo ao lermos esses primeiros versos de Lamartine, nenhum sentimento actualmente experimentado pode representar á imaginação extasiada por tantas bellezas a salva d'applausos, o grito d'assombro e transporte que acolheu o apparecimento das *Meditações poeticas*. Foi em 1820 que viu a luz sem nome d'auctor um volume de poesias com aquelle titulo. Tinha sido necessario violentar o auctor para o resolver a publicar o que elle quizera guardar como um segredo inviolavel, pois continha as effusões intimas do coração e os sentimentos inspirados por um amor infeliz, porque depressa roubado. Á timidez do mancebo, assustado pela ideia de vulgarisar as sensações de um coração ardente, unia-se a repugnancia em profanar pela divulgação um affecto que tantas vezes lhe tinha sido inspiração. Mas o amigo, que havia descoberto no gabinete do auctor o manuscripto, renovou as instancias a ponto de não poder o poeta esquivar-se. A Mr. de Genoude deve a poesia mais uma gloria, e a immortalidade um nome.

Correu de uma a outra extremidade da França um estremecimento de prazer e pasmo, quando foi lançada

no seu seio essa descripção melodiosa das lembranças da mocidade, de suas aspirações e illusões amarguradas. Com tudo não foi somente a fidelidade na pintura da vida juvenil que levantou o brado unanime de admiração, não foi tanto a frescura de sentimentos, a pureza do pensamento, o verso natural e abundante, derivando suavemente em rythmo harmonioso que excitou a sympathia universal: foi antes a exposição exacta das perturbações que dominavam os espiritos, a imagem dos sentimentos da epocha, os quaes faziam palpitar o coração do poeta, a reproducção das ideias do tempo 'n-uma linguagem divina, manando das profundezas da alma do mancebo inspirado.

Os grandes poetas são a voz da humanidade no periodo em que vivem: as tristezas e alegrias, as paixões e inquietações da actualidade acham nelles um instrumento docil, cujas cordas elles fazem vibrar em tons maviosos, d'onde resulta harmonia expressiva dos pensamentos, que são a sua origem. Homero é a personificação da Grecia ao triumphar sobre a Asia: a epopea de Camões interpreta minuciosamente as tendencias nacionaes, os sentimentos e paixões que então vigoravam. Appareceram as *Meditações* ao desvanecer das illusões do seculo XVIII, d'esse seculo, que, engeitando as crenças acatadas pela homenagem de tantos annos, se tinha, com a presumpção da impiedade, espraiado em prophecias brilhantes sobre os venturosos destinos da humanidade. Á excitação frenetica, ás aspirações ardentes tinha succedido o abatimento melancholico, a duvida dolorosa e pungente: as orgias ruidosas tinham terminado n'um desfallecimento e seriedade justificados por quarenta annos de desgraça. A humanidade, a quem a França havia electrizado, tinha caminhado

d'esperança em esperança, e quando se viu face a face com o desengano, parou no seu devanear, olhou para os tumulos, que tinha aberto, para as ruinas de que tinha juncado a terra, e sentiu o coração comprimido pela duvida dos antigos vaticinios. Lamartine, manifestando o estado do seu espirito, pintou em traços vigorosos, e com um vivo brilho de côr, a incerteza penosa, o desappontamento afflictivo de uma geração inteira. Nas *Meditações* não se escuta só uma voz plangente, mas uma nação inteira a lamentar-se: alli se ouve: o grito de angustia arrancado pelo abutre da incredulidade ao coração que o desengano encadeou á terra. Mas a dôr é succedida pela consolação: assoma, é verdade, a desesperação, mas como o bulcão pejado de trovões e relampagos, é expellida pelos raios luminosos da esperança: o scepticismo mostra o seu sorriso glacial; mas por ultimo... ajoelha em oração. Para o bardo francez, como para Byron, a terra não é o templo do genio do mal, não é um carcere em que o homem foi com desprezo arremessado, escarnecido pelo Ser Supremo: a essas duvidas e difficuldades que lhe offerecem a nossa origem, a nossa natureza e os destinos da humanidade, encontra solução nos dogmas e ensino do christianismo. Este raio de esperança que o poeta infiltrava no coração foi o que lhe accumulou sobre o nome os encomios enthusiasticos, e o que excitou a acclamação fremente dos que quinhoavam iguaes incertezas e curtiam pezares não menos agudos. Nem admira; se o passeador solitario, ouve 'n-um momento de melancholia, sons tristes que respondem ao seu acerbo cogitar, mas entremeiados de um canto d'esperança e confôrto, sobresalta-se e corre a abraçar o amigo que assim o advinha e consola. Tal foi a sen-

sação que produziu esse canto doce e penetrante, que eleva a alma ao ceu aquecida ao fogo do seu enthusiasmo, e não fria e insensivel como a philosophia que perscruta os segredos do universo.

A affinidade mysteriosa entre o homem e a epocha é de todo o ponto completa. O povo francez sahia do campo das batalhas, fatigado de pelejas e de gloria. Por um quarto de seculo não tinha cessado de correr o sangue quer no cadafalso, quer no meio das refregas: o genio dos exercitos tinha esgotado as forças de um povo corajoso: aos olhos deslumbrava já o brilho das armas, e o ouvido não podia supportar o troar do canhão: a França estava cansada de tantos conflictos, e queria viver em paz, para si, satisfazer as tendencias individuaes, gosar da independencia e da liberdade. Aborrecendo o ruido, deleitava-a o retiro campestre, desejava espairecer os olhos pela verdura dos campos, deliciar o ouvido com o gorgeio das aves, e admirar a natureza no meio da paz e da meditação. Qual não seria, pois, o seu alvoroço ao ouvir descrever os campos, cantar os lagos, os bosques e todas essas bellezas ruraes, que, parecia, fazia baixar sobre ella um orvalho refrigerante de que tanta necessidade tinha? (1).

Lamartine fez tambem uma completa revolução na poesia, revolução que já Chateaubriand tinha realisado na litteratura, e Bossuet tentado no seculo desesete. De feito o grande bispo a quem nenhum ramo de conhecimentos era estranho, tinha rectamente pensado, que uma religião, fonte de tão fecundas virtudes, inspiradora de tão sublimes pensamentos não podia ser

(1) Fim do 1.º artigo. *(N. do ed.)*

esteril só na poesia: que maior incongruencia do que pensar ideas christãs e exprimil-as com palavras e imagens da mythologia! Era necessario expulsar do throno em que os tinha conservado a idolatria dos classicos gregos e latinos, os deuses do Olympo, os Faunos, as Musas, as Nymphas e destruir todo o pessoal e material da theogonia. Isto fez o poeta, não sobrepensado, mas por instincto: eram christãs as suas palavras e imagens, porque assim o era o seu pensamento, porque eram bebidos na Biblia, que sua mãi lhe tinha ensinado a ler, no coração que havia sido educado pelos piedosos mestres de Belloy, a quem elle dirige um tão pathetico adeus. A sua phraze era christã, porque a natúreza era um poema, que deleitando-o, lhe elevava as inspirações ao Céu. Como todo o grande poeta, achava na contemplação da natureza um prazer indefinivel: é com saudades (1) que se recorda das horas que passava deitado sobre a relva n'uma clareira do bosque, a ler a *Jerusalem libertada*, á sombra d'um velho tronco de macieira, e de tantas tardes d'outono e d'inverno em que errava por descampados cobertos de geada e collinas cingidas de nevoeiro, com Ossian ou Werther por unicos companheiros. Umas vezes corria como que arrastado por um espirito que lhe impedia os pés de tocar o solo: outras assentava-se sobre um penedo ermo, e apoiando a testa nas mãos, escutava com um sentimento sem nome, o sopro agudo e plangente do inverno, ou o balancear das nuvens pesadas que se quebravam nos angulos da montanha, e escutava a voz aerea da cotovia que o vento arrastava a cantar no seu redomoinho. Essas impressões que o mancebo

(1) Des destinées de la poésie.

então ressentia, partilhavam de todos os sentimentos. Eram o amor e a religião, pressentimentos da vida futura, extasis e o desfallecimento, horisontes de luz e abysmos de trevas, alegria e lagrimas, o futuro e a desesperação. Era a naturesa fallando pelas suas mil voses ao coração virgem do homem, era a poesia: e e essa poezia respondendo aos sentimentos que alimentavam o espirito, em nome da religião do Christo, expulsava de seus dominios os deuses do paganismo, e dava á musa em lugar de uma lyra de sette cordas as fibras do coração, vibradas pelas emoções da alma e da natureza (1): uma tal innovação marcou uma epocha notavel e causou uma revolução na litteratura. Para falar a linguagem da poesia, não foi necessario d'alli em deante decorar o diccionario mythologico, subir ao Parnaso, ou beber as aguas d'Aganippe: a linguagem ficticia foi substituida pela realidade.

O amor nunca abandonou os poetas: quanto mais poetas são tanto mais profundo se lhes arreiga no coração, porque possuem maior sensibilidade; mas o amor que vivifica os versos de Lamartine, é o amor christão, purificado de toda a macula carnal nas chammas do espiritualismo, é o laço mysterioso que prende pela sympathia e pelo pensamento duas almas congeniaes. É a oração que eleva os olhos para Deus: é a união que, começada na terra, terá o seu complemento no Céu.

Essa communhão de dois sêres na esperança, esse perfume impregnado de melancholia do nosso destino, não o conheceram os antigos, nem o ardente Catullo, nem o voluptuoso Horacio, nem o meigo Tibullo: para

(1) Pref. — des medit. — 1849.

estes a sensação era tudo: não assim para Lamartine.

Tu disais, et nos coeurs unissaient leurs soupirs
Vers cet être inconnu qu'attestaient nos désirs.
À genoux devant lui, l'aimant dans ses ouvrages,
Et l'aurore et le soir lui portaient nos hommages,
Et nos yeux ennivrés, contemplaient tour à tour
La terre, notre exil, et le ciel son séjour.
Ah! si dans ces instants où l'âme fugitive
S'élance et veut briser le sein qui la captive
Ce Dieu du haut du ciel répondant à nos voeux
D'un trait libérateur nous eût frappé tous deux,
Nos âmes d'un seul bond remontant vers leur source
Ensemble auraient franchi les mondes dans leur course
À travers l'infini, sur l'aile de l'amour,
Elles auraient monté comme un rayon du jour,
Et jusqu'à Dieu lui-même arrivant éperdues
Se seraient dans son sein à jamais confondues.

A rehabilitação da mulher é o indicio mais seguro do espiritualismo christão: os atheus e voluptuosos consideram-a apenas como um instrumento de prazer.

As *Meditações* bem que compostas de trechos separados formam um quadro perfeito da vida humana, com todos os accidentes e vicissitudes que a tornam tão variada e contradictoria. Os livros sanctos dizem que o homem tem na cabeça dois exercitos em ordem de batalha; e de facto um combate constante se acha travado no espirito humano; aos arrojos celestes succede o revolver na lama, a virtude vence e é vencida pelo crime, o sensualismo impera e é expulsado pela castidade; agora a alma se eleva nas azas da esperança, e logo é prostrada em terra pela desesperação; hoje a fé a vigorar, ámanhã elanguesce ao sopro mirrador do scepticismo. Tal é a lucta que dilacera o coração, e

assim se encontra descripta nas *Meditações:* ahi triumpha umas vezes o bem, outras o mal, mas é aquelle por quem a victoria é definitivamente alcançada.

O pensamento que domina em todo aquelle escripto é o retrocesso para as ideias religiosas postergadas pelo seculo anterior: o scepticismo desacreditado estava em decadencia: semelhante ao escorpião que, com o dardo envenenado de que a natureza o dotou, arranca a propria vida, se por acaso barbaro brinco de crianças lhe traçou em volta um circulo de chammas, a impiedade confrangida no aro de ferro da duvida, tanto se havia torturado, que procurava um allivio a dores insoffriveis. A fé é uma necessidade: rodeado de mysterios, de enigmas que o interessam no mais alto ponto, o homem estorce-se, sem o conseguir, por descortinar a sua origem, por descobrir as relações que o ligam ao infinito, por perceber o termo dos soffrimentos aturados a que se acha condemnado. Só a fé, só essa luz sobrenatural é capaz de lhe apontar a estrada que tem a percorrer: d'outra fórma voga, como diz o Apostolo, arrastado por todo o vento da doutrina, á mercê dos que semeam o erro e a iniquidade. Lamartine exaltou a fé, como dando, e só ella, a explicação das aspirações mais vastas que o destino natural, dessas duvidas dilacerantes, dessa sêde de infelicidade que é impossivel mitigar: e para entoar a canção d'esperança, que prégava ao homem cansado das lutas moraes e da effusão de sangue a religião e a paz, escolheu a vasta natureza, onde a meditação é mais concentrada, e o socego dos campos tanto mais aprazivel quanto tinha sido ruidosa a epocha que ha pouco terminara.

De imperfeições nunca o maior genio está isempto; são resgatadas por mil dotes de uma superioridade

incontestavel: um erro porém, transluz no poema das *Meditações* que se torna notavel por caracterisar os escriptos posteriores do auctor, é o pantheismo. É impossivel justificar philosophicamente os seguintes versos dirigidos a de La Mennais:

> L'être à flots éternels découlant de son sein
> Comme un fleuve nourri par cette source immense,
> S'en échappe et revient finir ou tout commence.
> Il peuple l'infini chaque fois qu'il respire.

Não obstante essa illusão, nascida da excessiva contemplação da natureza e certa negligencia na versificação, bem como alguma exaggeração no sentimentalismo, e um errar de imaginação a que por vezes falta a solidez do pensamento, as *Meditações* serão sempre a admiração do indifferente, o enlêvo do crente, e um conforto para os que se debatem no equuleo da duvida (1).

(1) Foi publicado anónimo na revista académica O Phosphoro. — Publicação quinzenal literária, noticiosa e crítica, redigida por Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, Francisco d'Afonseca, Eugenio de Barros e Rodrigo Augusto Velloso — N.os 1 e 2 (Novembro de 1860).

INFLUENCIA DA MULHER NA CIVILISAÇÃO

L'homme s'agite, la femme le mène.

ARSENE HOUSSAYE.

Se volvermos as páginas da historia da humanidade daremos com um facto constante, universal de todos os tempos e de todos os logares, e ao qual comtudo se tem negado a attenção a que tem jus pela sua importancia, e pelo muito que d'elle se póde concluir para o futuro.

Se na historia não procurarmos só uma data ou um facto descarnado, mas tentarmos n'ella descobrir alguma coisa mais, um princípio harmonico e as leis que governam esses factos, ainda nas suas menores evoluções, veremos que a historia da civilisação da mulher, do seu desinvolvimento e da sua moralidade, anda sempre ligada aos factos do desinvolvimento da civilisação e da moralidade dos povos: veremos que aonde a sua condição se amesquinha, onde desce em dignidade, onde a mulher em vez do triplo e sagrado caracter de amante, espôsa e mãe passa a ser escrava sem liberdade nem vontade, só destinada a saciar as paixões brutaes d'um senhor devasso, ahi tambem veremos descer o nivel da civilisação e moralidade: á doçura dos costumes succeder a fereza e a brutalidade; e em

vez do amor, essa flor do sentimento pura e recatada, só apparecerem a paixão instinctiva e brutal, necessidade puramente phisica do animal que obedece á lei da reproducção, á devassidão e á polygamia!

Mas que differença, que quadro tão opposto nos não apresenta a familia, quando em civilisação mais avançada, e sob o influxo de principios mais christãos, a mulher se nos apresenta já *esposa idolatrada* ou *mãe carinhosa em meio de seus filhos*, movel e centro de tantos e tão nobres affectos que todos para ella convergem porque a todos deu origem, a todos fez desabrochar no peito com seu anhelito inspirado e creador! Aqui a mulher é já mais respeitada; cresceu aqui mais em dignidade, e o seu espirito livre de toda a oppressão soube voar alto até á contemplação de Deus — de todo o bem e de toda a verdade; aqui a sua alma, achando já ambiente mais tepido e suave poude expandir-se, e na ancia de infinitas aspirações elevar-se ao bello, á poesia — unica e verdadeira poesia — a da virtude! Mas não admiraes como, por uma reacção natural, e porisso mesmo harmonica e justa, as virtudes e dignidade da mulher vêm a reflectir-se na face do homem; como tambem subiu o nivel da sua moralidade; como tambem a sua alma se expande mais e mais se enebria de affectos e aspirações! Não vêdes já a intelligencia a prevalecer sôbre a matéria, o sentimento sôbre a paixão? Não pasmaes de como o homem, ainda ha pouco brutal e rude, já agora sabe apreciar os prazeres da alma, as elevações do espirito, e vivendo n'ellas vive d'um viver mais puro que tende sempre a aproximal-o de Deus pela virtude e pelo amor?

E tudo isto quem o fez? que mão de fada tocou o homem que assim o soube elevar?

Meu Deus! uma mulher e um sorriso: um ente fraco e um raio de poesia: uma escrava a quem deram um pouco de liberdade, e um sentimento de affecto que ella lançou no coração do homem!

Uma mulher com effeito, um ente debil, que de continuo mais parece implorar-nos protecção e arrimo, do que aspirar a dominar-nos, mas que apesar d'isso exerce um tal podêr sôbre o homem, o forte por excellencia, que não só o faz passar da barbaria á civilisação, mas ainda é só ella que póde levar aonde o chamam os seus destinos providenciaes!

Eis aqui o que é a mulher, e eis aqui qual é a influencia que ella exerce na humanidade.

E quereis saber a causa de tudo isto?

É que o homem forte na sua intelligencia e na sua vontade, é fraco pelo coração, porque sente a necessidade d'um contraste, de uma fraqueza, d'um sentimento mais doce que possa abrandar o orgulho d'aquella intelligencia, a energia d'aquella vontade, no meio da qual se sente como triste e isolado: e a mulher por sua doçura, por sua timidez possue em mais elevado grau o principio de todos esses sentimentos de ternura de que tanto necessita o homem.

E por outro lado precisa tambem d'esse ente fraco, por que tenha plena consciencia de sua fôrça, que pelo contraste lh'a faça sentir, a quem proteja, a quem ame, e a quem por seu turno depois se submetta, para tambem uma vez na vida ter a quem obedeça, elle o que manda e a quem tudo obedece na terra: e é ainda a mulher esse ente fraco, desvalido, mas apaixonado e nobre que elle tem de encontrar sôbre o seu caminho para animar, proteger, amar, e por fim obedecer-lhe e deixar-se guiar por ella.

É que o homem necessita d'essa existencia debil e desvalida, porisso mesmo que lhe póde dar arrimo, e necessita-o tanto que sem ella, como diz um poeta, o «mundo ser-lhe-ia um ermo melancolico, os deleites apenas o preludio do tedio».

E é mesmo por esse caracter de dependencia que a mulher se recommenda á deferencia e gasalhado do homem.

A sua fraqueza e desvalimento a recommendam ao arrimo e protecção das almas fortes e generosas; ao amor das almas nobres e apaixonadas, a nobreza de seus sentimentos: a todos a consciencia da sua superioridade moral e da nossa dependencia; dependencia suave e imperceptivel, mas real e poderosa; dependencia de filhos, de amantes, de irmãos e de esposos; dependencia moral apenas, mas porisso mesmo mais forte, porque convençamo-nos uma vez — taes quaes somos é a mulher que assim nos faz, que nem um só ha que não tenha, uma vez ao menos, encontrado a mulher no caminho da sua existencia, e o seu imperio é tanto mais poderoso, quanto é mais sobre o coração, isto é, sôbre o sentimento que elle se estende, e muito principalmente sôbre as nossas mais ardentes paixões. Por qualquer face que encareis a mulher, no estado relativo do homem em frente d'ella, sempre encontrareis uma paixão de que, mesmo insensivel e involuntariamente, lança mão para nos dominar, guiar já no bem já no mal, para nos ennobrecer ou para nos aviltar. É por essa paixão que nos insuffla n'alma os principios em que a sua anda imbuida, consubstanciando-as assim, ou, dizendo melhor, consubstanciando a nossa com a sua, porque, n'esta assimilação moral, a alma da mulher quasi nada perde da sua individua-

lidade, sendo que é quasi sempre a do homem, que a homogeneia com a d'ella.

A paixão da amante, a amisade da irmã, a solidariedade da espôsa, o amor da mãe são outras tantas cadeias invisiveis, com que a providencia se aprouve ligar estreitamente a vida da mulher á do homem, e tornar assim a sua dependencia moral penhor de protecção para a fraqueza d'ella.

Disse, não sei qual philosopho, que quem faz os homens são as mulheres. Bebemos, com effeito, nos seios da mãe, nos olhos da amante, nos braços da espôsa todas as virtudes ou todos os vicios com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o mysterioso guia e mestre da nossa educação moral, em todas as phases da nossa vida, claro é que o que formos, no bem ou no mal, a ella o deveremos. Lei sublime esta de tanta harmonia, aonde se revela a mão da providencia, que, creando o homem forte, não quiz deixar a mulher inerme, e soube dar á sua fraqueza armas com que dominar a nossa quasi omnipotencia! Quero-a formulada assim!

«O homem e a mulher, nascidos um para o outro, têm de caminhar junctos, e guiando-se mutuamente, na estrada da civilisação: se o homem abandonar a sua companheira e a deixar atraz de si entregue sem soccorro ás asperezas do caminho, virá tambem abandonal-o a fôrça, que só vem do amor, e em breve se ha de extraviar da senda d'um progresso verdadeiro.

«A dependencia moral do homem em relação á mulher é um penhor providencial da sua protecção para a fraqueza d'ella» (1).

(1) Fim do 1.º artigo *(N. do ed.)*

Se a razão e o sentimento íntimo nos não mostrassem claramente a verdade d'esta lei de harmonia, bastaria percorrer as páginas da historia da humanidade, para em cada uma d'ellas toparmos com uma demonstração e um exemplo.

Quem não conhece essas mulheres heroicas da antiga Lacedemonia, sempre primeiras em mandarem seus filhos á guerra, que antes queriam vêl-os voltar mortos sôbre os seus escudos, do que vivos, mas salvos á custa da propria honra e da gloria das armas patrias? Só essas sabiam dominar seus maridos porque na bella expressão da espôsa de Leonidas — só ellas sabiam fazer homens. Então as mulheres não eram escravas sem honra nem dignidade, mas cidadans e livres; porisso tambem os homens eram heroes e martyres das liberdades patrias, debaixo do influxo benefico d'estas bellicosas divindades.

A que deveu a antiga Roma, a Roma das eras recommendaveis da republica, o esplendor de suas armas e de sua civilização senão á severa e rigida virtude que as suas mulheres sabiam tão fundamente gravar na alma de seus filhos, fazendo de cada homem um cidadão, e de cada cidadão um heroe? Ahi tambem eram ellas respeitadas, e tanto que o insulto feito a uma taes tempestades levantou que sob si submergiu uma dynastia inteira, derrocou uma monarchia, edificio de seculos, e fez mudar de face toda uma organisação social!

Apparece depois no mundo o Christianismo, ideia sublime que affeiçoa á sua imagem essas almas rudes mas poeticas do norte, e sôbre ellas espalha o balsamo de principios mais sanctos, de aspirações mais elevadas. E são ainda as mulheres que n'este drama

augusto de renovamento moral são chamadas a representarem o papel de medianeiras entre o ceu e a terra. É por ellas que o influxo benefico dos principios christãos calou fundo n'essas imaginações virgens e depois nas almas d'essas hordas selvagens que irrompiam impetuosamente sôbre o velho mundo romano. É Clotilde, a bella e modesta Clotilde, quem converte Clovis ás verdades do Evangelho, e com a conversão do rei educa tambem um povo inteiro. É ainda a poetica Bertha, que, seduzida pelas acções mais ainda que pelas palavras d'um sancto monge, traz á luz do Christianismo um rei e um povo barbaros e derrama os principios da verdadeira civilisação sôbre os rochedos alpestres da Gran-Bretenha. Mas que digo? essa mesma religião não nasceu ella embalada nos braços d'uma mulher, de Maria a virgem, essa irman dos anjos, mãe e amiga dos que choram? não foram ainda os seus primeiros apostolos, os que com mais fervor escutaram a palavra do divino mestre, algumas pobres mulheres de Nazareth? não foram ainda as mulheres que mais concorreram a implantal-a na terra? consultae a historia e mais ainda as tradições de todos os povos christãos, e dizei-me, depois de considerar por um pouco essa pleiade illustre de nobres e sanctas martyres, que mais queriam a morte affrontosa do que o renegarem a sua fé, dizei-me depois se porventura foi curto ou de pouco alcance o papel que as mulheres têm representado n'este grande drama, drama divino, da implantação na terra d'essa grande ideia, a maior que no mundo tem apparecido — o Christianismo?! A mulher! Eis ahi a obra prima da creação, o ente que sôbre todos tem na mão os destinos da humanidade, porque foi a ella que Deus escolheu para depo-

sitária, apostolo e defensor da sua ideia! Tem na face estampado o cunho do Senhor, e é só por ella que se hão de cumprir na terra os grandes designios da Providencia!

E a edade média? Qual ha ahi imaginação de mancebo que não tenha mil vezes sonhado com esta era mysteriosa de aventuras e de cavallaria?

Terra sancta, torneios, festins esplendidos aos sons plangentes da harpa dos menestreis, castellos perdidos nas nuvens pelo cume das montanhas, bardos e trovadores, quem não scisma tudo isto, e em que coração não se vêm casar tudo isto com a imagem mysteriosa e incerta da mulher?

Surgi, cavalleiros da Palestina, sepultos sob o pêso das alvacentas ossadas dos infieis, e contae-nos a quantos d'entre vós não foi mais a vossa dama do que o vosso Deus, ou antes se não foi Deus por intermedio da dama dos vossos pensares que assim vos obrigou a correr resolutos a remir o tumulo do Senhor, oppondo um peito leal ás lançadas dos filhos de Mahomet!

Duguesclin e tu intrepido Bayard, ensinae-nos qual foi a divindade que assim lançou em vossos nobres corações a semente de tantos feitos de heroismo e lealdade!

João I, João I, último mas o mais nobre de todos os cavalleiros da peninsula, Mem-Rodrigues, e tu Ala invencivel dos Namorados, surgi vós todos do tumulo de longo esquecimento, a contar-nos quantas e quantas vezes não era o vosso grito de guerra o nome mil vezes repetido, o nome mysterioso d'aquella por quem ieis a defender o vosso Deus e a vossa patria, e quantas vezes ao revolver-vos moribundos no pó dos campos da batalha não eram ainda para *Ella* que se dirigiam vossos

ultimos votos, não era ainda *Ella* que no derradeiro arranco da agonia collocaveis a par de Deus!

Camões, Tasso, Petrarcha, quem vos fez lançar para o mundo em meio de lagrimas sem conto torrentes de eterna harmonia?

Filippa de Lencastre, mãe d'uma geração de heroes, Natercia, Laura, Beatriz, Branca, Joanna d'Albert, Clotilde, vós todas que soubestes inspirar nobres acções e nobres cantos, Filippa de Vilhena que com tua mão maternal armas cavalleiros teus proprios filhos em defesa da patria, deixae que a todas vós vá insculpir o nome eterno nos florões da corôa da vossa propria gloria. Sorride se alguem ousar isentar-se da fôrça creadora da vossa virtude, deixae que os homens mofem do vosso benefico podêr, e por unica vingança mostrae-lhes o bem que inspirastes, e que só por vós se practicou!

A mulher, sempre a mulher ahi aonde há a narrar um feito illustre, uma acção gloriosa, aonde ha um nobre sentimento a fazer passar ás gerações do futuro! (1)

JOANNA D'ARC

A edade média ia acabar.

Mas antes que o bulcão impetuoso das hostes mahometanas, ruindo sôbre o velho imperio do Oriente, dispersasse pela Europa, como bando de aguias expulsas do seu ninho, esses monjes depositarios da sciencia do mundo velho, esses sabios possuidores da arte antiga, que tinha de vivificar, casando-se, fundindo-se n'ella, a arte nova; antes que o vento da conquista, soprando

(2) Fim do 2.º artigo. *(N. do ed.).*

sôbre aquelle foco aonde se concentrára tudo que o mundo romano e grego pensou e sentiu, espalhasse ao longe pelas terras todas as faiscas do fogo sagrado que lá ardia; antes que a civilisação antiga fecundasse a nova civilisação, era mister que se escolhesse um lar amigo a esse fogo expulso do seu lar; era mister que a Providencia abrisse um templo á sciencia do oriente quando esta batesse ás portas do occidente.

Esse templo aberto pela Providencia foi a Italia, a Italia a principio e depois a França: a França mais do que a Italia, que acolheu essa reliquia no seio, que se consubstanciou com ella, que a amou, que lhe deu vida nova, e d'essa fusão sublime do passado e do presente fez nascer a verdade, a sciencia da liberdade, a mãe das sociedades do futuro. A arvore fecunda da sciencia do passado, em chão ruim não pudera dar bons fructos. A Italia amou a civilisação grega e romana, mas não creu n'ella. Esse perfume da antiguidade classica embriagou-lhe os sentidos, mas cortou-lhe os vôos á intelligencia. O passado alli não poude, pela alliança mystica com o presente, conceber a ideia do futuro. Era mister transportar a arvore que definhava em terreno esteril para chão mais fecundo e mais fertil.

Esse chão foi o solo abençoado da França.

E comtudo a França gemia curvando-se sob o pêso das armaduras dos invasores de além-mar. As tendas da conquista esterilisavam aquelles campos bemquistos da civilisação e promettiam matar-lhes o viço para sempre, se a mão de Deus lhes não acudisse. Só um milagre podia salvar a França.

Foi por isso que Deus fallou pela bocca inspirada da mulher: foi porisso que appareceu Joanna d'Arc.

Pela sua bocca fallaram todos os soffrimentos da

nação que gemia no captiveiro; todas as esperanças dos que, com olhos d'alma, viam raiar no horizonte da patria a aurora da redempção; todas as aspirações, todas as crenças dos que o terror e a cobardia não vendêra ainda ao inimigo; pela sua bocca fallou o futuro da França e do mundo. O gladio vingador tornou-se em suas mãos a espada flammejante do archanjo do exterminio. O bretão orgulhoso, recuando de trincheira em trincheira, diante d'esta mulher heroica, teve de saltar o estreito, e só se julgou seguro quando occulto entre os gelos e nevoeiros da sua Inglaterra. A França estava salva. O templo da civilisação estava agora livre e puro: a arte e a sciencia podiam agora emigrar do oriente, e atravessando a Italia polluida pela devassidão e pelo crime, buscar abrigo certo no seio da nação heroica. Uma mulher fôra a escolhida do Senhor para aplanar as vias da sua Providencia.

A França estava salva.

Joanna d'Arc ajoelhou contricta na terra que libertára, e sentiu que a morte vinha perto: a sua missão havia acabado.

Que lhe restava a ella agora com effeito? O que espera na terra tudo quanto é grande e sublime; a morte de Christo, o sacrificio, morte de affronta e de ignominia e depois o amor e o culto da posteridade.

Aldean visionaria a princípio; mais tarde mendiga sublime d'uma espada e d'uma hoste que levasse á victoria; depois alma de Graccho encarnada nas fórmas d'uma virgem; mais que mulher por fim, martyr d'uma ideia grande; sahira a passos lentos das suas montanhas, triste da serena melancholia das resoluções inabalaveis, para atravessar a França como nuvem revôlta de enthusiasmo e patriotismo, e cahir depois sôbre

uma fogueira, expiando alli o crime sublime da virtude.

O povo entorpecido pela conquista não poude conceber como a alma d'uma donzella, que o ardor d'uma crença consumia, pudesse salvar uma nação: o rei que ella levantára do pó para assentar sôbre um throno, não tinha fôrça para interpor o seu sceptro entre a mulher e a fogueira.

Pobre d'ella! Involta já pelas chammas que a iam tragar, elevava os olhos ao ceu, beijando com fervor a imagem do Crucificado que os phariseus lhe apresentavam por escarneo; mas sob a tunica rara palpitavam e tremiam-lhe os seios castos de virgem!

O espirito, depurado pela tortura, fugiu em busca de novos mundos; e sôbre as cinzas que ficaram vieram depois os homens elevar-lhe um altar de gratidão e saudade. O sacrificio vinculou mais uma vez na terra o culto da dedicação e da virtude. Mas o involucro d'aquella alma tão nobre e tão pura, nobre e puro tambem como ella, mais fraco só; mas aquelle corpo de virgem não poude deixar de tremer quando as mãos impuras do algoz o amarraram ao poste da ignominia, quando se viu amaldiçoado por aquelles mesmos por quem dava a vida, quando as chammas, lambendo-lhe o seio e o rosto lhe pousaram lá o primeiro e último beijo, o beijo da morte!

Mas que importa tudo isto? estava salva a França, e salva por uma mulher. Podiam agora cumprir-se n'ella os grandes designios da Providencia: podiam agora brotar-lhe e arreigarem-se-lhe no seio todas as grandes ideias que tinham de lustrar depois o mundo n'um grande baptismo de verdade e de luz.

E que pêso tem na balança dos destinos do mundo

uma gotta de sangue mais vertido em prol dos homens? N'esse grande tributo de sangue pago pela verdade ao êrro, pela luz ás trevas não é a mulher quem menos lagrimas nem menos sangue tem dispendido. Esse que corria ainda quente confirmava mais uma vez esta verdade.

Agora a França, livre, contava mais uma martyr: agora tinha a mulher ainda uma vez mais o direito de exigir da humanidade preito e vassallagem. Joanna d'Arc, morrendo pela França, morreu tambem pela liberdade do mundo! (1)

ISABEL DE CASTELLA

Cêrca de meio seculo depois um homem, pobre, obscuro, desprezado — só rico d'uma ideia — atravessava as nações, fallando-lhes d'uma visão, e offerecendo aos reis e aos povos um mundo novo em troca d'um barco que d'inutil, lhes apodrecesse nos portos.

Os povos riam-se — apontando o visionario, com aquelle riso estupido da turba que não intende, e os reis ouvindo no alto o ruido longinquo das gargalhadas das praças, chamavam o *louco* por um instante, e riam-se tambem, riam como a turba... só com mais desprêzo e escarneo.

Foram e serão sempre assim os reis: o povo — grande cerebro vão que só de seculo a seculo concebe uma ideia grande — tambem assim é: precisa primeiro morder a mão, que depois tem de beijar... mas estes são os verdadeiros reis...

(1) Fim do 3.º artigo. *(N. do ed.)*

Outras vezes, d'um só golpe decepa a mão que beijára largo tempo: é a vez dos falsos reis...

Ora este homem era um rei do futuro. Com uma mão sôbre o coração, e os olhos lançados para além do oceano, aonde, vestida com as galas e pompas do seu luxo tropical, lhe acenava de contínuo a sua *amante*, deixava sereno ruirem em volta a si aquellas ossadas humanas, erguerem-se as tempestades d'aquelles odios; como das *outras*, dizia-lhe a voz do futuro que já lhe fallava n'alma, que tambem d'estas sahiria triumphador.

Era um *rei* aquelle, como só a intervallo de seculos os lança Deus ao mundo, similhantes a esses cometas gigantes que por milienios medem o largo curso da sua elipse. Ao astro errante temem-no, a elle...

Estava guardado para uma alma de mulher, n'este solo abençoado da Hespanha, quebrar o longo captiveiro d'uma ideia de fogo, n'um cerebro que acabaria por consumir, se, passando a outros e outros não recebesse o último baptismo, a confirmação da verdade — a traducção nos factos.

Isabel, a mulher da Hespanha, soube comprehender a Colombo, o homem da humanidade.

O resto, o final da tragedia, ainda hoje não esqueceu á simpathia das almas que comprehendem o que é morrer por amor d'uma crença.

E depois, Colombo não devia sobreviver á execução da sua obra. Terminada esta, instrumento e operario deviam desapparecer, que já não havia em porto algum do mundo convez de navio digno de suster o grande *navegador!*

A America estava descoberta!...

Ha um nome, que tem de andar eternamente vinculado ao de Colombo: é o que teve o unico ser que no mundo o soube comprehender; o unico Cyreneu que, por ajudal-o, partilhou a sua missão, e sujeitou os hombros áquella cruz tão gloriosa mas tão pesada, d'uma ideia superior a um seculo.

Esse nome é o de Isabel.

Mulher, compadeceu-se d'um desconhecido, infermo d'uma crença, d'uma inspiração sublime: rainha, das alturas do throno, deu-lhe a mão, ajudando-o a escalar essa difficil cidadela do futuro. Com usura e generosidade lhe tem elle pago o que n'uma hora de sancto enthusiasmo concebeu e fez em seu favor: agora é Colombo que lhe alumia o vulto com um dos raios da sua gloria, lhe cinge a fronte com um louro tirado á sua: o forasteiro, outr'ora mendigo das côrtes, apresenta a rainha á posteridade!

Este é o melhor titulo d'esta mulher ao amor das gerações: mas tem outro ainda.

Quando a inquisição, essa Roma *pagan* na Roma catholica, que á similhança da Roma dos imperadores *lustrou* novamente a cruz com mais um baptismo de sangue, quando essa egreja de morte, aonde eram ministros, ministros da egreja de Christo, julgou que encontraria na Hespanha mais um circo para os seus espectaculos *dos christãos ás feras;* quando um rei fanatico contricto lhe offerecia novos campos que regar com o sangue generoso de seus filhos; quando julgavam a victoria certa, houve ainda uma voz na Hespanha que bradasse ao colosso «não!» houve um peito de mulher que se oppozesse ás hordas dos fanaticos, que irrompiam na peninsula, brandindo a cruz como se fôra instrumento de morte.

Esta voz, este peito de mulher, eram de Isabel a *catholica* (1).

Pobre mulher! luctou muito, assaltada por todos os lados, gemeu, chorou... venceram-na por fim... venceu-a o seculo! mas foi nobre aquella lucta, nobre e generosa. Aquella derrota tem o valor d'um triumpho; cobre-a de louros immortaes. Quando se tem fôrça para luctar assim com uma epocha, em nome d'esta grande ideia moral «o amor dos homens», é-se mais do que heroe... é-se martyr.

É porisso que a memoria d'esta mulher bem merece da Hespanha e do mundo. (2)

(Continúa.)

(1) Sr. Herculano, *Historia do estabelecimento da inquisição em Portugal.*

(2) Não teve seguimento. Foi publicado na Estreia Litteraria (Jornal bimensal) — Coimbra, 1860-61, série II, n.os I, II, IV e XI. *(N. do ed.)*

A PATRIA

(FRAGMENTOS DE UM LIVRO)

Ao meu bom amigo Augusto Bicudo Corrêa.

. . . . . .

Tu tens uma alma nobre e sensível, Augusto, e por isso podes bem apreciar todo o pezo d'essas lagrimas que me cahião n'este instante sobre o coração. — Para as almas vulgares deixar a terra que nos creou, o berço que nos embalou, os amigos que nos ampararam, para ir a longes terras em busca d'um futuro duvidoso e cheio d'incertezas, esta separação nada diz: se os affige o perigo d'uma longa viagem, e até muitos por uma secreta aspiração do desconhecido acham n'ella um certo attractivo. Essas almas ou são muito vulgares, ou então tão elevadas que me não é dado profundar os seus mysterios. — Eu por mim nunca me pude conformar com a idêa de entrepôr as vastas solidões do Oceano entre mim e a terra que me vio nascer.

Não sei que secreta magia prende o coração ao canto da lareira patria; aquelle tosco banco sobre o qual os seculos passados tem vindo por um instante chorar nas suas dôres, ou alegrar-se nas suas felicidades, para logo desapparecerem para sempre da scena do mundo. Não sei que encanto suave e melancolico encontra a

alma quando divagamos solitarios por entre as tristes pedras do pobre cemitério da aldêa, marcando ahi todos os dias de novo, ao lado das gerações passadas, um logar já de ha muito marcado e conhecido. Não sei que triste alegria se experimenta ao termos um canto de terra certo, muito conhecido, muito escolhido, onde possamos encostar a cabeça cançada pelo pezo enorme dos annos e dos cuidados.

Na patria tudo nos ama, tudo nos ri: conhecemos o amigo que nos aperta a mão; amamos o beijo da mãi que nos acaricia: a natureza sempre bella e sempre nova é para nós como uma amiga velha em quem depositamos toda a confiança: tudo tem recordações — aqui a velha arvore, onde todas as tardes uma mãe boa e carinhosa se vinha sentar rodeada de seus filhinhos, e apontando para o sol moribundo nas orlas do horisonte, e meio mergulhado no Oceano, lhes dizia de amar a Deus e aos homens. Acolá sobre aquella pedra á beira da estrada era a guarida costumada do pobre cego commensal ordinario da casa — mais além a fonte onde bebem as cabras pela hora da calma — ali a florida alameda onde pequenos corriamos sem outro cuidar mais que o rir e o folgar.

Depois mais adiante o lugar onde, já na idade em que se desenvolvem as paixões, pela primeira vez ajoelhamos tremendo aos pés d'uma mulher; onde fizémos os nossos primeiros juramentos d'amor, tão puros e limpidos como a agua do regato. — No valle aquelle sitio solitario onde collocavamos o nosso paraiso e os nossos desejos, onde queriamos ellevar um templo onde de continuo se queimassem incensos amorosos á deusa tutelar do nosso coração. — Depois ainda, a rocha erguida á borda do abysmo, onde, na idade das penas,

nas horas mortaes do soffrimento, nos hiamos assentar contando as nossas magoas aos ventos e aos mares.

Tudo isto constitue a Patria: esta reunião d'amisades, sympathias, amores, recordações, felicidades, penas, tudo isso constitue o laço que encadêa o coração do homem ao cantinho da terra onde nasceu, onde vive, e onde espera morrer. Fóra da patria, pelo contrario, nada nos interessa: toda a natureza parece nossa inimiga — e quando se desconfia da natureza, mais facilmente se desconfia do homem habitador d'essa natureza.

Alguns d'estes tão doces prazeres, d'estes pezares tão saudosos da mocidade senti eu; outros não: mas esses que senti foram taes que bastaria a saudade d'um só d'elles para me fazer suspirar eternamente por essa terra onde recebêra essas primeiras emoções; emoções recebidas quazi ainda no berço e cuja lembrança comtudo dura em quanto dura a vida, em todas as phases d'ella, e não só no infortunio mas no meio da prosperidade e riqueza; tão puras e tão poderosas ellas foram! (1)

Coimbra 1857.

(1) Assinado: *Anthero do Quental.* Publicado *in*-O Phosphoro, n.º 5. Coimbra, 1861. *(N. do ed).*

A PROPOSITO D'UM POETA

Se n'este seculo, em que as vocações fortes, lutando com a opinião que as persegue tem a coragem de a vencerem, firmadas na energia de suas crenças e na voz da propria consciencia — que raro mente — para depois apparecerem, mais ricas ainda com os despojos da peleja, em todo Esplendor da sua força; se n'este seculo, em que a originalidade é tudo, podessem ainda haver escolas, João de Deus seria creador d'uma eschola.

Não as póde haver, porque a lei suprema do espirito é caminhar sempre em busca de cousas bellas, de cousas novas. Para a alma, para a intelligencia, para a imaginação, parar é vacillar, tombar é morrer.

E por que não seria elle um poeta novo? A poesia não morreu com Homero; morreu só o envolucro d'um grande espirito. Dante não herdou d'elle o sceptro e o diadema de rei dos cantos inspirados: o ouro d'esse diadema fundiu-se ao fogo daquella alma, profunda e ardente, e vasa-se ainda hoje no molde que de continuo lhe abre a posteridade. E, com tudo, quem não admira a trilogia maravilhosa do grande Italiano?

Camões, cruz unica a que, já nas ancias da agonia, se abraça este povo moribundo, Camões não cortou as azas á inspiração dos seculos futuros, dando-lhe por

limites o horizonte, embora largo, que abrangia com a vista d'aguia.

O espirito do homem é grande. Viajante incansavel, na ancia do infinito, quanto mais caminha, mais mundos descobre, mais mundos tenta conhecer.

As cordas da lyra não são tres, nem dez, nem cem; não tem conto. São tantas quantos os sêres creados, quantas as harmonias sem fim do universo; quantas as ideas, quantos os sentimentos, quantas as afinidades sem numero da alma do homem comsigo, com o mundo, com Deus.

Quem ferio uma d'essas cordas é poeta: a alma que entender uma nota dessa harmonia immensa, que a amar, que a traduzir como a sente, é uma alma de poeta. E se ellas são tantas, se é tal a ancia do espirito em busca de sendas não trilhadas, por que não haverá uma poesia e um poeta novos?

No primeiro quartel d'este seculo, quando uma mão de ferro comprimia as pulsações do coração a este pobre Portugal, um homem, pobre, obscuro, desterrado, escrevia com sangue e as lagrimas da sua saudade um poema, que immortalisava duas vezes um homem e um povo immortaes. Pelo mesmo tempo alguns mancebos nas margens saudosas do Mondego festejavam n'um dia d'amores a festa da Primavera. Eram duas poesias novas que nasciam.

Por extranho phenomeno, uma geração ebria de enthusiasmo, anhelante de novas ideias e sentimentos novos, desmentindo nos factos as aspirações do espirito, curvou a cabeça, vendo passar no seu gyro glorioso os dous astros brilhantes, descreu de si e apenas teve força para lhes seguir de longe o rasto luminoso.

A descrença é má conselheira; pessima inspiradora

a imitação. Os poetas passaram; mas d'entre as turbas nenhuma voz inspirada se ergueu, bradando como o grande artista «anchio soi pinctore» não; alguns se ergueram. D'entre os que adoravam cozidos com o pó da terra, viram-se surgir aqui e alli rostos pallidos pelo enthusiasmo, olhos chamejantes pelo fogo da inspiração, e labios tremulos de commoção entoaram um canto extranho e novo. Não os viam, não ouviam os que adoravam prostrados, cegava-os a luz intensa que os deslumbrava: outras harmonias lhes echoavam ainda nos corações.

Dos que se ergueram, raros, bem raros, levaram a cabo a missão divina dos cantos. Alguns, esquecendo o fogo dos primeiros hymnos, reflexos palidos do que não tinham na alma, contentaram-se em tecer, com raios de alheia gloria diadema que pouco tempo tinha de os coroar: a esses matou-os a imitação. Os outros, — muitos — descreram de si e morreram: matou-os o mundo.

É a historia da poesia n'estes ultimos tempos. Não a historia official, a que se lê nas chronicas do mundo litterario, onde o amigo faz a apotheose do amigo, por que lhe paguem o serviço com serviço egual. Não é essa; mas outra, a real, a verdadeira historia. É a historia de tantos mancebos de genio, mortos para a vida do espirito, mortos para as letras, por que não puderam ou não quizeram curvar a cabeça aos decretos dos que se arrogam o direito de legislar para o mundo da intelligencia e da inspiração, como se não fosse esse o mundo onde, mais que de luz e ar, se precisa de liberdade para que haja vigor e vida.

Estes em nome do genio a cuja sombra se acolhem, proclamam que não ha na alma mais inspirações, mais

fibras sensiveis no coração; para estes, d'ora ávante não ha mais a fazer se não caminhar sobre os passos dos que precederam e até aonde chegaram, com se o caminhar sempre e sempre não fosse a lei suprema do espirito. Diziam o mesmo os Aristarchos do tempo de Byron, de Goethe, de Bocage e Victor-Hugo e mais hoje não ha quem d'elles se lembre, em quanto que estes nomes venerandos ham de chegar á mais remota posteridade, passando de edade em edade, como legado de admiração e amor das gerações successivas. A critica, a critica pequena que não quer conhecer nada bom senão o que existe e que ella perfilhou, essa morre com os criticos. A poesia, a grande a verdadeira poesia, a que se escreve com uma mão sobre o coração, sem querer outros modelos além da natureza, outras leis mais que as da razão, essa vive e chega longe nos seculos. (1)

Ia-me esquecendo do nosso poeta: por causa do cantor vieram os cantos; lembrando a luz, fugia o sol; a proposito do poeta fallei na poesia; não importa: não ha transição que não tenha a sua razão de sêr.

J. de Deus é um d'esses mancebos, ricos de crença e de esperança, que se erguem por vezes no meio das turbas, entoando um cantico cheio de frescor e de vida, de bella e poderosa originalidade. O que é hoje é já bastante, muito porém o que póde e deve ser.

É muito por que é natural, porque escreve o que sente e quando sente. Exalta-se pela imaginação, e sustentando-se ahi, por que o enthusiasmo lhe vem d'alma, faz-nos amar e crer, chorar e sofrer com elle, porque o sentimento é real, brota do intimo, e tradul-o

(1) Fim do 1.º artigo. *(N. do ed.)*

puro nos cantos, como transluz a verdade nas palavras do labio do infante.

Homem, chora e alegra-se, crê e duvida, como todos nós, como tudo que tem alma, como tudo que aspira ao infinito e se sente encadeado n'esta prizão, vendo fluctuar eternamente ante si o grande problema da verdade: *poeta*, sentindo em si a necessidade fatal de exprimir em cantos tudo que lhe vai dentro; diz o que sente na fórma que lhe brota espontanea da ideia, falla a linguagem do seu coração.

No canto toda aquella individualidade aparece, como, sob a malha do vestido, os membros, as fórmas, e os musculos ao menor movimento. Lendo-se, conhece-se que não é uma inspiração ficticia aquella, porque só a verdade tem o poder de fazer sentir tudo quanto a palavra representa. N'aquelles versos ha uma existencia d'homem que falla; como que se vê palpitar a vida e bater o sangue na arteria.

É este o condão do seu genio: Poetas, sombras de outros poetas, ha muitos: poetas de phrazes, d'imagens estudadas, de regras de arte longamente meditadas, mas frios e vãos como as suas palavras ôccas e retumbantes, há-os sem conto: poetas de phantasia arrebatada, quando em frente d'um assumpto, sem vida em tudo mais, accendendo a imaginação ao começar da obra, como que pondo-a de parte terminada esta, há-os ainda: mas poeta porque se fez, cantando porque é uma necessidade (*escrever, porque é preciso*, dizia Chatterton) crendo na poesia como sacerdocio, não como officio, esquecendo modelos para só escutar o que o coração lhe dicta; poeta da verdade, da natureza, esse mais raro é. Corre, é certo, o risco de não attrahir as turbas, que a principio o não entendem;

de o censurarem os criticos do dia; mas tem por si o futuro, a posteridade, que lhe ha de fazer justiça, que o ha-de amar, se pela sua bocca tiver fallado a voz da natureza.

Sei que a philosophia presta á arte regras seguras, porque mais desassombrada caminhe; sei que tem leis a Esthetica, mas, em que se resume tudo? A *verdade*, eis a summa de toda essa legislação. Regras taes, ignorava-as de certo Homero, e mais não lhe morre a fama, ao menos em quanto não mudar a alma do homem: *Sér natural* eis o supremo preceito.

Em tudo assim é. Mas na linguagem purissima, na linguagem sagrada do lyrismo, expressão fiel da vida intima, dos sentimentos, das paixões individuaes, que outra lei se póde impôr, que outra se deve observar? Tibieza ou excesso, ambos são erros, que a moda póde um instante favorecer, mas que a posteridade conta quasi como crimes: um e outro encobrem a verdade. João de Deus, poeta lyrico, entendeu esta lei unica, ou advinhou-a. Mas aqui não é a opinião isolada de um só que tem de decidir: é o coração, não a intelligencia; esta podem escurecel-a ideias falsas ou incompletas, aquelle não. Se choro ou se me alegro, porque não hei de chamar poeta aquelle que me infunde n'alma tristeza ou alegria, se outro não é o fim, o fim ultimo da poesia? Mas, por Deus, que o não condemneis antes de escutar a voz do vosso coração! essa é a unica que não mente: por essa é que medís o justo e o bello, por essa só haveis de julgar.

Talvez não seja a hora nem o lugar proprio para dizer estas cousas? É-o. J. de Deus, ha pouco ainda, era uma vocação ignorada por todos: hoje conhecem-no e amam-no alguns amigos da verdadeira Arte, que a

prezam no que ella é, não pelo que alguem determina que seja. Amanhã, um livro, um livro, que pagina por pagina, linha por linha, resume a vida moral d'um homem, o seu crer e sentir intimo — um livro que é um homem — ha de correr de mão em mão, pedindo aos homens, que o lêam, despidos de preconceitos, e julguem se as vozes d'aquelles cantos se combinam, acham nota harmonica no canto intimo que traz cada qual em si (1).

Qual é a missão da critica? o que é ella? pouco mais do que a expressão d'um voto isolado. Quem póde fazer-se juiz n'esta causa e decidir entre a verdade e o erro? Ninguem e todos...

Por minha parte porque o voto seja completo e sincero, é mister dizer tambem aonde o poeta errou, aonde foi longe da natureza, aonde a fórma se não adapta perfeitamente á ideia (2).

J. de Deus é mais que tudo um poeta pelo coração: a fórma, que tem primorosa, é-lhe quasi sempre fiel na reprodução do sentimento que o anima. Tem porém mysterios o coração; mysterios, caprichos, contradições. É pois isto, quando a palavra o reproduz, ainda uma belleza: os mysterios do amor, os caprichos da imaginação, as contradições da intelligencia que duvida, são outras tantas faces por que o homem se póde encarar, d'onde póde a poesia tirar materia para suas inspirações.

Tudo isto são bellezas, quando tudo isto vem da natureza mesma do assumpto, por que é a *verdade*. Mas

(1) Quando se escreviam estas linhas (Novembro de 1860) estava annunciada a publicação d'um volume de versos de J. de D. não sei se ainda se publicará.

(2) Fim do 2.º artigo. *(N. do ed.)*

quando a contradição ou o mysterio provém de que a palavra foi infiel ao pensamento, de que aperta em vaso estreito o espirito que, como o liquido, mais quizera expandir-se, como vestido que por justo de mais tolhe os movimentos naturaes, quando a idêa, que devia apparecer em toda a luz, apparece apenas ou mal; então não ha representação completa do sentimento pela palavra; a alma, o homem não se deixa vêr; não póde haver irradiação de calor, de vida de peito a peito; não ha poesia verdadeira. O poeta se sentiu, ha de entendel-o; mas o publico, que quer sentir e precisa entender, tem direito a exigir do poeta a verdade toda, ou nada então. O canto que um só entende, não por que só elle o sente, mas por desharmonia entre a essencia e a fórma, desequilibrio entre a palavra e a idêa, esse guarda-se para se lêr comsigo, se tem recordações gratas, se é pagina do livro da vida, mas não se lança assim aos ventos da publicidade, por que o publico tambem tem seus direitos, que é mister respeitar. O ar, para que bem conduza o som é mister que esteja puro e sereno: a poesia é o meio por onde se communicam as almas; precisa tambem de ser claro, para que se entendam.

Este erro — e grave — provém muita vez do fogo mesmo do enthusiasmo; mas vem depois a reflexão, e é dever seu estremar cuidadosamente o bom do máu.

Depois, o nosso poeta parece por vezes comprazer-se no nebuloso da phrase, deixando o pensamento quasi perdido na penumbra. Outras vezes é a idea, que pelo fundo do sentimento, pelo arrojado da imagem, vai tam longe que á fórma não é possivel alcançal-a. São isto defeitos (felizmente raros) que impedem á ver-

dade transparecer toda: o pensamento, o natural perde-se, por que o sentimento d'outrem ha mister de todo se deixar *vêr*, para nos consubstanciarmos com elle.

J. de Deus é dotado de um espirito contemplativo, não tanto porém que de todo se perca pelas nuvens da abstração ou do extasis; pelo contrario, outra parte do seu ser o chama de continuo a compartilhar com os mais homens as suas paixões, idêas, desalentos ou enthusiasmos. Esta luta entre ceu e terra, prezo a um pela esperança, a outra pelo affecto, esta como duplice existencia é uma das feições mais caracteristicas da sua poesia. D'aqui aquella melancholia vaga e scismadora, por vezes o mysterio e aparentes contradições, bellas, por que reaes, em quanto não degeneram no excesso que as torna viciosas.

Eis aqui em quanto ao poeta que é. Em quanto ao que nos guarda o futuro, deve, porque a missão do poeta é quasi fatal, passada a quadra ardente e tempestuosa do lyrismo, resumir todas as suas forças n'uma d'estas obras de genio — Romance, Drama, Tragedia, Poema, ou como na linguagem convencional melhor lhe queiram chamar — que são conjunctamente a gloria d'um homem e a do espirito humano n'uma civilisação e n'um seculo quaesquer.

Quanto a mim — emittido o voto que como Portuguez e amante das cousas Portuguezas tenho direito a apresentar; passando pela memoria os ultimos tempos da poesia entre nós, só lembro que mais de um canto inspirado tem morrido nos labios do mancebo que o entoava, gelado pelo frio glacial da opinião, tam ávida de flores que murche; e que é triste para um paiz de-

vorar, como Saturno, os proprios filhos, talvez os melhores entre todos.

Novembro 1860.

Estas ultimas linhas que eram e são ainda a minha crença ácerca do futuro poetico de J. de Deus, receberam uma brilhante confirmação, que as tornou quasi propheticas. A *Lata*, poema d'uma indole nova, inspiração filha do seculo, e por isso nova e original como elle, mostra que tanto a crença no vigor poetico de J. de Deus, como a esperança de que não deixaria apagar-se aquella luz sem abrir um pouco o sanctuario íntimo, para a deixar vêr do mundo; mostra, digo, que não eram crença e esperança mal fundadas. Uma triste fatalidade, por não dizer mais aonde não cabe dizer-se, tem impedido que aquellas paginas vejam a luz do dia e a da gloria.

Comtudo, o poeta teve antes uma hora de desfallecimento; descreo e entristeceo-se; depoz a lyra, saudou-nos ainda uma vez e partio. Essa despedida á poesia, que ahi fica alguns numeros atraz magoou-nos e muito: se elle, poeta que soffria tinha o direito de entoar um canto descrente, cabia-nos a nós amigos, e ainda crentes, o dever santo de o consolar.

Por amor da intenção releve-se-nos, depois de ter fallado em J. de Deus, occupar uma collumna com essa miseria que segue; releve-se, porque se a arte tem muito de que se queixe, ao menos a alma, essa está toda ahi.

A JOAO DE DEUS

DEPOIS DE LER A SUA POESIA

Fique em silencio eterno a minha lyra:
Pomba do céu, tu vai, Deus te bemfade.
Esta alma em teu lugar guarde a saudade
Se a essencia sobrevive á flor que expira.
. . . . . .

Foi o canto do cysne, o canto derradeiro
D'aquella augusta voz, que se esvaio no ar;
Adeus da terna amante ao seu amor primeiro
Que eterno ella julgou, mas cedo vio findar:
Ultimo adeus de quem, ha pouco ainda crente
— N'uma hora apenas — vê, qual sombra na corrente,
Morrer-lhe as illusõs c'o a morte d'esse amor
E triste se envolveu no veu d'uma erma dor.

Soffreu da soledade... E onde há hi um peito
Que não soffra tão bem, ainda ao mal affeito?
Soffreu da soledade em que a alma lhe ficou,
Depois que ao longe e triste o echo se finou
D'aquella *unica voz*, que ainda repetia
A sua voz, bem como, á tarde em fins do dia,
A nuvem que passou reflecte um raio ao sol,
Que mesmo occulto a tinge aos fogos do arrebol.
Soffreu quando da sorte a mão pesada veio
Poisar-lhe sobre o peito e comprimio alli
A ancia que animava o arfar d'aquelle seio,
Seio que só bateu — poesia! amor! — por ti!

E elle então disse: « — Aqui, deponho a minha lyra:
« Se esta alma a outra patria, a outros ceus aspira,
« Se esta ancia infinita não posso aqui fartar,
« Que val — echo sem voz — que val o meu cantar?
« Val mais que eu em silencio espere o grande dia,
« Cuja aurora immortal, em luz, em poesia
« Me ha-de envolver e assi levar-me aquelle ceu,
« Ceu do que amou e creu, do que esp'rou e soffreu.

« Entanto — esprando — viva em silencio profundo,
« Deixando em vão rugir — qual voz do mar — o mundo:
« Aqui guardo a saudade esse talisman só,
« Como da flor já sêcca inda se guarda o pó. — »

Cobrio o rosto apoz c'o manto da tristeza;
O sol d'aquelle ceu fugio ao longe... alêm...
E a noute sem luar, sem brilho, sem belleza
Ao negro que hia lá veio ajuntar tambem.
. . . . . .
. . . . . .

Poeta essa não é tua missão. Curvar-se
Um momento é do homem; porém não prostrar-se
Gemendo em desalento e face contra o chão,
Como quem aceitou da dor a escravidão.
Poeta é quem tem fé, quem busca no futuro
A crença que lhe nega este presente impuro:
Não quem deixa cahir a lyra, não quem vai
Pedir ao desalento abrigo e amor de pai.
É virtude soffrer, nunca perder a crença;
É ter esprança tal, que a dor mais crua vença:
É não pedir seu premio aos homens, mas a Deus,
E passar n'este val, o olhar fito nos ceus.

Tal é tua missão — luctar! O soffrimento,
Ao pé do Eterno Bem, o que é mais que um momento? (1)

(1) Assinado: *Anthero do Quental.* Publicado *in*-O Phosphoro, n.os 7, 9 e 12. *(N. do ed.)*

NECESSIDADE DE UMA DOCA NA ILHA DE S. MIGUEL

Diz-se muita vez que Lisboa, a bella filha do Tejo, seduz mais do que devêra os representantes da nação e de mais attrahe as vistas dos governos, que, por isso, descurão o corpo, deixando-o nú e pobre, para adornarem com luxuozas pompas aquella cabeça tão formoza.

Parece ás vezes fundada a accuzação; foi-o outr'ora comtudo mais do que hoje.

Ás administrações illustradas e verdadeiramente progressistas, cabe porém desmentir asserções infundadas, se o são, emendar erros, remediar descuidos, se houve descuido ou erro. Neste ponto, como em outros, tem sabido o actual ministerio compreender a sua missão. Hoje ha mais que remediar do que fazer de novo. Já se discutiu, já se pugnou muito por formas de governo, por constituições. Para tudo isso é necessario haver nação, e nação sem commercio, sem industria, sem estradas, sem portos, é, n'este seculo, uma chimera — ia dizer como outra — peor do que outra qualquer.

Estas necessidades concebeu-as perfeitamente o gabinete actual; e em quanto promove com actividade os melhoramentos no continente, não olvidou algumas pequenas ilhas, perdidas no meio do Oceano, de mais

esquecidas até hoje e que apezar d'isso não são das joias de menos valor no diadema de Portugal.

Fallo do Archipelago dos Açores.

No meio do marasmo commercial, em que (á vista das mais nações) tem jazido este paiz, conservam estas ilhas uma feição sua e particular, que, de dia em dia, se torna mais caracteristica. É a actividade commercial, que se explica pelas circumstancias especiaes em que se acham. Torrão fertil em productos naturaes, mas escasso em quasi todos os ramos de industria, tem de exportar, porque depois importe em artefactos ou numerario o preço do que a natureza lhes deu de sobejo, e levam o seu commercio até ás costas da Grã-Bretanha, e mesmo além d'ella.

Essa actividade é grande, porque toda a sua força, a sua vida rezide ahi. Matal-a seria matal-as e com ellas uma grande fonte de riqueza nacional.

De todas estas ilhas é, por ventura, a mais rica S. Miguel; mas se por um lado a natureza se comprazeu em a favorecer, por outro parece-lhe hostil, negando-lhe, como complemento, um bom porto, um abrigadouro para as embarcações que ali affluem: debaixo deste ponto de vista é de todas a mais desfavorecida. É este um dos grandes estorvos ao seu desenvolvimento e de todo o Archipelago, pois que, com o desenvolvimento d'uma, lucram e como irmãs devem folgar todas as outras. Nestas circumstancias a mão do homem deve dar o que a naturesa não concedeu: um porto artificial, que foi sempre uma necessidade, era de ha muito pedido com instancia.

Ao sr. Thiago Horta, nome que nunca esqueçerá aos açorianos, coube o mostrar que um ministerio esclarecido não ignora que pela esteira do barco que conduz

ao continente, para os cofres do Estado, não pequeno contingente, póde e deve ir o que leva a tão grande necessidade remedio prompto e efficaz.

Por carta de lei de 9 de agosto de 1860 auctorizava-se o governo a contrair um emprestimo para a construcção d'um porto artificial (doca em Ponta Delgada).

O interesse aqui era de toda a nação; ainda mais do Archipelago, mas especialmente do Districto Oriental, S. Miguel e Santa Maria: por isso, para pagamento de juros e amortização do capital se lançou neste districto o imposto geral sobre a importação e exportação, e ainda especialmente sobre a exportação da laranja.

Era justo. Não o era menos porém que quem paga tal contribuição tenha d'algum modo parte na gerencia deste negocio. A lei por isso concedeu, rezervando-se o governo o direito de escolher em lista dupla, a creação d'uma junta, composta de 6 membros, para inspecção dos trabalhos. Era isto, porém, facultativo ao governo.

O povo não gosta de novos impostos: este, porém foi recebido com alegria. Isto prova de sobra quão instante é a necessidade de uma doca, e quantas as vantagens que d'ali esperão colher os michaelenses.

Uma reprezentação foi immediatamente dirigida ao governo aonde calorozamente se manifestava quanto esta medida era grata áquelles povos e, alem d'outras providencias, se pedia que a creação da junta facultativa pela lei de 9 de agosto, se tornasse obrigatoria. A justiça deste pedido não foi desattendida: o governo respondeu com o decreto de 12 de dezembro, em que tal nomeação se torna obrigatoria.

Tudo isto prova de sobejo não só a pressa dos michaelenses em possuirem emfim tão desejado porto, mas tambem a imperiosa necessidade que de tal obra

existe. Cada temporal (e não são elles tão raros!) são muitos dias — quando não semanas — de forçada estagnação que o Oceano impõe ao trabalho e ao commercio; muitas carregações perdidas; muitos preços favoraveis nas varias praças, que não deixa aproveitar. Todas as embarcações surtas no ancoradouro vêem-se obrigadas a buscar no mar largo o abrigo que lhes denegam as costas, durante o tempo que dura o temporal, felizes quando se não veem despedaçar sobre os rochedos.

Contrista e horrorisa ao mesmo tempo a leitura da singela descripção que faz o *Correio Michaelense* (artigo transcripto na *Opinião* de 15) do temporal de 16 de janeiro ultimo, que n'um só dia desfez sobre as rochas da ilha 8 navios, perdendo-se completamente com suas cargas e 3 com toda a tripulação!

O artigo concluindo diz: — «Á vista pois do quadro afflictivo que todos aqui presenciamos neste dia infausto, quem não desejará o mais breve possivel a construcção da doca ha tanto tempo pedida?»

Isto bastava, afora as mil considerações economicas, que são de primeira intuição, para provar quanto affan deve o governo pôr, a fim de que o mais breve possivel comecem os trabalhos d'esta importante obra. N'isto se fitam os michaelenses e com razão. O sr. ministro das obras publicas, intelligente e zeloso como é, não pode deixar dormir nas columnas do *Diario* uma lei, que vae abrir ao archipelago dos Açores horisontes de tanta prosperidade e que tão altos interesses pedem que seja quanto antes executado.

N'esta obra em que o governo tomou iniciativa, cabe-lhe de razão o direito de escolher e nomear empregados technicos para a executarem e dirigirem, mas

é tambem, sobre o districto oriental dos Açores que peza uma não pequena contribuição para se poderem effectuar esses trabalhos. Por isso não deve ser desprezado o seu voto, n'este particular, nem lhe devem ser impostos empregados que não tenham toda a sua confiança.

Sem esta garantia, que significação pode ter a junta creada pelo decreto de 12 de dezembro?

O governo lançando sobre o districto oriental dos Açores o imposto de que já fallamos, reconhece que esta obra, se é d'interesse geral, o é de muito particular para o districto; authorizando esta junta, por esse só facto concede aos povos michaelenses a garantia de velarem, por meio de seus representantes, pela boa direcção e andamento dos trabalhos, e assim implicitamente lhes confessa o direito de tomarem parte — d'algum modo — na escolha dos empregados technicos, pela inteira confiança que n'elles depositarem.

É por isso que o seu voto não deve ser despresado; se este direito existe e está reconhecido pelo governo, como levamos dito, deve este haver-se com a maior circumspecção na escolha dos empregados, tendo sempre em vista a opinião dos povos michaelenses, a fim de que estes possam depositar inteira confiança n'aquelles para cuja escolha, ainda que indirectamente contribuiram.

Por uma coincidencia natural, estão tambem estes povos mais que ninguem habilitados para julgar das necessidades de pessoal que tal obra requer.

Filhos do mar, como que hydraulicos por constituição, sabem com que difficuldades tem a luctar o engenheiro que metter mãos a tão momentoso traba-

lho; quanta pratica e quanta experiencia deve possuir para que seja coroado com feliz exito.

A hydraulica é com effeito mais uma arte de que uma sciencia. Em princípios de sciencia se baseia, mas tão variados e imprevistos são os accidentes do elemento com que lucta, tão difficeis de prever as circumstancias especiaes, que só uma longa e aturada pratica pode ser garantia segura para o feliz resultado de trabalhos d'esta naturesa. Por isso dissemos ser arte, e parece-nos com razão, pois que da experiencia quasi unicamente depende.

O nosso paiz começa apenas a entrar na via dos melhoramentos materiaes e economicos. — Muitos mancebos da maior instrucção possuimos que podem de futuro ser excellentes engenheiros, se a experiencia acompanhar a sciencia. Ora essa eschola da pratica é que infelizmente lhes falta, e muito, o que não admira porque apenas começamos. Ainda é peor se falarmos em construcções hydraulicas; nenhuma obra destas temos até hoje tido aonde, pelo variado da pratica, se possa corrigir o que ha de muito absoluto na sciencia.

Agora porém se lhes offerece occasião; o porto artificial em S. Miguel para muitos pode ser uma escola utilissima; mas a direcção geral não pode ser concedida senão a quem por aturada pratica offereça as mais solidas garantias.

Não se podem assim comprometter interesses tão momentosos. Se não ha no paiz quem possa dirigir esta obra, porque não se mandará vir de fora quem melhor a possa fazer? A civilisação é cosmopolita, e por uma pequena consideração de brio nacional não se devem preterir os interesses de toda uma provincia.

Alem d'isto, obras destas não se fazem e refazem a

capricho, como uma estrada ou um muro, nem tão diminutos seriam os capitaes que a imprevidencia deixaria sepultos nas ondas.

Estamos, comtudo, convencidos que os votos e os interesses dos povos açorianos não serão desattendidos por um ministerio illustrado e justo, que conscio da sua missão, saberá reparar a injustiça e desleixo com que sempre tem sido olhado este archipelago, tão bello e tão digno de melhor fortuna (1).

(1) Transcrito do *Archivo dos Açores* (número de *Homenagem a Anthero*). Em nota desta transcrição diz-se ter sido primeiramente publicado no *Jornal do Porto*, e reproduzido no *Correio Michaelense*, n.º 776, de 10 de Abril de 1861 e na *Aurora dos Açores*, n.º 423, de 13 de Abril do mesmo ano. *(N. do ed.)*.

SOBRE TRADUCÇÕES

(DEPOIS DE LER AS RECREAÇÕES POETICAS
DO SR. F. CASTRO FREIRE)

Eu gosto de ver uma bonita edição n'um livro de bonitos versos, como gosto d'uma nuvem formosa n'um formoso ceu d'Abril, de lindos olhos em rosto lindo.

As edições estão para os livros como os enfeites para as mulheres; bellas, ajudam-nas a brilhar; feias, servem só para lhes dar realce... á fealdade.

(Nem pareça extranha a proporção; as mulheres são tambem livros, só mais obscuros... um pouco mais que o Apocalypse: ahi leem os poetas e, confórme a sciencia, assim entendem e gostam ou não).

Era isto pouco mais ou menos o que eu pensava depois de ter lido a brochura de que acima fica o nome, folheando-a e revendo-a com aquella complacencia e íntima satisfação propria de quem possue um livro novo... e que lhe agrada.

E foi tambem — de vergonha o digo em segredo — por causa da edição que lí o volume: relevem-me a ignorancia por amor da franqueza! conhecia, ha annos, o nome do sr. Castro Freire, como echo Portuguez da voz maviosa de Lamartine, e ainda lhe não lêra um verso! É por este motivo que o livro tem para mim todo o attractivo da novidade, que para muitos já

perdeu, e é ainda por isso que vou aqui retratar as impressões que recebi ao lêl-o.

Não fallarei aqui do Auctor senão como poeta traductor, não só por ser este o seu maior titulo de gloria litteraria, como por que, sobre tam poucas poesias originaes quantas contém o volume, fôra temeridade fundar um juizo qualquer.

Cada vez que me fallam de traducções de poetas, em verso, lembro-me sempre do que escreveu V. Hugo a respeito d'uma versão de Homero «je sais tout ce qui se perd d'un hexametre qu'on transvase dans un alexandrin».

E quanto se não perderá d'um alexandrino que se *transvasa* n'um heroico?

Mas... deixemo-nos de rodeios e exporei francamente o meu modo de vêr.

Creio que uma traducção — *traducção* — d'uma obra d'arte sería uma cousa util, uma cousa bella e grande, se não tivesse um pequeno inconveniente... simplesmente o de ser uma cousa impossivel.

Traducção é mais que transplantação.

Tome-se a planta no seu clima, sob o seu céu, e para céu e clima extranhos a levem; amime-se, afague-se, trate-se com amor, que póde viver, talvez florir e dar fructo.

É o mesmo genero, a mesma familia; mas será o mesmo individuo? o mesmo que era e teria sido se de lá o não tirassem — a mil legoas, no sollo aonde o Senhor lhe deixára cahir a semente? Já não.

Ora isto é transplantação.

Tome-se a poesia, isto é — na essencia — idêa e sen-

timento ou *movimento;* — na fórma — imagem ou *collorido*, estylo e phrase — e *transplante-se* para uma lingua, a mil distancias da que ella falla, filha talvez de bem differente mãe, differente tambem no gráo de aperfeiçoamento, na raça e character dos homens que a fallam... faça-se tudo isto á triste, privem-na assim das suas mais charas afeições, dos seus *amigos*, no meio de quem nasceu e que a ajudam a viver... e a pobre em fim de tudo, a mesma na essencia (quando não ha, como muita vez, tal idêa e mesmo sentimento, filhos da phrase, d'uma certa relação entre palavras, que então são *intraduziveis*) terá perdido a melhor joia do seu diadema, as melhores perolas do seu colar, as melhores flores da sua grinalda... a fórma, o collorido, o estylo.

Ora a fórma é meia poesia.

Esta operação, pela qual um verso formoso, rico, luxuoso, na mão do primeiro poeta — na lingua original — chega á mão do segundo — na lingua extranha — feio, póbre, indigente, viuvo, será tudo menos traducção.., é uma transplantação, como na arvore, com todos os defeitos e perdas de tal operação.

Ora uma traducção — se podesse havel-a — sería muito mais do que isto; seria um espelho, um retrato, uma copia; e copiar para lingua extranha é apenas... um impossivel.

Isto não são vagas e gratuitas asserções; é «um dogma de fé linguistica» como diz o nosso C. Lobo.

Para o provar não preciso buscar argumentos fóra do livro que tenho agora entre mãos: em traducções, é auctoridade o seu auctor na nossa litteratura, por isso ninguem me acusará de falso argumentador.

Ha uma linda poesia de V. Hugo, que todos conhecem e amam.

La tombe dit a la rose,
— Des pleurs dont l'aube t'arrose
Que fais tu, fleur des amours?
La rose dit a la *tombe*,
— Que fais tu de ce qui *tombe*
Dans ton gouffle ouvert toujours?
. . . . . .

Uma das grandes bellezas d'estes versos é a palavra *tombe*, a que em Francez correspondem duas idêas: e é ainda uma belleza *essencial:* tombe — tumulo — e tombe — cahe —, estas duas idêas assim approximadas e ligadas n'uma só palavra, como se fallando-se em quéda fosse o mesmo que fallar-se em tumulo, não são apenas uma belleza de fórma; tem em si uma grande idêa philosophica e despertam um sentimento, que todo se perde, traduzindo-se.

O sr. Castro pôz em portuguez estes versos; os seus são lindos sem duvida alguma; mas não traduzem os do poeta francez. Aquella belleza perdeu-se: era impossivel salval-a.

Isto vem para provar um parenthesis que acima fica, que póde, á primeira vista, parecer menos justo, mas que este exemplo deixa por verdadeiro: (Quando não ha, disse eu, como muita vez, tal idêa ou sentimento filhos da phrase, d'uma certa relação entre palavras, que então são intraduziveis).

Aqui ha um sentimento e uma idêa dispertados por uma relação de palavras. E como este, mil. Por melhor que se saibam as duas linguas, quem porá isto em portuguez?

Agora, debaixo d'outro ponto de vista:

Souvent sur la montagne, à l'ombre du vieux chêne,
Au coucher du soleil, tristement je m'assieds:
Je promene au hasard mes regards sur la plaine
Dont le tableau changeant se déroule à mes pieds.

Assim commeça a primeira das Meditações Poeticas de Lamartine: o sr. Castro diz:

No carcomido tronco de um carvalho
Quando o sol já declina,
Mergulhado em tristeza eu vou sentar-me
No cimo da collina;
D'alli derramo as vistas desvairadas
Dos campos pelas scenas variadas.

Passo em silencio esta *collina* traduzindo montanha, ainda que muita magestade tire ao quadro, por ser defeito que se póde emendar: mas vejamos o terceiro verso «je promene au hasard mes regards; — derramo as vistas desvairadas» — é isto o que diz o poeta?

Esta poesia exprime toda melancholia: quadra-lhe pois este modo de lançar as vistas sobre o mundo «au hasard» ora «desvairado» exprime desespero, nunca a tristeza vaga e sismadora da melancholia.

Mas poder-se-hia fazer melhor? creio que não: (a não ser por um circumloquio, e então perdia aquella concisão que tanta energia lhe dá), mas d'este modo o portuguez não dá a idêa do verso original. Isto é tambem intraduzivel.

E com tudo estes versos do sr. Castro são realmente bellos; ha n'elles, como em Lamartine, melancholia e sentimento e uma fórma facil e propria... mas não o traduzem.

O final da poesia é um grito de dôr, um grito á Job, e como elle sublime de tristeza e saudade:

> Et moi, je suis semblable a la feuille flétrie:
> Emportez-moi comme elle, orageux aquillons!

Traduzil-os-hão estes dous versos?

> Eu sou tambem qual folha ressequida
> Arrojae-me aquillões além da vida.

Não fallo do «ressequida» traduzindo *flétrie;* mas aquelle além da vida que não existe no francez, não lhe tira o mysterio triste, que é uma das suas bellezas?

E com tudo creio firmemente que ninguem fará melhor do que o sr. Castro. Mas a razão de tudo isto está em que, para traduzir as Meditações é preciso ser outro Lamartine, e a natureza não cria, no meio de tanta cousa bella e differente, dous sêres perfeitamente eguaes.

É por isso que não pódem haver *traducções* porque nunca duas almas sentiram o mesmo, do mesmo modo, e o exprimiram da mesma fórma.

Não posso (como devia) levar mui longe a innumeração d'exemplos, porque é limitado o espaço de que disponho, além de que esta analyse esmerilhadora custa-me, por poder parecer *especiosa*, com quanto necessaria.

Ainda um exemplo, debaixo d'outro ponto de vista, — este fóra do livro — mas bom porque anda na memoria de todos. Fallo do *Canto do Cossaco* de Beranger e da traducção que d'elle fez o sr. A. Herculano, do que é opinião commum e assentada ser esta superior ao original. Eu creio que é com effeito melhor, por um lado, com quanto por outro muito perdesse;

mas, pergunto: uma traducção *melhor* de que o original será *traducção?*

Além de tudo isto, o estylo — que é meia poesia — perde-se todo: é nauta que succumbe infallivelmente n'esta viagem de lingua para lingua. O estylo do sr. Castro, por exemplo, facil, simples, mas cheio de delongas, não é o estylo simples tambem e animado, mas casto e conciso de Lamartine; como o do sr. Herculano energico e rápido — não é o simples e popular, quasi desleixado, da musa democrata de Beranger.

Isto é o estylo, que se perde todo: a idêa, o sentimento, parte. O fundo fica, mas as gradações, a distribuição de força, luz ou sombra, o desenho mais ou menos pronunciado, as mil cambiantes, relevos, e claro-escuros; tudo isto, que fundido na fórma propria e unica que d'ella deriva fórma um só todo, isto tudo se perde tambem.

Que fica? póde ficar, se é habil o artista, se é poeta principalmente, um desenho bello tambem e rico de côr e luz, assente n'aquelle fundo primitivo, seguindo o antigo plano, mas no resto outro, quasi original — hia dizendo. —

E será isto traducção?

Ora, que prova tudo isto a respeito do livro do sr. Castro Freire? Nada: ou antes, uma cousa simples: que uma verdadeira traducção é uma cousa impossivel.

O que o sr. Castro não póde fazer, nem o sr. Her-

culano, nem pessoa alguma, é *traduzir* uma poesia, que é o sentir íntimo e é ao mesmo tempo o mundo exterior; é a idêa e é tambem a lingua; é o homem e é o quarto d'hora em que se escreve.

Ora isto não se traduz.

Erudito e poeta — poeta erudito que mais raro é — conhecedor como poucos da sua lingua, e da franceza como se sua fôra, quem melhor do que o sr. Castro poderia reproduzir no idioma de Garrett, as sublimes aspirações de Lamartine?

Não o trahio o engenho, nem a sciencia: a arte só, que é filha da natureza, se revoltou contra uma cousa que não cabia n'ella.

Posto isto — que fica do livro do sr. Castro?

Fica um livro de excellentes versos, d'um estylo facil mas não descurado, simples sem desleixo, d'uma harmonia que se não desmente nunca; muita idêa grande e bella, muito sentimento e... muita poesia.

Um livro que se não póde alcançar o triumpho do dia, o successo estrondoso, mas ephemero, terá — o que é melhor — o amor dos que comprehendem a verdadeira arte, dos espiritos que guardam immaculado o culto da religião do bello.

Um livro, cujas inspirações, echos da voz melodiosa de Lamartine n'uma alma que o sabe comprehender, achará sempre — creio-o — outros echos em almas igualmente amantes d'aquella nobre, santa e consoladora poesia (1).

(1) Publicado *in*-O Phosphoro, n.º 11, correspondente à 1.ª quinzena de Maio de 1861. Assinado: *Anthero do Quental*. *(N. do ed.)*.

DAS REVISTAS DE COIMBRA

Quem disser que não ha revista possivel de Coimbra n'este bemaventurado mez de outubro, ou outro qualquer (aqui todos os mezes são similhantes como duas *sebentas*), é capaz de sustentar que Portugal não é um paiz independente, que um barão não é um homem, e os festejos nacionaes uma cousa papa-fina.

É mesmo capaz de teimar em que ha insomnia que resista á leitura inspiradora d'uma chronica da Revista Contemporanea.

Almas fosseis, almas zarolhas, almas de azeite de peixe, que resistis a todo o gaz civilisador dos folhetins da Revolução, do curso *Superior* e dos cavacos do marrare da meia-porta, almas lytographadas em papel mata borrão, vinde empoleirar-vos comigo nas alturas do campanario d'esta grande egreja da sciencia em terceira mão — a imprensa —; vinde sentar-vos a este festim esplendido das Revistas da semana, aonde C. C. Branco dá a beber aos Barões a cicuta do seu tinteiro de corno, e J. C. Machado a toda a gente o xarope de dormideiras da sua *crítica bem creada;* subi comigo a esta tribuna da instrucção barata, ao alcance do povo — que não sabe ler — e se do alto d'este observatorio vos não extasiardes ante o panorama maravilhoso que os vastos campos da civilisação apresentam á vista dos philosophos — da eschola de Diogenes — declaro á face

da Europa culta que sois uns espiritos carcundas, verdadeiros aleijados na alma, incapazes de vos elevardes até ás alturas da philosophia d'este seculo e, como taes, indignos de ler este folhetim.

Ai de vós! ai de vós, malsinados, que não sabeis metaphisica, que não ledes Kant, que chamaes a um homem um homem e não uma personalidade, e credes piamente que em Coimbra não ha revistas possiveis.

Não eu assim. Eu creio na fé do que ha de mais sagrado, desde o lapis do Bedel até á pasta do ministro da marinha, eu creio firmemente no orçamento e no folhetim, nos caminhos de ferro e no theatro de S. Christovam, nos festejos nacionaes e na ressurreição, pela biografia-luminaria, da Litteratura Portugueza.

Eu creio no ceu e na terra: em Deus e no bello; na religião e na litteratura; nos lazaristas e na *Revista Contemporanea;* no padre sancto e no Senhor Biester.

Por isso escrevo este folhetim. Se eu não julgasse Coimbra o centro do paiz; o foco soberano d'onde tem de irradiar a luz da civilisação sôbre toda a nação; a molecula central da grande recomposição da vida nacional d'este povo; se eu não tivesse fé viva em que todo o futuro está aqui; que Coimbra está guardada para ser a grande norma, o modêlo, o corpo de que o restante Portugal não será mais que a sombra, um pallido reflexo; se não me inspirasse o Deus do futuro, a convicção de que ainda virá tempo em que a batina e o gorro sejam a inspiração ideal de todo o janota digno d'este nome (como já hoje fazem as delicias dos estudantes de Evora), o tamanco e o serguilho da servente, o figurino das elegantes de Lisboa, Porto e Villa Nova de Famalicão, e as musicatas no Jardim Botanico em beneficio do Asylo, o typo ideal de todas as charangas

futuras; se eu não cresse em tudo isto, e em muito mais ainda, vasava o meu tinteiro na calva cynica da Opinião Publica, e soltando aos quatro ventos do ceu as imprecações da minha agonia, esmurrava os bicos da penna nas ventas do edictor responsavel. Eu sou assim. Ou Cesar ou João Fernandes. A não fazer as chronicas do imperador dos Botucudos, quero escrever as revistas de Coimbra.

Mas que revistas? Eis o ponto: só espiritos-wagons, almas a vapor, intelligencias electricas, quero eu que partilhem, n'esta patuscada scientifica, a boroa da verdade, e sôbre o fundo da mesma pipa comigo communguem no salpicão das grandes theorias!

Isto sim: com gente d'esta me entendo eu. Qualquer, que das mãos de Deus tiver recebido um dedal que seja de azeite espiritual, chamado razão, conceberá facilmente, que sendo Coimbra o centro aonde vem convergir os mais conspicuos luminares intellectuaes do paiz, desde a Pampilhosa e Venda do Porco até Cassorrães e Braga, não ha que admirar que aqui se resintam os espiritos das últimas commoções eleitoraes, da lucta ferrenha das ambições gigantes, que como medonha tempestade assolaram, nas últimas eleições para juiz eleito, aquellas interessantes populações. Os interesses da Pampilhosa e de Braga, têm aqui os seus representantes. Que muito pois, que o folhetim analyse e discuta as últimas inspirações da banza dos Lamartines saloios, inspirações, que recebidas e archivadas, como memorias do coração, por mais d'uma Elvira de foice roçadoira, terão feito rebentar d'inveja o barbeiro ou o sacristão, os Mirecourts e Planches d'aquellas boas terras? Que muito pois, que a critica aqui se resinta da agitação dos grandes problemas littera-

rios, que, na defesa ou no ataque, se agitem freneticos os corrilhos litterarios do marrare da meia porta, Louvre esplendido dos beirantes? Creiam-no as damas de Travanquinha ou de Travanca de Panellas! Não ha uma só intriga, por mais recondita, por mais protegida pelas medas do trigo nas eiras, mais zelada pelas hortas, amigas dos amantes, creiam-no! Não ha um só beijo impresso por atrevido cavalheiro n'essas faces rechonchudas e vermelhudas, como as mais bellas maçans rosadas do pomar do vosso padrinho, o padre cura, que não seja commentado, surriado, exaltado, ou amaldiçoado pelos representantes n'esta terra da boa sociedade de Travanca, por esses, que ainda longe, tanto zelam a dignidade e lustre do seu patrio borralho.

Fique-se pois entendendo. Em Coimbra, n'este grande Maelstron, não ha uma só intelligencia que não sympathise, com tudo quanto a este paiz disser respeito — eleições de juiz de paz, cacetadas, cavallos ou feiras, tudo aqui tem intelligencias abertas que comprehendem tão momentosos interesses.

Uma revista de Coimbra, em todo o rigor do termo, é o boletim do movimento do paiz, na ordem politica, desde a questão do orçamento até á suspensão do regedor da Palhoça; na economia, desde a questão dos cereaes até ao abatimento de 10 réis no quartilho do tinto; no mundo intellectual, desde os *Contos ao Luar*, até ás chronicas da *Revista Contemporanea*.

Assim o tenham entendido os futuros revisteiros (1).

(1) Assinado: *Vasco Vasques Vasqueannes*. Publicado no Gremio Alemtejano, semanário académico conimbricense, n.º 4, ano I. (Quinta-feira, 31 de Outubro de 1861.) *(N. do ed.)*

O QUE TODA A GENTE VÊ
OU A POLITICA N'UMA LIÇÃO

Um dia um certo numero de individuos reunem-se na praça publica:

Concorre gente.

E começam a gritar:

A gente apinha-se.

Uma terça parte garotos e vadios,

Outra, mulheres,

O resto, gente que vem ver — para rir — julgando que serão bebados).

Ora um d'estes individuos sobe aos hombros dos outros e diz:

— O Povo geme! —

A multidão agita-se.

— A Liberdade é um direito santo!!

A multidão freme,

— O Povo quer ser livre!!! —

A multidão urra

— Derrubemos os tyrannos!!!! —

A multidão rue.

Ora, outros individuos estão reunidos n'uma grande casa e dizem:

— O povo geme —

Logo, augmentem-se 5 por cento.

— A liberdade é um direito santo —
Logo, venha a censura.
— O povo deve ser livre —
Logo, triplique-se o exercito
etc. etc. etc.

Outros applaudem, e um copía estas falas n'um grande papel, que se imprime, consta, que para desfeitear a grammatica.

Ha quem bocêje.

Em quanto isto se passa, o rumor dos homens da praça aproxima-se: os da casa, ouvindo-os fecham as portas; os outros bramem fóra.

N'isto, outros homens vestidos de furta-côres apresentam-se e marcam passo.

Depois, ao toque d'um instrumento de latão, e cahindo sobre os outros, disparam varios tiros para o ar.

Alarido e confusão.

Temos aqui dous casos a considerar.

Se os primeiros levam a melhor n'este exercicio, abraçam-se uns e outros, grita-se muito, consomme-se mais vinho; surgem Demosthenes, saqueia-se, arromba-se.

— E diz-se que o Soldado fraternisou com o Povo em nome da liberdade: viva o Povo e o Soldado! —

Ha luminarias no palacio da Camara-Municipal.

Os homens da casa grande evacuam a salla: os da

praça tomam-lhes os logares e começam a entrar na grande via das reformas.

Do seguinte modo.

— O povo gemeu —

Logo, augmentem-se 10 por cento.

— A Liberdade foi um direito *santo*... —

Logo, venha a censura e a multa.

— O povo deve ser livre —

Logo, tripliquem-se o exercito e os cabos de policia.

Outros copiam e imprimem, para pregar uma peça á grammatica e ao senso commum.

Muita gente dorme; alguns ressonam.

Se os segundos (os da casa) levam a melhor, então passam-se as cousas d'um modo muito differente:

Arromba-se, saqueia-se, surgem Demosthenes, consomme-se mais vinho, grita-se muito.

Os da casa dizem: «o governo destruio as 100:000 cabeças da hydra fatal da anarchia: fez reinar a ordem como convem a um governo forte, amante d'uma bem entendida liberdade: viva o Povo e o Soldado!» —

Alem de tudo isso:

Põe luminarias o palacio da Camara Municipal.

Ora, no primeiro caso, os homens da casa grande vão para a praça publica.

E dizem:

O Povo geme! —

A liberdade é um direito santo!

etc. etc. etc.

Apinha-se gente; vem os de furta-cores; tiros no ar; alarido e confusão.

Se são vencidos diz-se: — Reina a ordem em despeito da anarchia: viva o Povo e o Soldado! —

Se o contrario — A Liberdade derrubou ainda mais uma vez a fortaleza da infame tyrannia: viva o Soldado e o Povo! —

etc. etc. etc. e assim seguidamente.

Ora, a tudo isto se chama Sciencia Politica, ou arte d'administrar os interesses geraes,

Em proveito dos próprios (1).

(1) Assinado: *Vasco Vasques Vasqueannes.* Publicado no n.º I (1 de Novembro de 1861) do TIRA-TEIMAS, semanário fundado pelo então estudante Rodrigo Veloso. *(N. do ed.)*

A JOÃO DE DEUS

Como ha para cada latitude uma estrela, para cada estrela uma luz sua, ha para cada evolução da Arte uma forma propria, unica, perfeita.

A forma completa do lirismo *puro* é o Soneto.

A *Ode*, como a flor esplendida do cátus, abre aos quatro ventos do entusiasmo as suas pétalas brilhantes, fortes, ardentes como os voos altivos, mas seguros, do genio que julga o espaço seu e tenta avassalar o mundo.

Aquela pompa deslumbra: mas quando o vento da tarde passar, talvez vá achal-a pendida sobre os espinhos da áste, semimorta, sem que do esplendor da manhan lhe reste mais que a túnica de púrpura já desbotada, em que se envolve como uma rainha decaída no manto da sua antiga realeza.

Imaginação luxuriante, profusão de ideas, babel confusa de mil elementos encontrados — como reduzir tudo isto á unidade, ao simples?

Impossivel. Aquela forma veste uma substancia: é manifestação verdadeira e exáta duma evolução da Arte: mas reduzil-a á simplicidade, ninguem o pode fazer, por que a substancia daquella forma é complexa, como o mundo que a gerou. Não é o lirismo *puro*.

Entre o Mosteiro da Batalha e essa selva gigantesca de colúnas, ogivas, abobadas, portáes, chamada Cate-

dral de Strasburgo, ha toda a differença que vai do simples ao complexo, do belo ao grandioso.

Ora o lirismo — o lirismo puro e estreme — vive do belo e não do grande, de simplicidade e não de profusão: o sentimento é *um* — simples — por que é a parte eterna, imutavel, divina do homem: o olho com que vemos a Deus, a mão com que lhe palpamos o seio. A intelligencia, a fantasia, são complexas, profusas, multiplas, porque são o mutavel, o progressivo, a porta por onde nos entra o mundo, o pulmão com que aspiramos e respiramos o universo, o imenso.

A Catedral de Strasburgo é a grande obra da arte humana, o trabalho de mil inteligencias, o pensamento da humanidade numa época da sua vida; um Faust de estrofes de marmore. O Mosteiro da Batalha é a tocante tradução do sentimento eterno da alma, da aspiração imutavel a Deus, ao Amor-unico, um Evangelho escripto a escopro e buril: uma é ainda a terra; o outro é já o ceu.

Pois bem: a *ode*, o lirismo de cabeça, aonde se espelha o universo, será a Catedral da Meia-Idade; mas o *soneto*, o lirismo puro da alma, a idea que traduz o eterno sentimento, é o Mosteiro da Batalha.

Por que?

Por que ha uma forma para cada idea: por que o vestido deve ajustar-se ao corpo, por que cada estátua tem o seu molde diferente.

Qual será a forma do simples? A unidade. O que corresponde ao sentimento? O simples.

Atiremos com uma peça de pano aos hombros deste *nú* e vejamos o que sáe...

O Sentimento não se define: é indefinido; vago; misterioso; aspira, e não sabe o que quer; sonha, e não vê as visões do sonho; chóra, e mal sabe o que são lagrymas; corre, e não conhece a terra que pisa; ora, e não sabe que Deus lhe escuta a prece; exulta, ri, entristece, sisma, e não conhece quem lhe dêo tristeza ou alegria.

Eil-o aí o *nú*, vergonhoso e timorato, fugindo a luz e o ruido, occultando-se no fundo da alma, como em abrigo profundo o desconhecido.

Daqui, até que apareça á luz do dia, vestido e um pouco proprio para a sociedade, ainda timido e saudoso de retiro, sim, mas, finalmente, já um tanto desafrontado e senhor de si; desde que o tirem do seu abrigo, até o trazerem para a assemblea dos homens, por quantas transformações, por quantas mãos não passará elle?...

Vejamos como se veste o *nu*, para conhecermos que vestido lhe vai melhor.

Assim:

O Sentimento é o que ha em nós de mais irreflectido, mais fatal (ainda que, por outro lado, mais livre); na alma do homem, é — o instincto da alma —. Quando o poéta sentiu, na primeira noute em que ergueu ao céo os olhos do espirito, agitar-se-lhe dentro o hospede estranho, ficou como que alheio ao mundo e a si, e mal soube da visita do desconhecido.

Mas, quando uma e outra vez e muitas vezes, sentiu tomarem-lhe a mão e levaram-no pelos espaços ideaes a novos e estranhos mundos, olhou em roda, por ver a face ao guia misterioso. Não o vio; mas, no silencio da noute ouviu dentro de si um sussurro brando e sumido como o da agua entre os arbustos,

como confidencia de amores dita baixinho e em segredo.

E então prestou o ouvido e escutou.

O que significa isto? o que é este inclinar-se do poeta sobre o fundo da sua alma, interrogando-lhe os écos, escutando-lhe as vozes que lá dentro murmuram mal-distinctas?

É o homem que começa a ter consciencia do sentimento:

É a intelligencia querendo penetrar n'alma:

É o dedo que se põe sobre o coração, para lhe sentir o pulsar:

É o poeta que *se* interroga.

E o *nú* oculta-se, disfarça-se, foge, não se deixa apanhar; mas o olhar prescrutador segue-o por toda a parte, vai-lhe em cima a cada retirada, fita-o nos cantos mais obscuros, e não podendo segural-o, ao menos *estuda-lhe* as feições, *toma-lhe* os modos, aprende-lhe os geitos escuta-lhe as falas e, juntando tudo isto, forma um todo, mais ou menos semelhante, mais ou menos disforme, mas, em todo o caso, retrato que vae pendurar na camara mais bela, mais escolhida da casa, como no melhor lugar do oratorio se guarda a reliquia mais sagrada.

Primeira transformação, pois, do sentimento. O poeta toma conhecimento do que lhe vae n'alma: estuda-se no intimo: tem consciencia dos fátos instintivos do espirito: e a intelligencia retrata, como pode, esse estranho que lhe entrou em casa, a quem quer por força conhecer.

A intelligencia forma *idea* do *sentimento*.

Eis aí o nosso *nú* trazido á praça.

Desde que se apossou dele a inteligencia, não parece o mesmo: assaltam-no estranhas veleidades, caprixos desconhecidos. Ele o sismador, o *solitario*, recorda-se do *vae soli* e lembra-se de comunicar com o mundo, de se mostrar um pouco á luz do dia.

Caro lhe custa o caprixo! Quanto não perdeu ele ja com passar de sentimento ao estado de idea! Quanto não perderá agora passando de idea a fáto!

O seu belo *todo*, já o vimos desfigurado no retrato que inabil fotógrapho lhe tirou: desse pouco, que lhe resta, lá vai ainda perder o melhor, lá se vai envolver na *forma*, lá vai cobrir-se com vestido... ele... o *nú!*...

Por que é preciso vestil-o; e toda a questão está nisto. Vestil-o! pois o que tinha ele de melhor senão a sua nudez, a liberdade de movimentos, tão indefinidos, tão vagos, tão belos?!...

Tudo isto lhe vai cubrir o detestavel vestido:

O sentimento é o misterioso, o escuro, o vago.

A inteligencia, o claro, o preciso, o definido.

Para combinar estes dous termos, quanta dificuldade e, o que é peór, quanto perdido!

Mas ao menos a idea, sendo já não má, pode, ainda assim, existir desnudada: mas a forma! não só é clara, precisa, mas, mais que tudo, é *vestido*.

Procuremos pois ao sentimento, pelo menos, vestidura que o não tolha, que lhe não encubra as belezas, que o deixe senhor de si; finalmente, vestido que lhe vá bem, e esse só pode ser um — Escolhamos:

Aí temos pois o sentimento reduzido a idea, á procura de forma.

Vejamos as transformações por que passou para, em vista delas, lhe escolhermos uma propria.

A intelligencia, tomando conhecimento do sentimento, caminhou gradualmente; primeiro um lado, depois outro; agora esta face e logo aquela: assim se foi a idea desenhando, até que juntas essas partes se formou um todo, a *unidade.*

Comtudo essas partes são homogeneas, como homogeneos são os ramos que se ajuntam num tronco commum: é como se um pintor estudasse uma cabeça — ora de perfil, depois de face, o olhar, o rir, o labio, a fronte, tudo por sua vez, e ultimamente então fizesse o retrato.

Assim, pois, a forma deve ser tãobem uma só: talhada de uma unica peça; da mesma natureza; mas que comece por cobrir bem cada parte, e depois cubra o todo e o envolva.

E que ha no soneto? Uma unidade perfeita: desenha-se cada idea parcial de per si, mas não tão independente das outras que não haja entre ellas relação, até que afinal, juntando tudo num só se apresenta por todos os lados simultaneamente, como em resumo, o fecho — *chave d'ouro!*

Daí, unidade. E simplicidade? Toda: as partes conservão estreito laço entre si: é só um sentimento, só uma a ideia; não são varias, mas varios lados: a unidade final funde-os num todo.

Resumindo:

O sentimento desenha-se de perfil, aos poucos, gradualmente;

A forma acompanha essa evolução: segue-a em cada manifestação parcial.

Desenha-se, por fim, todo, e forma-se delle ideia precisa ou, pelo menos, completa;

A forma amolda-se a esta reconstrução, e resume-a igualmente, como que fundindo as partes no todo.

O sentimento é *um;*

A forma, pela precisão, a que apresenta maior unidade.

É *simples.*

Ainda a estreiteza della não permitte abraçar mais que o preciso: tudo o que for estranho, regeita-o porque o não póde conter.

Esta é, pois, a forma lirica por excelencia: o manto alvo e casto com que tem de se envolver, para ver o dia, aquellas partes mais pudicas, mais melindrosas, mais puras da alma.

Fazer do soneto o molde onde o cerebro só despeje o que concebe independente da alma; as visões da fantasia, apenas; é desconhecer-lhe a natureza, é dar á boemia das praças publicas o vestido, a cintura da virgem.

Esta é a forma superior do lirismo do coração.

Nella tem vindo todos os grandes poetas vasar o que tinham de mais puro na alma, quando, muita vez, cançados, talvez exhaustos de imaginação e de ideia, sentiam, todavia, transbordar-lhe o coração, como se tivesse, semelhante ao lago que recebe e nunca vasa, muito e muito ainda para dar, mas que, á falta de quem lho receba, guardasse secreto em si. Recebeu-lhes, então, o balsamo mais puro de suas almas esta forma generosa e profunda. Dante, Miguel Angelo, Shakspeare, Camões, admiram-se nas grandes, nas immensas manifestações de suas intelligencias, o Inferno,

S. Pedro, Othelo, Lusiadas: mas conhecel-os, amal-os, só onde esta forma bella e pura lhes prestou molde onde vasassem os sentimentos mais intimos de suas almas. Ali, admira-se o Artista, mas aqui ama-se o Poeta: ali arrebata-nos o entusiasmo, mas aqui rebentam-nos as lagrymas.

Os Lusiadas são a epopeia dum povo; ser-lhe-hão tambem epitafio quando com a sua mão Deus lhe apagar o nome dentre as nações. Mas qual ha poema de soffrimento que iguale este final do soneto CLXXVII:

> Triste o que espera! triste o que confia!

Onde ha epitafio, que melhor narre ás gerações a vida pelo amor daquella alma nobre, do que este (XIX)

> Alma minha gentil que te partiste...

Os Lusiadas são a epopeia do povo: mas a epopeia do Poeta é aquelle livrinho apenas lembrado dos Sonetos.

Um é o monumento da nação; outro o do homem: os Lusiadas escreveu-os o Soldado: mas foi o poeta quem chorou os Sonetos. Quem falla ahi em colunas e estatuas? Camões não se vé, não se funde, não se palpa: sente-se! Que melhor retrato, que maior estatua quereis de que estes versos (CX):

> E vou de dia em dia, d'ano em ano,
> Após um não sei que, após um nada,
> Que, quanto mais me chego, menos vejo.

Depois desta, que elle por suas mãos fundiu, ninguem lhe vá tirar as feições!

Esta grande forma estava perdida: sumiu-a um dia Bocage, em meio do delirio dalguma orgia *poetica*, e, tam longe a arrojou, que bem custoso foi achal-a depois. Lembrou-se ainda della, já quando as *grandes sombras* lhe vinham do ceu descendo sobre a alma, a envolvel-a, para que no caminho não podesse olhar a terra e perdesse de todo a lembrança deste desterro. Foi sublime aquella reminiscencia! mas a troco de quantos esquecimentos não veio ella?!

Achou-a, depois, um homem — um poeta — digo *poeta*, porque o esquecimento do seu nome é, nesta terra, a sua melhor coroa: a gloria aqui é ser esquecido, porque poetas — *poetas* não ha cá quem os intenda...

João de Deus restituiu-nos o *Soneto* como elle é, como deve ser: a — forma superior do lirismo —. Sem este laço atravez dos tempos, quem poderia achar aquella forma, para nol-a restituir em toda a sua pureza? Certo que não seriam os Castilhos, nem os Lemos, nem...

De Camões até hoje é grande o salto: só alma gémea da do amante de Natercia, poderia assim transpôr o abismo de tres seculos. É-o. Á terra fecundada por Camões custou-lhe e conceber tamanho *monstro!* Gemeu nas dôres e na fronte do poeta bem se divisam angustias que a mãe deu em legado ao filho, e as maiores ainda que lhe deixou seu *Pae*... mas, João de Deus! quem renegará seu Pae?!

Dezembro 1861. (1)

(1) In-*Sonetos de Anthero*. Editor Sténio. Coimbra, Imprensa Literária, 1861. In-8.º de XII-23 pág. Reproduzido da reedição: *Anthero de Quental — A João de Deus — Com duas palavras de Joaquim de Araujo*. Génova, 1897. *(N. do ed.)*.

REVISTA LITTERARIA DE COIMBRA

1861

Ora ahi vão, casadas á face da imprensa, por mãos do grande apostolo do seculo — o jornal — duas palavrinhas de má catadura, que, ou eu me engano muito, se vêem com tão bom olhar como, em geral, os casados dos romances do sr. Camillo.

Litteratura e *Coimbra!* Paradoxo! dirá o meu leitor, pessoa honesta e amante do verdadeiro, a quem já por curiosidade mostraram um lente da universidade: heresia! dirá ainda, se a esta ventura juntar a immensamente maior de possuir, ao canto da sua cosinha, umas cartas de bacharel.

Paradoxo e heresia: será: mas façam por minha intenção o sacrificio de ler o que a tal respeito diz o sr. Castilho na biographia da Emilia das Neves: leam, e digam-me depois se acaso viram já catalogo de livreiro mais recheadinho de nomes, destes a que, sem offensa de mil outros, chamaria um bibliophilo — o lustre das lettras patrias? —

Não vae ás Camaras requerimento dos povos da Pampilhosa ou Carrazeda mais gordo, mais longo, mais bem nutrido de nomes votados á posteridade dos palleographos!

Pois tudo aquillo são litteratos! e de Coimbra!

Litteratos preteritos e presentes: litteratos futuros e,

diga-se tudo, até destes que, por tanto sublimar-se, deixam de caber nos limites do tempo, e não são, por conseguinte, nem passados, nem presentes, nem futuros... litteratos infinitos!

Ora infinito (salvo o epigramma) ia eu dizendo ser o *rol* do sr. Castilho: póde a gente regalar-se de ver como brotam viventes e sadios os pimpolhos da arvore poetica que ha bons seculos se nutre nesta ubera terra da Cindazunda: e o mesmo dito sr. Castilho, se não fosse tão modesto como quem é e o nós conhecemos, bem nos podia ter dito que tambem cá teve o seu enchertosito... o maganão!

Esta auctoridade, e outras que o erudito amante das coisas patrias achará facilmente nos diccionarios bibliographicos e no cartorio municipal do seu concelho, vem aqui á laia de mordaça, para tapar a bocca a ruins praguentos, que não sabem, como manda a civilidade e ainda a moral christã, ter a deferencia necessaria para o que é por tantos titulos credor da nossa delicadeza.

Eu por mim, pachorrento admirador de tudo quanto me cheira a genio (1); respeitador habitual do que é, por sua velhice, digno de reverencia e, como diz o poeta,

... Rude amador d'antigos sonhos,

não deixarei passar este dia ultimo do anno sem lançar um olhar de magoa saudosa para o passado, e fazendo a resenha dos 365 dias decorridos mostrarei á Europa inteira que 365 dias não passam debalde sobre o ce-

(1) O auctor destas linhas exceptua o Genio do Mal... por cheirar de mais.

rebro de uma geração; que houve por aqui muito quem aproveitasse as horas em proficuos passatempos; que a litteratura, essa flor do espirito, vegeta nos areaes do Mondego, qual em outro Sahará; que os rapazes são mancebos esperançosos por isso que os mancebos esperançosos são rapazes; que, finalmente, Coimbra não renega das suas tradições e é e será sempre a mesma Coimbra dos bons tempos, a leal e velha cidade do santo rei Diniz, e quem sabe mesmo se ainda a do rei Atáces, vandalo de nome, caracter e nascença: isto demonstrarei e outras mais coisas, em despeito de ruins invejas e erradas philosophias e quejandas modernices. Ver-se-hão aqui confundidos os praguentos, e serão seus nomes o opprobrio e a fabula das gentes, como o do calumniador da Biblia.

Porque são calumnias: e senão digam-me; já viram erguer-se sobre as cinzas mal esfriadas dos irmãos maior numero de jornaes? Já viram succeder-se com mais rapidez uns aos outros os projectos, os planos, as tentativas, e com tal fogo que atropelando-se, não é possivel realisar um só? Já viram mais lindos fogos fatuos, mais graciosos perilampos, mais ephemeras e brilhantes flores?

Ha viver e morrer: diziam os nossos antigos na sua prudencia: pois aqui é que se realisa plenamente o grande mote da sabedoria de nossos avós: aqui é que é morrer! a morte é o termo de tudo; morramos pois, escusamos de viver que isso é gastar tempo!

Não se julguem estes encomios filhos da amisade e não de um justo amor da verdade e do merito: ahi vão provas.

Vimos, durante seis mezes, brilhar no ceu litterario (que elle é um ceu aberto!) desta boa terra, o *Phos-*

phoro, que nos mostrou seu clarão pallido sem jámais tomar fogo, como prudente, sem soltar uma unica faisca, portando-se finalmente como os melhores phosphoros chamados *amorphos*, isto é, incapaz do menor incendio: podia ser usado em todos os misteres da vida domestica sem o menor perigo; em summa, phosphoro recommendavel a todas as cosinheiras assizadas e entendidas.

Curto reinado em tempo, não o foi assim nos prestimos; como a

Que depois de ser morta foi rainha,

conservou a realeza além da campa: ainda hoje faz relevantes serviços, e phosphoro que foi, ainda continúa a servir para mechas, valha a verdade.

Quereis, porém de preferencia, jornal galhofeiro, sem ceremonia, verdadeiro ratazana dos jornaes? ahi tendes o *Tira-teimas!* Isto sim que é obra aceiada com que a gente pode rir-se horas e horas a bandeiras despregadas! Parece que com elle resurgio do esquecimento a boa chalaça á portugueza velha, aquella que só de capote de portas e calças de saragoça se póde dizer, e de que ainda se lembram em Braga os bons velhos entre uma pitada de simonte e um suspiro solido e macisso de estreme satisfação! É Philinto e José Agostinho! o verdadeiro typo do espirito nacional o *pandant* necessario de Manuel Mendes Enxundea. É muito lido em Condeixa. Agora se vos não agradam os risos, se á galhofa preferis a sciencia, grave e profunda como um mocho, cujo é symbolo, as grandes questões economicas e sociaes, ahi tendes o *Gremio Alemtejano.*

O sabio comprimento do titulo logo deixa advinhar o fim a que se destina. São altos os seus intuitos. Toma á sua conta nada menos que a pobre provincia do Alemtejo, e jura que ou morrerá na lide honrosa, ou tanto tiro civilisador lhe ha de disparar sobre as nuvens de ignorancia que a offuscam, que a final dissipará todo o negrume, deixando apenas escurecido o ar pelo fumo da mosquetaria. Pretende, outrosim, introduzir na terra que tomou para a sua alma, a philosophia doutrinal, grave filha do industrialismo e da constituição ingleza. O seu estylo é solido e elegante como a architectura de um celeiro inglez. Com tão rijo arado não ha que pasmar se em breve virmos convertidas as charnecas transtaganas em bellos prados... artificiaes.

Mas se ainda não vos satisfaz toda esta rijeza de idéa, ahi tendes o *Instituto*. Mais solido do que isto é que não ha: se ainda assim não vos contenta, deixae-vos de lettras, que sois capazes de mastigar e digerir o granito.

O romance *Um Poeta*, apparecido em abril de 61 é digno de lêr-se pela boa collecção de cartas que encerra: ha muito quem o prefira, para modelo, ao guia e conselheiro dos amantes.

Esperamos todos anciosamente pelo livro *Os amantes do Bosque*, producção de um membro do illustrado clero portuguez. Este romance ecclesiastico, promette immenso, pela moral que de cada pagina lhe ha de rescender: as scenas de amor honesto dos amantes no bosque destinam-se principalmente, ao que parece, á edificação das meninas solteiras.

Resta fallar do ultimo livro saido dos prélos de Coimbra. O seu auctor me perdoará o trazel-o aqui

em extremo logar: mas, além de que me pedia o espirito guardar para descançar, após esta triste perigrinação, um oásis aonde bebesse com o goso o allivio e as crenças, é uso velho despedir primeiro os importunos, para receber com mais socego as pessoas cuja companhia prezamos. Fallo das *Primicias* do sr. Santos Valente: um livro de versos, de 200 paginas, que nos consola de termos lido certos versos em muito livro de 400 ou 500. Um anno litterario que se termina com um volume como este, não é certamente perdido nem ainda desaproveitado para a verdadeira arte. É um livro de poesia; não desta que nos espalha no caminho da vida, como rosas colhidas por mão de virgem, o amor crente e ingenuo dos vinte annos, a fé candida de uma alma que julga o mundo pelo que dentro lhe reflecte o puro espelho de uma crença confiante, as illusões da vida, finalmente, ou melhor, essas grandes realidades do céo, bellas e eternas, mas que a terra, limitada e imperfeita, não quer acceitar. Não é dessa poesia, porque sobre a face do poeta já passaram rajadas desse vento frio que varre o mundo de polo a polo neste seculo de duvidas; mas daquella que se aprende chorando e sorrindo, entristecendo e exultando, entre a crença e a duvida, ora voando ao céo levado nas azas de uma esperança infinita, ora caindo de chofre sobre a terra, attrahido pela fascinação da voragem que se abre sob os pés.

O canto ressente-se da fluctuação da alma, deste ir e vir entre céo e terra, e por isso mais de uma vez os sorrisos que abrem os labios, de quem fita as alturas, gelam ante a angustia, mesmo o terror, de quem, fitando o mundo, julga ver apenas trevas e horror no fundo da voragem. Entre isto e a poesia dos vinte annos

medeia a distancia que vae de um monologo de Hamlet a uma pagina de Paulo e Virginia.

Mas tambem como é bella a crença, quando vem assim a custo de padecimentos! Que differença entre o labio que sorri, porque nunca soube o que seja blasphemar, e o olhar que se ergue ao céo, quando após a treva longa e affictiva, vê alfim a luz tão anhelada! A fé alli tem toda a superioridade de ser responsavel e livre, sobre o innocente sem consciencia: o premio veiu mas a troco de longo trabalho: é por isso mesmo que é premio; o outro era apenas goso.

As Trevas, é uma das poesias que melhor demonstram o que levo dito: o poeta fita o mundo pelo escuro, e achando-o nú e ermo, quasi o repelle de si com terror: mas nas trevas, a idéa de morte, que a principio lhe parecêra vacuo e nada, brilha repentinamente com o clarão da immortalidade! Então, curvando o joelho, adora o Deus que desentranha da morte finita e contingente a vida superior e unica, ama-o, e em nome delle abençoa a treva, que não é mais que a percursora da eterna luz;

Mysterio! horror! só trevas,
No monte em grupo eterno!
Noute! lá vejo o inferno!
Noute! e ao ceu me elevas!

Em quanto ao estylo, parece-nos ser o que melhor vae a taes assumptos. Clareza extrema, simplicidade, transparencia de phrase vão bem ao amor puro e confiante, que como o rouxinol a adormecer a sua companheira, se desentranha em ondas sonoras, estrophes luminosas e brilhantes como um dia de primavera: mas a esta poesia grave e profunda, mais do norte que do sul, mais da cabeça que do coração, por isso mesmo

complexa, que melhor forma lhe caberá do que a phrase concisa e energica, a imagem rapida mas grande, como na Biblia, certo mysterio, certa profundidade? É a forma como um vestido: tal o corpo, tal a vestimenta; que tem de o envolver.

Quanto á phrase, a primeira parte do livro, aonde o auctor se mostra sabedor da lingua do Horacio, versificando nella, como se nascêra dois seculos antes, no tempo dos Paivas e dos Macedos, é garantia segura de que os foros da lingua serão respeitados com aquella veneração de quem lhe conhece os direitos. Quem tão bem sabe dos segredos da mãe, não póde ignorar a natureza da filha.

Quizeramos que o auctor tivesse excluido da sua collecção certas poesias, que sem terem falta de merecimento, comtudo, pelo assumpto estranho ao geral do livro, impedem que a unidade que nelle reina appareça distinctamente: taes são — *A Tarde*, *Nem um beijo?* *O lyrio.*

Peza-nos não podermos demorar mais na analyse do livro: mas não terminaremos sem primeiro aspirar a poesia de uma feição particular delle. É o *Album* aonde, como em serão de familia, juntou os seus amigos exigindo-lhe a grata contribuição de um canto, um pensamento, uma destas flores que só mão de amigo póde ir colher n'uma alma de mancebo. Aquelle aperto de mão, dado alli como em logar solemne, ante o publico, como fazendo-o testimunha do juramento de fidelidade á bandeira santa da arte, tem tanto perfume de mocidade, de vida, que nos encanta como uma boa acção.

Ultimamente o prologo do sr. Germano Meyrelles parece-nos digno portico por onde se penetre neste templosinho da arte. Ha talvez alli poesia de mais

para escripto didactico; muita imaginação, estylo amplo, como a eloquencia asiatica: o que no romance, na obra de phantasia fôra bello, alli póde tolher o passo ao raciocinio, mais sobrio sempre: mas quantos não quizeram peccar com elle, assim por excesso? É um defeito que só accusa fecundidade: antes assim!

Está fechada a revista litteraria. Passo em silencio os livros da sciencia, por que nem cabem neste escripto, nem tão pouco carecem de ser lembrados em folhetins livros como os dos srs. Macedo Pinto e Costa Simões, homens energicos tanto como sabios, que ainda tem força de serem aqui dos poucos a quem cabe o nome, tão bello como profanado, de *homens de sciencia* (1).

Coimbra — Janeiro, 2 de 1862.

(1) Assinado: *Raymundo Castromino.* Publicado em folhetim na *Revolução de Setembro,* n.º 5:915, de 26 de Janeiro de 1862. *(N. do ed.)*

A INDIFFERENÇA EM POLITICA

I

Um dos peores simptomas de desorganisação social, que n'um povo livre se póde manifestar, é a indifferença da parte dos governados para o que diz respeito aos homens e ás cousas do govêrno, porque, n'um povo livre, esses homens e essas cousas são os symbolos da actividade, das energias, da vida social, são os depositarios da vontade e da soberania nacional.

Que um povo de escravos folgue indifferente ou durma o somno solto em quanto em cima se forjam as algemas servis, em quanto sôbre o seu mesmo peito, como em bigorna insensivel se bate a espada que lh'o ha de trespassar, é triste, mas comprehende-se porque esse somno é o da abjeção e da ignominia.

Mas quando é livre esse povo, quando a paz lhe é ainda convalescença para as feridas ganhadas em defeza d'essa liberdade, quando começa a ter consciencia de si e da sua soberania... que então, como tomado de vertigem, desvie os olhos do norte que tanto lhe custára a avistar e deixe correr indifferente a sabor do vento e da onda o navio que tanto risco lhe déra a lançar do porto; para esse povo é como de morte este symptoma, porque é o olvido da ideia que ha pouco ainda lhe custára tanto suor tincto com tanto sangue,

porque é renegar da bandeira da sua fé, porque é uma nação apostata da religião das nações — a liberdade!

Não! uma nação não póde, como um individuo hallucinado, tornar-se sceptica a ponto de descrer da propria vida! Não póde como o viajante cansado, assentar-se á beira do caminho, attento só ao bem estar d'uma hora, sem que lhe importe quem vem e quem passa, indifferente como a estátua do somno! Não póde porque as nacionalidades não descrêm, porque ao povo não podem esquecer as dores e as lagrimas que lhe custaram cem combates, para que como filho o adoptasse essa mãe robusta dos povos — a Liberdade —.

Quando se disser: — na cidade ou nos campos, na capital ou na aldeia, na praça ou na familia — quando se disser: — uma rede cujas malhas se forjam em Roma ou na Allemanha, que importa? — todas as tyrannias se conhecem, todas são irmans, todas se estendem mãos e braços — uma rede, subtil como a hypocrisia, rija como a tenacidade, mysteriosa como o sigillo, estendendo-se pela França, Italia, Hespanha, apertando e involvendo seio dos povos até lhes paralisar o curso do sangue, tenta tambem estreitar em suas malhas tenebrosas os braços dos homens que ha tres annos empunharam a espada em prol de seus foros de homens livres, comprimir os corações generosos que sabem conciliar a independencia e o amor de Deus, suffocar a vida da nação briosa que dá hoje á Europa lições de tolerancia e liberdade — quando tal se disser e se escutar, da choça até ao palacio soará unisono um brado de indignação, e não haverá mais indifferentes, porque todas as inercias, todas as inimizades, todas as facções desapparecerão fundindo-se n'um grande e nobre partido liberal que, agrupado em volta do throno consti-

tucional terá por missão defendel-o como a bandeira de sua fé, o labaro da sua religião politica!

Não que a reacção — nomeie o inimigo! — seja entre nós forte ou muito para temer. Não; o povo portuguez se em parte é indifferente, é todo elle bastante esclarecido, tem o siso sufficiente para não se deixar involver nas tramas insidiosas dos loucos que tentam restabelecer um passado impossivel, como se haja ahi pilha galvanica que dê vida a um morto!

Mas um vento pestilento sopra n'esta hora sôbre a face da Europa: lá a reacção tem fôrças porque se apoia no fanatismo do povo e na imbecilidade de governos estultamente conservadores.

É pois mister estar prevenido contra os sopros pestiferos d'esse vento de morte, que a má sorte nos póde cá trazer; é mister perder a indifferença para com o que de mais caro tem os povos; é mister sôbre tudo união nas fileiras do partido liberal, que deve saber sacrificar dissensões e inimizades no altar consagrado da patria (1).

II

Um povo de dormentes só nos cemiterios se encontrará; mas esses dormem um somno que nenhum perígo póde despertar, porque os mortos não têm que temer da terra.

Mas nós, em quanto a gleba do sepulchro nos não pesar no peito, a nossa missão é trabalhar. Trabalhar por alcançar o fim que nos diz a consciencia marcou Deus a cada homem: procural-o por nós, segundo nos aponta a intelligencia, livremente porque só é respon-

(1) Fim do 1.º artigo.

savel a acção livre, porque ninguem nos póde impor acção que vá contra o que considerâmos justo.

Mas quando se falla, já não do fim individual de cada homem, mas sim do fim d'uma nação inteira, torna-se mais palpavel esta necessidade de velar sempre, de ter sempre o ôlho aberto e mão no gladio contra tudo que se opponha a essa livre busca dos meios de realisar sua missão, tanto mais quanto é sómente na sociedade que cada individuo póde realisar as justas tendencias da sua natureza.

A aggressão d'um é injusta, porque todo o direito, fôra elle o de um insecto — a ter direitos o insecto — é sancto e inviolavel. Mas a morte moral d'esse não impedíra que vivessem e fôssem seu caminho os outros todos.

A lesão, porém, ao direito da sociedade, com um só golpe, paralisa o movimento de muitos, de todos: a mão que se ergue ameaçando uma nação, ameaça tambem cada um dos cidadãos.

Ora — digo eu — se cada um de vós tem sempre o ouvido á escuta para, ao menor ruido de passos estranhos na sua propriedade correr a soccorrel-a, haveis de ficar inertes quando um pé inimigo pisar e calcar o que é de todos, os direitos da nação? Quando alguem lesa a algum de vos lá tendes a auctoridade, ou o amigo, ou o vizinho para vos valer; mas quando o mal for de todos, quando nem auctoridade, nem amigo vos possa ajudar, não será mais terrivel essa lesão que não só vos tira o que é vosso, como ainda os meios de o readquirir, que vos defrauda e defrauda quem vos poderia soccorrer? não será peior esta lesão, e não deveis, pois, estar mais preparados contra ella que contra a outra mais remediavel?

Eis ahi por que razão não póde, não deve ninguem ficar indifferente ao que se passa no seu paiz, pois que esse mesmo indifferente cuida e zela o seu direito individual, e o direito de todos é ainda mais para zelar, porque o mal que vem da offensa d'elle é peior e quasi irremediavel.

Todo aquelle, pois, que pede e se cansa pelos meios de conseguir o fim da sua existencia, deve tomar tanto ou mais ainda a peito os meios de alcançar a sociedade, a nação, o fim que sempre tem um povo.

E qual é, entre todos, o meio principal, o essencial para que chegue um povo ao termo do seu destino? qual será a primeira condição para que alcance esse bem, a ordem, a justiça, o ideal, finalmente, das nações?

Não errará quem disser que é a *liberdade*. Com effeito, seja qual for o lado para o qual a mão de Deus vae levando as nações, seja qual for o destino que está marcado a cada individuo e a cada nacionalidade, o que é certo é que, para alcançal-o é necessario, mais que tudo, que esse caminho providencial seja buscado livremente porque senão, que merecimento póde ter aos olhos de Deus uma acção justa cujo agente foi obrigado á justiça em vez de a seguir por livre determinação?

Que bem, para mim, é esse bem de que eu não estou convencido? E, ainda que o fôsse, como posso eu realisar o fim da minha existencia quando as condições para isso me são impostas, e essas condições não as posso eu acceitar, julgando-as injustas ou perniciosas?

Justiça implica a ideia de responsabilidade, não ha negal-o: é por isso que não é reu aquelle que perpetrou o crime, illudido ou ignorante do mal que fazia.

E como comprehender a responsabilidade sem a liberdade? O sonambulo que durante a excitação do sonho falla e obra não é responsavel das fallas ou das obras, porque, longe de obrar livremente, se acha sob a pressão da molestia que o agita.

Quem pois quizer uma sociedade justa e responsavel pelo seu bem ou o seu mal deve querer para ella, mais que tudo, a liberdade, porque essa é a primeira condição d'alcançar tal *desideratum*.

Esses que fallam em defraudar os povos d'este sancto paladium, com o pretexto de que, ligando-lhe as mãos, hão de impedir que obrem mal, ou se enganam, ou tentam enganar-nos.

Não é a justiça que elles querem ver realisada na sociedade; não é o bem, porque, como poderão ter mãos para fazer o bem aquelles a quem as ligaes sob pretexto de reprimir o mal?

Assim, sem liberdade não se concebe uma nação intelligente e generosa, que se possuiu da sua missão no mundo e quer do coração cumprir esse decreto da providencia. Não é tudo a liberdade, mas é o primeiro passo para que tudo se alcance, é a primeira condição de tudo que é justo e sancto.

É por isso que em volta do pendão dos livres, humedecido com tanta lagrima e sangue generosos, se devem ajunctar os filhos d'esta terra que ainda têm no coração uma esperança para dar á patria, nos labios uma maldição para os inimigos da liberdade, do progresso, porque esses são tambem os inimigos de Deus.

Sim! embora se escondam atraz do altar, embora tomem a cruz por insignia: ultrajam o altar e a cruz: são inimigos de Deus porque o são do espirito humano: todos os conhecem, aos filhos de Loyola: tra-

zem na fronte a pallidez dos reprovados: chamam-se a Reacção! (1)

III

A liberdade é a primeira condição para que alcancem as sociedades o fim para que as destina a Providencia. É a condição essencial, porque o fim é a realisação do bem, e só póde ser *bem* para um individuo o que elle tiver como tal, e *livremente* escolher e acceitar.

Quem, em nome do bem social, tenta defraudar um povo d'este sagrado direito, é hypocrita que com palavras de vida propina o veneno e a morte a quem dá credito a suas phrases mentirosas. Essas palavras adocicadas, são peiores que a ameaça, porque sob a refalsada doçura escondem a traição.

Os que o tentam falam como amigos, mas suas phrases são peiores mil vezes que a injúria, porque são de ironia e escarneo sob a apparente benevolencia.

É o manifesto do czar, depois da infame partilha da Polonia, promettendo áquelle povo infeliz cuidar com sollicitude de pae do seu progresso, de suas leis, de seus melhoramentos, isto depois de a ter escravisado, partido aos bocados, extenuado de fôrças, de sangue, de recursos.

É Phillippe de Castella jurando em côrtes o respeito pelas leis, foros e nacionalidade portugueza, depois de haver com a conquista, com as armas de seus soldados aberto o caminho á tyrannia, ás extorsões, á desgraça do paiz.

É o ultramontanismo, são esses modernos apostolos de não sei que ideias velhas, já carcomidas pela fer-

(1) Fim do 2.º artigo.

rugem do tempo, jurando com a mão nas feridas ainda doloridas que fizeram ás nações que não querem senão trazer-lhe o balsamo, quando as carnes tremem com o só aproximar-se d'essa mão de quem receberam as feridas ainda sangrentas.

É a inquisição que, sob pretexto de estarem gelados os povos de impiedade e scepticismo, pretende aquecel-os com o calor de suas fogueiras, com a chamma dos seus autos-de-fé.

É o absolutismo, que ahi vemos agora andar prégando a missão, fallando muito em patriotismo, em nacionalidade, em quanto sob o moderno hábito de jesuita, que lhe veio de Roma, esconde as algemas servis.

É o beijo de Judas, que vende o seu amigo, o seu mestre, o seu pae por trinta dinheiros.

Sim! Judas do povo são esses todos que, com beijos fementidos, e em nome da moral tramam a morte da liberdade, como se não fôsse ella a primeira condição de toda a moral e toda a justiça, como se sem responsabilidade podesse haver virtude alguma!

São Judas: mas não cuideis que esperem trinta dinheiros em paga de seus nobres feitos: se tentam vender a liberdade é que rica será a paga em podêr, em grandeza, dignidades, importancia.

Mas, seriamente, já que tanto nos amaes e tanto bem nos quereis, vejamos quaes são as garantias que nos daes de que teremos em trôco da nossa joia, a paz, a felicidade, e progresso.

Vejamos quem sois para que possamos saber a quem nos vamos entregar de corpo e alma — sim, corpo e alma porque vós fallaes em nome do estado e da egreja.

Sois um partido e chamaes-vos Reacção. Muito bem: até aqui não vejo por que razão vos havemos

sacrificar o melhor que temos. Partidos, Deus louvado, não faltam e não julgo que tenham peior titulo á nossa obediencia.

Mas deixae-me sempre dizer-vos que uma nação não é ahi nenhum corrilho politico que receba ordens d'este ou d'este outro partido: uma nação é um grande individuo moral que tem sempre em vista um fim elevado e por isso não póde deixar-se levar atrás da bandeira que desenrolar ao vento da fortuna uma facção qualquer, vós ou outra, pouco importa o nome.

Um partido é sempre uma memoria que pugna por um interesse particular; um povo a maioria que caminha nas vias do interesse geral.

Já d'aqui vêdes que entre um partido e um povo pouco póde haver de commum. A nação segue a bandeira nacional, o partido a bandeira da sua côr. Que razão terá o partido para querer substituir ao pendão nacional as côres da sua parcialidade? É muito orgulho; muito orgulho ou muita cegueira.

Já vêdes, pois, que a vossa qualidade de partido não é titulo para o direito de dirigir um povo, bem pelo contrario.

Mas dou de barato que assim podesse ser. Ainda assim nos restava uma dúvida, é o nome do vosso baptismo: *Reacção.* E resta-nos uma dúvida porque o fim da nação é o progresso, o progresso que se executa por meio d'*acções* successivas e continuadas. O progresso toma o dia d'hoje, o ponto aonde hoje chegou como ponto de partida apenas para chegar mais longe: ora reacção é retrocesso, é tomar o que hoje fizemos como ponto de partida para chegar aonde estivemos hontem. Mas se o fim da nação é caminhar ávante e o vosso nome indica ser o vosso programma caminhar

atrás e recuar, como quereis que a nação vos escute e siga o caminho que lhe apresentaes se o d'ella é em sentido opposto?

Decididamente, ou vós ou ella: ou um ou outro tem de ceder. Ou a nação se ha de fazer reaccionaria ou vós deveis perder a esperança de a dirigir. Mas o fim da nação é progredir, logo não póde ella ceder-vos, e n'este caso só vos resta seguir a lei que manda que a parte menor ceda á maior, isto é, que o partido ceda á nação, que percaes as esperanças de dominar com as vossas ideiasinhas acanhadas a grande ideia nacional.

É o que, como bons amigos, vos aconselhâmos.

Já d'aqui vedes que por serdes um partido chamado reacção, nem por isso tendes titulo a dirigir-nos. Vejamos então quem mais sois, d'onde vindes, para onde ides, pois talvez lá encontraremos esse titulo de directores que pretendeis (1).

(1) Estes artigos, que não tiveram continuação, foram assinados com as iniciais *A. Q.* e publicados no Gremio Alemtejano, n.os 26, 28 e 31, respectivamente de 3 e 17 de Abril, e 8 de Maio de 1862. *(N. do ed.)*

QUESTÃO ROMANA

Diz uma folha reaccionaria «... esta questão é *d'uma importancía universal:* ninguem se deve decidir n'ella sem dar tres vezes audiencia á sua consciencia». D'esta vez dizemos que sim ao jornal ultramontano.

A questão romana é d'uma importancia universal, porque é o pleito entre o obscurantismo, a intolerancia e a tyrannia, universaes inimigos do homem, e a illustração, a tolerancia e a liberdade, alvo eterno e universal de todas as nobres e generosas aspirações da humanidade.

«Ninguem se deve n'ella decidir sem dar tres vezes audiencia ao seu intimo pensamento», porque ninguem deve ou póde ir de leve entregar os braços ás algemas, o peito á adaga, os olhos á venda, sem ter maduramente reflectido; ou, antes, quem maduramente reflectir, não deixará jámais que lhe amarrem as mãos e lhe vendem os olhos.

Diz-se por ahi — Garibaldi, chamado a Turim, onde organisou as associações do tiro nacional, percorre as cidades da Italia, anima com a sua palavra magica os tibios e os fracos, e dá aos fortes e crentes, com sua presença, garantias do bom exito da questão romana. No fim da primavera a unidade italiana será proclamada do alto do Vaticano.

Porém, não é d'um homem, nem d'um governo que

virá o remate d'esta questão. N'este pleito só póde decidir a *opinião*, porque, segundo o mesmo dizer do jornal reaccionario, é questão de *interesse universal* e n'estas só decide a *opinião*, echo da voz publica, ou antes, voz da ideia universal.

Ora a opinião já de ha muito que se decidiu pela unidade da Italia, lembrando-se de que todas as nações tem direito egual de gosarem da sua autonomia e da integridade do seu territorio, e de que o Vigario de Christo não póde tirar a ninguem o que é um dom concedido por Deus a esses individuos collectivos chamados nacionalidades, como concede a cada um de nós o gozo de seus membros e faculdades. Decidiu-se pela palavra de Christo *regnum meum non est de hoc mundo*, contra o dizer da reacção, por um motivo simples — porque a palavra de Christo parece que sempre vale um pouco mais do que o voto de meia duzia de espiritos, que de proposito fecham os olhos á luz da verdade.

Não é mister ser nenhum philosopho, nenhum illuminado, basta o simples senso commum para conhecer que se de facto a egreja tem direito ao dominio temporal, não o deve pretender só em Roma, mas em toda a Italia, mas em todo o orbe catholico. Ora, esta legitima consequencia implica tamanho absurdo, que nem mesmo os mais exaltados apostolos do ultramontanismo se lembraram jámais de a invocar.

A opinião tem, pois, decidido o pleito: e ella é a rainha do mundo e, tarde ou cedo, os acontecimentos mostrarão que não é debalde que se decide. Que importa o facto? a ideia, a vontade é tudo, e a ideia da Europa é de há muito pela justiça das pretenções da nação italiana.

Se Garibaldi não se pozer á testa do movimento nacional, o movimento nem por isso deixará de se levar a effeito, porque não é Garibaldi, é a justiça, que vae na frente dos patriotas italianos.

A questão pois, a nosso ver, acha-se decidida. A Italia será *uma*, e o santo padre, livre dos falsos conselheiros, será o primeiro a acolher de braços abertos a nacionalidade italiana.

Religião, tolerancia e liberdade, eis a nossa divisa: aonde irá a reacção procurar, para nos oppor, outra melhor e mais christã? (1)

(1) Assinado com as iniciais *A. Q.* Publicado no GRÉMIO ALEMTEJANO, n.º 27, de 10 de Abril de 1862. *(N. do ed.)*

SAUDAÇÃO AO PRINCIPE HUMBERTO

NO DIA 22 DE OUTUBRO DE 1862

Os Estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heroicos defensores do Porto, saúdam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de C. Alberto: a mocidade liberal Portugueza saúda, em nome da liberdade do mundo catholico o filho do amigo de Garibaldi, o filho de Victor Manuel.

Á mocidade Portugueza não lhe sofre o coração, *(ainda que enlutado de tristes presentimentos)* (1) que não recorde com saudade a memoria do heroe infeliz que, escolhendo por ultimo leito uma terra de homens livres, prestou, ainda na morte, homenagem á liberdade: não lhe sofre o espirito impaciente *(ainda que oppresso por um fantasma do passado)* (2) que não vire os olhos para as bandas da luz, aonde, no meio do combate, se enlaça o braço do rei com o braço do povo. Não é ao representante da Casa de Saboia que vimos prestar homenagem: é ao filho de Victor Manuel que saudamos; do primeiro soldado da independencia Italiana; d'esse de quem os reis da Europa aprendem como, neste seculo ainda, se pode ser po-

(1) Esta parte está riscada.

(2) Aqui o orador apontou para o reitor Bazilio Alberto de Sousa Pinto.

pular sendo-se Rei; de quem a Italia espera ressurreição completa; de quem espera a Igreja Christan uma nova epocha de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira.

Aos votos da Europa intelligente, aos votos da Europa popular, aos votos dos que trabalham pela grande causa dos povos, unimos os nossos, sinceros como a nossa idade e como ella cheios de muita fé, para que a patria de Garibaldi possa rehaver o sagrado patrimonio da sua nacionalidade, para que o coração da Italia, que o é tambem do mundo Christão, pulse com egual energia pela liberdade politica e pela liberdade religiosa. — *(Disse.)* (1)

(1) Da minuta original, colada no *Album* de João Machado de Faria e Maia, e publicada no Archivo dos Açores, vol. xii, n.º 68 (1893), pág. 186. *(N. do ed.)*

MANIFESTO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Á OPINIÃO ILLUSTRADA DO PAIZ

1862-1863

Ao Governo, aos homens desinteressados e liberaes d'esta terra, vamos dar razão do nosso procedimento. Oiçam-nos. Pedimos um quarto de hora de attenção: não é muito que ao prazer e ao interêsse se roubem alguns minutos para attender á voz da mocidade de um paiz. Essa voz parte d'alma: é a voz da eterna justiça.

Todo o facto pede uma explicação. Se o acontecimento é grave, graves devem ser os motivos que o produziram; e, mais que ninguem, homens novos, quando deliberam, pódem sim enganar-se, mas a intenção é sempre generosa e nobre.

Pergunta-se hoje em Coimbra, pergunta-se por todo o paiz: — Que querem os Estudantes da Universidade de Coimbra? Que significa a evacuação da sala dos Capêllos no dia 8 de dezembro de 1862? Que protesto é esse d'uma corporação contra o seu chefe?

Os Estudantes não são meia duzia de crianças turbulentas que, n'uma hora de galhofa, se combinem para pregar uma peça ingraçada; tantos homens não se intendem, como um bando de rapazes de escola, só com o fim de se divertirem á custa de uma coisa muito

séria. Não foi, pois, o prurido da infancia o motor d'aquelle acontecimento. Esta hypothese nem se discute. O bom senso da nação regeita-a como uma offensa feita a si mesma na pessoa dos seus melhores filhos.

Os Estudantes não são, tão pouco, instrumentos cegos de vinganças pessoaes, trabalhando á luz do dia, mas movidos por um braço occulto na sombra. São instrumentos sim, mas da propria causa. O braço que os impelle não vem de cima, nem vem de baixo o impulso que os leva. Escutam a voz da consciencia e obram.

Os Estudantes não são *discolos*, *amotinadores*, *facciosos* ou *assassinos*. Pois o leite que se bebe no seio das mãis transformar-se-ia em veneno ao primeiro sorvo do ar de Coimbra? Pois estará tão gangrenado este paiz que o seu coração — um coração de vinte annos — só abrigue odios e trévas? orgulho e miseria? Pois será esta a esperança do futuro? Ah! a nação tambem é mãi; não póde calumniar seus filhos.

A evacuação da sala dos Capêllos no dia 8 de dezembro de 1862, o protesto da Academia contra o Reitor da Universidade deve, como todo o facto, ter um motivo e um fim. Partido de uma corporação onde o paiz reconhece o melhor, o mais puro de seu sangue, deve, mais que nenhum, ter um motivo justo, um fim grave e elevado.

Os que sobre nós lançam o estigma de amotinadores são esses os primeiros a reconhecel-o. Pois se assim não fosse, se contra si não temessem a justiça da nossa causa, com que motivo adulterar os factos para depois os combater? Quem calumnía, quem cria um fantasma para ter a esteril glória de o derrubar ante os

olhos do paiz, é que teme luctar com a verdade, é que sabe que o venceria a verdade, se a confessasse.

Por que os factos foram adulterados. Debaixo da capa do anonymo fomos calumniados por cobardes que á luz do dia não se atrevem a dar com o seu nome garantia ás suas palavras. Julgou a boa fé dos nossos vinte annos que em questão tão grave sobrenadaria a justiça e a verdade acima da onda lamacenta do interêsse pessoal, da calúmnia, das miserias d'uma ou d'outra facção.

Foi ainda um engano. A boa fé do jornalismo do paiz foi tambem ludibriada. Quizeram desacredital-o, desacreditando-nos, fazendo-lhe repetir o que a malevolencia d'alguem lhe segredou em hora d'estulta inspiração.

Como homens, filhos d'esta época de liberdade, lamentamos que uma instituição que amamos, porque é a educadora dos povos, a mãi das nações livres, que a imprensa fosse enganada por falsos informadores e, ainda sem o querer, mentisse uma vez á sua missão. Mas, como membros de uma corporação, é do nosso dever, é da nossa honra aceitar a luva que nos lançam, e esclarecer a opinião, salvando d'esta injustiça a imprensa portugueza.

Os Estudantes sairam da sala dos Capêllos, mas não sairam amotinados. Viraram sómente costas a um homem que não amam nem respeitam, porque se não sabe fazer nem respeitado nem amado. Ficar é que seria crime, porque fôra uma baixeza.

Os Estudantes, reunidos no terreiro da Universidade, deram vivas á independencia, vivas á liberdade, mas não tumultuaram, não se revolucionaram, não deram morras, não pediram a cabeça de ninguem; por

que os Estudantes sabem que a cabeça de qualquer homem é sagrada, por que nossas mãis não nos insinaram a soletrar em seus olhos a religião do amor, para nós virmos aqui transformarmo-nos em bandidos e homicidas, e a essa religião transformal-a em lei de morte.

A nós córar-nos-iam as faces de vergonha por este povo, se em Portugal um só homem ousasse tal acreditar.

Não se pediu a morte de ninguem, não se perturbou um acto solemne com vozes nem tumultos. Evacuou-se uma sala com o socego que tal evacuação comporta. Depois — fóra, no meio da praça — deram-se vivas á liberdade por que não sabiamos ainda aqui que esta palavra tivesse sido riscada, por ordem do Geral dos jesuitas, do diccionario politico d'esta nação.

Que infamia commetteram os Estudantes da Universidade, saindo d'uma sala onde não podiam ficar, sob pena de ouvirem cousas desagradaveis para o seu brio, da bôca de um homem que se compraz em os amesquinhar?

Que crime commetteram, n'um paiz liberal, os filhos dos homens do Mindello, dando vivas á liberdade?

Sabemos manifestar-nos contra uma authoridade, nos limites da ordem e da lei. Ordem e lei, em terra de livres, não são circulo tão estreito que se não possa dar um passo sem lhe sahir logo da peripheria.

É ésta a verdade. Para a restabelecer temos ainda voz que se erga, fale e se escute em todos os angulos d'esta terra. Falamos; que nos oiça a nação: que a nação são nossos paes, são nossas mãis, é o coração de nossas familias, e aos vinte annos não se aprendeu ainda a linguagem da mentira para falar a um pai e a uma mãi.

A verdade é esta. Que se levante alguem e, arrojando a mascara villan do anonymo, se atreva a desmentir-nos!

Eis o facto. Agora os motivos d'elle.

Que tem feito o Reitor da Universidade que mereça tal desapprovação?

Respondam por nós os jornaes do paiz que, ha tres annos, não cessam de registrar em suas columnas factos sobre factos, iniquidades e miserias. Respondam as representações, os pedidos de justiça, que cada acto seu tem promovido. Responda o corpo cathedratico, onde raras vozes amigas incontra a apoial-o. Responda a rectidão de nossas intenções, — de nós, que o accusamos, que somos moços, e não erguemos a voz contra um homem sem razão, sem muita razão.

Póde suppor-se que o corpo docente da Universidade, que devemos julgar prudente e illustrado; que a mocidade portugueza, que abriga no coração tanta rectidão e justiça; que o jornalismo, echo da opinião publica; que sciencia, nobreza d'intenções, prudencia e illustração; que tanta gente, e da melhor, em tão diversos sitios, sem se passarem palavra, sem um fim qualquer, se conspire e combine contra um homem, o accuse e guerreie... e que esse homem não tenha dado motivo a esta declaração de guerra? Pode suppor-se isto?

Se assim fosse, se a nação suppozesse tal do que tem de melhor em si... que idea formariamos então da opinião publica, da moral d'este paiz?

É uma hypothese que se não discute. Estranho caso, em verdade, é incontrar na historia o facto de um homem grande, menosprezado, accusado injustamente por tudo quanto tem em si de melhor uma

nação. Será o Reitor da Universidade o Colombo que nós todos desconheçamos?... Que lhe responda a consciencia.

Mas não é só contra o Reitor, o Snr. Doutor Basilio Alberto de Sousa Pinto, que nos manifestamos, contra a authoridade que não cumpre com o dever da justiça, o primeiro e unico que lhe impõe o seu cargo. Ha aqui mais alguma cousa, e alguma cousa peior. Gememos sob o jugo de uma legislação iniqua, por que é velha; necessariamente injusta, por que é confusa. Cumpre ao Reitor adoçar-lhe o rigor, e, no meio da liberdade que tal confusão lhe dá, escolher sempre em harmonia com a idea do seculo, que é a Justiça.

É isso que elle não comprehende; é isso que elle não quer; e é contra isto que nós protestamos.

Se uma vez não applica a lei, se muitas vezes é o arbitrio o seu unico codigo, é isto mau. Mas quando trata de a cumprir, quando é justo como executor da lei, porque se escuda com ella, incarnar em si todo o rigor da velha instituição, tirar-lhe as ultimas consequencias, ter na sua mão uma espada, e, podendo escolher entre o gume e as costas, preferir o gume... isto é peior, por que isto é pessimo.

A manifestação contra o Reitor da Universidade é tambem protesto contra a iniquidade d'uma legislação atrasada de tres seculos, porque este Reitor symbolisa todo o rigor d'essa lei, porque consubstancia em si tudo quanto ha de mau na instituição.

A lei pésa sobre nossas cabeças com o pêso de muitos annos, mas o Reitor carrega ainda, com todo o pêso da sua mão, sobre o já enorme da lei, e quer-nos esmagar sob a pressão immensa dos annos e do rigor ainda.

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.

O Reitor que deu logar a vermos, em toda a sua fealdade, a injustiça da instituição, abriu caminho a que, manifestando-nos contra elle, nos manifestasse-mos contra ella tambem.

São estes os nossos motivos. E este o duplo sentido do nosso protesto.

Em quanto ao fim é claro, depois d'isto, qual elle sería.

Substituir a voz dos opprimidos, forte porque parte d'um coração torturado, á voz da imprensa — essa defensora dos que soffrem, sim, mas que não póde erguer-se tanto, porque não pede em causa propria. O jornal fala, mas como quem discute; perde-se-lhe a voz no meio do tumultuar dos muitos interêsses que por aí se agitam. Nós falamos, com o brado dos opprimidos, que todos escutam, que todos devem escutar, porque ninguem negará aos filhos dos heroes do Mindello e do Porto, ainda pállidos pelo sangue que seus paes perderam, regando a arvore da liberdade, ninguem lhes negará, n'esta terra de Portugal, o direito de pedir que lhes alliviem o jugo d'uma lei d'oppressão e espionagem, que corrompe porque rebaixa e invilece; uma lei velha de seculos, que aqui se esconde temendo a luz da nossa era, a luz do progresso; uma lei que viu e tratou os jesuitas e o poder absoluto; uma lei contemporanea da Inquisição!

Que querem, pois, os Estudantes da Universidade de Coimbra?

Vamos responder a esta última pergunta.

Os Estudantes querem a reforma d'um processo inquisitorial; garantias de justiça; que se seja julgado e

condemnado como homem, como cidadão d'um estado livre, e não como relapso fugido aos carceres do Santo-officio; que a egualdade perante a lei seja uma realidade aqui, e não risivel fantasmagoria; que nos julguem homens desapaixonados, e não os que mais estão nó declive escorregadio das vinganças; que se distinga entre *sciencia* e *costumes*, e acabe por uma vez essa pêna infamante que, com um traço negro de tinta, mata a reputação, o futuro de uma vida em comêço, quando, muita vez tambem, não mata o coração de uma familia.

Que querem os Estudantes da Universidade?

Que se indague tudo da sciencia, que é patrimonio de todos, e nada da vida particular, que é asylo individual e inviolavel; que por detraz da cadeira do ensino se não lobrigue o olho do esbirro; que se faça progredir a sciencia, e se deixe a moral desinvolver-se por si.

Que querem os Estudantes da Universidade?

Justiça! Um olhar de pae d'esse Portugal, velho que por todos os lados se remoça, e só teima em esquecer no frio esmirrador da meia-edade... quem? os melhores dos seus filhos!

Justiça! Um raio de sol tambem para nós, d'esse sol de liberdade e progresso que luz para todo o seculo, e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um logar no banquete das garantias liberaes, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue de nossos paes, o nosso sangue! Garantias para quem quer ser livre, digno e justo; auxilio a estes escravos que querem, um dia, ser homens e cidadãos (1).

(1) Assinaram êste manifesto que foi publicado e distribuído pelo país em fôlha volante, os seguintes estudantes:

Anthero de Quental, 4.º anno de Direito — Alberto da Cunha

Sampaio, 5.º anno de Direito — Frederico Philemon da Silva Avelino, 3.º anno de Direito — João de Sousa Vilhena, 2.º anno de Direito — Francisco d'Assis Caldeira Queiroz, 5.º anno de Direito — José da Cunha Sampaio, 3.º anno de Direito — José Falcão, 4.º anno de Mathematica — João Lobo de Moura, 2.º anno de Direito — Manoel Ferreira da Silva, 3.º de Direito e 2.º de Theologia — Frederico d'Abreu Gouvêa, 5.º de Direito — José Perez Ramirez, 5.º de Direito — José Julio Rodrigues, 5.º de Philosophia — Antonio Fialho Machado, 5.º de Direito — Julio Lourenço Pinto, 4.º de Direito — Ernesto Kopke, 5.º de Direito — Albino Montenegro, 4.º de Direito — José Pedro do Cruz, 1.º de Mathematica — Lourenço Corrêa d'Almeida Carvalhaes, 5.º de Direito — Francisco Lopes de Sousa Gama, 4.º de Direito — Augusto Corrêa Pinto Tameirão, 2.º de Direito — José Leite Monteiro, 4.º de Direito — Antonio José d'Oliveira Mourão, 1.º do Curso Administrativo — João Leite Monteiro, 4.º de Philosophia — José Gomes Ferreira Pinto, 2.º de Medicina — Augusto de Vasconcellos Monterroso, 2.º de Medicina — José de Mendonça Lemos e Mello, 2.º de Direito — Albino Vaz das Neves, 2.º de Medicina — Luiz José Ferreira Margarido, 5.º de Direito — Antonio Joaquim Ferreira Margarido, 2.º de Medicina — Antonio Joaquim Margarido Pacheco, 1.º de Direito — José Bernardino d'Abreu Gouvêa Junior, 4.º de Direito — José Maria Porto Migueis, 1.º de Mathematica — Carlos Mayer, 4.º de Philosophia — Antonio d'Azevedo Castello-Branco, 3.º de Direito — Thomé de Brito Pina e Albuquerque, 3.º de Direito — Henrique de Macedo Pereira Coutinho, 5.º de Mathematica — D. Luiz de Castro e Almeida, 4.º de Direito — Guilherme Rodrigues d'Azevedo, 1.º de Medicina — José Antonio d'Almeida, 1.º de Medicina — Candido Joaquim de Macedo Baptista, 2.º de Direito — Raimundo V. Rodrigues Capella, 4.º de Direito — Antonio da Trindade Carlos Teixeira. 3.º de Direito — Francisco Lopes d'Azevedo Coelho de Barros Castello-Branco, 3.º de Direito — Antonio Maria Diniz de Sampaio, 3.º de Medicina — Francisco de Paula Xavier da Rocha Vianna, 3.º de Direito — Francisco Eduardo Barahona Fragoso, 2.º de Direito — Antonio Brandão Pereira, 4.º de Direito — José Brandão Pereira, 2.º de Direito — José Braz de Mendonça Furtado, 4.º de Direito — Henrique de Bessa, 3.º de Direito — Antonio d'Oliveira Monteiro, 1.º de Medicina — Sebastião José Conde, 1.º de Theologia — José d'Elvas Leitão, 1.º de Theologia — Antonio Joaquim de Mattos Pinto,

1.º de Mathematica — José de Mattos Portugal Junior, 3.º de Philosophia — Filomeno da Camara Mello Cabral, 2.º de Philosophia — Antonio Guilherme Ferreira de Castro, 4.º de Mathematica — José da Silva Castro, 4.º de Mathematica — Eduardo Xavier d'Oliveira Barros Leite, 1.º de Medicina — João Candido de Moraes, 4.º de Mathematica — Zephyrino Brandão, 4.º de Philosophia — Fernando Augusto d'Almeida Pimentel de Moura Coutinho, 2.º de Direito — Antonio Maria Tovar de Lemos, 5.º de Direito — Antonio Leitão de Souza Maldonado, 2.º de Direito — Jacintho da Silva Baptista, 1.º de Direito — Antonio d'Avellar Severino, 4.º de Mathematica e 5.º de Philosophia — Antonio Leite Ribeiro e Silva, 3.º de Direito — Manoel Moniz Barreto Corte-Real, 2.º de Direito — João de Paiva de Faria, 2.º de Direito — Francisco Roberto d'Araujo Magalhães Barros, 3.º de Direito — Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio, 3.º de Direito — José Antonio Bastos Pinho, 1.º de Direito — Bernardo d'Aguilar Teixeira Cardoso, 3.º de Mathematica — José Pereira Pinto dos Santos, 4.º de Direito — João Freire Themudo d'Oliveira Mendonça, 1.º de Direito — Henrique de Queiroz, 4.º de Direito — Antonio de Mello Varajão, 5.º de Direito — José Carlos Godinho de Faria, 2.º de Medicina — Simão Coelho Ferreira, 1.º de Medicina — Alfredo Cesar Brandão, 2.º de Direito — Felix Loureiro da Rocha Páris, 3.º de Philosophia — Florido Telles de Menezes de Vasconcellos, 5.º de Direito — Antonio da Silva Albuquerque e Amaral, 1.º de Direito — João Maria de Santa Martha de Souza Vadre, 2.º de Direito — Antonio Moreira Barroso do Couto e Abreu, 3.º de Direito — Antonio Guerreiro Faleiro, 1.º de Direito — Abilio Adriano de Sá, 1.º de Direito — José Antonio de Almada, 1.º de Direito — José Felix Pereira Junior, 3.º de Direito — Frederico de Gusmão Corrêa Arouca, 1.º de Philosophia — Antonio Joaquim Moutinho de Andrade, 2.º de Direito — Guilherme Machado de Faria e Maia, 1.º de Direito — José Taibner Crespo de Moraes, 5.º de Direito — Augusto Pereira Leite, 5.º de Direito — Fortunato Freire de Themudo, 2.º de Mathematica e 3.º de Philosophia — Caetano Pereira do Couto Brandão, 3.º de Direito — Eduardo Antonio de Almeida Andrade, 4.º de Direito — Luiz de Mello Bandeira Coelho, 2.º de Mathematica e 3.º de Philosophia — Antonio Justino Bigotte, 3.º de Direito — José de Andrade Ferreira de Abreu, 1.º de Direito — João de Almeida Santos e Vasconcellos, 5.º de Direito — José Augusto Veiga, 1.º de Direito — Abel Rodrigo de Carvalho, 1.º de

Mathematica — Antonio Francisco Santar, 1.º de Mathematica — Miguel de Araujo Cunha, 1.º de Philosophia — Antonio Rodrigues da Silva, 2.º de Philosophia — Antonio Eduardo de Moura, 2.º de Direito — Abilio Rodrigues de Oliveira, 2.º de Direito — Eduardo Augusto Teixeira Barbosa, 3.º de Theologia — Jacintho Antonio Fernandes Pinto, 4.º de Philosophia — Bernardo José da Silva Pereira, 3.º de Mathematica — Antonio Augusto da Silva Guimarães, 5.º de Mathematica — Eduardo José Segurado, 3.º de Direito — Francisco Ferreira Gaspar, 2.º de Medicina — Eugenio Augusto Ribeiro de Castro, 1.º de Philosophia — Manoel Francisco de Paula Barreto Junior, 4.º de Philosophia — José dos Santos Cabrita, 1.º de Mathematica — José Bettencourt da Silveira e Avila, 4.º de Direito — Eduardo Corrêa Martins, 2.º de Direito — José Manoel de Brito, 3.º de Direito — João José Teixeira de Carvalho, 2.º de Direito — José Maria Pestana de Vasconcellos, 2.º de Direito — Manoel Thomaz Pereira Pinto e Castro, 2.º de Direito — Julio Augusto Henriques, bacharel formado em Direito e do 3.º de Philosophia — Joaquim José Pimenta Tello, 3.º de Medicina — José Christiano A'Nell de Medeiros, 2.º de Mathematica — José Eduardo Levita, 5.º de Direito — Rodrigo Lobo de Avila, 5.º de Direito — Antonio José de Avila Junior, 2.º de Mathematica — Eduardo David e Cunha, 3.º de Medicina — Manoel Paes de Villas-Boas, 5.º de Direito — João Diogo da Costa Guerra, 5.º de Direito João Baptista Guerra, 3.º de Direito — Arthur Palmeirim, 3.º de Direito — Pedro Augusto de Carvalho, 5.º de Direito — João Dally Alves de Sá, 2.º de Direito — Manoel Cardoso Girão, 2.º de Direito — José Gregorio Figueiredo de Mascarenhas, 4.º de Mathematica — Francisco Xavier de Lima Collaço, 2.º de Direito — Benjamim Constant do Amaral Netto, 4.º de Direito — Henrique Antonio Antão de Vasconcellos, 3.º de Direito — Francisco da Silva Magalhães, 2.º de Medicina — Isidoro Eutychio d'Oliveira Pimenta, 5.º de Direito — Leonardo de Mello Falcão Trigoso, 1.º de Direito — Jeronymo dos Santo Henriques, 2.º de Theologia Joaquim Henriques da Fonseca, 3.º de Medicina — Francisco de Sousa Costa Lobo, 3.º de Direito — Francisco de Guimarães Fonseca, 3.º de Direito — Joaquim Ignacio Roxanes, 4.º de Direito — José de Vasconcellos Cerveira Lebre, 2.º de Direito — Francisco Ferreira de Carvalho, 4.º de Direito — Antonio d'Almeida Silva Junior, 2.º de Direito — Emilio do Rego Botelho, 4.º de Direito — Joaquim d'Oliveira Valle, 3.º de Direito — José Charters Crespo,

1.º de Mathematica — José Maria Penha e Costa, 2.º de Direito — Julio Dally, 3.º de Direito — Pedro Pereira de Sousa Brito, 5.º de Direito — José Luiz Ferreira Freire, 2.º de Direito — Antonio de Campos Paredes, 3.º de Medicina — Manoel Antonio da Costa, 3.º de Direito — Ignacio Moniz Coelho da Silva, 2.º de Direito — João Augusto de Penha Coutinho, 2.º de Direito — Bernardo Mello Cabral, 2.º de Direito — Francisco Antonio Duarte de Vasconcellos, 1.º de Direito — Manoel Vaz Nobre Figueira, 5.º de Direito — José Joaquim Lemos Couto de Carvalho, 5.º de Direito — Carlos Pires, 2.º de Direito — Augusto Luciano Simoens de Carvalho, 5 º de Philosophia — José Teixeira Pinto dos Santos, 5.º de Philosophia — Francisco Augusto de Santiago Jordão, 4.º de Mathematica — José Maximino da Silva Azevedo, 2.º de Direito — Manoel Timotheo d'Andrade Vasconcellos, 3.º de Direito — Constantino Alves Villar, 3.º de Direito — Filippe Augusto d'Andrade Vasconcellos, 1.º de Mathematica — Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, 2.º de Direito — João Carlos d'Almeida Machado, 4.º de Mathematica — José Teixeira de Sampaio, 3.º de Medicina — Marianno Machado de Faria e Maia, 3.º de Mathematica — Candido José d'Andrade, 1.º de Medicina — David da Silva e Cunha, 4.º de Philosophia — Antonio Maria Mendes Grajera, 2.º de Philosophia — Alvaro Novaes de Carvalho Soares, 4.º de Philosophia — José de Barros Silva Carneiro, 4.º de Philosophia — Antonio Xavier de Sousa Cordeiro, 2.º de Philosophia — José Jacintho Nunes, 3.º de Direito — Antonio Ferreira de Miranda, 1.º de Theologia — Valerio Nunes de Moraes, 2.º de Direito — Manoel José dos Santos, 1.º de Medicina — João Maria de Sousa, 1.º de Medicina — José M. Rodrigues e Costa, 1.º de Mathematica — Antonio Francisco Netto Parra, 3.º de Direito — Manoel José d'Arriaga, 2.º de Direito — Augusto dos Santos Ferreira de Miranda, 2.º de Direito — Aurelio da Cunha Seixas, 2.º de Mathematica — José Julio d'Oliveira Baptista, 4.º de Direito — Augusto Dias Soares, 2.º de Philosophia — Manoel Paredes, 2.º de Philosophia — Antonio Pedro Xavier d'Oliveira de Barros Leite, 1.º de Direito — José Augusto da Cruz Vasconcellos, 2.º de Direito — Sebastião Ribeiro Nogueira, 1.º de Mathematica — Sanctos Valente, 5.º de Direito — Antonio d'Oliveira Figueiredo, 2.º de Direito — Antonio José Vasques, 3.º de Direito — José B. de Barahona Fragoso, bacharel formado em Philosophia e do 3.º anno do curso Administrativo — José Fortunato Freire Themudo, 3.º de Direito — Ma-

noel Joaquim Carrilho Garcia, 2.º de Direito — Antonio Pessoa d'Amorim, 5.º de Direito — João Francisco Ferreira, 4.º de Direito — Luiz Candido de Faria e Vasconcellos, 4.º de Direito — José Eduardo d'Oliveira, bacharel em Philosophia e do 3.º de Medicina — José Germano Monteiro Grillo, 5.º de Mathematica — Augusto Cesar Moutinho d'Andrade, 1.º de Mathematica — Joaquim d'Oliveira Rino Jordão, 2.º de Medicina — Caetano Maria Beirão, 3.º de Philosophia — Guilherme Augusto Braga, 2.º de Medicina — José Marques da Silva, 1.º de Theologia — Manoel do Nascimento d'Azevedo Coutinho, 5.º de Direito — José Maria da Cunha Seixas, 4.º de Direito — Antonio José Claro da Fonseca Junior, 1.º de Direito — Francisco José Lopes de Mattos Viegas, 2.º de Direito — José Mathias V. Perdigão, 2.º de Direito — Joaquim José da Costa Simas, 2.º de Direito — Francisco Manoel d'Almeida, 3.º de Direito — Francisco Lopes d'Almeida Ferreira, 3.º de Direito — Antonio Joaquim Pinto da Fonseca. 1.º de Mathematica — Antonio Camillo Henriques, 3.º de Direito — Joaquim Carlos Vidal da Gama, 2.º de Direito — Henrique Xavier Corrêa e Silva L., 2.º de Direito — Antonio Maria Pinheiro, 5.º de Direito — José Maria de Eça de Queiroz, 2.º de Direito — Antonio Caetano Callado Castro e Lemos, 4.º de Direito — Antonio Augusto Braga, 2.º de Direito — Antonio Luiz Magalhães Brandão, 2.º de Mathematica — Joaquim R. Simões de Carvalho, 2.º de Philosophia — José Eduardo Raposo de Magalhães, 2.º de Mathematica — Thomaz Emilio Raposo de Magalhães, bacharel formado em Direito e do 3.º anno do Curso Administrativo — João Mendes Leal, 2.º de Theologia — José Duarte, 2.º de Theologia — José Joaquim Coelho, 2.º de Direito — Joaquim Simões Cantante, 2.º de Direito — Francisco Antonio de Carvalho, 2.º de Direito — Jeronymo da Silva Motta, 2.º de Direito — José Mendes Silva, 1.º de Philosophia — Silverio da Silva Castro, 5.º de Direito — Augusto da Silva, 1.º de Direito — Manoel A. Severino de Avelar, 3.º de Direito e 2.º do Curso Administrativo — Antonio Maria de Araujo, 2.º de Direito — José Lopes Marçal, 1.º de Mathematica — Jacintho B. da Fonseca, 2.º de Direito — Luiz Vaz Guedes Bacellar, 3.º de Direito — Julio Ferreira Pinto Basto, 2.º de Direito — Vicente Ferreira de Souza Drumond, 1.º de Philosophia — Antonio José Borges, 3.º de Direito — David de Sousa e Cunha, 1.º de Philosophia — Antonio Julio de Queiroz Machado, 5.º de Direito — Agostinho Machado de Faria e Maia, 5.º de Direito — Joaquim

Theophilo Braga, 1.º de Direito — Domingos José Dias de Castro, bacharel formado em Direito e do 4.º de Theologia — Antonio Mendes Lages de Moura, 4.º de Philosophia — Francisco Adolpho Coelho, 1.º de Mathematica — Pedro Vaz de Carvalho, 1.º de Mathematica — Augusto Duarte Ariosa, 4.º de Theologia — Luiz Henriques do Valle. 3.º de Direito — Francisco José da Costa Junior, 1.º de Direito — Leopoldo L. Torres, 1.º de Direito — Guilherme Nunes Marinha, 3.º de Direito — José A. Guedes Teixeira, 1.º de Direito — Augusto F. Aleixo dos Santos, 1.º de Direito — José Joaquim T. da Silva Leal, 1.º de Direito — João José Dantas Souto Rodrigues, 4.º de Philosophia — Antonio Mendes S. de Vasconcellos, 1.º de Philosophia — Antonio Luiz de Seabra Junior, 3.º de Direito — Anastacio Cupertino Guerreiro, 5.º de Direito — Manoel José R. Vaz de Quina, 2.º de Direito — Sebastião Falcão de Mello, 2.º de Direito — Joaquim Pereira Pimenta de Castro Junior, 2.º de Mathematica — Augusto C. Elmano da Cunha e Costa, 2.º de Direito — Diogo Pinto Cardoso, 5.º de Direito — Heitor de S. Sousa e Aragão, 2.º de Direito — Francisco A. Guerra Velho, 2.º de Direito — Abel Augusto Emilio, 1.º de Direito — Francisco Ima Scevola, 1.º de Direito — Manoel Simões Alegre, 1.º de Medicina — José d'Andrade Figueiredo, 2.º de Direito — Francisco E. Fernandes de Meira, 2.º de Medicina — Joaquim Dias Ferreira, 2.º de Medicina — Antonio J. Ferreira Pinto da Cunha, 2.º de Direito — João Antonio de Freitas Henriques Junior, 4.º de Direito — Henrique Luiz Ferreira, 4.º de Direito — Nicolau Moniz de Bettencourt, 5.º de Direito — Antonio M. Larcher Marçal, 1.º de Philosophia — Francisco Tavares de Almeida Junior, 1.º de Philosophia — Francisco Machado de Faria e Maia, 5.º de Direito — Joaquim Romão Mendes Rojão, 1.º de Mathematica — José Joaquim Dias Gallas, 2.º de Direito — Francisco Nunes da Rocha, 2.º de Direito — Christiano Maximo da Fonseca, 2.º de Direito — João Damasceno Souza Affonso, 1.º de Mathematica — João Manoel Corrêa Taborda, 1.º de Mathematica — Sebastião de Almeida Trigoso, 2.º de Direito — Gaspar da Costa Pereira de Vilhena, 2.º de Direito — João Cardoso da Cunha, 2.º de Direito — José Pimentel R., 1.º de Mathematica — João Leite Pacheco de Bettencourt e Camera, 1.º de Philosophia — Francisco Ignacio Tavares, 1.º de Philosophia — José Filippe Vaz Jacome de Vilhena e Sousa, 2.º de Direito — José B. Lopes Bandarra, 2.º de Direito — José Paulo Camolino, 4.º de Direito e 5.º de Philosophia — João

José Dias Gallas, 3.º de Direito — Pedro Victor da Costa Sequeira, 3.º de Mathematica e 4.º de Philosophia — Joaquim Gaspar P. de Almeida Camara Manoel, 2.º de Direito — Antonio Pedroso dos Santos, 3.º de Direito — Germano Vieira Meirelles, 5.º de Direito. *(N. do ed.)*

CORRESPONDENCIA DE COIMBRA

Coimbra, amavel leitor, em tempo de ferias, é uma flor sem aroma, (vid. definição de Bucage).

A mocidade academica, gente de bom estudo, e maduro pensar, geração illuminada pelas luzes do seculo, intelligencias robustas e fortes, temperadas pela vida dos vinte annos, anima e enche toda a capital da Beira, e eleva com o movimento da ideia o nivel moral d'esta atmosphera. Chegado o tempo de ferias, levanta o vôo, e vae no seio de sua familia retemperar o espirito para novas lutas. E Coimbra, coitada! durante este tempo chora a sua viuvez pelos olhos nojentos da extremosa servente, que cabeceia dias inteiros á porta da querida mansarda de seus amos. É realmente um espectaculo doloroso ver assim abandonada uma mãe, que tanto estrema os seus filhos adoptivos. D'este modo está-se sujeito a abrimentos de bocca. — Jesus! permittam-me um bocejo...

— Pelos modos em breve será esta cidade o theatro d'uma grande festa do progresso, e por tanto nacional. A nação fez-se progressista desde que almas bem intencionadas lhe disseram, que o progresso trazia no ventre a felicidade. Isto de ventre e felicidade não é nenhuma couza má, que se deite assim ao despreso. Achada pois a pedra philosophal, grita-se todos os dias — progresso! tremem montes e valles, e uma via ferrea, ou

estrada de cascalho responde áquelle grito desesperado. Estradas — eis para a maior parte da gente a maravilhosa estatua do progresso. Grande peccado anda elle penando, para que o tratem tão deshumanamente...

D'isto se vê que se trata d'uma estrada. Abre-se em breves dias a linha ferrea d'aqui ao Porto. São muito encontradas as noticias, que correm a este respeito, de modo que não posso dizer ao certo quando terá lugar. O que me dizem ser fóra de duvida é que já aqui se preparam algumas festas para esse dia: o cosinheiro do *Carôllo* está incumbido das peças mais delicadas da grande illuminação.

Chega a locomotiva a Coimbra, e depois? Depois, qualquer dia parte provavelmente para Lisboa. Pois deixal-a partir, que ha de ir leveira; senão digam-me que concorrencia poderá haver a esta estação? A Beira, quando, montada n'um machinho, sáe de sua casa, confessa-se, e faz testamento, porque receia os perigos do caminho; e tem muita razão. A esta provincia tão rica e fertil hão de morrer-lhe, como até aqui, os productos em casa; e a locomotiva a meia duzia de leguas de distancia!... Os nossos governos tão centralisados como são, devem attender a estas necessidades. Já que não vêem senão estradas, façam estradas: acabem com isso, e façam depois mais alguma cousa de geito.

— O theatro de D. Luiz, que já muitas vezes tem dado epocha (theatral), d'esta vez vae tel-a, mas dizem-me que a não dá. Comprehende-se bem a differença. A companhia foi consideravelmente augmentada, e apresenta agora ao publico um repertorio muito escolhido e de muito bom gosto: entre as peças esco-

lhidas, que hão de deliciar os *diletanti* avulta — o *Rabo da cassarolla* — ou — *Cassarolla sem rabo* — para fallar a verdade já me não lembra bem, apesar d'andar nas gazetas.

As elegantes preparam-se para irem á *comedia*, e ouvi hontem dizer que a menina *** já começára a dormir as sestas para poder perder a noite de theatro; e que as visinhas da dita principiam só ámanhã, porque são mais espertinhas. Temos muito que ver e por isso muito que contar.

— Talvez se estranhe não se fallar de cousas litterarias tratando-se de Coimbra. Mas aqui ninguem o estranha. A patria das lettras portuguezas é modesta, não quer dar que fallar de si, e com razão, que o sabio ama o silencio.

Todavia apparece agora um livro, e, o que mais é, um livro bom. A *Visão dos tempos* do snr. Teophilo Braga, estudante de direito, protesta d'uma maneira brilhante contra a geral estagnação.

O autor teve em vista appresentar-nos a historia da humanidade resumida nas tendencias mais profundas do sentimento humano atravez das idades. — Se o conseguiu absolutamente, não o diremos nós. Descer a todos os infernos, voar a todos os paraisos, que a alma do homem tem atravessado desde a hora primeira do seu genesis, não é trabalho d'um livro nem d'um poeta. V. Hugo não o chegou a faser na sua legenda dos seculos.

Mas que monta isso? O que a arte pedia aqui não era a totalidade dos periodos historicos, mas sim a verdade d'um ou alguns d'elles. As idades, que o poeta tocou com a sua vara magica, erguem-se vivas no seu poema, e quaes foram, quaes deveram ser, verdadeiras,

sentidas, levantam-se, e apparecem brilhantes de realidade, movendo-se no largo campo da arte. Estudar a antiguidade é facil; interpretal-a pode fasel-o a meditação; sentil-a isso só o olhar profetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se ahi tão serena, tão pura, tão allumiada pela luz do ceu azul da Arcadia, que nos achamos mais d'uma vez duvidosos, se é um homem do seculo XIX, que escreve, se um antiquario, que publica alguns cantos inéditos de Anacreonte ou Sapho, agora descubertos n'algum templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube juntar n'um poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os Deuses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos d'Attica porticos, altares, estatuas, columnas, todas as formas se combinam n'uma só e unica ideia artistica.

Podemos dizer d'este livro que o peior que tem... é o publico.

Não são para esta gente as finas gazes, com que o poeta enfeitou o leito de novidade da musa antiga, e do pensar moderno. Esta gente quer grossas casimiras inglezas, ou *saragoça* de varas. Cambraias finissimas são muito tenues para que se lhe não rasguem ao contacto dos grosseiros dedos. Damos os parabens ao poeta pela sua obra; mas não podemos deixar de o lamentar pela desgraça, ou fatalidade, que o obriga a dar por companhia ao rouxinol de seus cantos, as gallinhas chocas d'esta capoeira chamada... basta, não me consente fechar o periodo

o sentimento patriotico de verdadeiro portuguez que sou.

— Coimbra ao faser d'esta fica em perfeito socego.

Coimbra, 3 de abril. (1)

(1) Publicado *in*-O Seculo xix, de Penafiel, n.º 11, de 6 de Abril, de 1864. Este periódico foi fundado e dirigido por Germano Vieira de Meireles. *(N. do ed)*

A PROPÓSITO DE UMAS POESIAS DE D. HENRIQUETA ELISA

Um nome de mulher purifica a pagina onde se escreve, como uma só planta d'áloes perfuma uma floresta inteira.

Os dedos grosseiros da critica não tem que ver com estas finissimas, impalpaveis teias de seda, suspendidas entre flores, onde o ceu deposita as pérolas dos seus rocios da madrugada. São inviolaveis como o mysterio, porque são mysteriosas como a verdadeira belleza estas poesias, que as mulheres escrevem como nós choramos — quando as mulheres sabem chorar... como nós escrevemos.

— Basta ter um coração. Um coração feminino! não ha principio de esthetica transcendental, a mostrar-nos o caminho do Bello, como esta bússula d'oiro sempre virada para o Norte mysterioso do sentimento.

A ideia do homem corre desatinada, como folha solta da arvore, impellida por aquelle vento rijo e frio que se chama a Duvida.

Mas a intuição da mulher, como pomba que voa direita ao ninho, sem bem ver, sem bem saber como, atina logo com a corrente d'ar que a ha de levar ao ultimo horizonte da harmonia.

Quem advinha é a alma: a Sybilla da humanidade, que prediz as quedas e as tristezas do coração! a feiti-

ceira do mundo, que deita as sortes e ensina o caminho da felicidade perdida!

Como é flor tudo o que cai da amendoeira em chegando a primavera, assim é poesia e belleza a chuva de flores ou lagrimas, que a alma, sacudida pela inspiração, deixa cair sobre o solo duro da vida.

Ora na mulher tudo é alma. Um seu cabello que o vento levasse correndo pelo espaço, seria isso bastante para encher o Universo de mais espiritos do que sonharam Milton e Klopstok. Um seu olhar, se o ceu se despovoasse de seus anjos, seria o bastante a povoál-o de novo das suas miriades.

Eu creio de fé na belleza d'estas poesias, que as mulheres escrevem com mão tremula, todas inclinadas sobre os echos mais intimos do coração. A minha Poetica, por mais larga que seja, tentando avaliar a extensão d'aquelle ether purissimo, parece-me então tão disforme como um anão pesado e curto, que pretendesse medir, pela medida de seus passos, a distancia que separa dous astros no ceu.

— Não batas n'uma mulher, nem mesmo com um ramo de flores — dizia a doce mas profunda sabedoria do Oriente. Ora a critica é um molho d'espinhos.

Sintamos a belleza d'estas poesias e não as discutamos. A arte, que discute e pensa e estuda, póde deslumbrar-nos com a irrupção de seus esplendores — mas só o coração nos sabe fazer chorar. —

Entre um phrase e uma lagrima quem hesitará?...
Uma lagrima é a melhor poesia.
É esse o soberano poema da mulher — a Piedade. (1)

(1) Publicado sem título *in*-O Seculo xix, de Penafiel, n.º 28, de 4 de Junho de 1864, em seguïmento das poesias que adiante se transcrevem. *(N. do ed.)*

GUIA DOS TUMULOS

POESIA DEDICADA Á MEMORIA DA MINHA JOVEN PRIMA
JULIA FLEMING

Silencio!... abrem-se as campas,
Caminham sombras alem...
Á luz sinistra das tochas,
Novo phantasma lá vem:
Mais pó que á terra se lança,
Mais um corpo que descança
Dos males que a vida tem!

Abrem-se as nuvens sombrias;
Jorra torrentes de luz
A lua no seu crescente,
O môcho pia na cruz...
Caza-se a este mysterio
Das campas, não sei que imperio
Que mau grado me seduz!

Despede-se aqui de vaidades
O homem que pensa e crê,
Deixa lá fora o cynismo
Quem seu destino aqui lê;
Pergunta ás cinzas do morto,
Se p'r'ás maguas ha conforto
N'este socego que vê!

Não vem do mundo ruidos
Perturbar aqui a paz;
Vaidades pompas da terra
Fumo são que se desfáz;
Cai a fronte lanceada
De gloria, no pó do nada,
D'este nada que aqui jaz!!

O mesmo leito pr'a todos;
Pobre ou rico, somno igual.
Morrem soberbas mesquinhas.
Na morada sepulchral!
O sello da eternidade,
Une toda a humanidade
Em abraço fraternal!

Vasto recinto do nada
Contente a ti volverei;
Da vida levo só maguas
Que em seu banquete provei!
Este silencio que aterra
Muito cobarde da terra,
Diz-me que em paz dormirei!!

Dormir! Se a c'roa do martyr
Cai no pó dos mauzoleus,
Se a fronte cançada e exangue,
Dorme alfim aos pés de Deus,
Quero esse somno esse nada
Da materia aniquilada,
Em que a essencia volve aos ceus!

Porto, novembro de 1863.

LEMBRAS-TE?

Á MINHA AMIGA, ADELAIDE C. R.

> Les sentiments sublimes sont le refuge des ames fortes et la consolation des grands douleurs.
>
> ALEXANDRE DUMAS — *Fernande.*

Tu lembras-te, amiga, da noite formosa,
Da lua que a fronte modesta velava
Em tumido veu?
A briza roubando perfumes da roza,
A medo nos ramos subtil s'embalava,
Fitavas o ceu!

Fitavas, e os astros d'inveja occultavam
Em veus transparentes, quaes virgens, a fronte
Brilhante de luz!
De brancos reflexos teus labios beijavam,
Perdendo-se ao longe no vasto horisonte,
Disses-te — Jezus!! —

Sentida era a prece que aos labios tremida
Te vinha do peito, de ha muito affogada
Em prantos de dôr;
Jezus! era o grito d'angustia insoffrida!
Da martyr da terra p'ra os ceus elevada,
Um brado ao Senhor.

Que brado, que anceio d'immensa desdita,
Teu peito guardava com raro heroismo
Em fria mudez!...
Cançaste na luta, que a força é finita,
De prantos não basta p'r'á dôr o baptismo,
É pouco bem vês.

E vi-te na fronte, no riso que a medo
Apenas teus labios por vezes rossava,
Um sello fatal;
Pois que tu'alma guardava um segredo,
Que á cruz do martyrio como eu se abraçava
Em ancia mortal.

Amei-te! que é dôce nas grandes tormentas
Fitar-se uma estrella no ceu carregado
De trevas sem fim!
Amei-te: pois ambas d'affecto sedentas,
Caminho d'abrolhos já temos pizado,
Unidas assim...

E vendo-te amei-te, que é laço o martyrio
Mais forte que o ello que infinda ternura
Nos pode tecer.
E vendo-te amei-te, que em longo delirio,
Sonhara-te ó anjo, sem crer na ventura,
De um dia te ver!

Assim nossas almas por laço fraterno
Bem juntas, lá sobem seu longo calvario
Sem uma cançar
No fim da carreira nos mostra o Eterno,
Um leito p'ra ambas o mesmo sudario,
Egual repousar!!

Lodeiro, 9 de Janeiro de 1864.

Henriqueta Eliza.

CORRESPONDÊNCIAS

Coimbra, 19 de outubro.

Para solemnisar o anniversario natalicio de S. M. a Rainha, a universidade deitou luminarias, e os actores do theatro de D. Luiz exibiram-se nos «Mysterios sociaes» drama do snr. Cesar de Lacerda.

Eis as duas noticias que tem entretido os soalheiros d'esta cidade, e que são ainda hoje o topico de todas as conversas.

Parece que cousas tão pequenas não deveriam preoccupar de tal modo tantas e tão boas cabeças, mas é que realmente a quadra vai d'uma insipidez e d'uma esterilidade, que fazem pasmar. De modo que o mais pequeno acontecimento, a que por certo ninguem daria importancia, se acaso o vento esterilisador, que sopra dos campanarios da torre da Universidade, não tivesse myrrado as boas sementes que para aqui se importam; de modo que esse acontecimento — queriamos dizer — cresce e avulta como um gigante, que chega a ser o pasmo e a admiração de toda a gente

Ainda bem que em quanto uns pasmam e admiram, criticam outros; ora como a pasmaceira não é cousa que interesse alguem, a não ser quem está pasmado; vamos ao theatro e oiçamos a critica, posto que, mesmo isto, não seja muito para divertir.

A fé d'homem serio e burguez honrado que me não agradou a mordacidade critica, e ares pouco graves

com que ouvi falar de tudo aquillo; — do drama, da orchestra, da platea, das mulheres, e inclusivamente do sujeito que recebia as senhas d'entrada.

O estylo do drama, diziam, nem tem unidade, nem elegancia, nem distincção, é finalmente d'uma infelicidade a toda a prova.

Em quanto ao resto, o fio, que devia prender e unir todo o drama é tão mal torcido, que a cada passo quebra, ou se enrosca de tal modo que dificilmente se poderá seguir a ideia principal: quando pois se chega ao desfecho fica-se n'uma tal confusão, que ninguem poderá atinar com a moralidade artistica de todo aquelle enredo. Excepto algum raio de claridade, que apparece aqui e ali, e que nos deixa vêr por entre aquelle dedalo de scenas tão pallidas o coração de quem o escreveo; não se lhe poderá realmente descobrir valor algum artistico ou litterario.

Depois do drama segue-se logicamente falar dos actores; e eram estes d'uma tal vulgaridade, que não sei deveras como hei de architetar um periodo, que dê mais ou menos uma ideia do que era aquelle palavrear monotono e sem sabor. No meio de todo esse grupo destacáva-se apenas uma figura, que, no dizer d'um meu amigo, se parecia com um soldado noviço a aprender a recruta. Marchava ora á direita, ora á esquerda, e isto com uns passos tão rasgados, tão arrogantes, com uns olhares tão torvos, que parecia mesmo querer engolir o resto da *Companhia*. — Este foi o mais aplaudido pela plateia: — e assim fica dito tambem quem era a plateia. — A orchestra desatava-se n'um mar d'harmonias, que afinavam perfeitamente com o magnifico perfume de tantas flores, que adornavam aquelles camarotes.

Ao som grave e serio do «trombone» respondia uma belleza gorda e avermelhada como as folhas da parra no outomno: a voz *melodiosamente* esganiçada do flautim lá ia ter o seu echo no coração das meninas nervosas; que á maravilha contrastavam com as meninas desvanecidas, que abriam a boca ao ouvir os sons tristes e melancholicos da «rebeca».

No fim de contas; — estava tudo muito bem relacionado, foi por isso uma grande festa: louvores sejam á empresa.

— No dia 16 teve lugar a abertura da universidade; e no dia 17 principiaram as aulas.

A universidade parece que se quer absolver do peccado de que tantos a accusam; e para isso começa a apresentar as suas reformas. A que agora appareceu é importantissima. — Ninguem pode entrar nas aulas em que não esteja matriculado sem entregar á porta uma senha ao *continuo* (esta disposição é só relativa á faculdade de Direito). Para se obter a senha vai-se á secretaria assentar o nome n'um grande livro. As aulas transformam-se assim n'um theatro, que espero será pouco concorrido visto não ser o espectaculo muito para convidar. Todavia é isto já uma reforma; e penso que se continuar d'este modo estará a universidade em breve a par dos melhores estabelecimentos d'este *genero*.

— Principiaram tambem no dia 17 os concursos na faculdade de Medicina. Julgo que só terminam no dia 27, e só então se saberá quem são os escolhidos. (1)

(1) Publicada com o pseudómino *O Bacharel — José* — in- O Seculo xix, n.º 69, de 26 de Outubro de 1864. *(N. do ed.)*

Coimbra, 25 de outubro.

Já é massada, mas eu prometto ser esta a ultima vez em que fale do Teatro de D. Luiz.

E agora mesmo só quero dizer, que se succedem ali as recitas com uma frequencia admiravel, e que tem corrido tudo ás mil maravilhas, do mesmo modo que eu já disse na minha ultima carta: destinguindo-se apenas a actriz Gabriella (1) a cantar o «Beijo».

— Actriz e cantora a menina Gabriella prende os sentidos e o coração de quem a ouve: — é um anjo. — Isto dizia eu hontem com as melhores intenções do mundo a uma pessoa muito do meu conhecimento: persuadiu-se porem o tal sujeito que eu estava brincando e respondeu-me:

— Um anjo! — Diga antes, meu amigo, um anjo que perdeu a graça divina.

— Mas que ganhou a dos homens.

— Concordo. É isso verdade depois que se lhe descolaram as azas á força de subir muitas vezes ao ceo em ondas d'harmonia.

Ao ouvir isto carreguei naturalmente o sobr'olho, e cortei o dialogo com um — basta — que bem deo a conhecer ao meu interlocutor que eu não gostava de maledicencias. Pois a actriz Gabriella, que faz as delicias dos *habitués* d'aquelle theatro ha de ser assim o alvo de ditos tão pouco engraçados?? Nada... não consinto; pelo menos na minha presença.

Ora deixemos o theatro em paz, e passemos adiante.

(1) Gabriela Florentina. Antero de Quental dedicou-lhe duas poesias — *O Beijo, a Gabriella Florentina,* e *A Gabriella Florentina* —, que foram distribuïdas em folhas volantes. *(N. do ed.)*

É bem certo que não ha cousa nova de que falar. Os localistas do jornalismo da terra não curam de noticias, andam occupados em se jogarem larachas; ainda, se elles viessem ás mãos tinha a gente com que se divertir, assim nem para divertimento servem. Pois deixal-os com os seus duelos em que de certo não ha de correr sangue, e falemos d'outra cousa.

Escrevendo de Coimbra não é d'admirar que fale todas as vezes um bocadinho da universidade. Bem sei que não vale a pena, mas em todo o caso enche-se meia tira de papel.

Um caso infeliz fez com que me achasse um dia d'estes n'aquelle estabelecimento.

E ahi depararam os meus tristes olhos com dois papeluchos grudados a uma taboleta. Nem mais, nem menos, eram dois accordãos do *Conselho de Decanos*, que determinavam a exclusão da universidade a dois estudantes. A data é antiga por isso não se assustem os paes de familia.

São pois os accordãos duas sentenças de tal ordem, que em verdade, depois d'uma leitura reflectida, não pude saber quem deveriam ser os condemnados, se os chamados criminosos, se os juizes que lavraram estas sentenças. E entendo que a respeito d'uma d'ellas está isso ainda por decidir.

Se não vejamos. — Manda-se que o sr. Sousa seja perpetuamente excluido da universidade por ser *publico e notorio* (palavras do acordão), que foi o dito sr. quem pegou o fogo ás casas dos snrs. José Dias, e Sacadura em junho d'este anno.

A universidade é muito activa na administração da sua justiça. Em sendo *publico e notorio,* não precisa de mais provas, condemna logo. E tão publico e no-

torio é, que segundo me dizem, o sr. Sousa deve ser absolvido nos tribunaes civis por falta de provas!...

Se pois for absolvido n'aquelles tribunaes, e ajuntando a essa absolvição uma copia do accordão aonde se lhe passa um attestado de «*devasso, discolo e perverso*» não poderá proceder contra os juizes universitarios? Não será motivo sufficiente para que sejam condemnados?

E que tal? Não ia eu cahindo involuntariamente no estylo declamatorio? Deus nos livre de tal peccado.

—No segundo accordão exclue-se o sr. Tavares por ter accendido numa egreja um *palito de fogo!*... D'isto não se deve occupar a critica séria, e o tempo não vai para rir.

— Tem chovido muito. O Mondego já vai muito cheio. (1)

Coimbra, 31 de outubro.

Terminaram no dia 27 os concursos na faculdade de Medicina: e n'esse mesmo dia foram votados os candidatos. O resultado da votação foi o seguinte.—

Correu primeiramente o escrutinio sobre o merito absoluto de cada um.—O snr. dr. Gama foi reprovado, todos os outros approvados.—Segunda votação —Merito relativo—1.º classificado—Dr. José Epiphanio Marques—2.º Manoel José da Silva Pereira—3.º Fernando Augusto de Mello—4.º Filippe do Quental—5.º Antonio Vieira de Meirelles—6.º José Ferreira de Lacerda.

(1) Publicada com o mesmo pseudónimo da correspondência anterior *in*-O Seculo xix, n.º 71, de 2 de Novembro de 1864.

A faculdade adoptou o principio da antiguidade n'esta classificação, e votou pela ordem de matricula dos candidatos.

Eram 3 os lugares a concurso, ficam ainda por consequencia fóra do quadro os 3 ultimos candidatos.

Sobre a reprovação do snr. d.or Gama e sobre todas as outras classificações, não nos atrevemos a emittir a nossa opinião; respeitamos as determinações da faculdade de Medicina. E ao publico, que ainda é mais respeitador do que nós, basta-lhe de certo esta declaração para nos desculpar a falta de commentarios a este respeito.

Nos dias 7, 9, 12, 14, 18 e 19, devem ter lugar os concursos ás cadeiras vagas na faculdade de Direito. São concorrentes os srs. drs. — Sanches da Gama — Vaz — M. E. Garcia — J. de P. Madeira Abranches — Costa Lobo.

— O snr. João Cardoso do Valle, violinista viannense deu hontem no salão da imprensa da Universidade um concerto de rebeca; — acompanhamento de piano. Admira talvez que havendo n'esta cidade dois theatros de grande *nomeada e reputação* nenhum d'elles quizesse receber o artista. Não é porem motivo para espantos, a cousa é simples.

O theatro academico é um morgado arruinado, e n'este caso receiou: — 1.º que a sua etiqueta e usos fidalgos fossem deslustrados por quem casualmente tinha esquecido em casa um diploma que lhe servisse de pergaminhos ou arvore genealogica: — 2.º que o tecto da casa, que está apenas prezo por algumas duzias de têas d'aranha, não voasse pelos ares levado por alguma rajada d'harmonias, que o artista podesse tirar de sua rebeca.

Em quanto ao de D. Luiz, esse coitado anda muito occupado lá com umas certas comedias, que lhe não deixam um momento vago, nem a cabeça direita.

O caso é que o snr. Valle deu o seu concerto, e mostrou-se perfeito conhecedor de todos os recursos da arte, quando queria fazer de sua rebeca uma orchestra completa: e um grande artista, quando com toda a simplicidade fazia sahir d'uma arcada sons tão doces e harmoniosos, que nos encantavam os sentidos, ou nos atiravam ao grande mundo das saudades vagas e indefinidas.

O publico que ouviu e applaudiu o sr. Valle foi exclusivamente do povo academico: a gente da cidade, depois que escutou o assobio da locomotiva, perdeu o gosto que tinha pela musica. É pena que eram bons entendedores (1).

Coimbra, 6 de Novembro.

Quem chama abençoado a este torrão de Portugal diz uma grande verdade. E nós accrescentaremos; — a benção espalhada sobre a terra estende-se tambem aos habitantes d'ella, que irão por ultimo lá nos ceus gosar a gloria eterna.

— Demonstração. —

O sol, que os allumia e que torna este clima tão morno, faz ahi a cada canto rebentar da terra a cornucopia abundante de magnificos productos agricolas. A abundancia, espalhada assim ás mãos cheias pela natu-

(1) Com o mesmo pseudónimo. *In*-O Seculo xix, n.º 72, de 5 de Novembro de 1864.

reza, engorda, robustece, e dá a paz d'espirito a esta raça de lavradores. E depois, quando, accommodado o estomago, o ceu tão limpido e azulado os cobre com o seu largo manto, e os faz adormecer descuidosamente ahi á sombra de qualquer arvore, entornando-lhes por cima um nunca acabar de sonhos e doces phantasias, acorda-lhes ao mesmo tempo no seio, por entre os vapores d'uma quieta digestão, o sentimento do bello, e fal-os então levantar, com o estomago vasio sim, mas artistas consummados. Uns para voltarem no dia seguinte ao mesmo trabalho do dia anterior, outros porem para se abraçarem de corpo e alma á visão, que lhes appareceu em sonhos, do modo que acima falei. Só assim se poderá explicar a abundancia d'artistas que enchameam por todo esse Portugal.

Hontem ainda falavamos do snr. J. C. do Valle; hoje temos já a annunciar um outro concerto de rebeca, dado pelo snr. Marques Pinto, artista Portuense. Este mais feliz do que o outro, e bastava para isso o ser Portuense, foi recebido no theatro de D. Luiz; e ajudado pela companhia de declamação, que ali está escripturada, teve um publico muito mais numeroso, que o admirou e applaudiu.

Eu por mim confesso ingenuamente que nem admirei, nem applaudi. Concordo que o sr. Marques fez muitas difficuldades na execução d'umas certas *phantasias burlescas;* mas penso que não conseguiu tirar nenhuma d'aquellas arcadas, que nos fazem estremecer, e que nos tiram d'este mundo de realidades pequeninas.

N'este ponto fui levado a fazer uma observação, e é que: — a rebeca entra decedidamente na phase do burlesco. Não ha ahi principiante que, conhecidos os primeiros rudimentos, não vá logo estudar o modo de

imitar o canto das aves, e o que peor é, a voz d'alguns outros animaes pouco sympathicos. Os mestres, esses, quando tem um publico, não hesitam entre um trecho da *Traviata*, e uma *phantasia burlesca*; vai logo o burlesco, e a *Traviata* fica mettida no caderno das musicas.

Donde virá o defeito, do publico ou do artista?

Creio que do publico e do artista: porque...

Ahi ia eu agora commettendo uma inconveniencia; nada;... o melhor é o que fica por dizer.

—S. ex.ª o snr. Bispo conde partiu d'esta cidade, segundo dizem os jornaes, para visitar as egrejas do seu bispado. Principiando por *S. Martinho do Bispo* tencionava administrar ahi o sacramento da chrysma. Este passeio de s. ex.ª alem de ser uma providencia para as almas d'este povo, é um excellente remedio higienico para elle que, costumado a passar uma vida um pouco sedentaria, deve com a vista de novas terras, e com o ar livre das aldeas achar na volta ao paço muitas melhoras tanto na parte phisica como na parte moral. Fazemos votos para que assim seja (1).

Coimbra, 16 de novembro.

Não fiquem admirados se acaso esta carta lhes parecer muito mais sem sal do que todas as outras do mesmo autor; é-o realmente. O correspondente (em geral) é um thermometro, e quanto mais sensivel me-

(1) Com o mesmo pseudónimo e no mesmo periódico, n.º 73, de 9 de Novembro de 1864. *(N. do ed.)*

lhor, para os leitores terem mais de que rir; ora com esta qualidade, quero eu dizer, não pode o correspondente deixar de se ressentir das humidades que andam espalhadas ahi por essa atmosphera.

Tempo enfadonho este, em que a gente é obrigado, desde pela manhã até á noite, a espreguiçar-se na sua poltrona, e a embebedar-se com o fumo do tabaco. Ainda assim não se vão persuadir que a minha poltrona seja como aquella que, diz a *Escritura*, de madeira do Libano mandara fazer o *Rei Salomão;* e que o tabaco me incense com nuvens de finissimos aromas: se assim fôra não era a cousa então de todo má.

Mas não é.

Quem faz profissão de ser pobre não póde nunca chegar a essas grandezas; então deita ás costas o cobertor da cama, compra uma cadeira por doze vintens, doze cigarros por um vintem, e assim se vão passando estes dias d'inverno, até que chegue a primavera, a creadora e grande amiga dos *lazzaroni.*

D'este modo é quasi impossivel o dar noticias: e em verdade que, a não ser do tempo, ha muito pouco de que falar; apezar de por ahi se falar muito.

No bairro alto, por exemplo, fala-se dos concursos da faculdade de Direito, que, como sabem, principiaram no dia 17, e tambem sabem quem são os concorrentes. Falta agora dizer o modo porque tem corrido as prelecções, ou como melhor se dirá em estylo da moda — exposições de intelligencia. —

Eu pela minha parte ainda não tive a coragem de ir ouvir uma só das taes prelecções.

— Eis o motivo. — Sabem que os retratos de todos os nossos Reis assistem áquellas festas; pois o medo que eu tenho áquellas caras, que me não deixam dor-

mir socegado a noite do dia, em que as vejo, é que fazem com que eu me prive de quasi todos os espectaculos universitarios. Creancice ou prejuizos d'infancia! dirá o leitor. Seja: mas é que a mim parece-me que as taes caras ficam pasmadinhas quando hoje alguem entra n'aquella sala: e que se por acaso algum discursador que[bra] o silencio, que ali reina habitualmente, se lhes contrahem todos os musculos da face, e que nos olham por cima do hombro a modo de quem desconfia das gerações novas. Aqui ha tempos pareceu-me até que D. Diniz (retrato) mordia os beiços assim como quem suffoca uma gargalhada. —

De maneira que o meu depoimento sobre prelecções é todo d'ouvido. Transcrevo pois as proprias palavras d'um meu amigo, muito competente n'estas materias. As prelecções, meu amigo, — disse elle — «tem-as havido melhores, e muita gente ha capaz de as fazer peores.» —

D'isto se vê que estão n'um *justo meio*, e por isso devem satisfazer a toda a gente, que, aborrecendo os extremos, d'onde é fácil o escorregar, procura o *supremo bem* no socegado equilibrio de todas as cousas.

Nós vamos orando ás sombras de Gaio e Ulpiano para que inspirem á faculdade a escolha dos snrs. drs. Garcia e Vaz, que são moços d'optimas qualidades.

—Já dei noticia do que se diz pelo bairro alto. Agora o que se diz no bairro baixo, como é negocio mais succulento, irá n'outra carta.

---

(1) *Idem.* N.º 76, de 19 de Novembro de 1864. *(N. do ed.).*

Coimbra, 28 de Novembro.

Já ahi se deve saber qual o resultado dos concursos na faculdade de Direito, na incertesa porem sempre direi que os admittidos foram em 1.º lugar — o sr. d.r Garcia, em 2.º o sr. d.r Vaz, para o 3.º houve empate entre o sr. Costa Lobo e Sanches da Gama: procedendo-se a nova votação a faculdade decidiu-se pelo snr. Sanches da Gama, penso que por ser o mais antigo.

— Se bem me recordo tinha eu promettido na minha ultima carta dizer o que occupava os habitantes do bairro baixo. Como diz o ditado — o promettido é devido: — pois então ahi vai pouco mais ou menos e em curtas palavras o que occupa as illustradas cabeças de taes sujeitos, que são na maior parte honrados negociantes d'esta praça.

O corpo commercial, em interesse proprio e a bem de toda a nação (nunca os negociantes deixaram de ser patriotas ás direitas) quer á fina força que as Beiras sejam cortadas por uma via ferrea, que vá entroncar depois directamente e pelo caminho mais curto com as vias d'Espanha.

Em quanto se não faz isto quer que rapidamente se conclua a estrada a macadam que ha de ligar Coimbra com Almeida.

Quer mais que um braço, partindo da estação do caminho de ferro, e cortando pelas ruas do bairro baixo, vá ter ao caes para ahi receber os productos, que vem embarcados pelo Mondego.

Quer... — quer n'uma palavra fazer de Coimbra uma encrusilhada, onde as bruxas venham deitar os

seus feitiços. O corpo commercial porem sem se importar de feitiços, porque é composto *de espiritos fortes* e illustrados, vai proseguindo, apinhado á roda do pendão do progresso — estrada. — Os jornaes, orgãos respeitaveis de tão venerandos senhores, atroam os ares com artigos campanudos, e recheados de muito saber. — Assim é pois como a gente do bairro baixo vai passando o seu tempo.

— Um d'estes dias estava eu muito preoccupado a ver como os rolos de fumo do meu cigarro se desfaziam no ar, quando fui despertado pela voz rouca do destribuidor da *Liberdade;* foi profundissimo o desgosto, que me causou n'aquella occasião a vista d'um jornal. Em fim vá lá, não ha remedio, disse eu; abrio-o pois e, com grande pasmo, encontrei duas linhas, que me diziam respeito como correspondente do *Seculo* (1), e a que peço licença para responder.

(1) São estas as palavras a que Antero de Quental alude: «Para nós o sr. Marques tem principalmente uma alma de artista, que possue o segredo de nos arrebatar nas azas da harmonia, fazendo-nos soltar aquelles bravos expontaneos, aquellas irrecusaveis mostras de enthusiasmo que por frequentes vezes se escutaram no salão do theatro academico!

«Não sabemos se lá estava um sr. *bacharel-José* que escreve correspondencias d'aqui para o *Seculo XIX*. Se lá se achava, e não *applaudiu* nem *admirou*, por pensar que o sr. Marques não consegue tirar *nenhuma d'aquellas arcadas que nos fazem estremecer,* sentimos dizer-lhe que tem alma pouco impressionavel, o que é deveras para lamentar, porque é uma grave falta a da sensibilidade». *In*-A Liberdade, (jornal conimbricense), ano II, n.º 182, de 17 de Novembro de 1864. As palavras em itálico lêm-se a pág. 185 da presente edição. *(N. do ed.)*

Ill.mo sr. Noticiarista da Liberdade.

Tive um dia a indiscripção de metter foice em seára alheia; invadi os dominios de v. s.ª — a *local:* cometti pois um grande peccado, e por isso tive o meu castigo. Só agora é que eu vejo que isto de fazer locaes não é para toda a gente, é preciso ser-se predestinado para isso; e v. s.ª, como tal, é que sabe fazer bem d'essas cousas. É um gosto, nunca contradiz o publico; acha tudo muito bom, muito engraçado, muito bem feito, etc., etc.

E em verdade digo que faz bem, se o publico gosta? Eu é que não sabia d'esse estylo mas prometto emenda, creia.

Em quanto ao snr. Marques Pinto eu disse que só tinha gostado do seu 1.º concerto. Se eu não achasse extremamente ridiculo o discutir com v. s.ª sobre cousas d'arte, havia de provar-lhe em como no 1.º concerto, e era d'esse que eu fallava na minha carta, o sr. Marques foi d'uma grande infelicidade. Em quanto aos outros concertos não contesto o que v. s.ª diz, porque os não ouvi.

Adeus, meu caro snr. prometto ser um assiduo leitor das suas locaes para ver se aprendo a ser cortez com o gosto do publico.

— Foi hontem á scena no theatro de D. Luiz o — *Andador das almas* — parodia á *Lucia de Lamermoor,* feita pelo snr. Palha. A noite d'hontem no theatro foi uma serie de escandalos. 1.º o snr. Palha a fazer uma parodia á Lucia. — 2.º uma parodia de gallegos de chafariz. — 3.º o *fiasco* dos actores.

— Actores — O snr. Novaes esteve insupportavel: o snr. Apolinario fazia nojo: o snr. Alves mettia medo: a snr.ª Gabriella fazia mal aos nervos.

— Peço permissão ao noticiarista da *Liberdade* para dizer estas liberdades. (1)

Coimbra, 30 de Novembro.

Temos finalmente em Coimbra uma novidade politica! Com isto se agitam os circulos e exulta o noticiario. O correspondente sente emfim debaixo dos pés o firme terreno das grandes realidades sociaes, e caminha altivo entre o fuzilar dos boatos, brandindo a penna inspirada, como a espada flamejante do archanjo dos destinos patrios! As grandes cousas são sempre assim. Uma merenda de capello no *Carolo*, ou uma revolução republicana em Paris, accendem em todos os peitos a chama inspiradora do enthusiasmo! Tudo que é verdadeiramente bello tem este condão mysterioso — e, em Coimbra ou na Cafraria, o bello é exactamente o mesmo.

A nossa novidade politica é esta — reorganisa-se fortemente o partido regenerador: esperam-se brevemente em Coimbra os snrs. Fontes e Cazal Ribeiro, Jehovás em collaboração d'este esplendoroso *fiat* social. —

A *Liberdade* (papel) guarda por ora a este respeito um profundo e machiavelico silencio: os sabios redactores d'esta folha aprenderam nas cathedras universitarias o segredo do mutismo a tempo. Mas no olhar jubiloso do redactor do *Conimbricense*, n'aquelle legitimo olho da Providencia, ha muita indiscripção! muitas revelações d'um proximo triumpho!

(1) *Idem.* N.º 79, de 30 de Novembro de 1864. *(N. do ed.)*

Não mentem os agoiros: e Coimbra vai ser o theatro d'um grande facto, certo symptoma d'uma energica e brilhante vida politica! Prepara-se uma esplendida recepção aos dois ante-christos opposicionistas. Os foguetes e os discursos patrioticos, as merendas e as tramas machiavelicas, alegrarão esses dias jubilosos.

Que sahirá d'esta estranha combinação de pesadas machinações diplomaticas portuguezas, com leves vapores de champagne francez? É o segredo do destino.

Mas na prospera, ou na adversa fortuna, ó conimbricenses, sede sempre dignos de vós e de vossas gloriosas tradicções! Lembrai-vos, ó filhos da Cindazunda, que do alto da torre da universidade o guarda-mór vos contempla!!

— Escriptos estes periodos quasi lyricos, que o enthusiasmo aqueceu até ao *rubro-branco* no peito meio gelado do noticiarista, e o clarão dos grandes acontecimentos alumiou com a luz fantastica dos pesadelos do amor patrio, a missão do correspondente resvala das alturas epicas do sublime para barafustar no charco sesonatico da vulgaridade quotidiana. É este o duro e doloroso preço das elevações vertiginosas d'um espirito avido do bello, que esperou escapar á sombra doentia dos muros da universidade, contemplando com religioso enlevo o vôo sublime dos avejões politicos no ceu azul do patrio constitucionalismo!

Mas breve se desfaz o encantamento — e o infeliz accorda do sonho maravilhoso, para se ver entre uma sebenta e um artigo de fundo do *Tribuno*, entre um doutor e um agiota, entre a universidade e o theatro da Graça, essas columnas de Hercules, que marcam os ultimos confins da vida em Coimbra. Não é assim o theatro de D. Luiz. Ali serve-se ao publico quanto ha

mais do seu gosto — e esse gosto é excellente. Repete-se esta noite ali o *Andador das Almas*, parodia perfeitamente *original* do snr. Palha. O conhecido e symbolico nome do autor (Palha) é uma garantia das bellezas e fino sabor da obra. A plateia, composta de quanto ha de melhor entre estudantes e lentes, difficilmente encontraria cousa mais em harmonia com as tendencias do seu espirito e sympathias de sua alma: os protogonistas são um espirituoso sacristão, um pundonoroso arrieiro e um honrado gallego. Com estes simples, mas fecundos elementos, fez o snr. Palha a sua obra, cuja interessante acção não illude a nossa expectativa um só instante.

A intelligente plateia, collocada naturalmente e sem esforço no ponto de vista do auctor, comprehendeu para logo a bella simplicidade de tudo aquillo, e estabelecendo-se uma fraternal sympathia entre os heroes da farça e os espectadores, podemos assegurar, sem perigo de sermos lisongeiros, que a primeira representação do *Andador das Almas* mais pareceu festa de familia do que simples divertimento theatral!

Esta noite o publico não pôde deixar de confirmar o seu primeiro juizo com freneticos applausos — é um acto de justiça, que faz ao auctor e a si mesmo. Tanto a illustrada mocidade, como a prudente senilidade academicas, tem em si os necessarios elementos para comprehender uma farça no gosto d'esta — e até mesmo, sendo necessario, para a compor. É esta a opinião do meu engraixador, que assistiu á representação. (1)

---

(1) *Idem.* N.º 80, de 3 dezembro de 1864. *(N. do ed.)*

Coimbra, 7 de dezembro.

São tudo tristezas!

Chove, e a academia diverte-se...

Ora a chuva e a alegria dos academicos são cousas essencialmente melancolicas. O inverno brumoso e feio veste-nos por fóra com o burel esfarrapado dos seus nevoeiros.

Mas essa primavera bastarda, que toda se desmanda em flores gotosas e lymphaticas, esse riso dos vinte annos que nos aflige mais que o catarro dos oitenta, toda essa pseudo-mocidade é tão falsa, tão feia, tão nevoenta, que não ha ahi bruma do inverno, que melhor nos encha o peito de frio e o coração de desgosto!

Uma contorsão grotesca em labios onde se esperavam sorrisos finos e espirituosos; um uivo bestial saido de bocas que nos deviam palavras vivas e luminosas; um som inarticulado em vez d'uma nota de harmonia; um ronco estomacal em vez d'um suspiro do coração — digam-me, francamente, será isto de todo em todo divertido?

Ahi fica um periodo serio, que nem um sermão de missionario. Eu não amo excessivamente a moral desde que li o snr. R. de Bastos; nem os sermões, desde que ouvi os pregadores da capella da Universidade. Mas deixem-me passar aquelle periodo na solemne e impertigada gravidade da sua indignação, por que realmente a questão, aqui, é — que mais não seja — de bom gosto e sobre tudo de bom senso.

Querem os leitores saber o que actualmente enche o peito generoso, d'esta amazona de calças, filha inno-

cente do velho Portugal, chamada academia de Coimbra?

A imagem vaporosa, pura, serafica de... de meia duzia de pernas de duvidosa esthetica mas forte plastica, que o ingenuo pudor do empresario de D. Luiz apenas deixa descubrir (na scena) um palmo acima do joelho de suas donas, Armidas dançantes, Circes de contrabando, que a visinha Hespanha nos enviou no dia 1.º de dezembro para conquistar a academia, transformando todos estes Ulysses de botequim n'aquillo em que as Circes transformam sempre os Ulysses, pelo conhecido processo homerico. E a transformação é completa! *Oh quam mutatus ab illo.* — Todas as formas do mundo animal, e não poucas do vegetal, rebentam do chão ao bater do pé irritante das magicas — e o prodigio é completo! Palmas e pateadas, uivos e grasnidos, esgares e contorsões, cambalhotas e brados, nada falta! é uma verdadeira representação do mundo antidiluviano.

No meio de tudo isto, grande, terrivel, immenso e ridiculo ergue-se o patriotismo! *São hespanhoes!* esta phrase sybilina passa de bocca em bocca, acende os peitos, injecta os olhos, abrasa os corações, e ibericos e patriotas, dançantes e não dançantes, todos, como n'uma bachanal de gargalhadas, parecem possessos d'algum furioso deus antigo, como Bachus ou Momus, por exemplo...

Todas estas cousas, cuido eu, são grandes de mais para a gente se rir com ellas. E é por isso que os divertimentos academicos nos parecem decididamente mais compungitivos do que alegres.

Deixemos este assumpto melancolico e falemos de cousas divertidas.

Dos premios, por exemplo, da passagem do snr. Fontes, ou ainda dos concursos de medicina.

Os premios na faculdade de mathematica!

Os concursos na faculdade de medicina!

Mas quem dignamente escreverá d'estes assumptos tres vezes epicos, dignos d'Homero, grande poeta, que tambem é autor do *Poema dos Ratos?*

Fico-me enchendo de coragem para tamanha empreza até á proxima correspondencia. (1)

Coimbra, 20 de dezembro.

A chegada dos exc.mos snrs. Fontes e Casal Ribeiro é a noticia mais saborosa, que corre por toda essa Coimbra.

Desejaramos que aqui se achassem hoje os pessimistas, que por toda a parte apregoam a morte politica d'este paiz, por que lhes queriamos mostrar as faces alegres e jubilosas do bando opposicionista: queriamos que vissem como o sol regeneratorio derrete o grande gello da indifferença, e diffunde por toda a parte um calor grato e benefico, que faz rebentar as questões mais graves e serias sobre o destino d'este povo.

Em quanto houver tão bons patriotas, e tão extremosos pela regeneração d'este Portugal, pode elle descançar socegadamente a sua cabeça, e fazer uma boa digestão das suas passadas glorias.

O caso é que os illustres chefes da opposição chegaram a esta cidade pelo meio dia d'hoje; e, acompa-

(1) *Idem.* N.º 82, de 10 de Dezembro de 1864. *(N. do ed.)*

nhados pelos seus amigos politicos, fizeram a pé o espaço entre a estação do caminho de ferro, e esta cidade, confirmando assim a alta ideia, que d'elles faz todo o paiz. Não me atrevo a afirmar que d'este modo possam chegar ao Capitolio, mas o que é certo é que chegaram ao *Carollo*, a melhor pousada d'esta terra, e onde se come magnificamente.

Suas Exc.as vão amanhã visitar as aulas da Universidade: diz-se que querem estudar esta organisação d'estudos, porque projectam algumas reformas para apresentarem agora ao paiz na sua proxima subida ao ministerio.

— O estado sanitario de Coimbra, penso que á falta d'assumpto, tem dado muito que falar a diversos jornaes. — É pessimo, dizem uns, — é optimo, dizem outros, e com estes está a faculdade de medicina, que sendo ha dias consultada sobre este caso assim o decidiu soberanamente.

Sou tambem d'esta opinião, e bastava para isso o ser ella fundada sobre dados, colhidos pelos snrs. lentes, que teem a clinica da cidade. Todavia direi que andam por ahi uns typhos, que de vez em quando vão pregando a sua desfeita.

Hontem por exemplo morreram dois estudantes, tendo já n'esta quadra morrido outros dois, e segundo me dizem, mais alguem está perto disso. Todavia é forçoso confessar, que não ha por emquanto uma verdadeira epidemia: — molestias da estação.

— Mr. Velle, feiticeiro muito engraçado, esteve no theatro academico e mais os seus espectros. É preciso confessar o grande merecimento de tal invenção: não deixando tambem d'avertir, que os espectros teem muito pouco d'almas do outro mundo, — são gordinhos,

corados, bonitos, muito habilidosos etc.... n'uma palavra, tem a grande virtude de não metterem medo á gente; e antes pelo contrario chega-se até desejar a convivencia d'aquella familia. Já é preciso ser feiticeiro para se fazerem d'estes milagres.

Os conselheiros do theatro academico, imaginações muito aprehensiveis, tiveram medo que o feiticeiro lhes empalmasse os seus lugares e poseram-no fóra: em consequencia d'isto está agora no theatro de D. Luiz. (1)

Coimbra, 22 de Dezembro.

É hoje o primeiro dia de ferias. E que dia formosissimo! Alegra-se o ceu, veste-se de azul mais puro esse templo da eterna liberdade na hora em que, n'um ponto da terra, se dá um sorvo d'ar livre ao peito extenuado d'um cativo!

Uma hora d'alegria vale toda a sciencia do mundo — e maximamente, então, a sciencia de Coimbra. Não ha alchimista tão sutil que possa extrair de todas as folhas dos livros d'essas bibliothecas uma só folha de rosa. O snr. dr. A. Forjaz fez, sobre a Economia Politica, uma grande obra (3 volumes) muito apreciada em Coimbra e seus arredores. Pois, sem faltar ao respeito que devo a este sabio, posso jurar-lhe, que não ha um só dos seus discipulos que não prefira ás mil paginas da sua obra o bocadinho de papel, com que faz os seus papelotes a formosa rapariga, que a estas horas, lá na terra, se prepara para o receber nos

(1) *Ibidem.* N.º 86, de 24 de Dezembro de 1864. *(N. do ed.)*

braços, depois de tres longos e crueis mezes d'ausencia, e que sabe tanto de Economia Politica como eu, que tambem já fui discipulo do snr. dr. e por experiencia propria sei quanta Economia Politica nos fazem esquecer certos olhares. Se os dignos mestres tivessem sido rapazes uma hora só de suas laboriosas vidas, fechavam as lojas aonde pesam sua grave sciencia, e deitavam-se a namorar como uns bemaventurados. Faz pena realmente ver estes pobres moços, que podendo ser alguma cousa, um fado triste obrigou a ser estudantes. Qualquer cura d'aldeia lhes ensinava tudo o que aqui não apprendem, melhor e em menos tempo.

Mas estas cousas, tão evidentes como um paradoxo, ninguem as quer entender. Entende-as o ceu, porque está muito longe da terra, que ainda lhe não poderam corromper o seu luminoso bom-senso. Nunca leu uma *sebenta*, o infeliz, por isso é tão azul, tão puro e tão livre! Esta formosura do dia d'hoje, d'este primeiro dia de ferias, não é um acaso — tem uma profunda significação — «Ide meus filhos, diz o sol, ide filhos da mocidade, da luz, do amor, da liberdade! Ide ao seio das mães, aos braços das amantes, aos campos da patria, e ao vinho da frasqueira paternal! É sempre tempo de estudar direito romano! é sempre tempo de ser velho, rabugento e malcriado!» — Isto diz o sol; e o correspondente é perfeitamente da sua opinião, o que é muito lisongeiro para ambos.

— Tambem vimos os snrs. Fontes e Casal Ribeiro. Nenhum d'elles é perfeitamente um astro, o que os não impede de terem aqui muitos satelites e um resplendor de popularidade muito rasoavel. Um numeroso cortejo os esperava na estação do caminho de ferro, e processionalmente entraram, a pé, na Sophia. Este passo,

como disse, não leva ao Capitolio, todavia conduz perfeitamente ao *Carolo*, aonde entre a sopa e a sobremeza, se levantaram as mais graves questões d'interesse patrio, que s.as ex.as, mesmo ali, resolveram satisfactoriamente. O partido regenerador não é muito numeroso em Coimbra, mas é de justiça confessar que se compõe de quasi tudo quanto ha aqui de melhor. É um partido moço, e isto atráe a mocidade, o talento e a ambição.

Quando digo mocidade, não falo da academia, pelo contrario. Estranhou-se que os estudantes não fizessem aos illustres estadistas um enthusiastico e popular acolhimento. Devemos antes louvar por isso os academicos. Comprehenderam perfeitamente esta cousa sensata; que a politica não é para rapazes. A politica não é para rapazes, porque a mocidade é naturalmente uma cousa pura, poetica, desinteressada e nobre — e a politica é... é o que nós todos sabemos. (1)

Coimbra, 15 de Janeiro.

Desejava, e era um desejo innocente, creio eu, ter diante de mim o grande tinteiro donde Alf. Karr pesca os seus ditos engraçados, a ver se podia tambem pescar alguma phrase, mal ageitada que fosse, mas que me servisse ao menos de cabeçalho para esta carta, que vai correr terras de Penafiel. E é de saber que este meu desejo não indica falta d'assumpto de que se possa fazer chronica, mas sim a grande difficuldade, que

(1) *Ibidem.* N.º 87, de 28 Dezembro de 1864. *(N. do ed.)*

sempre tenho em escrever a primeira phrase, que me não deixa fechar o periodo sem ter, pelo menos, rabiscado duas tiras de papel.

Resignemo-nos porem com a tyrannia da tal phrase, e agora, que esta tira já vai em meio, vamos a contar para ahi alguma cousa cá da terra.

— Exalte a nova, e esperançosa geração academica, que vai tambem receber um cartão de convite para o grande banquete da farda.

Dizemos banquete da farda, assim como quem diria, — banquete social, pois é bem claro que a farda é o symbolo da nossa sociedade moderna. E penso até que tende a substituir os trajes nacionaes.

Que graves e serias considerações não hão de fazer os philosophos ao ver como o capote de portas se tem vagarosa e successivamente transformado n'um casaquinho com vivos de muitas cores?! E acho que é realmente caso para se philosophar. Pois não nos faz isto lembrar a grande distancia, a que ficam já de nós aquelles tempos barbaros e rudes? Alem de que esta transformação é uma cousa necessaria e logica, e que prende directamente com as transformações de nossa raça.

Era cousa ridicula por certo que um portuguez dos modernos, pequenino, bem arranjadinho, com flor no botão da casaca, trajasse um amplo e farto capote de portas: seria o mesmo que pôr na cabeça de Cupido a gorra do Tritão.

Mas, voltando ao nosso caso: — o academico precisa da farda, e d'uma farda, que seja galante, e bem traçada, e que possa trajar mesmo na sua patria em tempo de ferias.

E isto não porque o academico se não distinga e se-

pare bem do resto da gente; isso não, porque o academico já de si é um *typo;* mas sim porque é preciso fazel-o sobresahir dando-lhe uma confirmação official.

D'antes a bota d'agua e a jaqueta à hespanhola é que distinguiam em toda a parte o estudante de Coimbra, que fazia andar á roda a cabeça de tanta estalajadeira, e mesmo d'algumas moças ricas. Hoje que o estudante já não é o estroina proverbial, que já não usa bigodes d'arremetter, o cigarro ao canto da bocca, vai a farda dar-lhe esses ares de distinção, d'elegancia, de moda, que hão de fazer d'elle um *Lovelace*, um terrivel *Cabrion* dos paes de familia! Acautelai-vos do novo academico, ó cidadães da Pedrulha e terras de Poiares.

É elegante sem duvida o novo fardamento: — bonnet á PEDRO V... e aqui me paro eu na descripção que ia fasendo.

Bonnet á PEDRO V! Ó gente cynica e sem juizo! Pois aquelle rapaz de tantas esperanças e de pensar tão serio e elevado não vos legou outro thesouro? Pois D. PEDRO V ha de viver só para aquelle desgraçado padrão do largo da Batalha, no Porto, e pelo seu bonnet?

Ó espiritos tacanhos, não sujeis assim a unica lembrança pura, que os tempos d'hoje poderam legar á historia. Ide buscar o modello da vossa farda aos figurinos de *Cervantes*, e deixae em paz a memoria de quem vos conhecia.

Ora esta? Pois não me parecem já bem ridiculas estas exclamações? Deixemos fazer, que tudo isto vae bem, vae ás mil maravilhas.

A universidade approva o novo fardamento mas quer

que pelo *vivo* se destinga a faculdade a que cada um pertence: é bem entendido.

— Folguem os apostolos, que clamavam que o caminho de ferro havia de fazer nascer n'esta terra novas industrias: — ha em Coimbra uma companhia de gatunos, que escova as bolças e as casas dos cidadãos pacificos. Ha outra companhia de garotos tambem, e da qual não dizemos a profissão por amor á decencia e ao decoro. Ás horas caladas da noite se podem ver ali no largo do Museu os taes sujeitos de braço dado e em dança macabra com a prostituição.

Ao que por ahi se fala em progresso, é decedidamente o sangue novo d'este Portugal, que o faz cahir em semelhantes descaminhos.

E depois d'esta consideração exclamei eu, — verduras da mocidade! — Ao que um amigo meu respondeu do lado, «diga antes — suspiros d'um velho *roué!...*»

— Foi nomeado para o lugar de guarda mór da universidade o sr. Bernardo Rangel da Silva Mattoso, antigo empregado da malla posta na estação de Condeixa.

— Á data d'esta é lisongeiro o estado sanitario da cidade, e ha perfeito socêgo. (1)

Coimbra, 22 de Janeiro.

Principia a bella folgança carnavalesca, e penso que principia bem.

(1) *Ibidem.* N.º 93, de 18 de Janeiro de 1865. *(N. do ed.).*

Um baile no club academico deu principio a estes folguedos innocentes e sem malicia. Foi uma festa d'amigos, e boa festa em verdade, visto que ninguem ali se contrafazia: — estavam os academicos no pleno uso da sua *rasão* e do seu espirito. —

Estes bailes teem uma feicção muito particular, que os destingue, caracterisa, e que é preciso apontar para melhor intelligencia do que havemos de dizer.

— Teve um dia certa mulher arrufos com o seu amante; despeitada, e receiosa mais ainda de que em casa lhe morressem desconhecidas as graças e os incantos, meditou seriamente no caso namorando-se ao espelho, e disse: — vamos ao baile: — é pois o baile em todas as suas formas uma creação da mulher, que lhe legou como elemento necessario a superabundancia de luzes, de flores, de perfumes e d'harmonias.

Dito isto, ahi vae a nota que acima promettemos: — aos bailes do club academico não vão mulheres: — e com este remate ao periodo antecedente quasi que podiamos dispensar o que se vae seguir.

Os directores, como pessoas, que tem o tento de boa logica, e profundo conhecimento do publico, a quem abriam os seus salões, dispensaram-se lá d'essas formalidades das muitas luzes, das flores, dos adornos n'uma palavra: arranjando por unica illusão uma orchestra, pouco leal, é verdade, ao tento da harmonia, mas em perfeita relação com todo o resto.

De modo que n'um *demi jour* que não deixava de ser agradavel, e que muito favorecia as scenas, que ali se passaram; e demais sem mulheres do sexo femenino, que obrigassem os bailantes a delicadesas e attenções, desprendeo-se livre e sinceramente a catadupa do enthusiasmo academico.

Deixem-me agora reparar n'uma phrase do periodo antecedente, e que não sendo explicada me poderia denunciar á posteridade como parente ahi de qualquer frade Bernardo.

«Mulheres do *sexo feminino*...» pois tambem as ha do sexo masculino? Tambem, sim senhores tambem ha disso. E então com que elegancia e coquetismo trajavam hontem certos donzeis os vestidos e ares do sexo femenino? E de tal modo andavam, falavam e brincavam, que eu com toda a minha ingenuidade me cheguei quasi a convencer de que eram realmente mulheres; e mulheres muito dadas, e muito vistas na *arte* de...

E aqui faço eu ponto para que me não chamem indiscreto; e peço, que não ponham pécha nas reticências, que só indicam a falta de palavra propria e bastante expressiva para designar cá uma certa cousa.

Com todos estes elementos recomponha agora a imaginação do leitor a noite d'hontem, e facilmente poderá advinhar o grande divertimento, que foi.

—Na nossa ultima carta dissemos que havia aqui uma companhia de gatunos. N'uma d'estas noites passadas foi assaltada ahi para os lados da «*Arregaça*», a casa d'uma pobre velha, que de tão atarantada que ficou nem sequer teve animo para pedir soccorro. Uma visinha porem deu pelo caso, e na qualidade de mulher, tanto deu á taramella, que acordou toda a visinhança, e a gatunagem evadio-se: seguindo-se depois uma scena, que deve servir de terrivel exemplo a futuros ladrões. Os portuguezes d'aquelle bairro, que não são homens lá para graças, pegaram das suas caçadeiras, e fizeram fogo das janellas uma noite inteira,

ao que, não se sabe bem ao certo, mas suspeita-se que fosse aos ladrões que já tinham fugido.

Como a noite estava bastante fria e escura as patrulhas tinham ficado a dormir, vigiando pela segurança das autoridades.

— Ha hoje basar de prendas a favor da sociedade philantropica — e como me disem que está muito concorrido, vou-me a ver se as bellesas cá da terra ainda tem aquelle seu antigo brilho de que já tenho falado nas minhas cartas. (1).

Coimbra, 5 de fevereiro.

Hoje exalta o correspondente; e em despeito d'este aspero inverno que á nossa custa nos ensina praticamente a geografia dos paizes boreaes, sente correr-lhe nas veias o chumbo candente do enthusiasmo, essa lava, esse magnitismo que faz as acções heroicas e os artigos de fundo magistraes.

Temos a registrar nos anaes do *Seculo XIX* duas descubertas importantes: ambas scientificas, ambas de professores da universidade.

Portugal, com sua mão tropega de velhice, tem ainda força bastante para escrever de vez em quando um versiculo doirado nas paginas da biblia moderna chamada sciencia! É tãobem apostolo d'essa nova religião; e tem na universidade de Coimbra digno Espirito Santo que a inspire.

Ás sciencias phisicas e ás sciencias sociaes se re-

(1) *Ibidem.* N.º 95, de 25 de Janeiro de 1865. *(N. do ed.)*

portam os descobrimentos que trazem esta terra, juntamente com as cheias do Mondego, n'um estado de pasmo que quasi toca os raias da pasmaceira.

Um professor de philosophia, cuja robusta construcção determinara o conselho d'essa faculdade a encarregal-o do ensino da chimica inorganica, sciencia tão prejudicial á saude, sacrificando por longos annos os prazeres de sua edade ao estudo e meditação aturada, acaba, depois de mysteriosas experiencias, de ver coroados tantos esforços por um exito que vai mesmo alem das suas mais levantadas ambições. Desde Priestley e Schéele, que tinham posto em duvida a simplicidade chimica do ar atmospherico, até Lavoisier que, como todos sabem, consumira inutilmente a sua vida sem poder descobrir os elementos d'essa hipotetica composição, todos os esforços da sciencia se tinham consumido em vão sobre este problema já quasi considerado insoluvel, como a quadratura do circulo e o movimento continuo. Os principaes chimicos, e á frente d'elles Guyton de Morveau, declararão o ar atmospherico incapaz de ser reduzido aos seus elementos, e sua composição cousa praticamente improvavel, com quanto as melhores razões fizessem duvidar de sua simplicidade. A sciencia abandonára o insoluvel problema, e ninguem sabia o nome d'esses mysteriosos e inatingiveis principios elementares...

Honra ao illustre professor da universidade! esse nome, dentro em breve, não será já um mysterio para ninguem.

Á custa d'esforços titanicos, quasi com perigo de vida, pôde em fim analyzar a atmosfera e fixando-lhe os elementos em prodigiosas decomposições, achou primeiro um corpo simples e em seguida outro; com os

quaes, por meio d'uma atrevida sinthese formou novamente ar, legitimo ar respiravel. O primeiro elemento (descuberto já no anno passado) deu azo a que descubrisse o segundo, e por isso lhe chamou *azote!* ao outro poz este nome original de *oxigenio,* cuja origem ainda ignoramos.

Eis pois demonstrada scientificamente uma verdade que alguns grandes espiritos tinham entrevisto mas que, para o mesmo Lavoisier, nunca passára de simples conjectura e intuição ou palpite!

Esta descuberta está destinada a produzir uma verdadeira revolução no mundo scientifico. Dá uma base nova á chimica; a phisica e a mechanica não podem, em vista d'isto, ficar impassiveis; e, de aplicação em aplicação, quem sabe que importantes transformações não sofrerá com ella a mesma methafisica?

Gloria pois á nação portugueza e á sua universidade! Uma das paginas mais brilhantes da historia scientifica do seculo será escripta por uma mão portugueza. O braço que abriu outr'ora o caminho d'um novo mundo, tem ainda força para se erguer e apontar o horisonte mysterioso dos não menos gloriosos descubrimentos do espirito!

Que fará o governo? eis o que todos preguntão anciosos. Deixará por ventura cair no chão, como cousa impura ou inutil, esses esplendidos fructos da intelligencia que generosamente lança no seio da patria um de seus melhores filhos? Infelizmente os exemplos de ingratidão n'esta terra são em numero suficiente para darem justo fundamento a este receio...

O estado em que tão crueis trabalhos deixaram o illustre professor é verdadeiramente lastimavel. O ambiente dos laboratorios estiola em breve as mais

robustas compleições. A face do descubridor cava e rugosa, seus olhos baços, seu passo incerto, sua fronte pendida, seu todo desvairado, são o pasmo e a lastima de todos aquelles que não comprehendem a sublime abnegação d'estes homens excepcionaes que tudo sacrificão no altar da religião scientifica!

Mais quizera dizer sobre este assumpto: mas estas ultimas cogitações filtrarão-me para dentro do coração uma tal melancholia que dificilmente me permitem continuar. Ficará para a primeira occasião a outra descuberta d'um systema de direito publico, por um lente d'essa disciplina, e a que alludi no principio d'esta carta.

Quizera tãobem falar do escandaloso escripto do snr. Anthero de Quental ácerca da encyclica de S. Santidade. O estylo do poeta não é ali bastante para encobrir a fealdade d'essa traição que, sob forma de defeza, faz á religião da sua infancia o pantheista desvairado que ainda ha pouco vimos abraçado á cruz, nas angustias do scepticismo, e resolvido a procurar no santuario a crença e a paz que não podéra encontrar nos livros de Voltaire e de Strauss.

Que não seguio elle esse bello impulso d'um coração ferido e desalentado!! Agora escarnece de novo o que já lhe fora esperança — e defende o christianismo exatamente com o mesmo pio cuidado com que o coveiro depõe o defunto no fundo da cova!

Aceita humildemente todas as inqualificaveis conclusões de Pio IX para dizer depois á religião «retira-te do nosso sol: és incompativel com o mundo moderno, o papa o declara, por isso sê maldita e morre.» É ultramontano... para ter o direito de ser atheu! Toda a rethorica do discipulo de Quinet não o pode absolver

da má e perfida ação que praticou, muito embora em bom estylo...

O snr. Anthero, que temos visto mistico em *Beatrice*, pantheista em *Fiat lux*, voltariano na *Defeza da encyclica*, não nos dirá em fim qual a verdadeira religião que professa? — a não ser que as professe todas, como o seu mestre Renan. (1)

Coimbra, 8 de fevereiro.

Corre tudo muito bem. Esta correspondencia vai com ares de bonacheirona sujeita.

São noticias de Coimbra, cousa feliz e innocente. Paraiso onde a sciencia não tem o perigo de perder alguem, a não ser de... riso.

Appareceu um dithirambo em que é festejada a virtuosa actriz Gabriella, incantadora circeca do sitio, cuja vara magica tem feito cousas d'admiração de meia duzia de mancebos, nosso pasmo antes já da metamorphose.

A seraphica menina, dizem-nos que parte para o Porto amofinada com a pirraça do poeta.

« Fade-a Deus bem
« E a nós tambem.

Pedimos venia ao inventor dos Solaos para esta canção, bem como da seguinte, que chega muito adrede.

« Eu nunca vi
« Mulher assi!

(1) *Ibidem.* N.º 99, de 8 de Fevereiro de 1865. *(N. do ed.)*

O snr. Freire não se incommoda certamente com as recordações do seu passado lyrico: demais a innocencia da actriz esmalta a ingenuidade do cantor.

As artes são gemeas. É um regalo scismar no modo como emparelha bem o nome do snr. Freire poeta, com o da snr.ª Gabriella actriz.

O sr. Girão, distincto academico, deu á luz um romance de muito sentimento e lirismo afinado. Esta obra consoladora deve saber-se á cabeceira de todas as pessoas d'intimo puro: acreditamol-o profundamente.

O novel escriptor, ainda que algumas vezes tenha incorrecções d'estylo, manifesta comtudo inlevos poeticos e bastante valor.

A edição é de preço.

Consta-nos, que o snr. Manoel d'Arriaga vai abrir um curso d'economia politica para o povo.

O festejado mancebo deve resplandecer n'este caso, como em tudo onde a sua fronte loira e clareada costuma apparecer.

Queira Deus, que o snr. Arriaga não se arrependa.

Corre a pena docemente no papel, como um cabello em taça de leite, quando uma correspondencia se inflora com noticias tão incantadoras e lindas.

Figura-se ante o coração atoleimado, que um anjo nos manda tirar a tinta da concha da sua mão e a pena d'uma aza sua. Nestes momentos o correspondente é feliz como um doutor em Coimbra, a ursa maior no espaço, e a maçã cuca na primavera.

Até breve. (1)

---

(1) *Ibidem.* N.º 100, de 11 de Fevereiro de 1865. *(N. do ed.)*

Coimbra, 19 de fevereiro.

Está uma excellente temperatura.

Nestas quatro palavras muitas vezes encerra-se um vasto mundo de cogitações misanthropas e até muitas um poema encolhido.

Quantas vezes um amante de coração anazarco d'amor abordando a querida, desabafa d'aquelle modo!! Conta H. Heine que, ao visitar pela primeira vez Goethe, o cerebro se lhe entupira d'uma tal maneira que pôde somente falar-lhe d'umas certas ameixas, isto, porem, creio que *ex abundantia cordis*, ou da viscera nefanda.

Ora o correspondente não se encolhe em concentração paterna depois de falar do tempo, ou das ameixas; tem folego para mais. O baile do snr. Conselheiro Adrião Forjaz, os novos botequins, e a refutação dos principaes documentos da impiedade por sete ou onze theologos cá da terra.

O carnaval annuncia-se faceto, bonacheirão e estroina. O baile do sobredito conselheiro é uma negaça incantadora do histrião delirante. Ha muitas esperanças de que a festa deixe dilectas recordações, com que se amenise a sizudez do resto do anno.

Se assim não fosse, a vida era quasi insuportavel. O carnaval evita muitas blasphemias. É um regalo scismar neste ponto.

Bemaventurados pois os que trabalham para a dulcificação da existencia e para o respeito da divindade!

Nestes ultimos tempos têem-se aberto varios botequins, o que muito concorre para o espiritismo academico. Os meninos procuram nestas guaridas limpar-se da herança cabeçuda de suas familias chamorras.

Na terra de Cindazunda o folhetim secio, barbitezo, e risonho bandarrea por entre as circumspectas figuras dos homens da universidade.

Coimbra vai tomando uma travessa feição. Alguns opinam que o folhetim não afina com uma prelecção de theologia ou mathemathica. O correspondente respeita a liberdade de pensamento e não se cança em discutir este ponto.

Com tão felizes novas a correspondencia abre-se á beira do Mondego, como um lotus nas margens do Ganges, e no coração de José Daniel outr'ora se abria uma chalaça.

Adeus. (1)

Coimbra, 22 de fevereiro.

Vai gorda e farfalhuda a epocha carnavalesca. É grande o folguedo que se expande em delirosas dansas, e satisfeitas alegrias.

Os principaes salões cá da terra abrem este anno generosamente as suas portas ao bom gosto das damas e cavalleiros.

O exc.mo Forjaz, primeiro apostolo de civilisação n'esta cidade, e a quem os seus profundissimos estudos tem mostrado, que estas festas populares não são de modo algum antinomicas com um espirito recto, e apertadamente religioso, convocou a *elite* da sociedade Coimbrã a um baile de *Costumes*, que segundo nos disem foi maravilhoso.

A mimosa elegancia das damas, e espirito dos cava-

(1) *Ibidem.* N.º 101, de 15 de Fevereiro de 1865. *(N. do ed.)*

lheiros, a quem a mascara dava lugar a phrases discretas e ditos engraçados, foram uma magnifica diversão para o ex.mo Forjaz, que continuamente vigia sobre os livros á busca das verdades eternas, que só a sciencia nos pode dar.

Todos se divertiram, e todos hão de aproveitar aquella noite, que muito pessimista talvez julgue perdida por isso que é impossivel, que s. ex.ª animado e renovado pelas boas impressões, que por certo lhe deixou tanto e tam innocente folgar, se não recolha ao seu gabinete, e nos não dê alguma obra de polpa, como costumam ser todas as suas, visto serem filhas de profundas e serias meditações. E como o baile foi de *costumes* é de crer que s. ex.ª ali aprendesse bastante, e escolhesse para os seus estudos aquelle succulentissimo assumpto, que s. ex.ª saberá transformar em magnificas paginas, que decerto hão-de concorrer para a boa educação da mocidade.

— Os bailes do club academico tem sido tambem muito concorridos, apesar de tudo quanto já dissemos n'uma carta atrazada. Estas reuniões de rapazes são um grande tonico, que por certo hade afugentar a morbida atonia, em que ia cahindo esta nova geração.

Reina sempre ahi uma grande franqueza, e um grande movimento, e apraz-nos cogitar que se anda ali chocando uma boa ninhada de espiritos gentis, que se hão-de atrever a empresas arriscadas, que hão-de, porem, lembrar os bellos tempos da academia lettrada. Dizem-nos, e parece fora de duvida, que apenas acabe o delirio das danças vae o club dar palestras literarias.

Damos os nossos emboras á illustre direcção que teve idea tam feliz; porque estamos certos que ahi se ha-de revelar muita vocação litteraria, que talvez ande

perdida por falta d'um braço amigo que lhe dê animo para entrar afoitamente no caminho da nossa litteratura, caminho tam bello, e ao mesmo tempo tão difficil.

Eia, mancebos! Fazei-me d'esse Club uma escola de missionarios, que expulsem os vendilhões do templo das nossas lettras, e venham ahi pregar novas theorias de arte.

— Chegou a esta cidade um domador de feras, e expõe ao publico uma collecção de bichos, que, segundo elle diz, tem feito o pasmo e admiração dos melhores naturalistas de toda a Europa.

Tem o primeiro lugar um magnifico e soberbo Leão. A sua figura é imponente e magestosa, e, ainda que preso, conserva os ares d'um grande heroe; e reflecte-se-lhe nos olhos a consciencia da sua superioridade, e um profundissimo despreso por toda a gente que o olha.

O Leão, segundo nos diz o seu domador, desde que chegou a esta terra anda muito aborrecido. Ah! Coimbra, Coimbra! até aos Leões causas aborrecimento!... E depois talvez não seja influencia da terra. E alguem entendido me disse que a causa d'aquella tristeza no bom do animal fôra causada pelas vistas insolentes d'um certo sujeito, que lhe roubára o nome, e que logo no primeiro dia o fôra visitar. Acho natural que o Leão se intristecesse ao ver o seu nome assim arrastado pelas ruas da amargura.

Tanto o Leão como os outros animaes estão muito mansos, e obedecem cegamente ao seu domador. (1)

(1) *Ibidem.* N.º 104, de 25 de Fevereiro de 1865. *(N. do ed.)*

Coimbra, 26 de fevereiro.

Toma hoje o correspondente uns ares serios, põe de lado os ditos insulsos e semsabores, e promette falar com gravidade e sisudez a respeito ao que se vai seguir.

Se é verdade, como já ouvi dizer, e eu tambem creio, que de pequenas cousas se podem induzir grandes verdades, tenho para mim que a mocidade academica d'hoje está predestinada a realisar as esperanças, que n'ella põe todo o artigo de *fundo*, quando se falla no abaixamento do nivel moral d'esta terra. E creio, porque esta massa, que ha uns tempos a esta parte parecia innerte e sem animação, começa a ondular e a mover-se. Nos passeios, nos cafés, nas pequenas reuniões d'amigos, em toda a parte n'uma palavra se conversa sobre assumptos de maior importancia e interesse, não diremos que a conversa seja do maior interesse, mas conversa-se em todo o caso. E dissemos conversar porque o movimento não chegou ainda a produzir a discussão. Apparecem novos philosophos, folhetinistas, poetas e dramaturgos, que vão engatinhando pelo caminho fora das lettras. Deus os leve a bom recado!...

Dois prestidigitadores até academicos tambem, e moços de grande habilidade se vieram associar a este movimento, e mostraram publicamente na noite de 5.ª feira passada o quanto valiam os seus merecimentos e aquella arte.

Foi o caso, que n'essa noite deu um concerto de *tibia pastoris* o grande artista italiano — José Pico.

E a este respeito, como não sei fazer criticas, direi só, que depois de o ouvir exclamei como certo lavrador do meu conhecimento ao ver o mar pela primeira vez: — «Isto sempre faz pasmar a gente!»

N'esta phrase penso eu resumir tudo quanto se pode sentir ao ver como o grande artista transforma uma *tibia* verdadeiramente pastoril, e tam pequena, que cabe no bolço d'um collete, n'um instrumento, donde elle tira os trechos de musica mais elevada. E não queremos com isto dizer, que a musica recitada por aquella *tibia* attinge toda a sua elevação, e sentimento: querendo-me parecer, que se ressente do pastoril, — do cheiro do rosmaninho, — senão umas vezes agreste, outras um pouco monotona.

É todavia admiravel. E aonde nada d'isto se sentia, era no *carnaval de Veneza*, que nos deixou maravilhados; só desejavamos ouvir José Pico ao desafio com um roixinol —.

Voltando ao nosso caso. Os intervallos foram prehenchidos pelos prestidigitadores de que acima fallamos.

Um éra o filho do exc.^{mo} snr. dr. Trony, — o outro o sr. Vasconcellos, conhecido entre os seus amigos pelo nome de *mata-carochas* —. O snr. Trony incantou a platea e depois mistificou á sua vontade.

Incantou com os seus modos admiravelmente delicados, e ingenuamente naturaes: e mistificou depois com engraçadas sortes de empalmação, e cartonomancia, que desempenhou com rara habilidade.

A plateia portou-se bem durante todo o espectaculo; não deu lá grandes gargalhadas.

E a este respeito tinha muito mais que dizer; porem não digo, porque não me deixa a curiosidade de ver o

santo entrudo, que anda em procissão desenfreada ahi por essas ruas.

Até breve (1).

Coimbra, 1 de Março.

Enterrou-se hontem o entrudo, e com elle todo o folguedo, que cheire a paganismo, e todo o mau pensamento ou tentação diabolica, a que podia dar causa — a laranginha de cêra, o *costume* garraio, e decotado, ou mesmo o jogo do *pote*. Sim, senhores, — o jogo do pote, o mais innocente e mais nacional, que jamais se ha visto n'esta terra, foi tambem causa de maus pensamentos.

E quer-nos parecer que o mau pensamento passaria a ser cousa mais feia ainda, se um bem entendido respeito ás conveniencias do mundo não tivesse fechado certas portas ao galhofeiro entrudo.

Vem tudo isto a dizer, que alguns estudantes com o fim unico, e não sei se me atrevo a dizer — santo, de se divertirem a si, e de jogarem uma peça engraçada á gorda e honrada gravidade dos *homens de capote*, se deitaram por essas ruas fora á busca de potes e panellas velhas, para depois as irem jogar ao meio das praças.

Mostrou-se bem aqui o generoso coração dos comnimbricenses, pois ninguem havia que negasse o cantharo ou a panella velha, que jazia abandonada ao canto do lar: até a mimosa Poetisa, o rouxinol d'estes salgueiraes offereceu por sua mão um cantharo á academia

(1) *Ibidem*. N.º 105, de 1 de Março de 1865. *(N. do ed.)*

folgasã. E éra realmente um cantharo cheio de magia e feitiços! quando no meio da *calçada* passava de mão em mão, descrevendo no ar engraçadas piroetas, parecia mesmo que lhe sahiam do bojo lufadas de poesia.

Era uma reserva de necrologios e alguns idilios á mistura.

Quando principiava o jogo as meninas corriam a debruçar-se nos seus balcões; e umas riam á bocca cheia da extravagancia, outras namoravam-se da agilidade, e *maestria* que os briosos desenvolviam n'aquelle joguinho, e ia até apostar que... cá me vinha agora um mau pensamento... *vade retro*... — não ha perigo, as portas estavam fechadas, como acima disse.

Os homens serios e honrados faziam biocos de quem achava a graça muito pouco conveniente. E espantavam-se sobre tudo, que a mocidade não esperasse a noite, ou senão servisse da mascara para fazer taes brinquedos.

N'uma palavra o facto causou estranheza, e deu escandalo; e o escandalo é occasião proxima do peccado em mais que um sentido.

O que vale é que chega o tempo santo, e toda a gente commeça com os piedosos exercicios para o seu exame de consciencia, e promette expiar estes e outros pecadilhos com uma austera penitencia, e aturados jejuns...

— Corre hoje aqui que cahira o ministerio, e o que o ex.^{mo} snr. marquez Sá da Bandeira está encarregado da organisação do novo gabinete. (1).

(1) *Ibidem.* N.º 107, de 8 de Março de 1865. *(N. do ed.)*

Idem, 5.

A direcção do theatro de *D. Luiz* para solemnisar o tempo sancto que vae correndo, e para revocar suavemente os *fieis* ao verdadeiro caminho da egreja, resolveu banhar os seus frequentadores nas aguas lustraes da fé viva, e servir-lhes os *milagres de Santo Antonio* como pasto á sua piedosa meditação.

Bem hajam por isso os directores; pois firmemente cremos, que lá no Reino dos Ceos lhes está reservado um bom lugar ao lado de todos os *bemaventurados*.

Acções e lembranças d'estas são sempre muito para se louvarem, e principalmente n'estes tempos d'impiedade e de descrença, em que o homem cynicamente accende um cigarro ao fogo sagrado da sancta alampada, e cegamente se atira aos braços do mundo, que por certo pereceria, se não apparecessem alminhas d'aquellas, que de quando em quando se empinam com os olhos fitos na verdadeira luz, e que arremessam o seu similhante ao theatro de D. Luiz, e quejandos, obrigando-o a fazer penitencia uma noite inteira com os olhos postos no milagroso santo.

O cazo é que o santo faz verdadeiros milagres, compensando com gorda receita os empresarios, que se resignam com esta vontade do santinho, apesar das suas intenções serem puramente moraes e civilisadoras.

A Beira cahe em peso sobre a sua capital a admirar as habilidades do Thaumaturgo.

— Vae grande agitação nos circulos politicos desde que se soube que o ministerio se havia tombado, *tombado* é o termo, pois ninguem sabe ainda se elle cahio. As cabeças historicas andam *atelondradas*, e não sabem

explicar tamanha coisa, e tamanho misterio. A opposição tambem o não sabe, mas essa vai-se calando a ver se pode apanhar sequer um gaipo do grande cacho. Os homens serios, e graves, que não estão ao serviço da moderna politica, andam tristes a cabisbaixos a pensar no futuro do seu velho Portugal.

— A «*Liberdade*» d'hoje publica um hymno do sr. Xavier Cordeiro, offerecido á chegada do ex.mo conde de Torres Novas. É peça de muito merecimento litterario, e que se pode cantar com a musica das cantigas populares, por isso lhe agouramos uma bem merecida celebridade e longa vida.

Agora mesmo acabamos de assistir a um ensaio em que se cantou o dito hymno no estylo bem conhecido do *Manoel Ceguinho*, e ficamos maravilhados do bem que a letra diz com a musica. (1)

Coimbra, 18 de Março.

Queria escrever hoje uma carta muito comprida, mas parece-me que não lograrei vencer a santa preguiça, de que ha uns tempos a esta parte ando desgraçadamente possesso. Por isso lembra-me pedir humildemente aos leitores, que desculpem esta minha fraqueza, e que se contentem com o pouco que lhes vou contar.

— Principiaram já os saraus litterarios no Club academico.

É esta uma boa nova com que devem folgar todos os paes de familia. O perigo que d'antes corria a mocidade inexperiente, vai a desaparecer de Coimbra.

(1) *Ibidem.* N.º 107, de 8 Março de 1865. *(N. do ed.)*

As horas, que se davam á *vinolencia,* que n'outros tempos era moda entre a academia, como attesta um dos nossos bem conhecidos romancistas, e a outros divertimentos bem pouco innocentes, são hoje passadas pacificamente discutindo, ou ouvindo discutir com toda a gravidade os problemas de maior interesse.

Todos os dias apparecem novos oradores, que encantam os ouvintes, já pela melodia da sua voz e delicadeza d'estylo, já pelo arrojo e profundidade de seus conceitos.

Corações apaixonados deixam-se muitas vezes levar, é verdade, a mundos desconhecidos pela fastastica visão d'uma bella imagem, mas nunca perdem no meio do turbilhão da sua eloquencia o sangue frio necessario para nos mostrarem a verdade no fim de tudo.

A continuarem as cousas d'este modo no Club academico, podemos dizer, sem medo de errar, que amanheceu uma bella esperança no coração d'este velho Portugal.

Eia mancebos! crescei, fazei-vos homens, e alimentae com o sangue puro do nosso braço este cantinho da terra, que é a nossa patria.

— Na sessão d'hontem discutiu-se a seguinte these: — A pena de morte será legitima e necessaria? —

Não nos attrevemos a dizer que a these seja perfeitamente nova; mas é de certo a mais *saborosa* para quem aos desoito annos sente todo o fogo dos grandes sentimentos d'humanidade e generosidade para com as fraquezas do mundo.

Todos os oradores discursaram maravilhosamente, e se houveram com muita finura, uns na defeza, outros no ataque da sobredita these.

Lembra-nos todavia advertir que se os illustres aca-

demicos estudassem um pouco mais, não faziam talvez de todo mal: porque, desenganem-se, o estudo é a grande e unica utilidade que de taes reuniões se pode tirar.

Ficaram ainda alguns oradores com a palavra reservada para a sessão seguinte.

— Publicou-se já o primeiro numero do *Jornal de Jurisprudencia*, publicação, que nós não podemos deixar de recommendar a todos os advogados, e homens de lei: — o seu principal redactor é o snr. dr. José Dias Ferreira. (1)

Coimbra, 29 de Março.

Abro hoje esta carta com um firme proposito e boa vontade de escrever mui estiradas noticias.

Impondo-me esta tarefa, como penitencia do grande peccado em que a fragilidade d'este meu barro me fez cahir, ainda que involuntariamente. E é de certo um grande peccado, o não dar, com uma regularidade ingleza, noticias aos leitores do *Seculo*, d'esta abençoada terra, patria das lettras, das sciencias, dos amores, e, dos rouxinoes.

Pois não se poderá ao menos escrever uma correspondencia por semana?

Que dirá n'esse caso o correspondente das terras de Barroso, e quejandas?

Pois, meus amigos, a verdadinha é que precisa a gente de se pôr com estes palavriados para encher duas tiras de papel. Vão-me agora dizer, de certo, que isto

(1) *Ibidem.* N.º 111, de 22 de Março de 1865. *(N. do ed.)*

o mais que pode provar é a infertilidade e pouca invenção do correspondente; — acceito qualquer das conclusões; e feitos assim os cumprimentos, passo ao noticiario.

— Na semana passada deram um concerto no theatro de D. Luiz os dois artistas portuguezes — Noronha, e Miguel Angelo.

Falando em primeiro lugar do sr. Noronha, não sei realmente o que deva dizer. Quer-me parecer que tudo quanto dissesse, por mais que afinasse as cordas do estylo, seria apenas um reflexo já bem palido do que a gente sente, quando ouve as vozes harmoniosas, e os suspiros sentidissimos d'aquella rebeca, que se não tem lá dentro, como a de Paganini, o ultimo adeus d'uma mãe, parece ter todavia a alma apaixonada e triste d'uma virgem, que chora a infelicidade dos seus amores; ou a voz d'uma ave, a quem roubaram os filhinhos, e que, ao desprender o ultimo canto, nos orvalha o coração com a melancholica toada do seu gorgeio.

É um magico instrumento aquelle, quando a vida lhe é insuflada pela alma d'um artista.

Umas vezes canta umas doçuras tam alegres, que parece mesmo que está amanhecendo uma primavera de risos e d'esperanças. Outras, solta uns ais tam prolongados e agudos, uns lamentos tam tristes e profundos, que parecem a agonia d'um moribundo... — ou a desesperação d'um desgraçado, que se mette a fazer lyrismo nos periodos d'uma correspondencia!...

Perdoem-me esta ultima parte do periodo antecedente; — e eu passo já a fallar do snr. Miguel Angelo, que é um pianista de primeira plana, segundo me disseram pessoas entendidas na arte; e que já tem a seu favor o voto e aplausos de muitas plateas esclarecidas.

O publico gostou e applaudiu muito.

Eu porem não gosto de musica destilada por aquelle instrumento; permittam-me que diga isto com toda a minha rudeza, e mesmo contra a opinião da gente educada nas grandes salas.

Sempre me pareceu que a muzica, passada por aquelle cadinho, perde toda a sua elevação e grandeza, e fica uma cousa pequenina e acanhada: que pode viver e morrer muito contente e satisfeita nos braços d'uma pequena sociedade burgueza, mas que não pode passar d'ahi.

Não quero com isto pôr em duvida de modo algum o grande merecimento do artista: digo só que o piano não recompensa o trabalho insano, que de certo é precizo para domar tamanha rudeza.

Fazem-se ali difficuldades admiraveis, imita-se a tempestade, etc.... mas por fim, depois de tanto trabalho, de tanta difficuldade vencida cae-se nas penas; que para todos os pianistas decretou Affonso Karr. Já é desgraça!...

Basta por hoje. (1)

Coimbra, 4 de Abril.

Chegou a primavera, está uma temperatura macia e agradavel, vestem se de folha os salgueiraes do Mondego, o rouxinol principia a namorar os seus amores e chegam as caravanas de *barbaros (do latim — barbari —)*, em peregrinações de recreio a visitar todas estas belezas.

(1) *Ibidem.* N.º 115, de 5 de Abril de 1865. *(N. do ed.)*

Visite Meca o Crente mais grave e composto, — S. Thiago de Compostella o mais fanatico Hespanhol, e a burguezia portugueza, como não tenha Meca nem S. Thiago de Compostella visite Coimbra e a serra do Bussaco. Mas não é nem a crença, nem a devoção que caracterisam as peregrinações d'esta boa gente.

— O Turco julga-se feliz quando se pode curvar uma vez ao menos diante do tumulo do santo profeta; — o Hespanhol vae em romagem a S. Thiago para não voltar a este mundo depois de morto; — o burguez sahe de casa para poder fallar das suas viagens. —

D'esta observação, que a alguem talvez pareça não vir a tempo, se pode todavia induzir tudo quanto diz e quanto faz por esta terra esse viajante improvisado, que em Coimbra pasma da magnificencia do paço das escholas, e dos retractos dos reitores, que estão na salla dos *exames privados;* que no Bussaco admira que tam grandes arvores não estejam já reduzidas a boa madeira, e não haja no meio da mata um bom hotel, e que depois de admirar tudo isto vae aos muros da cerca vêr se encontra alguma bala do tempo dos francezes.

Mas deixemos esta gente, que depois de tudo o que fica dito, e do muito mais que aqui falta, mas que o leitor bem pode imaginar, se recolhe pacificamente a sua casa, tendo-se divertido com tanta innocencia, e tendo arranjado assumpto para intreter durante um anno o visinho e mais a familia.

Passemos a outro assumpto.

— Segundo hontem nos disse um amigo, está nos prelos da universidade um volume de poesias do snr. Anthero do Quental.

Já falei do snr. Anthero quando elle publicou a

defeza da carta encyclica, confesso que fui então um pouco severo — mas justo pois o que fiz a tal respeito.

Disse n'aquella occasião que o sr. A. se tinha desviado um pouco dos bons principios, todavia que a obra mostrava grande engenho.

Aguardo pois anciosamente o novo livro do snr. Anthero, pois estou certo que ha de ser uma boa obra, que muito ha-de illustrar tão primoroso talento.

A poesia que o snr. A. agora publica é (segundo ouvi) a grande poesia, a poesia philosophica: e em que certamente nos mostrará mais uma vez o quanto valle a sua arrojada e fertillisima imaginação.

— Principiam amanhã as ferias. Coimbra fica deserta: e provavelmente fica tambem o *Seculo XIX* privado de correspondencia durante este tempo, e não tenham pena, que realmente não perdem grande cousa. (1)

Coimbra, 16 de Abril.

Alleluia!

O ceu e as egrejas de Coimbra despiram em fim o lucto d'uma longa semana de lamentações e chuvas. A semana santa é o inverno do ceu christão. Mas o ceu eterno, o ceu azul, que é tão christão como mahometano, esse legitimo pantheista que não quer outra religião mais que a da luz e da alegria, esse é que não tinha razão suficiente para nos entristecer o coração com oito dias de chuvas, nevoas e trovoadas. Caprichos da altura! Quando a terra (no dizer das folhas

(1) *Ibidem.* N.º 116, de 8 de Abril de 1865. *(N. do ed).*

conservadoras) se vai fazendo tão methodica e *rasoavel* bom é que o ceu conserve intacta a religião poetica das fantasias e do capricho.

Esta religião não é por certo a que professam os pregadores, que este anno se fizeram ouvir mais ou menos nas varias egrejas de Coimbra. São homens que respeitam as tradições; e por isso se contentaram com repetir o que nos mesmos pulpitos diziam ha 5, ha 10, ha 20 annos, e que ha mais de cem ou duzentos anda escripto em excelentes devocionarios, horas marianas etc.

N'este genero exctatico de litteratura eclesiastica é perfeito o *sermão da Soledade* que ha nove annos temos o gosto d'ouvir pregar ao snr. d.r Padre Rodrigues, com pequenas alterações, isto é, umas vezes na Sé e outras na capella da universidade. É pois digna do maior louvor a immutabilidade da fé, das opiniões christãs d'este sacerdote! Posso affirmar isto porque o escutei este anno e não pude notar alteração sensivel em tudo quanto disse e eu me recordo de lhe ter já ouvido repetir em casos semelhantes.

N'estes tempos de incerteza de opiniões todos devemos honrar muito esta constancia do exemplar Doutor de Theologia.

E já que estou em veia de louvores, não deixarei esquecido o club academico e a admiravel dedicação dos seus socios literarios, que em despeito de tudo souberam transformar uma insipida reunião de jogadores do voltarete em academia eloquentissima. Refiro-me aos *saráos literarios*, coisa muito para se ver e ouvir, e que sem lisonja o dizemos, estão hoje sendo uma das mais interessantes curiosidades d'esta terra. Afora a falta de sciencia, desculpavel em verdes annos, e a falta

d'estylo, que em grande parte compensa uma generosa intenção, estas reuniões offerecem ao expectador todo o interesse possivel, havendo tambem na casa um excellente botequim, bem servido e asseiado.

Assim se sustenta gloriosamente e continua em Coimbra a tradição literaria dos Castilhos, Serpas, Lemos etc. cujas merendas na Lapa dos Esteios é bem sabido quanto contribuiram para o desenvolvimento, gosto, e amor da poezia e das letras em Portugal.

Tenho tambem a annunciar uma publicação nova d'um esperançoso academico, reservando-me uma critica mais extensa da obra para a proxima occasião. Fallo do livro do snr. M. F. da Portella, livro não só escripto em verso mas ainda em poesia, e entitulado *Cantos na Solidão.*

É uma estreia, em que se revela uma mão já firme, um estylo em via de se fixar e tomar uma forma definitiva, e mais que tudo uma sinceridade juvenil em sentir e chorar e crer e ir atraz das commoções, e abandonar-se todo aos bellos sentimentos, que bem deixa conhecer immediatamente o coração moço e crente do poeta.

A parte do livro destinada á poesia jocosa é a que mais me encantou. (1)

Coimbra, 24 de Abril.

Não ha segurança publica em Coimbra!

Isto deve fazer pasmar. Não se suppõe facilmente

(1) *Ibidem.* N.º 119, de 19 de Abril de 1865. *(N. do ed.)*

como se possa alterar a segurança n'uma terra ditosa como esta, retalho do Eden esquecido no mundo moderno, e aonde toda a casta de seres e bichos vivem na mais harmoniosa fraternidade, digna do espanto ingenuo do primeiro homem... assim que o primeiro homem apparecer em Coimbra!

Seja como for, o caso é assim. Apparece *cousa má* no Penedo da Saudade! Esta cousa má é um misterio incomprehensivel. Reveste a forma ecclesiastica, e tem todavia os instinctos pagãos do satyro. Sabe theologia como um doutor, e usa comtudo da linguagem nada serafica de Coridon, Petronio e outros padres da egreja ultra-naturalista. Veste os trajos da Roma de Gregorio VII, e meneia-se como um romano contemporaneo de Juvenal. É um paradoxo, em fim, uma contradição, alguma cousa como um theologo que, por esquecimento, tivesse adormecido uma noite ás portas de Sodoma! Dizem que ataca principalmente as crianças do sexo masculino, que pairam entre as edades criticas de 10 e 15 annos.

Vai por isto grande e fundado pavor entre as familias, que veem aterrados o renascimento do Minotauro em pleno seculo XIX. Pedimos providencias á policia, se é que a policia extende os seus dominios até ao mundo tenebroso dos fantasmas. E, em todo o caso, á faculdade de teologia dirigimos os nossos votos, que pode e sabe entender-se com estes escuros habitantes da região das sombras — *maxime* este, que dizem uzar d'um compromettedor disfarce ecclesiastico.

Contra quem, seguramente, não pedimos providencias, nem á policia nem mesmo á *providencia dos infelizes*, é contra os *saráus* do club academico, embora a audacia, o atrevimento de certas theses ali discutidas deem áquellas assembleias um certo caracter revolu-

cionario e, por ventura, ameaçador do socego publico. Mas a mocidade, no seu impetuoso vôo, tem certamente liberdades que nenhuma outra idade comporta, e que lhe devem ser perdoadas em attenção ao fogo ideal que usa devorar corações de 20 annos. A eloquencia deslumbra-nos: o enthusiasmo faz-nos esquecer a prudencia. Todavia os oradores excederam-se no sentido revolucionario (e muito!) quando altivamente discutiam esta these nova, e d'algum modo subversiva — *a pena de morte é não só uma pena cruel mas ainda dolorosa.* — Esperamos que sejam mais moderados e prudentes quando brevemente forem discutir esta outra, já proposta e não menos arrojada — *a ordem é bastante favoravel á sociedade.* — Estes e outros não menos instructivos espectaculos nos reserva a academia, que por estes dias voltará a Coimbra, terminadas as ferias, trazendo do socego absoluto do lar domestico e contemplação dos sentimentos familiares retemperada saude e ideas em tudo dignas d'essa saude, cada vez mais rica em sangue e aspirações.

Cuido que nada mais me resta a expor, a não ser a commissão de doutores de direito, que ultimamente se dirigiram a casa d'alguns collegas seus com o fim de alcançar d'elles o não introdusirem no ensino universitario a *philosophia escholastica.* Fundavam-se em ser esta philosophia novidade pouco assente ainda, cousa ainda pouco fundada, que d'algum modo pode compremeter a grave segurança e proverbial fixidez do ensino academico. Muitos, reconhecendo o alcance d'este passo, dão-lhe todavia uma significação mais politica do que scientifica. O futuro decidirá. (1)

(1) *Ibidem.* N.º 121, de 26 de Abril de 1865. *(N. do ed.)*

Coimbra, 11 de maio.

As engraçadas M.elles Clauss deram hontem no theatro academico um concerto de rebeca. Concerto que foi muito concorrido, vista a novidade do caso. Toda a gente queria ver como ficava a rebeca nas mãos d'uma menina: e mesmo observar se as vozes sentidissimas d'aquelle instrumento se tornavam ainda mais doces e puras sendo orvalhadas pela suavidade d'um peito de mulher.

Era esta em verdade uma curiosidade bem entendida para quem, como nós, não anda affeito a estas novidades.

Appareceram pois as meninas Clauss: e logo ao entrarem no palco foram saudadas por uma salva de palmas, mostrando-se assim desde logo a platêa — mais propensa á ternura do que ao furôr, — posto que no fim, como logo se verá, se tornasse o *furôr*, o rei da festa.

Depois d'isto tocaram-se algumas arias e atrevo-me a dizer que tocaram muito bem. Se por um lado a musica perdia a força e virilidade, que lhe sabem dar os grandes artistas, lucrava todavia uns certos ares engraçados, e vimos que lhe sabiam dar os 18 annos d'aquellas raparigas. O caso é que foram *heroicamente* applaudidas pelos academicos, que sentiam referver-lhe nas veias o sangue da sua primavera, e mais o da primavera que vae correndo.

O enthusiasmo chegou quasi ao furor, como disse o snr. J. P. espirituoso poéta bracharense, e poéta tambem da noite d'hontem

Plus belles que les fleurs
De nos jardins enchantés;

Plus belles que les etoiles
Dans les cieux:
Dans touts lieux
Vous trouvant sans egales,
Vous êtes celebrées
Des peuples en fureur.

O poeta furiosamente commovido disse; — *Des peuples en fureur* — e isto que a alguem parecerá d'uma imaginação excessivamente arrojada, não o é em relação á platêa academica. E não pensem que vae n'isto uma censura, não vae: achamos que são muito desculpaveis estes verdores da mocidade.

O snr. L. J. tambem versejou, mas esse versejou em bom verso portuguez. Dizia assim uma das estrophes da sua linda poesia: —

— Oh! vinde vós todos ouvir as donzellas,
Por entre perfumes;
Deixae a sciencia; esta vida é bem curta;
Correi em cardumes.

Pois não acham que é muito original esta lembrança de pedir aos academicos, que reunidos em cardumes corram todos a festejar as meninas Clauss? Toda a poesia era assim, original e delicada, como a ingenua e vaporosa imaginação de poeta tam moço ainda.

— A academia estava hontem mais alegre e folgasã do que o costume, visto o ter-se decidido que fosse o dia 17 d'este mez o ultimo d'este anno lectivo.

E pensam talvez que não é isto motivo para alegrias?

— Ainda não está fixado o dia em que devem principiar os actos, mas quer-nos parecer que não passará do dia 24. (1)

(1) *Ibidem.* N.º 127, de 17 de Maio de 1865. *(N. do ed.)*

Coimbra, 16 de maio.

É proverbial a fallibilidade das cousas do mundo.

Quem ainda hontem se encostava indolentemente n'uma poltrona de braços, póde muito bem achar-se hoje escanchado n'um frade de pedra de sentinella alli ao canto de qualquer rua. Divertimentos innocentes do *Destino*, que se apraz em mover caprichosamente a grande roda, com que vai urdindo a teia dos seus dramas.

Em vista pois d'isto parece que o natural, e mesmo logico, será esperar cada um pacientemente, que a roda dê uma volta em seu favor, assim como tambem o contentar-se com as voltas que ella possa dar em sentido contrario.

Mas não acontece d'este modo.

É caso averiguado que o primeiro homem comera um fructo da grande arvore da sciencia. Ou antes, o que é bem certo, é que o homem se engasgara com o dicto fructo. D'onde resulta que a sciencia lhe ficou na garganta. Mas penso que me não enganarei suppondo que sempre engolio alguma cousa, ainda que muito pouco, vistas as suas demasiadas pretenções. De modo que com essa meia sciencia forjou elle uma série de raciocinios, que o tornaram em animal tão ridiculo, como aquella rã de quem Phedro nos conta uma historia tão profunda e tão engraçada, e que, por ser bem conhecida, deixo de referir.

O caso é que o homem nunca acceita de bom grado as voltas que a roda vai dando, e pretende sempre impedir aquellas, que lhe possam ser menos favoraveis. Mas como a sua sciencia não chega a tanto, lá vai per-

dendo todos os dias na luta uma parte qualquer dos seus membros; até que fica completamente desarmado, sem comtudo chegar a impedir os taes movimentos, que no fim de tudo são necessarios para compôrem os grandes quadros.

Se hontem cahio o Avila, governa hoje o Loulé, governa amanhã o conde de Thomar; — cousas naturaes, — chega a cada um a sua vez.

Mas nem toda a gente assim o entende, como acima disse.

De modo que os politicos, que hontem cahiram, ou que estão para cahir, andam por essas ruas em grande azafama a conspirar contra a vontade dos eleitores: e tudo isto é feito para verem se é possivel lançar um grão d'areia sequer no eixo da grande roda.

Ora não queira o *Destino* que...

Que ha de querer o *Destino* em face de dois partidos tão fortes, que uniram as suas fileiras ha pouco ainda em lados oppostos?

Está dito ha muito e passa como certo — que a união faz a força. Vão por tanto as futuras eleições ser um caso extraordinario, em que necessariamente fica mal o *Destino*, e por consequencia refutada toda a minha philosophia!

Paciencia! — Roubam-me a philosophia, mas deixam-me o divertimento de ver tanta gente esbaforida e aparvalhada por causa d'umas eleições.

Seriamente preoccupado com esta questão, acabou-se o papel sem me lembrar de dar outras noticias! Já agora ficarão para outra vez. (1)

(1) *Ibidem*. N.º 128, de 20 de Maio de 1865. *(N. do ed.)*

Coimbra, 21 de Maio.

São tudo allegrias n'esta terra. Vae risonha e louçã a primavera.

Toda a gente sente a benefica influencia d'estes bellos dias de sol, e d'estas noites tam placidas e tão serenas. Esta temperatura morna, quasi nos adormece, e nos deixa viajar por esses mundos alem, a cavallo no espinhaço d'um sonho.

Assim, disse-me hontem um meu amigo, que estava lazzaronicamente encostado ao tronco d'uma arvore: — É uma excellente cousa a vida quando se tem um ceo tão doce. E ia eu a confirmar aquelle dito, quando um indiscreto de mau gosto nos veio quebrar aquelle *dolce far niente*, lembrando-nos, por uma só phrase, um grande numero de pequenas miserias, a que estão sujeitos quasi todos os mortaes: — o tal indiscreto completou assim a phrase — *mas não se hade ter modo de vida.*

Ora concordem os snrs. leitores, que o tal sujeito alem de indiscreto era immoral: por isso agradecemos cortezmente a reflexão, mas nem por isso deixamos o nosso querido encosto, e continuamos como até ali gosando da natureza. É assim que faz toda a gente, que tem juizo; e que tem apprehendido no evangelho do *artigo de fundo* a considerar o trabalho como o primeiro elemento vital da sociedade e que sabe tambem por outro lado, que tanto o corpo como o espirito precisão do descanço, para poderem suppurtar as luctas do dia seguinte.

Em virtude pois d'estes santos principios toda a gente dá uma nesga do dia á folga, e ao divertimento; e não sei de veras, que o haja mais innocente, do que passear

ahi por essas allamedas do jardim botanico, ou fumar um cigarro encostado a uma sebe de roseiras, observando pacificamente as caravanas de viajantes, que correm a visitar n'este tempo a Lusa Athenas.

O que alem d'innocente é muito instructivo. E a tal ponto, que, segundo nos affiança pessoa muito verdadeira, vae em breve um snr. dr. dar á luz um *compendio*, por onde se possa logo á primeira vista conhecer a procedencia do viajante. É por emquanto segredo o nome do auctor, mas nem tanto, que se não saiba já, que é d'aquelle mesmo, que tem a extraordinaria finura de conhecer pela cara os estudantes, que podem ir ávante; e que, pelos modos, assim os julga depois. A obra intitula-se assim: — *Os atomos desmascarados, — ou systema visual e critico das trez entidades da substancia.* Confessem que este titulo é promettedor.

— Pelo seu lado tambem a academia deu-nos hontem á noite um agradavel passatempo, e, segundo oiço dizer, promette continuar. O divertimento foi uma musicata, mui bem afinada, que depois de percorrer algumas ruas da cidade, a convidar os *dilletanti*, foi desafiar os echos do penedo da saudade. Louvamos muito este movimento da nova academia, que apresenta todos os symptomas d'uma bella regeneração.

— No dia 29 principiam os actos, e toda a mocidade se está preparando com profundissimos estudos para se apresentarem nas provas finaes. Uma grande parte, para maior aproveitamento recolheu ao seio da familia a *repetir materias.*

— Falla-se na demissão do secretario do governo civil. (1)

(1) *Ibidem.* N.º 129, de 24 de Maio de 1865. *(N. do ed.).*

Coimbra, 28 de Maio.

Os acontecimentos do dia são de duas ordens — politicos e religiosos. N'esta boa terra o temporal e o espiritual são mais sensatos do que em Roma. Longe de se guerrearem, combinam-se harmoniosa e excellentemente para nosso divertimento e satisfação. O oscilar do movimento politico de Coimbra dá-nos tanta satisfação como o ondear das turbas no arraial do Bussaco; e as romarias e as eleições realizam o nosso ideal da harmonia que deve haver entre as cousas da religião e as do estado. Eu não assisti ás reuniões e comicios eleitoraes, que por ahi tem feito varios doutores e muitos alfaiates. Mas estive na romaria do Bussaco e fiz por ahi uma idea exacta do muito que perdi, não concorrendo aos arraiaes politicos dos patriotas conimbricenses. Dizem que um doutor de direito desenvolveu n'essas reuniões tanta finura, e sciencia e rethorica que não só embrulhou muitos dos seus colegas, mas ainda grande numero de chapeleiros e alguns funileiros, entendidos em cousas de salvar o paiz. Este lente de direito é uma pessoa tortuosa, mas sabia. Dizem-no muito temido pelos ministeriaes da Serra da Estrella, e em geral muito considerado pelos professores do lyceu de Coimbra.

Por outro lado alguns homens feroses e grandemente hirsutos percorrem as ruas da cidade, com o fim de derrubarem o governo. Querem um mal infinito a Napoleão III de quem dizem ser discipulo o sr. conde d'Avila. É uma felicidade para Napoleão não governar em Coimbra. Tambem alguns conegos tem escripto cartas anonimas a varios eleitores, aonde se falla muito

de dissolução social, a proposito da dissolução da camara dos deputados.

O tempo, no meio de tudo isto, conserva-se impassivel e sereno. É um grande sceptico em politica, o tempo, principalmente desde que se provou que a politica de Coimbra está fora do tempo — já que não pode estar fora do espaço, aonde a vinculam as massas verdadeiramente phenomenaes d'alguns dos mais conspicuos patriotas.

Quem lucrou com este scepticismo do ceu foram os romeiros do Bussaco, entre os quaes era muito para se ver a face jubilosa do bacharel que escreve estas linhas. E pagaram o encommodo da jornada as surprezas que o velho monte nos guardava debaixo do seu regio manto verde!

Eram de ver, realmente, os fidalgos da Bairrada, os poetas de Cantanhede e as ignoradas Beatrizes d'aquellas serranias! Vinham alli todos admirar a natureza, modestos e ingenuos, sem se lembrarem de que eram elles que alli estavam a ser por ella admirados. Mais d'um carvalho invejou a cintura robusta das Lauras ineditas, que processionalmente lhe desfilavam diante. E como pontificalmente se erguiam os chapeus de pello dos doutores da universidade, por entre os arvoredos que estremeciam! São cousas que se não descrevem. A fronte reverente do bacharel curvou-se então perante a grandeza do Senhor Deus dos Mundos, não por ser o auctor satirico dos fidalgos da Bairrada e dos doutores de Coimbra. (1)

(1) *Ibidem.* N.º 131, de 21 de Maio de 1865. *(N. do ed.)*

Coimbra, 11 de Maío *(sic)*.

O ceu conturbou-se um pouco com o sonho politico dos nossos doutores — e choveu. É que são realmente feras as cataduras dos nossos politicos! Ha-as por ahi de todos os feitios, a qual mais capaz de pôr quebranto nos animos mais intemeratos. Uns, musculosos e leoninos, sacodem sobre o mundo as barbas hirsutas e intensas, prenhes de tormentas para a opposição, e todo um mundo indisciplinado de paixões ante-humanas se lhes agita na orbita incendiada dos olhos truculentos. Outros, serpentinos e astuciosos escorregam como viboras mui manhosas sobre o prado macio da intriga, destilando o veneno ingrato a seus contrarios, como em estylo d'elles se pode dizer. Aqui, como uma rocha, se ergue um vulto collossal, uma forma antidiluviana contra quem se quebram, como ondas, os esforços odiosos dos fracos amigos do governo forte. Alem um pequeno cyclope, a quem os gnomos da Serra da Estrella ensinarão as subtilezas d'um Ulysses, faz esforços inauditos para fitar com o unico olho todos os pontos do horisonte politico. No meio de tudo isto, como avalanche medonha, se desloca a theologia! Põe medo vel-os; e o ruido de seus passos echoa ao longe, como o trovão do Sinai, em quanto os Moisés de capelo descem a revelar ao povo ignaro segredos da lei eleitoral. Nem o meu terno coração de bacharel deixará esquecido o grupo sympatico dos sentimentaes! Como maviosamente se inclinam sobre o hombro dos eleitores! Como atravez do prisma azul, cor d'esperança e cor do ceu (este grupo essencial usa oculos azuis) se lhes embrandece o languido olhar, fatal aos

regedores da parochia! Como oscilam! Como dançam! Como volitam! Parece o lago encantado das lendas de fadas a face maviosa d'um candidato sentimental! Tudo isto se vê em Coimbra. Ó prisma da correspondencia!

Ahi está um bairro feliz, o bairro baixo. Esse circulo elege para seu representante o snr. dr. Cezario. Este deputado é um habil facultativo. No estado actual das cousas, não ha nada que tenha tanta afinidade com a politica como é a medicina. Já não direi outro tanto do snr. dr. José Maria d'Abreu. Este snr. é philosopho, e realmente não é facil achar o que tenha que ver a philosophia com a nossa politica actual! Para sermos justos devemos dizer que o gracioso dr. é philosopho quanto basta para ser politico. Resta-me apenas mencionar o outro candidato. É o snr. dr. Augusto Barjona, intelligencia vasta e explendida, servida por uma palavra facil, eloquente e persuasiva.

O que nenhum candidato fez, fôra elle dr. ou ainda funileiro, foi divertir-se tanto como este humilde bacharel na romaria do Espirito Santo em Santo Antonio dos Olivaes! São as vantagens da obscuridade. O não ser candidato é uma cousa excelente nas romarias. Um bacharel folgazão não aspira a mais que aos votos das devotas romeiras, flores silvestres e d'acre perfume, que se curvariam receiosas ante o tufão dos discursos patrioticos, e só são gratas ao bafo meigo d'um zefiro, formado em direito e em sentimento. Esse zefiro sou eu! E se me é vedada a floresta politica de S. Bento, em compensação posso sussurrar, volitando de flor em flor, nos vergeis das romarias da Beira e Doiro.

Quanto davam os snrs. Cezario ou J. M. d'Abreu

para livremente dançarem o *malhão* no terreiro de Santo Antonio? Tambem eu sacrificava o olho unico do sr. dr. José Dias (que tão precioso me é!) para poder presenciar tão edificante espectaculo.

Mas não o quer o fado. Esta prizão é o duro preço das grandezas e glorias eleitoraes.

— Terminaram no dia 7 os concursos de medicina. A faculdade validou a votação do precedente concurso assignalando para o 1.º lugar o sr. dr. J. Epiphanio Marques, o sr. dr. Silva Pereira para o 2.º, e para o 3.º o snr. dr. Fernando de Mello.

O snr. dr. Gama ficou excluido e justiceiramente. Donde vem que correm ponteiros os ventos para o Dulcamara da sciencia, e que as suas mercadorias avariadas acham quem lhes taxe estiva condigna. E teve-a na reprovação, quasi unanime, com que o fulminou a faculdade de medicina. O sr. Gama na 1.ª e 2.ª prelecção correu parelhas com qualquer escholar de mediana intelligencia, na 3.ª ficou immediatamente abaixo de nada. Nunca o celebrado dr. achou no vasto arsenal da sua intelligencia, senão uns *ferros velhos scientificos*, cujas excellencias elle pregoava em linguagem duvidosamente portugueza.

Não nos tomem estas franquezas á conta de querermos amesquinhar o talento do sr. dr. Gama. Cremos até que deve ter muito, a avaliar-se pelo pouco gasto que d'elle tem feito, e *amicus Plato, sed magis amica veritas.* (1)

(1) *Ibidem.* N.º 135, de 14 de Junho de 1865. *(N. do ed.)*

Coimbra, 15 de Junho.

O correspondente accende um cigarro e prepara-se para contar cousas do arco da velha.

E, para principiar bem, começarei fallando do — tempo —, este eterno *logar commum*, que é parte obrigada no começo de toda a conversa.

— Avisinham-se um do outro dois sujeitos; comprimentam-se; ha em seguida um pequeno intervallo, em que os dois interlocutores se observam reciprocamente; depois do que o mais animoso dos dois solta a phrase do costume: — Faz um bello tempo. — Isto é assim em todos os tempos e em todos os lugares. E explica-se sem difficuldade o porque d'esta frase.

É sabido que em todas as cousas a maior difficuldade está sempre no primeiro passo: de modo que, dado elle, toma-se coragem, e vai-se adiante. Alem de que aquella frase dá larga passagem para um certo numero d'assumptos, que facilmente se relacionam com outros, ainda que pareçam muito afastados.

Passar-se por exemplo do bom ou mau tempo á politica é cousa, que a muita gente talvez pareça, senão impossivel, pelo menos muito difficultosa; pois creiam que o não é.

Senão oiçam. — Hontem alli pela volta da noitinha estava eu no *Caes*, assentado n'um banco de pedra; e aconteceu o encontrarem-se mesmo diante de mim dois sujeitos, que passeavam em sentido opposto, e que tinham umas caras assim a modo de eleitores. Comprimentaram-se os homens, e em seguida fallaram — d'uma trovoda, que se estava formando, — da chuva que tinha cahido no dia antecedente lá para as bandas

da serra, — do rio que ia a encher, e que ameaçava innundar o campo, o que de certo, dizia um d'elles, causaria gravissimos prejuizos aos lavradores d'aquellas terras.

— A causa d'essas frequentes innundações, retorquio o outro, é a negligencia do Governo.

Chegada a cousa a este ponto era fatal o fallarem d'eleições.

Fallaram, e disseram que a do sr. dr. Barjona estava irremissivelmente perdida, visto a grande influencia de que n'este circulo dispõe o sr. J. M. d'Abreu. Lamentaram que n'esta terra não haja liberdade da urna, porque se a houvesse nunca o sr. dr. Barjona seria supplantado por quem não pode competir com elle em merecimentos, nem moraes nem intellectuaes: e que no fim de tudo quem perdia era o paiz, que se vae definhando á mingua de pessoas intelligentes que o possam salvar, etc. etc.

Ora aqui teem os leitores como aquelles homens, partindo d'um *lugar commum,* vieram parar a uma bella pratica de moral e de patriotismo.

Mas ainda não fica aqui. Passaram logo a fallar da universidade — d'alguns estudantes, que apenas formados tinham sido immediatamente nomeados administradores do concelho, e invejaram-lhes a felicidade, que tam depressa os levara a occupar os cargos da republica. Disseram que este anno os actos corriam regularmente. E por ultimo, soube por elles que era hoje o julgamento do estudante Souza, accusado de ter lançado o fogo á casa do dr. J. Dias. Caso que fez o anno passado andar a faculdade de direito n'uma roda viva. Item — disseram, que o tal dr. com aquella *franqueza* e *generosidade* que o caracterisa,

trabalha fortemente para que o rapaz seja condemnado.

Disseram muita outra cousa que eu não estou para contar. (1)

(1) *Ibidem.* N.º 136, de 17 de Junho de 1865. *(N. do ed.)*

A BIBLIA DA HUMANIDADE DE MICHELET

ENSAIO CRITICO

I

Dentro do homem existe um Deus desconhecido: não sei qual, mas existe — dizia Socrates soletrando com os olhos da razão, á luz serena do ceu da Grecia, o problema do destino humano. E Christo com os olhos de fé lia no horisonte anuveado das visões do profeta esta outra palavra de consolação — *dentro do homem está o reino dos ceus.* Profundo, altissimo, accordo de dois genios tão distantes pela patria, pela raça, pela tradição, por todos os abysmos que uma fatalidade misteriosa cavou entre os irmãos infelizes, violentamente separados, d'uma mesma familia! Dos dois polos extremos da historia antiga, atravez dos mares insondaveis, atravez dos tempos tenebrosos, o genio luminoso e humano das raças indicas e o genio sombrio, mas profundo, dos povos semiticos se enviam, como primeiro mas firme penhor da futura unidade, esta saudação fraternal, palavra de vida que o mundo esperava na angustia do seu cahos — *o homem é um Deus que se ignora.*

Grande, soberana consolação de vêr essa luz de concordia raiar do ponto do horisonte aonde menos se

esperava, de ver uma vez unidos, conciliados esses dois extremos inimigos, esses dois espiritos rivaes cuja luta entristecia o mundo, echoava como um tremendo dobre funeral no coração retalhado da humanidade antiga! Os combatentes, no maior ardor da peleja, fitam-se, encaram-se com pasmo, e sentem as mãos abrirem-se para deixar cair o ferro fratricida. Estendem os braços... *somos irmãos!*

Primeiro encontro, santo e purissimo, dos promettidos da historia! Manhã suave dos primeiros sorrisos, dos olhares timidos mas leaes d'esses noivos formosissimos, que o tempo aproximava assim para o cazamento misterioso das raças!

Não ha no mundo palacio de rei digno de lhes escutar as primeiras e sublimes confidencias! só um templo, alto como a cupula do ceu, largo como o vôo do desejo, puro como a esperança do primeiro e innocente ideal humano!

Esse templo tiveram-no. N'aquella palavra de dois *loucos* se encerra tudo. Nenhuma montanha tão alta, aonde a olho nú se aviste Deus, como o vôo d'esta phrase, a maior revelação que jamais ouvirá o mundo — *dentro do homem está Deus* —.

II

Este facto unico, aos olhos dos que leem a historia nas lettras impalpaveis mas luminosas das ideias, e não nos hieroglificos barbaros e confusos dos acontecimentos fataes, basta a explicar o misterio que segue tudo o que depois virá.

A adopção do ideal hebraico pelo genio grego: o christianismo, misterioso hospede oriental, recebido com amor sob o tecto cheio de luz do Occidente; Jesus sen-

tado entre os philosophos da Alexandria, escutado e applaudido no *Agora* de Athenas; Christo descendo da sua cruz da Judeia para, subindo ao Capitolio romano, estender os braços e tomar posse do mundo — este drama da fortuna inexplicada d'um Deus desconhecido, esta Odisseia das peregrinações da religião d'um mundo, acolhida, amada entre os cultos d'outro mundo tão distante — que ha em tudo isto d'incrivel? No dia em que Socrates exclamou «ha um Deus no homem» o primeiro arco da ponte extraordinaria estava lançado: ficou firme sustido no fundo do oceano.

Christo completou este caminho maravilhoso, lançou o segundo arco! Desde essa hora os filhos da Sára oriental podem atravessar de novo o Mar Roxo a pé enchuto: e a terra promettida, o occidente de doce e humana luz, cá está para os receber em seu seio vastissimo.

O milagre, o milagre verdadeiro, começara ha seculos — o ideal commum — a unidade na aspiração. A realisação devia para ambos ser igual. A mesma prece deve subir ao mesmo ceu. Igual desejo devia, tarde ou cedo, affirmar-se na mesma realidade. Maria é a irmã das Sybilas... Jesus por que não será então o irmão de Socrates? As differenças de genio, de raça, nada são aqui: o ideal commum, isso é tudo. É esse que assentou sobre a sua solida base a fé eterna da humanidade, a unidade dos corações, a verdadeira *cidade de Deus!*

O christianismo creou a *humanidade* (no grande e verdadeiro sentido da palavra) mas foi a humanidade toda que o creou a elle, não o genio estreito d'uma raça.

Fundando a unidade divina, construiu a unidade

humana: mas os elementos da obra, todos é que suscitaram o operario, é que o *fizeram.*

No dia em que Jesus se chamava a si Christo, n'esse dia deixou de ser judeu para se naturalisar *homem.* É o filho do homem — o filho da humanidade. Do desejo dos dois mundos brotou esse lyrio divino... mas o perfume que lhe sàe do Calix não ha templo bastante para o conter! Todo o ceu é essa cathedral: o templo de Jerusalem, o Parthenon e o Capitolio são naves, apenas, d'essa egreja universal!

III

Eil-a fundada em fim, idealmente ao menos, essa *unidade*, esse sonho milenario do mundo antigo! E quem dirá as dores, as lutas, esperanças, as angustias de mil gerações esquecidas, cujas lagrimas regaram, e de cujo pó se alimenta ainda essa arvore d'immortal amor?

Innumeras raças extinctas passaram curvadas sobre a terra; crusaram, no perigrinar de cem odisseias misteriosas, todos os continentes, para que seus passos apenas deixassem como derradeiro vestigio sobre a face do globo as letras fatidicas d'esse epitafio de glorias, essa palavra unica — *unidade!* Tudo o mais é o segredo do tempo. Os seculos desconhecidos esconderam sob a dobra dos immoveis sudarios a memoria dos obreiros com o risco e os instrumentos do trabalho — e vê-se a prodigiosa obra anonima erguer-se, recortando o perfil extranho no horisonte desmaiado do passado, como o vulto da esphinge incomprehensivel no ceu dos grandes desertos!

É a melancolia da historia! Por entre o canto das Epopeias antigas escuta-se a espaço o gemido surdo

d'esse desconhecido e infeliz mundo de escravos sobre cujos hombros doridos os heróes assentavam as suas cidades de luz...

E os palacios heroicos da humanidade, que são as horas solemnes da sua inspiração, encobrem-nos tambem os peitos escuros mas fortes sobre que se ergueram, esmagando-os talvez, esses torreões de brilho!

Mas que importam os sacrificios? O carro de triumpho não se lembra da mina sombria d'onde saiu o metal das rodas que o levam.

A obra do misterio, a cupula esplendida da historia antiga ergue-se e ninguem sabe ahi por que mãos se ergue. Mas solida é a sua base, que nenhuma convulsão lançará por terra, como o canto de granito nos alicerces do circo romano!

A estatua ideal da Fé humana achou emfim o pedestal de marmore immaculado, onde se firmem seus pés divinos — a consciencia da nobreza do destino do homem, a revelação da sua mesma divindade. (1)

IV

Mas, esse Deus misterioso, que ceu o esconde nos paramos do ceu azul immensuravel? Que Sinai enubla a sua gloria? O seu altar em que monte o ergueram os profetas desconhecidos? Que rito é o seu — e em que taboas de marmore escreveu o fogo de cima a legenda prodigiosa de sua lei? No meio de nós, por entre o tumultuar das gerações passa, como o Deus antigo, por entre os combates da Iliada, e ao longe retumba o echo de suas passadas. E, emtanto, ninguem o vê. Só de longe a longe, algum profeta desce das

(1) Fim do 1.º artigo. *(N. do ed.)*

solidões a mostrar ao mundo a palidez de suas faces emagrecidas, seus olhos cavos e fixos, da fixidez assustadora das visões, como testemunho de ter entrevisto na sua noite um raio d'essa gloria que o deslumbrou e consumiu.

É o *absoluto*, que deixa nas mãos do homem, que o tentou prender na sua fuga eterna, um fio apenas da sua tunica de brilho. Mas esse fio é um raio de tal luz, que basta a alumiar o trabalho de muitos seculos!

Toma-o nas mãos Moisés, mostra-o ao mundo, e chama-se Jehová. Ergue-o Mahomet entre os povos, e chama-se Allá. Deixa-o Christo cair do alto da sua cruz, e chama-se amor. De cima d'uma guilhotina o atira Robespierre para o meio das multidões, e chamam-lhe Direitos do homem e Revolução. E Hegel, levantando a cabeça de sob as ondas immoveis e tristes da abstracção, lança nos ventos, que a levem ao mundo, esta palavra — Ideia!

O que revela cada profeta não é o Deus eterno, e Absoluto dominador, entre cujos braços se contem o universo, não confuso e multiforme nas mil apparencias do relativo, mas na verdade ideal da sua essencia — *o ser puro* —. Esse poderia, por ventura, afirmal-o a creação toda, os soes e os insectos, o espirito e a materia; o visivel e o invisivel, o certo e o possivel, se um dia, esquecendo ao movimento lançar o metal ardente de suas creações nos moldes da *variedade*, se precipitasse tudo sobre o seu centro ideal, assumindo emfim a consciencia plena da sua universalidade.

Mas o homem não affirma nada mais alem da sua mesma alma? E esse vulto immenso, a que ainda chamam Deus, é apenas a sombra do ideal humano, que

acha o mundo estreito e se alarga pelo espaço. Concebe o absoluto nos limites da sua relatividade.

Por seus mesmos passos mede o caminho do infinito. E, nos ultimos limites aonde alcança o seu pensamento, ergue elle as balizas extremas do possivel. As religiões são os marcos successivos das mais longas corridas do seu desejo no caminho do infinito: mas não são o termo d'essa estrada, que se perde nas nevoas do inatingivel, e cujos desvios ultimos pé algum pôde ainda pisar.

É por isso que os Deuses morrem, se succedem e transformam. Vê-se o fim d'essas eternidades — e o homem, que as creára para perder cá a incerteza de seu transitorio destino, o homem, o seu coração, o seu ideal sobrevive-lhes, e é elle quem parece eterno ao pé d'esses absolutos passageiros!

Mas que importa esse Deus, que nenhum olhar pôde ainda descubrir no deserto dos ceus, se d'um ceu interior, tão puro e tão bello, sae para cada ouvido attento uma voz divína, e uma sybilla misteriosa deixa cair dos labios, palavra a palavra, o oraculo successivo do destino dos homens?

Se a alma cria deuses e, respirando, espalha o infinito em volta de si — é que lá dentro alguma cousa infinita se concentra e o *divino* se esconde para se manifestar dia a dia na revelação constante chamada Vida. É que o mais humilde dentre nós dá em seu peito morada a um grande desconhecido que ali existe, cuja voz grave se ouve a espaços e nos alumia a face com os relampagos da sua gloria.

Existe com effeito. Que somos nós todos senão uma forma vísivel da essencia infinita — um momento determinado da existencia sem termo — uma vibração do movimento eterno — uma fase da Lei do *todo*, chamada

aqui lei humana mas a mesma no ser, com igual fim, igual origem, que nos determina e de que vivemos? A Lei! Protheu prodigioso de mil formas, d'innumeros vultos inesperados, em toda a parte diverso, e em toda a parte o mesmo sempre, todavia! Mil faces, e uma só alma! mil braços, e uma vontade só! por mil caminhos, e um unico o termo da viagem!

Uma d'essas faces do Protheu é o homem, a lei humana. A parte d'acção que exercemos no movimento eterno: a hora que nos é dado prehencher na duração sem termo — é isso o que somos, por isso que nos agitamos, o nosso ser, o nosso misterio. É o Deus, que o universo esconde, revelando-se pela consciencia. E o absoluto, que fora nem podemos entrever, eil-o vivo e palpitante em nosso coração e debaixo de nossas mãos, a ponto de o podermos palpar! — *A alma da humanidade em cada homem: e, na humanidade, a alma inteira do mundo* —.

No mais estreito, no mais tremulo e humilde raio de luz, coado a custo por entre duas nuvens, se estuda e está o segredo do brilho immenso e inefavel que innunda as alturas, se vê patente o misterio da maior gloria dos esplendores celestes. No gemer da onda indolente, que se espreguiça no areal, e nem assusta o folgar descuidoso d'uma creança, está a voz do oceano, a sua ancia, o porque de suas luctas, o motivo de tantas tempestades, tantos brados, tamanhas convulsões —. No que agita o peito do mais humilde e desconhecido dos homens está o segredo de anciedade, do desejo infinito, que commove os universos, o verbo do *movimento*, que arrasta os imperios como os mendigos, as folhas do outomno como os astros do espaço — está a palavra do *ser*, a origem e o fim — Deus!

Sim. Esse Deus, buscado em vão na vastidão dos ceus desertos, que não revela a immensidade desoladora e fria, eil-o em fim que o vemos concentrado no fundo da consciencia, dormitando, mas em movimento, mudo, ao parecer, mas murmurando sempre, como um canto de lendas misteriosas, o oraculo successivo dos Destinos! É o Deus da humanidade; a parte do ser eterno, que se move n'elle, que a forma, que é ella mesma. Jehová, Brama, Sabaoth, Allá, Christo, por grandes, por luminosos que pareçam, não são mais que as sombras projectadas sobre a terra pelo vulto d'esse grande desconhecido — degraus da escada do desejo que essa alma sobe no caminho do seu Fim.

É a luz, que nos sae de dentro, e diante dos nossos olhos se agita, convidando-nos a seguil-a em seu correr. É a columna de fogo do deserto — não aquella trazida de longe e sem se ver a mão que a trouxe, mas saida do mesmo seio do povo, como que a sua propria alma, adiante d'elle caminhando. Movemo-nos porque a seguimos; não pelo capricho de nossos passos. O nosso trabalho o seu brilho nol'o indica; não é só o lavor escuro de nossas mãos.

Toda a esphera de nossas acções, as maiores, as melhores, fecha-a o circulo d'aquella lei — que é a nossa mesma.

Nem d'outra lei precisamos. Cumprir a tarefa d'este *momento* é cumpril-a na sua fórma rigorosa, correspondendo ao destino d'elle entre todos os movimentos de que se compõe a duração eterna. — O fim do homem é ser homem. E, para o ser, viver segundo a nós, ao nosso fim, que mais se precisa que seguir a lei humana? É a nossa affirmação. A força que a determina não lhe vem de fóra, d'alguma mão escondida entre as nuvens

gloriosas d'algum ceu inatingivel. De dentro vem, como as folhas do lyrio, que se abre, vem todas do botão que as continha em suas dobras, como todos os suspiros vem do coração que deseja, e não do objecto que os accorda.

É o seu trabalho quem cria os *absolutos* que depois a esmagam. Mas a força primitiva reage; e os espectros caem por terra estalados os braços com que tentavam suffocal-a.

As revoluções, os cultos, os systemas, as phylosophias, as revelações não são principios exteriores, que dominem a historia, de cima, da altura de suas verdades, determinando os sentimentos, os dezejos, as crenças, a vida emfim. Pelo contrario. — São apenas evoluções d'um principio interior, que os cria e destroe, e faz o novo templo com as ruinas do templo antigo, e se chama Natureza.

O Deus da Humanidade é o mesmo homem: e o seu Ideal, a religião da Vida. (1).

V

É a negação do absoluto e, como tal a affirmação do homem.

O Deus sae da immobilidade do symbolo inalteravel; faz-se vida, move-se — é um Deus progressivo.

O seu dogma (semelhante á fonte nascida da terra e de continuo accrescentada) dia a dia o vai o tempo completando com tudo o que lhe sai do seio vasto e fecundissimo. É o culto d'um misterio que, descobrindo-se sempre, jamais se poderá ver todo. E a Biblia tem brancas as ultimas paginas, para que lhe possa cada

(1) Fim do 2.º artigo. *(N. do ed.)*

geração nova escrever lá o verso d'oiro de cada novo Evangelho que se revelle.

Religião doce e humana, que não despreza uma palavra de criança, o sonho d'um coração de mulher, o pressentimento da mais humilde consciencia! É como o olho do sabio que se esquece horas sem conto na contemplação do mais estreito calix d'uma flor sem nome d'esses campos! No calíx da flor, diz o poeta, se encerra a belleza toda do universo — e que profundos e desconhecidos thesouros de belleza e verdade não guarda o coração d'um simples?!...

É por isso que esta religião abraça no seu circulo maravilhoso a alma toda e toda a vida, como o sol do meio dia vê quanto rasteja na terra e quanto paira nas alturas — porque não despreza ninguem. Como Jesus entre as crianças, aprende tanto quanto ensina. Missiona, e recebe todavia lições do mais simples, do mais humilde catechumeno. O seu decalogo tem uma margem larga bastante para que o povo o commente, quando não acrescente um artigo á lei. É a religião do movimento — o Colombo dos mundos encubertos do espirito, erecto na proa do galeão, sondando o horisonte com os olhos, incitando, animando todos para a conquista do desconhecido. Sentado na tripode santa da sua inspiração, sente correr-lhe n'alma o espírito do Deus vivo: profetisa, improvisa de continuo, e, como a chuva de perolas da bocca da fada legendaria, lhe caem dos labios as palavras nunca interrompidas da sua revellação — a lei, o ideal humano.

VI

A Idade Media não comprehendeu isto. Seu grande genio, sublime como Poesia, achamol-o aqui estreito

e acanhado como Rasão. Porque do chão saio um dia essa flor maravilhosa, a mais bella entre todas no jardim do espirito, chamada *unidade*, pareceu-lhe ter morrido a força geradora da terra e tornar-se impossivel nova florescencia, outra primavera, outro perfume.

Deu por concluido o trabalho das criações humanas, e fechado o cyclo dos poemas divinos chamados religiões. Declarou o coração incapaz de novos sonhos, a alma inerte para mais desejos, a intelligencia morta para outras concepções e outras formas que não fossem as suas — porque, no ardor de sua fé, uma nobre illusão lhe fez ver o vacuo e o nada alem do espaço que abrangia a sua vista halucinada. Grande e solemne dentro do templo santo da sua crença, por isso mesmo desprezou o resto da terra aonde já se não avistava esse prodigioso edificio, e o resto da alma que o calor d'esse raio d'amor não aquecia. As tristes flores d'esse deserto não eram para adornar o seu altar — não era digno do seu Deus o perfume saido d'um coração não alumiado pelo brilho de sua gloria... Fez o Dogma e fechou-se n'elle como n'um sepulcro. Largo sepulcro, em verdade, como para um Deus, e todo marmores e oiro... mas, ainda no tumulo de Christo, o frio que se sente é sempre o frio da morte!

A antiguidade pagã dava ás suas religiões um cinto elastico, para que a Virgem podesse crescer e engrossar, fazer-se mulher e mãe, conceber e criar o filho que lhe havia succeder. Como as não revellava nenhuma voz encoberta, saindo do meio das nuvens de fogo d'uma gloria sobrehumana — revellavam-se ellas por si, em toda a parte, em cada hora, e não já no cimo deserto do Sinai, mas em baixo, no valle, onde se assentam as tendas do povo, no ajuntamento dos

homens. Por isso não havia palavra murmurada no meio da multidão, que se sumisse esquecida, que um deus amigo não ouvisse e decorasse, como ensino d'uma bocca humilde, mas nem per isso despresivel. A onda mais imperceptivel, nascida nos ultimos confins da sociedade, trazida com o sopro do vento, achava sempre uma doce praia aonde depositar o seu pequeno tributo, um canto, uma espuma brancà, uma rara flor muitas vezes.

Cada modesto veio d'agua lá ia dar sempre ao lago d'essas religiões tão humanas, que não se pejavam de os receber, com elles crescer e alargar, ser por elles formado — fazendo assim a divindade com o melhor e o mais puro da humanidade. Essas religiões formavam-nas em collaboração as almas das gerações successivas, cada uma com o que tinha de mais intimo em si, de mais elevado ao mais innocente. O sabio dava o forte pensamento, o *simples* a intuição profunda. Emprestava-lhes um facto o heroe, e a virgem lançava-lhes no regaço uma lagrima de piedade. A praça publica lhes enviava um echo de seus rumores, e a familia um reflexo amoravel de seu lar. Cada qual tirava do coração a perola que lá tem todos escondida; e com essas gemmas preciosas, quentes ainda e quasi vivas, se adornava a divindade. As paixões, os amores, os cuidados, as lutas dos homens, tudo isto idealisado e puro se via brilhar sobre o peito dos deuses, como penhor de fraternidade entre terra e ceu, e modelos de perfeição que buscava cada qual realisar. Ser *bom e forte e grande* para ser semelhante a um Deus — porque este era a ultima expressão da humanidade.

Era ella o que a criava. Ao lado da inspiração do augur caminhava a espontaneidade do Povo.

Ella transformava a legenda; desenvolvia a moral; compunha o rito; adoptava cultos; erguia outros deuzes ao lado senão sobre o pedestal dos antigos; verificava a lei velha com o espirito novo; tinha autoridade, emfim, autoridàde, voto e força para obrigar um Deus progressivo a medir seus passos pelos passos d'uma sociedade sempre em movimento. Por detraz do Olympo havia muito ceu ainda e muito espaço. Alem da morada das divindades via-se o infinito sem termos — e Prometheu prophetisando a queda de Jupiter não era um impio; era um semi-deus. As religiões antigas não faziam da alma humana (e, com a alma, as sociedades e o mundo) prisioneira d'um dogma immutavel. Sentiam ser ella mesma o verdadeiro dogma. Abriam o seio a cada palavra inspirada e transformavam-na em sangue do coração...

Religiões humanas! uma intuição profunda da mesma lei da vida — a diversidade, o movimento, a successão — dava-lhes a largura, a flexibilidade e o vago necessarios para que correspondessem a todas as formas inumeras e inesperadas do espirito, ás infinitas transformações das sociedades, ás mil apparencias da realidade. Dava-lhes a virtude d'esses cordeaes proprios para todos as idades e todas as compleições: para os fortes, calmante; e para os fracos, balsamo e conforto. Eram como o vestido natural do corpo do homem: acompanhando todos os movimentos, feito para todas as attitudes: simples ao pé do lar, nobre na praça, grave no repouso, e na luta ou na corrida ligeiro e facil.

Esta verdade humana, que as fez tão animadas, por isso mesmo as impedio de avistarem o outro termo correlativo, o extrahumano, o absoluto.

No coração d'essas raças, como parte que é da alma,

estava esse sentimento, por certo. Mas não vinha fora em forma de luz, não inundava d'ali o mundo, não doirava a fronte dos deuses nem a cabeça dos homens. Virão-na, a essa luz, passar como relampago nos olhos d'alguns inspirados: mas o povo não a soube comprehender, deixou-a morrer, quando a não matou elle mesmo.

No meio da *diversidade*, que o absorvia, o politheismo não pôde conceber a *unidade* existente com ella e n'ella mesma porventura. Ao sol da Grecia e do Oriente, a rosa viva, a flor intima da humanidade, a alma, abrira todas as suas petalas extranhas mas formosissimas! uma só ficou fechada; mas essa era a mais larga e a mais forte, que devia conter todas as outras — o sentimento da unidade.

Unidade de Deus! Unidade do Homem! n'esta onda mystica mergulhou o Christianismo a cabeça — com este Jordão baptisou o mundo! Esta contemplação do absoluto fez a sua força: foi ella tãobem quem o matou. Em vista d'este principio resolveu corajosamente o destino humano: mas vinculando-o a essa resolução, desconheceu a sua lei essencial — o movimento. — Não. A contemplação inerte não pode ser o ar que o espirito do homem pede para respirar! O ar da vida é outro... A vida! no seu vôo para o ceu, na sua sublime ambição ideal, foi isso que esqueceu ao Christianismo — a terra, a vida. — (1)

VII

Viver! ser homem! Que mais alta ambição póde um coração humano conceber?

Circulo d'illimitado desejo que abraça a terra, o

(1) Fim do 3.º artigo. *(N. do ed.)*

horisonte até onde o olhar se perde, o espaço até onde se some a phantasia!

São as esperanças do ceu e os cuidados da terra. Os ardentes amores do mundo, e as vagas aspirações d'alem tumulo. O finito d'este momento que se sente, e o infinito da duração que se adivinha. O que as Religiões da Natureza pódem dar á vida de calor e força, e o que pódem inspirar de languido e mystico as Religiões do Espirito. É pensar, crer, presentir e amar! Erguer-se para cima, sem por isso desprezar o palmo de terra aonde se firmam os pés. Inclinar a cabeça sobre o brando regaço da realidade, sem esquecer o aspero caminho do ideal por onde tem de se seguir. Aonde ha ahi lei, religião, codigo que contenha no abraço ambicioso maior porção da verdade, da vida universal? A certeza do roteiro, que para guiar-nos, nos dão esses pilotos de mares encubertos some-se, esvae-se na orla do horisonte que abrangem com os olhos. Para lá é o desconhecido; o oceano do possivel — e os caminhos estão todos por abrir!

Uma bussola só, por fatidico condão, aponta o norte e o sul. Mas não é a civilisação d'um ou outro seculo, a tradição d'esta ou d'aquella raça, o absoluto que uns sonham para que outros acordem em face do nada — um codigo ou uma religião —. É o secreto instincto da vida! a revelação natural! a voz da lei humana!

É-se pagão ou turco, é-se judeu ou christão — mas, antes de tudo, sobre tudo, é-se *homem*.

Sel-o (na ideal, na mais alta e completa expressão d'este immortal desejo) eis ahi a ancia da humanidade, a febre que faz agital-a em tantos e tão desvairados sentidos, a chave do grande enigma chamado historia. Os cultos, as sociedades são apenas os degraus que

ajudam e, quando abandonados, ficam marcando os periodos d'esta compassada ascensão. Não se é homem para levantar religiões e imperios. Imperios e religiões fazemol-as só a ver se somos homens um pouco mais e um pouco melhor. Quem mostrou ao mundo o mais bello explendor da face humana, esse é grande entre os maiores. Christo n'uma cabana da Galileia excede Tiberio no throno dos cesares. E quem, vendo Colombo estender aos reis d'Hespanha a sua nobre mão de mendigo, não achará mais bello o *pedinte* que o potentado a quem implora?

É que estes vivem e sentem — como se deve viver e se deve sentir. A verdade humana, como uma tella de pintor divino, desenrolam-na elles diante do mundo e com o brilho d'ella se transfiguram.

Mette-se a mão no coração e fala-se — são palavras de vida as que assim se proferem. Que importa a tradição, o caminho trilhado, a ordem velha? Longe, nas ultimas brumas, se perdem as extremas orlas do antigo continente. Incerto crepusculo! e nenhuma *carta* diz o rumo que indicam as estranhas constellacões d'esse hemisferio, pela vez primeira avistadas! Mas, lá para o oriente, vê-se um brilho palido no ceu, como reflexo de luzes a distancia. Para lá se inclina a alma. Para esse lado, o lado da luz, ha sempre um novo mundo a descobrir!

A revolta é bella, quando á revolta se puder chamar verdade. Luthero, impio mas criador, excede todos os pios mas inertes ascetas da Thebaida. O *grande homem* val mais que o *santo*. Este cumpre o preceito d'uma raça, d'um tempo, d'uma revelação. Mas aquelle cumpre á lei eterna, acima de tempos e revelações parciaes, por que as cria ella e as desfaz.

Este será *justo* na linguagem do seu seculo. Mas aquelle, para a posteridade, para a historia, é *grande*. Este representa o genio d'uma epoca, d'um momento: é pagão, christão ou judeu. Aquelle tem em si o genio de todas as edades: é humano. Assim val mais o rio largo e profundo, que corre até ao mar, do que o estreito fio d'agua d'ali coado a custo para dentro d'um campo marginal e lá sumido, dissipado, mal chegando a matar a sêde d'uma flor, uma herva, um insecto...

É o triumpho do instinto humano, vivaz e eterno, sobre as morredoiras criações do tempo — religiões, cidades, deuzes, e codigos — nada d'isto nos dá a medida da verdade.

Roma do povo, o teu grande forum atravessa-o uma criança d'um só folego! Roma de Christo, mais alto do que a cupula da tua soberba cathedral póde subir o olhar cançado d'um velho! Os filhos d'uma só geração, dando-se as mãos, conteriam tudo isso no circulo que formassem!

Poderá, pois, caber lá dentro o Deus da Humanidade?... Não póde. A profundeza do espaço fôra ainda leito acanhado para tamanho oceano. Transborda do mundo. Não o poderão conter nem os palacios dos imperadores nem os templos das divindades. Espirito subtil, escapa-se do mais estreito christal aonde o prendam para livre se espalhar no ceu. Força impetuosa, rebenta o granito que se oppõe e, como lava rompendo se precepita. Ambição ardente, não ha glorias, não ha pompas, não ha venturas que bastem no banquete triumphal que sonha e prepara para se saciar um dia.

O seu nome é movimento! a estrada que de sol em sol atravessa o universo, só essa é digna dos passos do

grande peregrino. O seu nome é desejo! Todas as formas, todas as luzes, todas as verdades mal chegam a fartar-lhe a avidez do infinito...

O seu templo é o mundo: e a Vida, a sua revelação.

VIII

A vida! E satisfará isto a nossa ancia de certeza? Haverá segurança n'esta onda tão incerta, turva e agitada? É o fluctuar do instincto... a areia movediça do deserto...

Quem, sobre este alicerce, caprichoso como o vento que o move, quem ha de ahi levantar o solido edificio da crença, o seguro marco aonde cada alma prende a confiança de seu destino? Sobre esse chão, aonde mil vestigios de passos encontrados se confundem e baralham, quem tão feliz que dê com o certo caminho da verdade? Por meio d'esse delirio de curvas, de voltas, de direcções oppostas, não se vê a linha ideal traçada por mão desconhecida mas amiga, á recta inflexivel que se chama certeza.

E será isto a fé do mundo — o vago, o indeciso, a confusão? — n'isto se prenderá o destino dos homens, n'uma nuvem que a incerteza dos ventos traz perdida d'um horisonte ao outro?

Pois que olho ha ahi que possa contar — seguir sequer — todos os aspectos, as cambiantes, as faces, as perspectivas multiformes, imprevistas, quasi contraditorias d'esse panorama que sob o ceu eterno desenrola a infinidade de suas imagens passageiras, inesperadas, innumeras? Cada onda que passa é um kaleidoscopo assombroso de formas, de seres, de visões — um universo entrevisto n'um sonho! Cada gotta que o vento levanta no ar é um prisma aonde todas as cores, todas

as luzes, todas as sombras tambem, se condensam, se succedem, se combatem, e coexistem entretanto, como se a opposição fosse a lei que as sustentasse n'aquelle incomprehensivel equilibrio de cousas contradictorias!

Contradictorias? não! Dessemelhantes, eis tudo! Está n'isto a segurança. Na confusão das coisas da história é só a superficie da humanidade que se aballa e commove. O fundamento de granito, a forte persistencia da *lei*, esse fica immovel, como nas convulsões do globo é só a face das terras que se levanta em montes ou se subverte nos mares, emquanto o centro, de firmes rochas, se conserva inabalavel. Um mesmo desejo de Justiça, de Verdade, de Rasão preside ás brilhantes theogonias do Oriente ou ao arido monotheismo Occidental; ás cartas ou ás democracias; ás republicas ou aos sacerdocios; ás magias misteriosas ou ás lucidas sciencias; às instituições oppostas; aos cultos rivaes. Assim é sempre o mesmo raio do sol que tinge de todas as cores do iris a gotta d'agua que atravessa. E o instincto humano atravessa tãobem todas as atmospheras da historia, desdobra-se, refracta-se, varia nos angulos, nas curvas — mas é sempre o mesmo instincto de verdade e de vida. Na India ou na Judeia, na Grecia ou em Roma, nos tempos heroicos, na idade media ou no Seculo XIX, o fim é sempre o mesmo e é a mesma a vontade d'ir — só os caminhos é que são diversos.

Quem dirá todas as expressões do mesmo olhar? odio e amor, desejo e saciedade, esperança e desalento... mas a alma que concebe tudo isto é uma só todavia. E sempre a mesma, quando chora ou quando ri, crente ou blasphema, no preto e no branco, no ultimo norte como no extremo sul... porque é sempre a

alma. Os deuses rivaes podem combater-se, mas não se contradizem, porque uns e outros são filhos do mesmo principio — o sentimento religioso. Os Imperios oppressores e as livres Republicas formam-se todavia em nome do mesmo ideal de justiça e direito... Grande firmeza! não somos os atomos de pó, que a philosophia antiga soltava nos espaços imaginarios, chocando-se, e ondulando a caprixo d'um acaso incomprehensivel. Temos uma lei, um fim, e unidos como os irmãos no combate, caminhamos seguros. É a confiança illimitada da consciencia.

Prendem-se os destinos, como ellos de cadeia immensa, e não ha ahi já quem a possa quebrar. Congelam-se as gottas d'agua e, unidas, resistem como rocha compacta de granito. Como os guerreiros da phalange antiga o nosso nome é *legião!*

— *O destino de cada homem no destino da humanidade.* —

Uma mesma alma em todos os peitos! um mesmo amor em todos os corações! Consoladora intuição, luz crepuscular do mundo antigo, que é hoje a nossa força, a nossa certeza pela revelação do pensamento, pela Sciencia. As apparentes discordancias somem-se do olhar, para se ver apenas o fundo eterno, a unidade. Sem receio se póde tomar por guia segurissimo esse espirito tão leal, que ha milhares d'annos atravessa os tempos escuros, as gerações confusas, cada vez mais crente em si, mais radiante, e mais claro. Não: o instincto da vida mente aos homens. Pode enganar-se: mas o que elle busca (desde os ultimos confins das edades, aonde o começamos a ver agitar-se no crepusculo da distancia) é sempre a Justiça, a Rasão e a Liberdade. Eis a trindade da fé universal! Não a

renegou ainda um seculo, uma geração, por mais desherdados que fossem da palavra da vida. É a nossa lei eterna: a nossa revelação de cada dia; a nossa religião. Não a renegaremos nós tambem. Este seculo é o missionario da *Unidade* — sem ella, os individuos, como punhado d'areia atirado aos ventos, sumiam-se, dissipavam-se e, com elles, o forte nucleo do mundo — a humanidade.

As apparentes antinomias de raças são a condição do vario trabalho que a cada uma incumbe na obra collectiva. Mas a obra é uma. As partes do mosaico não se pódem contradizer entre si. Oppoem-se, mas harmonicamente. Cada faculdade humana, como templo santo, tem os seus levitas, o seu sacerdocio com missão de guardar, conservar, officiar. Essas familias escolhidas são as raças humanas.

A umas a sciencia, a outras o pensamento religioso. A esta o direito, e a arte áquella. Uma batalha, em quanto a outra medita...

Nada d'isto se exclue, ainda quando lucte e combata. São o versos, de differente medida, de varia rima e cadencia, d'um mesmo eterno poeta — o homem —.

A cada raça o seu genio, — e, na harmonia geral de todos elles, o genio, a alma da humanidade.

(Continúa.) (1)

(1) Publicado *in*-O Seculo xix, n.os 91, 94, 99 e 101, respectivamente de 11 e 21 de janeiro e 8 e 15 de fevereiro de 1855. *(N. do ed.)*

DEFESA DA CARTA ENCYCLICA

DE SUA SANTIDADE PIO IX

Quos Deus perdere vult, prius amentat.

I

No meio do tumultuar confuso do mundo moderno — d'este ir e vir vertiginoso d'esperanças e decepções, de crenças e desalentos, de systemas e negações, de palavras de fé e gargalhadas de desespero, d'escholas oppostas e cultos inimigos — n'este deserto aonde cada monte se corôa com uma falsa aurora do Sinai — n'este campo de batalha aonde mil deuses rivaes se disputam o altar encoberto do futuro — no meio d'este turvo mar batido por todos os ventos da duvida humana; um só ponto, entre as ondas e a cerração, se mostra sereno e inabalavel, firme sobre a rocha prodigiosa dos tempos, como se fossem os fundamentos do globo os mesmos fundamentos de sua mysteriosa edificação!

Essa fortaleza do oceano, sitiada e sempre defendida, batida e sempre immovel, é o Espirito christão firme sobre o alicerce do granito que a sua fé lhe conquistou no mundo — a Igreja Catholica. D'essa altura olha ao longe o espaço inalteravel: e o vagalhão levantado dos tempos quebra-se lhe aos pés com um ruido surdo que ella mal parece escutar.

Escuta-o, todavia. Escuta e julga.

Esse ruido não é o écho dos cantos festivaes, dos hymnos de gloria, das palavras de graças, que o mundo submisso lhe fizesse subir até acima como estrophes da sua mesma epopeia, cantos do poema da sua apotheose.

O que em volta d'ella tumultua, freme e se agita é o vozear confuso da turba inimiga. A irritação, a revolta d'um mundo d'escravos, escravos d'ella, que o foram, e agora, partidas as barreiras antigas, se precipitam, animando-se com o olhar, com a palavra, com gritos ferozes d'odio muitas vezes.

É o eterno combate do Seculo e da Igreja. É a auctoridade *revelada* que a revolta da *razão* persegue através dos tempos, como em cumprimento d'alguma maldição desconhecida. Essa revolta engrossa-se pelo caminho, e mais e mais cada vez, com todas as irritações, os desgostos, as injustiças, as decepções d'uma esperança de venturas sempre mentida — e que aguilhoa essa aspiração ardente e mysteriosa, chamada curiosidade da ideia, sciencia, saber humano. É a velha heresia, a hydra de cem cabeças a renascerem sempre, silvando sob os pés do Christo, hontem ameaçando apenas e já hoje estendendo-lhe as mil linguas farpadas até sobre o coração. É a Liberdade que bate com mão de ferro ás portas da Auctoridade, e fala e intima e quasi as leva já forçadas sob a valente pressão. Essa voz ás palavras de dentro contrapõe palavras novas. Ao Deus do ceu oppõe o Deus da terra, da natureza e do coração. Á revelação oppõe a razão. Ao espirito sancto oppõe o espirito humano: ao livro antigo, a sciencia nova: á immobilidade, o progresso: ao desespero do mundo, a esperança da vida: á castidade esteril, o amor fecundo: á *igreja*, o *seculo* — e tem

sempre uma resposta sua para cada um dos problemas de que a velha seita monopolisára as resoluções.

É o leigo que invade o sanctuario! O herege, o maldicto que officia no altar! É o mundo moderno que toma estreitas contas das injustiças feitas ao mundo antigo! É o seculo XIX, descendente renegado das idades christãs, que vinga o tempo das injurias da Igreja immutavel!

Eil-os, os inimigos. Em justa ou injusta peleja, pouco importa, são estes os audazes combatentes que lançam o sitio em volta das muralhas seculares da fortaleza da immobilidade. Lá dentro o espirito christão, perturbado talvez, mas crente ainda por certo, ergue os olhos para o ceu anuviado. Mas o ruido augmenta: impossivel é não lhe escutar o tumulto. O combate recresce: é força confessar-lhe a valentia do ataque.

Vergar tremendo ao menor annuncio da tempestade é proprio do canavial humilde. Mas a Igreja é o cedro colossal, que um Deus plantou na terra, e cuja sombra cobre ao longe todo este valle estreito e frio que é a vida christã. Ha de resistir de pé. Resistir na sua immobilidade é heroico — mas resistir não é tudo. Defender-se, não se defende, que não dá a essa turba de revoltosos o foro honroso de combatentes iguaes e dignos. A auctoridade infallivel não se defende: não se defende perante os homens escuros, essa filha luminosa de Deus. Não discute, não prova, não argumenta a Lei que o ceu deixou cahir, um dia, nas mãos d'esses homens ungidos, a verdade unica, a palavra do Senhor — Fulmina, eis tudo.

Condemna, sem que precise ouvir, como a justiça eterna. É o tribunal da infallibilidade: julga sem ap

pelação. É a voz do Absoluto que se faz ouvir no mundo! só nos resta curvar a cabeça sob o sopro ardente da palavra sempiterna.

É isto a Encyclica pontificia. Não é um ataque; não é uma defesa — é uma condemnação justa e logica. Justa, por que parte do tribunal competente, e esse tribunal é infallivel. Logica, certa — pois a mão que *ata* e *desata*, e sem hesitar atina com as portas do ceu para as abrir, podia tremer, enganar-se ao solver uma difficuldade da terra? E quem vê de frente a face do Senhor poderia acaso perturbar-se diante do olhar dos homens?

Sim: o que cahe das mãos do eleito de Deus é a *certeza*, d'uma fronteira á outra do reino de Deus. Esse reino é o mundo christão: as suas fronteiras o circulo, largo ou estreito pouco importa, da fé, da confiança cega em Jesus e na sua Igreja. Para o ouvido do *crente* é sempre a palavra divina que sahe da bôca do ungido do ceu.

Aceite, pois, o mundo catholico a verdade absoluta das conclusões da sua Igreja. — E o resto dos homens, que se assentam no *deserto*, fóra do atrio do templo sancto, vejam esses nas palavras do pontifice romano a expressão inalteravel, intima, eterna do sentimento christão em face de seus trabalhos, de suas sciencias, de sua fé — o que se agita no coração de Christo ao ver a obra dos homens d'esta idade — o que pensa e crê a Igreja de si, da sua posição, do seu espirito, em presença do seculo XIX, em presença do mundo moderno.

II

É o direito humano em face do direito divino. As palavras que murmura a consciencia julgadas pelas re-

velações, cahidas entre o estrondo dos trovões, da bôca ardente de Jehová, e levadas pelo vento do deserto até aos ultimos confins da terra. Entre Deus e o homem quem hesitará?

Não ella, por certo, a virgem de Sião, a confidente que recebeu no seio as palavras eternas, ainda palpitantes dos labios do Senhor, ella a sybilla pallida pelas commoções da gloria entrevista. A Igreja não desmentirá a Christo. E quem recebeu de cima a sabedoria inteira e plena póde, por ventura, antepor-lhe essas sombras indecisas do possivel que o orgulho humano chamou sciencia, direito e liberdade?...

A Igreja negará liberdade, direito e sciencia: por que essas tres flores esplendidas a embalsamarem o ar da vida, para que brilhassem ao sol da gloria, deviam ter brotado, como lyrios d'amor divino, de dentro do coração de Christo e não do chão escuro da incerta razão humana, sob um ceu baço de duvidas e contradicções.

Não as nega: arranca a mascara a esses impostores — por que liberdade, sciencia e direito é ella só! o olhar do homem não alcança seguir em todo o ceo o vôo d'essas aves sublimes — mas o monge vê-as bem, e entende-lhes os cantos divinos, erguendo os olhos para a abobada de pedra de suas sombrias cathedraes...

E, todavia, esses phantasmas impostores, essas sombras d'uma verdade que a alma humana por si só jámais poderá conhecer, são esses espectros que levam pela mão a sociedade actual, e lhe ensinam o caminho mysterioso de seu destino! Negal-os é negar-nos a nós; é furtar-nos o ar que respirâmos e, debaixo de nossos pés roubar-nos o chão sobre que cumprimos, na medida de nossas forças, a suada tarefa d'homens...

É mais! A Sciencia com os pulsos arroxeados pelos grilhões da Doutrina! despojada de suas conquistas! sem vôo! sem poder! Ella, a livre, a intelligente, apoiar-se sobre a auctoridade: deduzir a clareza da lei da obscuridade do dogma: tirar a logica do mysterio: provar a razão com um artigo de fé... Por argumento um texto — e o cathecismo por metaphysica!

E as luctas de seculos, os martyrios, as angustias, as esperanças, a alma mesma de cem gerações, tudo esquecido, aniquilado n'um momento, tudo em nome d'uma palavra — que para ella não é mais que uma palavra, a Fé, que não entende porque não sente, nem póde nem deve sentir — porque a sciencia é a mão que palpa, o olho que interroga, e não o coração do crente que adivinha, delira ou sonha!

A Sciencia é a alma do mundo, porque o seu nome diz-se Liberdade.

O nome da Igreja é Auctoridade...

Que é o moderno estado-livre? a sciencia do poder. Que é o mundo-economico? a sciencia social. Que são essas machinas, essas fabricas, o vestido que nos cobre, o pão que nos alimenta, o trem que nos leva, a vida nos seus mais pequenos detalhes? a sciencia industrial. O ceu, se o queremos ver, profundar-lhe mysterios, ler-lhe a palavra soberana traçada n'esse espaço pelo dedo de Deus em lettras harmoniosas de luz, quem nos aponta o ceu, o explica, nos ergue a face para cima, senão a sciencia, divina só por si mais que mil theologias, a Astronomia? E esse outro ceu realisado na terra, o Bello, quem nos faz brilhar ante os olhos d'alma os seus astros de poesia senão a Arte, a sciencia da belleza? Em vão estendo as mãos para todos os lados do horizonte: é sempre ella, é sempre o seu bafo

doce e tepido que eu sinto refrescar-me a face. Ella é o mesmo ar da vida, a atmosphera moral do universo.

Só a Igreja está fóra d'ella — por isso parece tambem fóra do mundo!

A Encyclica pega n'isto, n'este symbolo do trabalho doloroso de tantos seculos e tantas gerações, veste-lhe o burel da penitencia, cinge-lhe o cilicio, e manda a sciencia para o *in pace* dos relapsos...

Ah! é realmente o *in pace* da idade media — e não se póde respirar!

Mas, morta a alma, o corpo que mais importa? Morto o espirito, que importam essas carnes flaccidas, palidas, sem vontade, sem movimento?

A Encyclica é logica. Esse corpo, que perdeu a alma, deem-n'o a alguem que o guarde bem fechado n'algum tumulo bem negro. — Esse coveiro é o Imperador. O Imperador... e a mão do padre que mova o sceptro, e insuffle inspirações á espada! Esse imperador é Carlos V, é Filippe II, é Maximiano, é Luiz XIV, o logar-tenente de Deus na terra... e o monge é quem transmite as ordens! Se as almas são um rebanho e tem o seu pastor, *pastor hominum,* que rebanho mais ignobil ainda não serão os corpos, não será essa materia vil, boa apenas para supedaneo d'um throno? O pastor d'esses muda o baculo em gladio, persuade com o argumento do ferro, e é justo e sancto, que lá está a Igreja para exhortar o penitente, para o animar, instigar a soffrer — *soffre e serás similhante a Christo* — lá está o padre para amarrar a paciencia da victima com uma exhortação e os pulsos com uma estola benta, em quanto o ferro lhe penetra as entranhas.

Se a carne se rebellar, e a carne é fraca, haverá

sempre em algum palacio, defronte d'alguma igreja, quem por caridade lh'a fustigue porque se submetta, e sendo preciso, por muito amor lh'a queime tambem. O autó de fé é a logica celeste e infallivel que substitue estes desvarios da errada philosophia humana, que só tem por si a razão, e nada mais! Oh religião do amor! eu vejo a abobada da Inquisição servindo de cupula á tua Igreja!

Que resta? A consciencia, muda: o estado, servo: o direito, absorvido no dogma: o mundo ao serviço d'uma casta: o silencio e a ordem d'um dormitorio d'escravos... tinhamos tudo isto na India ha 4:000 annos! Por que mudámos então?

III

A Encyclica é tudo isto. Mas tudo isto, ó liberaes christãos, é eminentemente catholico — tudo isto o tirou do Evangelho o filho e successor de S. Pedro. Tudo isto será triste; será desalentador... talvez mesmo que um herege lhe pudesse chamar infame... Mas sobre tudo, sejâmos logicos — é a boa fé do espirito: é a virtude da intelligencia: não póde ser senão proveitosa a todos nós.

Servir a Deus e servir o mundo — ter um corpo para as venturas da terra, e uma alma para as recompensas do ceu — a liberdade na vida para nos afagar o orgulho d'*homem* e, além da morte, a fé que dissipe os terrores do *crente* — ser christão quanto baste para illudir a rectidão do Juiz na hora do julgamento e, em tudo o mais, pagão no viver, pagão na pratica de cada dia, de cada hora — aceitar de Deus a segurança da salvação da alma, e de Satanaz o gôzo da carne — será isto um bello sonho para quem não comprehende o

valor d'esta palavra *sacrificio*, será este o ideal da nossa sociedade sensual e burguezmente commodista, mas é infelizmente um sonho impossivel... para não dizer um desejo impio.

Progressista e homem de tradição! liberal e captivo de Roma! critico e dogmatico! volteriano e asceta! homem de fé e homem de razão! a lettra e o espirito! a immobilidade e o movimento! a idade media e o futuro! Gregorio VII e Washington! Hegel e o Evangelho! a abobada, emfim, da cathedral, fria, escura, estreita, e o ceu da vida largo, luminoso e infinito!

Que imaginação de poeta colossal fôra precisa para criar estas anthiteses violentas e disformes! E, todavia, alguns milhares de burguezes, sem paixão e sem alma, ignorantes e gordos, conceberam tudo isto, confundiram tudo isto, casaram estes impossiveis, ligaram em abraço incestuoso Christo e Satanaz, uniram emfim os polos e o equador, achatando o mundo, deslocando o globo — e a esta cousa sem nome se chamou *racionalismo christão*, *catholicismo liberal*, relação do estado e da igreja — ignorancia e absurdo!

O desengano eil-o ahi agora. Christo, a esses falsos amigos, afasta-os com mão colerica. Que o recusem, se se atrevem, esses christãos! Que o aceitem, se podem, esses liberaes!

A Igreja recusa esses auxiliares enganadores — por que aceital-os é transigir, e ella não transige por que não póde e por que não deve.

A Igreja é universal — é catholica — o seu espirito é o absoluto. O que sahe d'ella, o que não é ella, não é o indifferente... é o inimigo, é o escravo revoltoso, é a heresia. E será filho da simplicidade christã esse orgulho a que se chama razão? sahirá do seio da abne-

gação evangelica este amor da vida, esta ancia do gôzo? e, do perdão de Jesus, o Direito que vinga? será, emfim; a sociedade moderna filha legitima e obdiente da Igreja christã?

Não é. A curia romana o confessa. E que não o confessasse, sabiamol-o nós de ha muito. Se não é o filho, é o inimigo — se não é o Discipulo amado, não póde ser senão Judas o traidor!

Ah! é preciso que o senso commum tenha baixado no mundo de uma maneira assustadora, e a consciencia humana descido muito abaixo n'estes tempos, para que ninguem veja ou queira ver essas duas garras de ferro do dilemma que a historia estende — a antithese do verdadeiro espirito christão e do verdadeiro espirito livre! Mas na idade media, tão ignorante e confusa todavia, todos viam a contradicção, todas as intelligencias lhe sentiam o abalo — e a idade media era logica e justa, proscrevia a liberdade, bania a sciencia e ao sabio queimava-o em holocausto ao *absoluto!*

Hoje, n'esta *idade de luz*, quem é logico, quem faz justiça inteira ao mundo e a si?

És tu, philosopho? não: o teu sophisma confunde tudo! Tu, homem d'estado? não: tu és o interesse que se compraz no imbroglio e na contradicção! Tu, jornalista? não: tu és a intriga; ou, quando não és a intriga, és a ignorancia — e, quando não és a ignorancia, és então estas duas cousas juntas, apenas.

O raio de luz vae ferir a cabeça para vós entre todas ignorante e escura! A aurora nasce por de trás da fortaleza da sombra, e corôa-a toda de brilho! A Igreja é quem acha a palavra da situação — *a liberdade civil matará a liberdade christã...* ceci tuera cela.

Sejâmos ultramontanos muito embora, mas sejâmos logicos. Nações catholicas! se a Igreja entender seguir os passos de Christo pelos caminhos do passado, pelos desertos da meia-idade, segui-a vós tambem, seja aonde for — ou renegae então do vosso nome christão... Leva sempre ao ceu esse caminho — a vossa fé vol-o ensina — e, então, que importam os desvios, as sombras, as tristezas da viagem? Certamente que o termo será sempre a visão dourada da celeste Jerusalem.

Ide! calcae o interesse, o habito, o amor, o que tendes por justiça, o que julgaes ser a razão — mas sêde catholicos... e sêde coherentes.

Ou, então, se dentro das entranhas commovidas, a voz da natureza, doida do pasmo e dor, vos clamar e rugir e se estorcer a ponto que não possaes dar um passo mais n'esse caminho — tende coragem n'essa hora! renegae do phantasma antigo... virae as costas ao velho sonho... e, quebrando heroicamente as barreiras da fé, sêde impios muito embora, mas sêde logicos!

Independencia, secularisação absoluta do estado civil — ou theocracia. É o dilemma inexoravel do tempo. D'um lado a Igreja e do outro a liberdade.

Submettei-vos... ou rebellae-vos!

Mas ficar incerto e pavido, entre Deus e o mundo, é não pertencer nem a um nem a outro, é estar fóra da vida, do universo, da existencia! Conciliar o inconciliavel não é para vós — não é para alguem no mundo. — Torcer o braço de ferro da historia, estalar o circulo fatal da Lei — não, não o podereis fazer!

Nem deveis. O tempo descobriu já a gangrena interior do velho sophisma. *Temporal* e *espiritual* não são dois termos differentes, apenas correlativos — fazem

um só, como a premissa e a conclusão. Não são duas rectas parallelas — são dois ramos da mesma curva. Se o *corpo* se move é que o move o *espirito*. O corpo é a véla, o espirito é o vento. E, se o vento soprar d'um lado, como se moverá a nau em direcção opposta? E o mundo civil como seguirá o seu caminho, se o espirito religioso se immobilisar, ou seguir porventura para um ponto contrario?!

Isto é já uma banalidade — ninguem a escutou ou entendeu ainda; todavia — «A sociedade sahe toda formada da religião, como a Minerva armada sahiu da cabeça de Jupiter». Ha quantos annos se prega isto? Parece que só a Igreja o ouviu — só essa soube, ao menos uma vez, ser razoavel e justa.

Mas ha no mundo uma cousa sem nome, um monstro formado de todas as contradicções, de todas as anthiteses de todos os interesses rivaes, de todas as opposições que podem referver n'uma sociedade multiforme e confusa, o qual erguendo-se na sua omnipotencia brada sempre á razão, á franqueza, á verdade «não passarás d'aqui!» A sua fatalidade é esta. Formado por forças contrarias, que se equilibram, não se move, não cria; tem por lei a inercia e é esteril porque é hybrido.

A esse monstro moderno chama-lhe a philosophia *absurdo* — embora o mundo persista em lhe chamar *opinião publica*.

É este o vulto escuro que interpõe sempre a sua fórma confusa entre a verdade e os homens. É a maldição das sociedades democraticas, a contradicção das forças collectivas, a sua fatalidade.

Lança mil vozes discordantes n'uma mesma hora a sua bôca, que se chama Imprensa. E, como é um

Deus monstruoso, os seus sacerdotes são disformes e grotescos, são bonzos e não apostolos: e o mundo, que lhes obedece, não póde todavia reprimir um sorriso de escarneo ao ver passar a *phalange sagrada* dos Jornalistas!

A Opinião Liberal, que devêra ser a expressão ideal da consciencia mais pura e mais franca da sociedade, criam-n'a elles, fazem-n'a de paixões de individuos, de partidos, de immoralidade e de sombra.

Por isso, ao soar no ambiente do seculo esta grande voz da Igreja, tão leal, tão sincera, tão corajosa, a dar ás mais curtas intelligencias a palavra da situação, e expor á luz da franqueza o problema social, n'essa hora o Jornalismo, temeroso da claridade, se agitou confusamente, lidou, cegou-se de proposito, até fazer novamente sobre a terra o crepusculo de contradicções em que se compraz e de que só vive. A Opinião Liberal transviou-se mais uma vez. Não aceita das mãos da Igreja infallivel a irrecusavel conclusão de sua fé — não a segue submissa, como crente e catholica. Mas não tem tambem, como heretica, o valor de a renegar corajosamente, absolutamente.

A opinião liberal conserva e proclama o seu outro titulo de christã e, ao mesmo tempo, como filho mordendo o seio maternal, ergue-se contra Roma, condemna a auctoridade legitima que a doutrina, morde emfim a mão que aceitou para a guiar nos desvios da vida!!...

Contradicção e miseria!

Um reprehende o pontifice romano, chamando-lhe imprevidente! Outro condemna a politica da Curia! Este, entre protestos de christianismo, declara ao mundo christão que a Encyclica offende o sentimento moral e

religioso! Aquelle, emfim, exclama *heresia!* em face da palavra infallivel do chefe que reconhece!

Que quer isto dizer? E como rebaixou o jornalismo liberal o bom-senso humano até este estado miseravel de contradicção e ridiculo?

O Governo catholico de França — que digo, catholico?... ultramontano! — discute e analysa a Carta de Sua Santidade, approva ou reprova, escolhe, e atreve-se a prohibir a publicação da maior parte d'um documento decisivo aonde a Igreja expõe a sua fé toda, explica ao mundo christão o Evangelho em face do Seculo! Um governo catholico ousa interpor-se, na audacia de seu orgulho, entre o orbe christão e o seu chefe soberano! O filho mais velho proclama a revolta na casa de seu pae e prohibe aos mais novos de escutarem as palavras sanctas da auctoridade paterna!...

E chama-se a isto Opinião Liberal!!...

Mas *opinião* é razão, é clareza, é lealdade, é rectidão d'espirito — e isto é tão inepto como odioso... E, porque se é *liberal*, será força ser-se absurdo?!

Jornalistas ignaros, homens d'estado corruptos, politicos miopes, charlatães d'ouropeis, prophetas com voz de gralha — vós gangrenaes a razão publica com os vossos odiosos sophismas! Sois os Judas d'esse novo Christianismo que pretendeis apostolisar e a que se chama Progresso! Vós insultaes miseravelmente o bom-senso da humanidade!

Não, ó liberaes-catholicos! a vossa revolta tem por nome impiedade. E, em face da *grande*, da *luminosa*, da *omnipotente* opinião publica, quem tem razão e direito e justiça, quem só a tem é esse velho sublime, cabeça coroada pelos ultimos explendores do astro

christão da fé, que acataes hypocritamente á luz do dia, e que á noite renegaes e escarneceis!

Judas beijou a Christo uma só vez. Mas aos vossos beijos fementidos e venenosos quem ha ahi já que lhes possa saber a conta?...

IV

Ter justiça — mesmo n'uma causa injusta: ter razão — ainda contra a verdade: e, amaldiçoando o mundo, obrigal-o a respeitar-lhe o anathema: é esta a decidida superioridade da posição da Igreja... já que não póde ser a superioridade da sua ideia.

A virtude, d'esta vez, está nos pontos extremos.

Tem razão Torquemada — e tem razão Voltaire.

São ambos logicos. O philosopho, no orgulho legitimo da consciencia humana, repelle com indignação esses delegados de Deus, que sabem abrir e fechar as portas do ceu, e não poderam ainda provar ao mundo a authenticidade da missão recebida de cima. Não nega: pede só uma demonstração. E, esperando-a, contenta-se com esse raio de luz interior, que se chama a Consciencia.

Mas o catholico, mas o crente, a quem o Deus mysterioso dos extasis do visionario alumiou o olhar com a aurora ineffavel da revelação — o valido do ceu, o commensal da Gloria — poderá acaso ser um *sceptico* esse homem sobre-humano a quem a palavra divina, como onda de fogo purificador, lavou do coração e da cabeça a mais pequena mancha de duvida?

Esse homem não indaga — crê. Não prova — missiona. Não discute — condemna.

É assim que procede a fé. E a fé da Igreja é viva como a chamma inextinguivel do coração de Jesus —

pura como a tunica immaculada do Redemptor. O seu dever é erguer a mão para o ceu e, alargando os olhos sobre a erma vastidão das terras aonde Satanaz assentou o seu throno d'enganos e de vaidades, confessar a palavra de vida, a lei de verdade, sempre, em toda a parte, e mais alto e mais firme na confusão das maiores tempestades.

E a Igreja, n'esta turva hora presente, n'esta hora de provação entre todas dolorosissima para o sentimento christão, havia deixar cahir a fronte sobre o seio, e chorar em silencio? Quando a heresia, como a vasta fermentação de todos os seres no prodigioso pantano do mundo primitivo, pullula e ferve e se agita e cresce n'um desordenado delirio de vida que assombra, ameaçando a terra toda — a Igreja havia de permanecer silenciosa como quem ignora, immovel como quem não sente, indifferente como quem condescende?!...

Sim, como quem condescende. De mais tem ella já dormido sobre estas questões ardentes! Os filhos de S. Pedro o prégador, que outra missão podem elles ter mais que missionar e prégar, espalhando pelo mundo as palavras mysteriosas que Jesus deixou um dia cahir no seio d'esse sublime *pescador d'homens?* A Igreja, hoje, no meio dos philosophos, como outr'ora entre as feras do circo, é sempre o eterno combatente — o combatente do Senhor no meio das torvas phalanges do Inferno!

Calar, condescender — é morrer. Retirar-se do combate o que é senão desistir? e, para ella, a desistencia é uma tal confissão de fraqueza que equivale á morte.

Não póde. Mas que transigisse! E, hora a hora, gôtta a gôtta, sem mal se ver, sem se sentir, o veneno lethal d'esse espirito do mundo, que ella já não conde-

mnava, se lhe iria coando no coração. Hoje a doutrina, e ámanhã já o dogma. Agora é a tradicção que se obscurece. Logo é o mysterio que se explica. Depois, a moral que condescende. Breve será a fé que se perde, o mesmo fundamento do edificio que, sem se saber como, se achará revolvido, mudado, aluido. E, relaxada, confusa, esquecida, chegaria a final um dia em que a Igreja, perdida a consciencia de si, do seu ideal, do seu espirito, estenderia em vão as mãos no horror do vasio, buscando-se, e não achando mais que sombras! Sentindo lá dentro o flutuar incessante de todas as contradicções humanas, a quem déra entrada a sua infeliz tolerancia, sem defesa e desarraigada em fim da rocha da sua immobilidade, a Igreja começaria, como nau prestes a sossobrar, oscillando incerta d'um lado e outro, á mercê da menor onda, do mais pequeno interesse do mundo, do capricho dos grandes e da ignorancia dos pequenos...

A prophetisa de Deus ver-se-hia serva dos reis! Escrava dos povos, a doutrinadora das nações! A mão que ata e desata as cousas do ceu, algemada com grilhões da terra! E quem dá e interpreta a lei divina, recebendo inspirações e ordens da razão, quando não do interesse humano!

Se é isto o que quereis, liberaes que vos dizeis amigos da Igreja, as vossas manobras impias são muito peiores ainda que o assassino que fere á luz do dia — porque isto é cravar nas costas o punhal, em quanto se abraça e se unem os seios como amigos.

Se é isto o que tentaes, é preciso accusar-vos diante do povo, a vós e aos vossos governos e á vossa liberdade, para que o povo conheça os que conspiram contra a sua alma, e se defenda como homem.

Que teriamos, então, se para desgraça do mundo, se cumprissem estes desejos estolidos ou perversos?

Um phantasma d'Igreja, sem vida nem movimento proprio, mas grosso de fórmas, opaco e escuro, illudindo o sentimento religioso e dando um alvo falso ás aspirações, impediria com esta illusão o desenvolvimento livre da consciencia humana.

A morte da consciencia! E o que fôra então a expansão do ideal, a vida da alma, o vôo, em fim, do espirito á busca d'esses astros que só encerra a altura do ceu, e se chamam lei moral, sentimento do bello, *religião*, para tudo dizer?!...

A Religião, porque é a cousa essencial do homem, deve por isso ser a maior, a mais nobre, a mais bella e a mais livre entre todas as cousas da vida — ou deve cessar de existir, então. Mas esse Deus que um rei governa: esse altar servindo d'escabello a um throno: esse espirito do ceu que não tem azas com que se levante um palmo acima do interesse da terra; essa moral ao serviço da politica: esse Deus empregado como sentinela e cabo da ordem publica — póde chamar-se a isto Religião? será esta cousa chata o sonho ideal para que estende os braços a ancia da humanidade?

É a nuvem pela deusa. Mas á aspiração humana não a sacia esse abraço enganador do espetro que esconde a luz. Illudida na esperança, desenganada, descrente, procuraria saciar-se com inuteis e desesperados esforços, ou então, como sceptica, negaria o ideal, deixando-se embrutecer na crapula das cousas materiaes!

Uma religião ficticia occupando o lugar da verdadeira — e o sentimento religioso, na impotencia de se abraçar a uma sombra, errante de delirio em delirio, se não suicidando-se, no desespero de tantos enganos crueis...

É o escurecimento moral do ceu humano! é o crepusculo das almas! o sophisma nas cousas do espirito! a phantasmagoria das consciencias! a illusão feita lei da vida! estupidez e miseria — uma China moral.

É isto, por ventura, o que quereis, homens de concordatas, de restricções e reticencias? Quem o saberá, acaso? Que vos fazem a vós, com effeito, estas palavras, d'ideal, vida d'alma, sentimento religioso, elevação e consciencia? — Boas palavras sonoras, uteis certamente para adubar o estylo constitucional e semsabor d'algum discurso de camaras ou artigo de jornal... mas na vida! temos a machina, a politica... e a cosinha! E pennas em nossas azas, que nos levantem o vôo através da vida, temos notas de banco, como o Espirito sancto as não tem nas azas da sua pomba immaculada!

Homens materiaes e cheios d'ignorante orgulho! essa Igreja, que desprezaes por que lhe não entendeis a poesia da nobre e honrosa illusão, essa Igreja, na sua ultima decadencia, val ainda todavia mais, muito mais que vós!

O seu defeito, ao menos, é por excesso d'espirito — e vós outros sois apenas materia!

Vós, com o vosso ruido e a vossa massa inerte, haveis de passar e esquecer — em quanto que d'ella, depois da extrema quéda que já vem perto, ficará eterna no coração da humanidade uma recordação saudosa, e na memoria dos homens como um rastro luminoso de poesia e belleza!

V

É por isso que a Igreja resiste — por que é uma alma! Por isso é que ella sustenta erguido nas mãos o pendão do espirito — muito embora as palavras da

legenda escripta n'essa nobre bandeira sejam illusorias e falsas!

Resiste. Condemna e amaldiçôa.

E faz bem. No meio das convulsões tumultuosas d'este mar desconhecido da revolução social, que ha um seculo nos agita em todos os sentidos, o maior revolucionario foi o Papa e, n'esta hora presente, o unico talvez, por que foi elle quem achou a palavra da situação, a chave do grande enigma, a solução effectiva do problema moderno — o *Christianismo e o mundo actual são incompativeis e inimigos.*

Grande, immensa luz cahida de chofre sobre este escuro do mundo, sobre esta treva feita de chatas contradicções liberaes e de ignobeis intrigas ultramontanas!

É a maior hora de franqueza do seculo: e a historia distribuirá as honras d'ella a quem pertencerem.

Sim. É uma grande pagina d'historia aquelle documento — e é uma grande lição. Beijemos todos, atheus ou catholicos, a mão energica que a traçou, se não pelo que escreveu, ao menos pela coragem nobilissima do acto.

É o ultimo clarão da lampada de S. Pedro: mas esse clarão moribundo alumia a terra toda! Vê-se o chão que se piza — e não ha mais temor de surprezas. A Igreja póde morrer agora, se é que Deus lhe tem contados os ultimos dias, por que morre nobre e honrada. A sua mortalha será a melhor pagina da historia do seculo!

Que se fala ahi d'impolitica? Miopes ou hypocritas, não comprehendeis isto — mas a maior politica é a verdade.

Impolitica foi a França guilhotinando Luiz XVI, mas salvou a Republica. Impolitico foi Christo decapitando

com uma palavra o mundo pagão: mas salvou o mundo. Pio IX arranca dolorosamente do seio da sociedade moderna o sophisma, a illusão, a contradicção que a roía como um cancro encoberto e lhe quebrava com as forças do corpo a energia e rectidão do espirito. Será impolitico no tribunal dos ineptos tiranetes a que chamam governos constitucionaes mas é politico no grande, no alto tribunal da historia, porque falou verdade.

Isto lhe basta.

VI

A illusão tornou-se impossivel agora.

Catholicos, as vossas distincções e restricções ineptas são insensatas, para não dizer impias. Que mais importa ser o Papa, o Conclave, o Concilio, um ou muitos, os que dictaram a Encyclica? Que importa a *doutrina* em face d'este grande pleito? O pensamento da Igreja é aquelle: aquelle o pensamento christão. Todos o sabem, e em Roma seguramente melhor que em parte alguma. Pois que? No senado Francez, no parlamento Italiano conhece-se por ventura melhor qual o verdadeiro espirito do Catholicismo do que no Sacro-Collegio em Roma? E o Espirito-Sancto escolhe tantos inspirados, faz um milagre tamanho, para que qualquer jornalista de provincia, a quem o artigo de fundo fez esquecer o cathecismo, comprehenda melhor o sentir christão do que os seus escolhidos? Pois que? o pontifice seria o primeiro a illudir-se, a titubear n'esta questão vital; e o mais desconhecido deputado da maioria daria lições de catholicismo ao successor de S. Pedro?!...

Todos vêem, todos conhecem que é assim, todos sentem o terreno que escalda debaixo dos pés. Mas são hypocritas: mas não tem alma: mas não tem co-

ragem. Assusta-os a face do Esphinge e teem medo de tocar no problema fatal. Mas só a troco da resolução se compra a liberdade e a vida. Não o resolvem — por isso o Esphinge os ha de devorar. Catholicos! haveis de aceitar as palavras do Papa, por que ellas são e devem ser a expressão do vosso mais intimo pensamento.

A lucta secular do Estado e da Igreja — o duelo antigo do *seculo* e do *espirito* — o facho com que se incendeia a modesta morada da sciencia acceso sempre na lampada do altar — os cravos do supplicio de Jesus transformados durante mil annos em horriveis instrumentos de tortura — os braços da cruz servindo sempre de potro d'agonias — o ascetismo esteril amaldiçoando o amor que fecunda — a auctoridade immovel esmagando a liberdade activa — o deserto moral alastrando-se cada vez mais em volta do templo — as maldições, em fim, as imprecações de que andam cheios os échos todos da historia — tudo isto em nome do espirito e, de facto, por amor d'elle — ah! é que o catholicismo no seu ideal deve ser isto, ou então nunca o houve; é que um incuravel erro de nascença o obriga sempre a comprehender o *espirito* d'uma maneira falsa e desnatural; é que a Encyclica foi logica e recta, e tudo isto foi effectivamente a preexistencia constante do ultimo manifesto da Igreja catholica!

Cada conquista da tolerancia, do saber, do progresso, tem sido feita sobre os dominios do catholicismo á custa de muita dor, muita lagrima e muito sangue d'homens tambem. A sociedade moderna formou-se toda sobre esse terreno conquistado e sobre os ossos d'esses martyres. Ella é o remorso eterno da Igreja, por que lhe lembra crimes. A sua irritação, por que

lhe recorda a revolta d'esses escravos. O seu phantasma, o seu pesadelo por que, só vel-a lhe traz á memoria toda a tristeza, toda a raiva, toda a magua, toda a miseria d'esses combates em que sempre foi vencida. É a sua fatalidade, em fim, por que lhe lembra as mil injustiças do ceu, o incomprehensivel destino que lhe fez sempre a Ella, a filha do Senhor, a esposa de seu filho soffrer e recuar diante dos combates d'esse Satan, que se chama o espirito do mundo!

E quereis que se abracem? se reconciliem e coexistam? E espantaes-vos de que, do alto da Cadeira de S. Pedro, o chefe soberano declare a Igreja incompativel, inimiga eterna do moderno *espirito de revolta*, isto é, de movimento e progresso?

Ah! o contrario sim, que devera ser o espanto e, porventura, o horror do mundo! De certos odios não se desiste sem uma incrivel baixeza d'alma — o rancor, n'estes casos, é uma virtude — e, n'este ponto, a Igreja tem um espirito bem alto, uma bem grande alma, para que não odeie, e muito, porque muito e grande é a sua crença!

O fel está todo na garganta. A contenda, eternisados os combatentes, seria eterna tambem, enluctando o mundo cada vez mais com tristezas e dores infinitas.

Mas a terra é que não póde já com o peso de tantos odios! Verga sob o ruido espantoso d'estes combates! Anceia a paz — é mister dar-lh'a. Algum dos contendores ha de sahir da arena, seja qual for, a Fé ou a Razão, mas ha de sahir para que a terra tenha emfim uma hora de socego!

VII

Uma só lei: um só poder: uma só alma: uma só vida! Eis a ancia da humanidade, ha tantos seculos

quantos um destino mysterioso a faz errar á busca do desconhecido, sobre este duro e convulso chão da existencia...

Lyrio d'amor! unidade ideal! sonho milenario de cada idade! pois um Deus amigo e pio não nos dará que vejâmos, uma hora emfim, o sorriso divino d'essa fada dos sonhos de cada geração?... que beijemos um dia a fimbria do veu purissimo d'essa suspirada madona da humanidade?

Oh! existe um Deus justo em alguma parte, que acima d'estas contendas do mundo, deve ter julgado cumprida esta dolorosa provação! Existe, por certo. A Paz do Amor ver-se-ha sobre a terra nas vestes da sua innocencia. E a unidade absoluta dos homens, fundindo estes incompletos poderes, abraçando estes irmãos inimigos, temporal e espiritual, razão e sentimento, sobre o seio vastissimo da grande, da unica religião do futuro, reconciliará por uma vez o mundo comsigo mesmo — lá quando do seio da humanidade brotar o lyrio augusto da Unidade, e a eterna Paz, como perfume de seu calis, embalsamar o universo inteiro!

Até lá, dos labios impenetraveis do destino pende a sentença final do grande pleito.

E que voz d'homem tão audaz tentará erguer-se n'esse tribunal mysterioso e terrivel aonde se assentam e votam as potencias encobertas da historia?

Julgue cada um para si na humildade da sua consciencia. Ore, curvado, dentro de sua alma, ao Deus de verdade que lhe alumie o caminho do pensamento — até que os ultimos destinos se cumpram, e a porta d'oiro do templo de Jano da humanidade cáia sobre os batentes, lançando ao longe um grande écho pelo universo!

Só uma cousa podemos affirmar. É que a humanidade não volta a pôr os pés nos vestigios dos passos das antigas e quasi esquecidas viagens. Duas vezes não póde ella passar pelo mesmo caminho. E, se alguma mão tão audaz ousar arrastal-a para esses desertos d'ha seculos aonde chorou e penou e quasi por milagre sahiu, então! essa mão é impia, por força, attenta contra a lei eterna do homem que é o progresso — essa mão terá de ser decepada!

Ir! O impulso vem de trás. A direcção do movimento deram-n'a braços tão robustos que não ha desvial-o nem torcel-o. Ha de passar. E aonde não podér, alue o muro, fôra elle de bronze, para se abrir o seu caminho na direcção conhecida.

Faz justamente cem annos que Voltaire escrevia, no frontão do templo da philosophia, este mote fatidico — *ecrasons l'infame!* Pois bem: o seculo XIX é, pela lei do tempo, filho e herdeiro do seculo do Voltaire — tem de lhe aceitar a herança.

Ecrasons l'infame! e sob o livre ceu da historia, á grande luz de consciencia humana, se jogará a sorte d'este ultimo combate!

De cima, Deus, pelo orgão do tempo, julgue e pronuncie (1).

(1) Reedição do opusculo: *Defesa da Carta Encyclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal. Considerações sobre este documento por* Anthero de Quental. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1865. *In*-8.º de 31 pag. A pág. 3 lê-se a seguinte dedicatória: A todos os Catholicos sinceros e convictos. A todos os Hereges sinceros e convictos. Testemunho de boa fé. O. o Auctor.

Êste folheto teve 2.ª ed. no próprio ano de 1865. *(N. do ed.).*

[CARTA-DEDICATÓRIA DAS «ODES MODERNAS»]

A GERMANO VIEIRA DE MEYRELLES

Meu amigo. — Escrevo o teu nome na primeira pagina d'este livro, como no socco da estatua da Venus antiga gravou o esculptor, enlaçados, o seu nome com o da formosura extranha que lhe servira de modelo.

É mais ainda que um desafogo do coração — é um dever de probidade.

A mão, que escreveu este livro, copiou apenas. Mas a Ideia, que o inspirou, essa saiu-nos, como dois metaes fundidos para o mesmo molde, unica, espontanea de ambas as almas. Rebentou-nos de ambas as vontades com a mesma força de uma egual aspiração. Meditaram-na em commum duas intelligencias unidas numa só crença, como de duas raizes sae o mesmo tronco, de duas ondas, junctando-se, uma só espuma e uma unica voz.

É o fructo de um mesmo Ideal. E onde ha ahi mão que possa, abrindo ao meio estes versos, arrancar-lhes das entranhas, partidas cada qual, a parte que é minha e a tua parte?

São inseparaveis: como se não pode desprender a luz da côr, a forma da essencia, o pensamento da consciencia.

É *nosso* este livro. A mão do copista que mais vale? Se são estas paginas fragmentos do grande e bello poema da nossa commum mocidade? da epopeia, que nos sonharam — unidas — as almas? do *mundo*, que as intelligencias — junctas — nos pesaram, em tantos dias de estudo, de esperança ou de tristeza; em tantas noites de meditação, de desalento ou de enthusiasmo?

Deixa pois que escreva aqui o teu nome, enlaçado com o meu, perante os homens, como um protesto solemne de fraternidade.

No meio das luctas e das tristezas, a que este livro de *crença* me pode porventura atirar a vida, seja-me o teu nome consolação e alegria, como já é força, gloria e exemplo — mais que tudo. (1)

(1) A pág. 3-4 da 1.ª edição das *Odes Modernas*. Coimbra, Imprensa da Universidade. 1865. *(N. do ed.)*

NOTA

[SÔBRE A MISSÃO REVOLUCIONÁRIA DA POESIA]

Este livro é uma tentativa, em muitos pontos imperfeita, seguramente, mas sempre sincera, para dar á poesia contemporanea a cor-moral, a feição espiritual da sociedade moderna, fazendo-a assim corresponder á alta missão que foi sempre a da Poesia em todos os tempos, no Rigg-Védda ou nos Lusiadas, em Tyrtheu como em Rouget de L'Isle — isto é, a forma mais pura d'aquellas partes soberanas da alma collectiva de uma epocha, a *crença* e a *aspiração*. — Partindo d'este principio — a Poesia é a confissão sincera do pensamento mais intimo de uma edade — o auctor, na rectidão imparcial da sua logica, havia de necessariamente concluir com esta outra affirmação — a *Poesia moderna é a voz da Revolução* — porque Revolução é o nome que o sacerdote da historia, o tempo, deixou cahir sobre a fronte fatidica do nosso seculo. Como do seu Deos dizia o apostolo antigo, *in eo vivimus et sumus*, podemos nós com mais razão ainda affirmar do grande espirito de revolta da nossa edade — nelle e por elle é que somos, por elle e nelle é que vivemos. — O ar que a nossa sociedade respira, a atmosphera turva e agitada, mas vivificante, em que vai penetrando dia a dia, não é já composta, não, de boas e pacificas crenças velhas, de resignação, de obediencia, de fé sublime...

e cega. Outro é o ar! abrem-se os olhos para ler as contradicções dos sanctos, dos venerandos, dos excellentes livros antigos. Estendem-se as mãos para palpar, sob os vestidos de brocado dos bons idolos d'outrora, o páo de que eram feitos... e o ferro tambem muitas vezes. A quem ha dois seculos fizesse, a metade que fosse, d'isto tudo, inforcavam-n'o sete vezes os Reis, como a réo de lesa-magestade, e os Padres, como a impio e sacrilego, queimavam-n'o sete vezes setenta vezes. Nós hoje fazemos tudo isto, e preparamos nossos filhos para poderem fazer o dobro ou triplo dentro em alguns annos — e temos a modesta humildade de recusar o nome de *revolucionarios!* e não queremos que nos chamem *revolucionarios!*

Isto é pasmoso — e pasmosamente curioso! Os nossos Ministros d'Estado fazem e dizem coisas por que ainda ha cincoenta annos seriam generosamente premiados com as masmorras ou a forca. Os nossos Professores ensinam á mocidade as mais audaciosas maximas de livre-exame e independencia, o que lhes valeria no seculo passado uma boa e bem ateada fogueira, convenientemente adornada de cruzes, imagens e outros symbolos de tolerancia clerical. Os nossos Jornalistas, esses espantariam Danton e Desmoulins, se Desmoulins e Danton podessem gozar a inestimavel vantagem de ouvir estes mancebos dissertando sobre os *direitos da palavra* e a *omnipotencia da opinião*... O Estado, a Egreja, o Ensino, a Familia, a Arte, a Propriedade, tudo isto exhala hoje um fortum sulfuroso e infernal de heresia e revolução que suffoca — mas tudo isto cora virginalmente de pejo, geme e se afflige com a injustiça, se o não comparam pelo menos

com os tempos seraphicos de Gregorio VII e de Carlos-Magno!

Que provam todas estas contradicções, esta hypocrisia do tempo, este machiavelismo inconsciente da nossa sociedade, senão o triumpho da Revolução que domina, penetra, arrasta os seus proprios inimigos e até lhes fornece as mesmas armas com que cuidam feril-a de morte nos seus combates grutescos de pigmeus? Prova uma outra coisa ainda, e mais grave, e tristissima, porque involve uma ruina moral. É a desorganisação, o esphacelamento espiritual de uma classe que foi grande e viva emquanto soube conservar dentro em si a fé e o calor das ideias revolucionarias e que, em menos de cincoenta annos, jaz cahida por toda a parte, vacillando á mercê de todos os ventos; e, ahi mesmo onde ainda triumpha, perdeu a coragem, a intelligencia, a consciencia do tempo, de si e da situação actual da sociedade. Descreu das ideias que a fizeram grande e forte; atraiçoou a causa por que fora heroica e nobre: e para logo o espirito de vida a abandonou e a onda sancta, retirando-se, lhe deixou nua a sua praia. Eil-a ahi está agora, sem abrigo entre as tormentas do passado e as do futuro, sem coragem em face dos inimigos que surgem de cada lado, e — o que peior é — sem intelligencia, sem dignidade, ignorante e corrupta. Não ha já mão que a possa salvar. O seu nome é *contradicção*. Contradicção de origens e de tendencias. Contradicção de desejos e de condições. Contradicção de palavras e de obras. Crê-se reaccionaria, é-o pela vontade, mas, sem o querer, estorcendo-se a cada passo, as suas acções são revolucionarias! Com os olhos no passado, caminhando como quem recua, é ella todavia quem abre as estradas por onde

a sociedade, que em vão tenta suster, se ha de precipitar para o mundo desconhecido do futuro. A sua cobardia actual, a sua ambição egoista, a sua corrupta avareza, para tudo dizer, fazem d'ella uma coisa fatalmente em opposição com as suas origens, com a situação que ella mesma criou, com as grandes tradições, emfim, de um passado de hontem e que já hoje a afflige como um remorso. Metade do corpo quer ir, forceja, precipita-se: mas a outra metade, como sob a influencia de um sortilegio mortal, recusa-se ao menor movimento. São as forças contradictorias, desencadeadas pela doença final, que se combatem já sobre esse miseravel corpo votado á morte! D'ahi a cegueira, a banalidade, o medo, a dilaceração interior que caracterisam hoje a Classe-media — a sua condemnação.

Quos Deus perdere vult prius *dementat.*

Que os meus quasi-patricios de Portugal se não aterrem! Todas estas coisas anarchicas estão a cincoenta e a cem leguas das nossas terras patriarchaes e a mil ou duas mil das nossas não menos patriarchaes intelligencias. Sobre outros tectos, sobre outras searas pairam as nuvens minacissimas da proxima tormenta! A terra emudece, o ar solta suspiros mysteriosos com o presentimento da tempestade que se avizinha! Mas sob os nossos tectos reina o contentamento dos simples: e, se as nossas searas nos não recusam o pão quotidiano dos crentes, que nos fazem a nós revoluções, democracias, progresso e leis da historia? O progresso e a historia são alguma coisa de turvo, de vertiginoso, de incomprehensivel. Para vivermos livres dos solavancos horriveis do torvelinho social resolvemos nós o problema de um modo todo nosso e a que,

ao menos, se não negará originalidade — viver fóra da historia e do progresso. Era para nós que, ha já trezentos annos, Sancho Pança inventava os seus proverbios.

. . . . . .

Entretanto o tempo segue impassivel o seu caminho e arrasta-nos a todos com as nossas illusões ou as nossas evidencias, com as esperanças, as conjecturas e os desejos, que são as boias com que nos seguramos sobre o mar fundo e escuro que nos levanta e vai arrebatando. Lá se verá então, no termo fatal d'essa onda mysteriosa, lá se verá de que banda estavam a razão, a franqueza e a coragem, e de que banda a ignorancia, a má-fé e a cobardia. Lá se erguerá uma grande voz, dura e amarga para certos ouvidos, chamando a todos, cada um pelo seu nome, para as recompensas e para as punições...

Todavia a velha sociedade desconjuncta-se e, pelas fendas da jangada rota, já se vê claramente a cor da onda que a mina por de baixo e a gasta como um corrosivo violento. Essa cor é negra — mas não é cor de morte. É cor de vida, pelo contrario. De vida, para quem pelo coração sabe apreciar o valor d'esta palavra Liberdade; para quem mede pela altura de um desejo humano a grandeza da divida de ventura que os homens têm direito de exigir ao mundo; para quem, emfim, não comprehende amor de Deos e amor do Proximo imposto, escravo, fatal... como se o amor podesse ser, em vez de espontaneidade e livre attracção, odio e servidão. — Para os outros todos será cor de morte: mas não serão já mortos esses taes desde a hora primeira do nascimento?

Fallemos dos vivos. Os vivos não são os que le-

vantam ruidosamente o pó d'essas estradas sob as rodas de seus carros opulentos. Não são tambem os que fallam alto e se apresentam ante os olhos sensuaes da turba involtos nas dobras enganosas do manto de lantejoulas das phrases vagas mas brilhantes com que se captam os sentidos de quem não tem razão nem sentimento. Não são ainda os sabios, prophetisando do centro de suas nebulosas, lançando, em meio das nuvens da palavra, os oraculos de uma sciencia sem fé e sem alma, vendida aos factos, á espera sempre dos acontecimentos, para se inspirar d'elles na composição artificial de systemas, que o Mundo acceita porque o absolvem, mas que rejeita a Razão porque não são livres. Os vivos, emfim, não são os que mais o parecem; os ruidosos, os activos, que já de longe se vêem e ouvem; como em tempo de epidemia não está a saude no homem que anda, gesticula e corre, encobrindo sob a agitação febril o veneno do mal que em breve o fará cahir extenuado. Tudo isso que por ahi tumultua, freme e enche o ar de ruidos, obedece á excitação da febre precursora da morte. A vida não é o movimento desordenado: e nos gestos d'elles não ha harmonia nem ordem. Tudo isso é o gozo e a materia: mas a vida é a consciencia e o espirito.

Espirito e consciencia! eis ahi o nome do futuro. Ao presente (chame-se elle embora Egreja ou Estado, Ensino ou Direito, Propriedade ou Industria) ao presente cabem-lhe seguramente os epithetos de grande, ruidoso, imponente e ainda talvez de seguro. Ah! porque não havia elle tambem de merecer o nome de consciencioso e espiritual? Poupar-se-iam assim á historia algumas e bem amargas tristezas que já lhe estão imminentes! Mas não podia ser. Não se serve bem

a Cesar e a Christo ao mesmo tempo. Ao pobre, ao desherdado dos bens do mundo, que lhe deixaria então a Justiça eterna, se até os bens da alma podessem ser feudo exclusivo de ingratos oppressores? se até a flor da verdade, chamada espirito, podesse tambem servir para adornar a coroa usurpada de embusteiros e tyrannos? Orphãos, abandonados no grande deserto social, ficou-lhes ao lado, só e invisivel, mas eterna e irresistivel, a Justiça de uma causa que ha de triumphar porque é a causa da razão e da verdade.

É nestes que reside a Consciencia. É nestes que habita o Espirito. Escuros sim e confusos (porque de proposito lhes fazem a noite em volta) mas lá estão no fundo, bem no fundo do coração dos opprimidos, esses brilhantes de inestimavel preço, que o futuro ha de pulir para a coroa imperial da rainha que se espera, a Liberdade dos Povos! E se o povo parece ignorar, na sua miseria extrema, o thesouro que tem dentro; se descrê e — embrutecido Esaú — está a ponto de vender esse morgado de Deos pelo prato de lentilhas que ironicamente lhe offerece um irmão barbaro e avarento — não se jubilem excessivamente com isso os Jacobs das cortes, das sachristias e dos parlamentos! O contracto odioso não se passa hoje, como outr'ora, em pleno deserto arabico, aonde a unica testemunha que podia intervir, Jehová, tinha o natural embaraço de ser cego e surdo. Hoje Jehová deixou emfim as alturas e habita modestamente entre os homens, transformado em alguns centenares de pequenos deoses bastantemente satisfactorios, que vêem e ouvem melhor do que se fossem deoses grandes. São esses que andam a prégar ao povo o que o grande antecessor d'elles, o defuncto Senhor dos Exercitos, não consentio jamais que Moysés revelasse aos

filhos de Israel = o direito do homem em face do seu similhante: o direito do homem em face da Natureza: o direito do homem em face de Deos. = São esses a quem pertence o futuro — porque o numero d'elles augmenta dia a dia — porque do céo, que elles promettem, todos podem ver a escada, solidamente construida de razão e de justiça — porque fallam aos pobres, porque os chamam a si; e os pobres quem os contar no mundo ha de achal-os tão numerosos como as lagrimas que os ricos têm feito chorar — porque, emfim, um instincto secreto adverte a todos de que a verdade está na palavra d'aquelles homens, para cujo triumpho conspiram ainda os seus mais ferozes inimigos. Estes é que são os apostolos de um Evangelho tão grande que pode conter no seio todos quantos têm prégado ao norte e ao sul, os Christos de todas as raças e de todas as cores. Estes são, finalmente, a Egreja militante da Revolução e, como a Egreja antiga dos Confessores, os unicos vivos no meio da multidão innumeravel dos que existem. O ponto são, o ponto sensivel do corpo tão doente da nossa sociedade é aquelle e aquelle só, porque o resto, inerte e adormecido, só accorda um momento para uma vida ficticia com a excitação galvanica, artificial do prazer ou da ambição. A consciencia do homem, a independencia do espirito, a sanctidade do direito, isso é o que menos importa a essa turba de especuladores que, desde a Praça do Commercio até aos Parlamentos e aos Senados, se revolve vertiginosamente no chão da patria, como vermes sobre um cadaver, alimentando de putrefacção uma vida votada a uma impureza incuravel. No meio d'isto, o que ha ahi já de humano, de animado, de vital, senão o instincto ardente, o sentimento profundo da dignidade

espiritual que, reagindo contra tantas miserias, dá por alvo aos desejos dos homens a maxima liberdade moral, a independencia da alma, a sua emancipação do jugo dos Dogmas enganosos — em Politica como em Religião, na Economia como na Moral?

Reconstrucção do mundo humano sobre as bases eternas da Justiça, da Razão e da Verdade, com exclusão dos Reis e dos Governos tyrannicos, dos Deoses e das Religiões inuteis e illusorias (1) — é este o mais alto desejo, a aspiração mais sancta d'esta sociedade tumultuosa que uma força irresistivel vae arrastando, ainda contra vontade, em demanda do mysterio tremendo do seu futuro.

Esta voz, se é a mais alta, deve tambem ser a mais poetica. A poesia que quizer corresponder ao sentir mais fundo do seu tempo, hoje, tem forçosamente de ser uma poesia revolucionaria. Que importa que a palavra não pareça *poetica* ás vestaes litterarias do culto da *arte pela arte?* No ruido espantoso do desabar dos Imperios e das Religiões ha ainda uma har-

(1) *Atheismo social — anarchia individual* — é a formula precisa e clara das escholas mais avançadas de França e Allemanha. É escusado citar: *Proudhon;* a Justiça na Revolução e na Egreja; o Principio Federativo; Creação da ordem na humanidade; a revolução social e o golpe d'Estado; etc., etc. *Quinet;* Genio das Religiões; Christianismo e Revolução Franceza; etc., etc. *Renan;* Estudos Religiosos; Ensaios de Critica. *Michelet;* o Povo; a Reforma; a Renascença; Biblia da Humanidade; etc. *Dolfuss;* Cartas Philosophicas; Revelação e Reveladores; etc. *Taine;* Criticas. *Littré;* Palavras de Philosophia positiva; Conservação, Revolução e Positivismo; etc. — e os allemães. *H. Heine;* da Allemanha; Lutece; a França. *B. Bauer;* Criticas. *Feuerbach;* a Religião; Essencia do Christianismo. *Dr. Buchner;* Força e Materia.

monia grave e profunda para quem a escutar com a alma penetrada do terror sancto d'este mysterio que é o destino das Sociedades!

Está dada a razão d'este livro. (1)

Coimbra — Julho de 1865.

(1) Nota final publicada a pág. 151-160 da 1.ª ed. das *Odes Modernas* (1865). *(N. do ed.).*

INTRODUCÇÃO

[AOS «CANTOS NA SOLIDÃO» DE MANUEL FERREIRA DA PORTELLA]

Comecemos pelo principio — para começarmos este discurso d'alguma maneira original.

Isto não é uma critica, e menos ainda um elogio. A critica deixemol-a aos sabedores de regras horacianas, aos levitas das unidades aristotelicas, aos academicos, que bem se entendem com ella — em quanto que ella, coitada, nem já sei como com elles se entenderá...

O elogio, esse, é outra cousa. É moeda corrente na litteratura contemporanea. E moeda de tão boa lei que me asseguram pessoas entendidas terem muitas das nossas primeiras celebridades achado a melhor parte de suas riquezas de nomeada e gloria na gaveta aonde os seus amigos intimos guardam aquelle *potosi* de phrases douradas com que se compra a vigilancia dos Argos litterarios, de sentinella ás portas *estreitissimas* da Reputação.

Pois dêmos nós o seu a cujo é. Aos pausados legisladores d'alheios enthusiasmos dêmos a critica sisuda, grave e bem posta, matrona respeitavel que ainda pôde admirar na face apopletica de José Agostinho de Macedo os ultimos lampejos da inspiração arcadica, essa nedia e rotunda poesia de desembargadores e frades. E aos modernos arcades, que a dous e dous vemos passar de braço dado nos jardins litterarios do folhetim

e das revistas, deixemos nós o cuidado de comporem em collaboração as trovas e idyllios d'essa fraterna e innocente pastoral do elogio-mutuo — *ambo cantare pares... arcades ambo.*

Depois d'isto fica-nos pouco, é verdade. Mas que importa, se a essa pequena cousa lhe podérmos chamar poesia?

Ora poesia, dizia eu, poesia sincera e sentida ninguem a poderá negar nos versos do Sr. Portella. Do mais não sei; por que as pretenções litterarias do auctor são poucas ou nenhumas, e não será por aquillo mesmo que lhe falta que o hei de ir apreciar. As regras da arte são optimas: mas esta poesia é que foi concebida e executada sem arte, sem modelos, e sem estudo — que a póde haver, e excellente, sem nenhuma d'estas cousas. Deixa-se fallar o coração: e d'esta simples liberdade dous lucros importantes se tiram. Tem-se a certeza de se ser verdadeiro, por que se é sincero; e desarma-se a critica, que nada tem que ver com o que escapa naturalmente aos seus preceitos e gosto tradicional.

Não sei se bem condiz com as prescripções dos mestres esta poesia que se faz exclusivamente com o que sentimos, e esquecendo-nos do que sabemos e nos ensinam os livros velhos... e ainda os novos folhetins. São boas cousas, por certo, os preceitos litterarios: nem nego que os caminhos da esthetica erudita e do gosto cultivado possam levar, com maior ou menor canceira, até aquelles altos d'onde a olho nu se avistam os livres horizontes do Bello. Muitas e boas cousas nos ensinam os livros — digo os bons livros, que são pouquissimos. Quem os seguir vae bem, por que vae na companhia dos mais altos pensamentos e das mais

nobres palavras que diante da alma dos homens se tem levantado. A tradição poetica é verdadeira — mas o que ella não é nem póde ser é a unica *lei* a seguir sob pena d'heresia. Uma formosura não exclue a possibilidade d'outra, e muito differente, e porventura opposta nas graças, nas feições, na expressão. Além da esthetica e da litteratura ha ainda uma cousa — o coração. Os grandes poetas foram grandes sabedores, por certo: mas não sei bem se foi todo esse saber que lhes deu aquelle grande coração cujo calor ainda cá de longe e a distancia de seculos nos aquece e alumia. A sciencia dá ao genio a segurança, a firmeza que fazem a consistencia e a exacta proporção das obras. Mas a obra, essa sahe toda da alma — e para a alma não ha senão uma lei: a sinceridade.

Eis o que tinha a dizer ao Sr. Portella, para que não escute de mais as critica que lhe hão de fazer certos *entendedores:* e ao publico, para que não procure n'estes versos exactamente aquillo que elles não são — isto é, uma obra litteraria segundo o gosto e as tradições recebidas.

N'este ponto tem mais de um defeito, e talvez defeito capital, os sentidos versos do Sr. Portella. A arte tem exigencias com que não condescende facilmente quem escreve antes por um desafogo de coração quasi a trasbordar de sonhos e impressões, do que pelo frio prazer d'architectar um d'esses edificios proporcionaes e completos a que chamâmos Obras-primas. Exige pacientes cuidados de attenção que não condizem com a impetuosidade tumultuaria d'essa cheia de desejos, ardores, decepções ou doudas esperanças que trasborda d'um coração moço e inexperiente, tanto mais poetico por isso mesmo. Originalidade d'assumptos, rigorosa pro-

porção d'ideias, logica de sentimentos e imagens, harmonia de verso, novidade de phrase — d'isto se esqueceu muita vez o nosso cantor porque seu olhar se achava distrahido para outro lado, e seguramente mais bello, virado para o horizonte aonde as nuvens douradas escrevem aquelles hieroglificos mysteriosos d'amor e intima ventura que tão bem sabem decifrar uns olhos de poeta.

É esquecer muita cousa boa, dir-se-ha talvez. Seria, certamente, se a verdade do sentimento não compensasse todos estes naturalissimos descuidos. Tanta gente soez falla com excellente estylo, que não é de estranhar n'um bello coração, que tem muito a dizer, esta negligencia d'adornos, muitas vezes indicio de modestia e não de pobreza. Morram todas as poeticas do mundo, muito embora, mas salve-se a poesia! E se estas duas cousas, litteratura e inspiração, se acharam incompativeis no espirito do Sr. Portella, fez muito bem sacrificando a primeira...

Fóra do ponto de vista litterario adquire-se uma liberdade inesperada. Some-se do olhar a terra, a costa com as ultimas balizas plantadas por mãos d'homem. É o largo e desconhecido mar do sentimento! Os ventos que ali reinam tem por unica lei o capricho. É o mundo do imprevisto. Deixemo-nos levar na corrente d'essas ondas azues — mas não lhes perguntemos d'onde vem, que sopro as traz, para onde as leva, e a nós com ellas, a descuidosa indolencia do seu correr.

Não estranhemos tambem a côr desusada do mar, a attitude phantastica das nuvens, a vegetação das aguas, a voz das aves desconhecidas que cruzam n'aquellas paragens solitarias. Aceitemos tudo isto, visto não termos medida por onde avaliar a naturalidade ou desnaturalidade de todas essas criações inesperadas.

Conhece-se que o poeta sentiu, e n'este genero de poesia é quanto nos deve bastar. Através da singeleza d'aquelles versos, como no fundo de uma agua limpida, vê-se mover o coração e pulsar no fluxo e refluxo do sangue. Uma voz que parte d'alma não póde deixar-nos insensiveis. Em despeito da incoherencia de certos sons, ha n'aquelle canto espontaneo um não sei que revelador de mais intimas verdades do que muitas e bem compostas arias que todos conhecemos — gratas ao ouvido, certamente, mas cuja harmonia morre no ouvido e não passa além.

Mas será isto sufficiente, perguntarão, hoje principalmente, com as difficeis condições que a exigencia do tempo faz á poesia contemporanea?

O Sr. Portella sabe perfeitamente que não.

A sua nobre modestia salva-o d'um escolho, tão perigoso talvez como a excessiva timidez — a confiança excessiva. Não serei eu que, por elle, vá commetter esse feio peccado d'orgulho. A poesia hoje não póde contentar-se com o ingenuo e descuidoso descante do *trovador*. É quasi já uma sciencia — e que sciencia!... a sciencia do Ideal! É preciso que saiba e muito... saiba tanto quanto sente. É do dominio do coração — com esta condição, de ser tambem do dominio da intelligencia. Quando estas cousas intimas se escrevem tem obrigação de serem cousas litterarias.

O Sr. Portella, na sua nobre e juvenil confiança no sentimento, acredita na antinomia da Inspiração e da Arte. Eu, que sou mais velho e por isso menos poeta, atrevo-me a dizer-lhe que se engana.

Não fazem mal as musas aos doutores:

diz o velho Ferreira. Nem ao poeta lhe faz mal ser

um pouco doutor — já se sabe que não digo Doutor da Universidade, que isso é outra especie de sabedoria que não cabe em versos serios.

Tudo isto é uma questão muito antiga. A velha pendencia entre criticos e poetas! Se não fez ainda correr uma gôtta de sangue, que eu saiba, ameaça-nos todavia com um diluvio de tinta que de dia para dia se vae tornando inevitavel. O poeta não quer estudar, e o critico não sabe sentir — não é facil que se entendam...

Pois havemo-nos nós entender, eu e o Sr. Portella; elle, fazendo-se um pouco menos poeta do que é; e eu, um pouco mais, se ainda puder. Assim daremos um grande exemplo ao mundo litterario, que bem precisa d'elle — um exemplo de bom-senso. (1)

(1) *In*-Manuel Ferreira da Portela. *Cantos na Solidão.* Com uma introdução por Antero de Quental e um juízo crítico por A. A. Castelo Branco. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1865. De pág. IX a XIV e assinado *Anthero do Quental. (N. do ed.).*

ARTE E VERDADE

I

CARACTER POSITIVO DA ARTE

A arte é a coisa santa da humanidade. Entre o sentimento religioso, apaixonado mas confuso e illusorio, e a Sciencia, luminosa e segura mas fria, ha uma região serena e clara aonde a transparencia do ar consente aos olhos do espirito perceber na correcção inteira de suas linhas, a fórma purissima da Verdade, sem que por isso o coração bata com menos força, sem que por isso deixe de crer, de amar e de ser vivo. É esse o dominio eterno da Arte. Eterno — como a aspiração de belleza e ventura que o povoa de visões luminosas, de sonhos maravilhosos. Eterno — como o desejo de verdade que ali deposita e guarda, como em sanctuario devotissimo, o melhor oiro, as mais finas joias conquistadas nas suas excursões aventureiras pelos paizes mysteriosos do desconhecido. A viva claridade do pensamento e o ardor irresistivel da paixão, a Sciencia e a Religião, esses dois elementos rivaes, quasi contradictorios do movimento humano, encontram-se n'aquella alta e serena região, tocam-se, reconhecem-se... e abraçam-se como irmãos reconciliados.

D'este abraço ideal, santo e desinteressado, d'esta

abençoada reconciliação da intelligencia e do coração, nasce a coisa entre todas formosa e alta, a divindade mais cara á alma dos homens, a Belleza, e a sua forma visivel, a Arte.

É o corpo ondeante e voluptuoso da Chimera sustentando a fronte grave e reflectida da Pállas Atheniense. É o sonho e a realidade, unidos, harmonisados emfim pela mão omnipotente d'algum Deos desconhecido, n'um mundo novo de surprezas e maravilhas. O ultimo termo do pensamento, o ultimo termo da paixão acham-se ser o mesmo, commum para ambos, differente d'um e do outro, mas deixando perceber, atravez da transparencia da sua synthese harmoniosa, a *côr* de cada uma das almas de que se compõe. Nem podia ser d'outro modo. A desharmonia pode existir nos factos do mundo, nas fórmas apparentes; jámais nas leis eternas. E os actos do espirito se parecem contradizer-se, se fluctuam encontrados, no fundo o movimento é o mesmo e a contradicção visivel esconde uma concordancia intima profundissima, porque o espirito é uno e simples. A intuição e a idéa são apenas duas ondas produzidas pelo mesmo impulso; duas vozes da mesma bocca, duas expressões do mesmo olhar. O que deseja o coração, o que quer a intelligencia é uma coisa só: luz e amor: a verdade que se *vê* e a verdade que se *sente*. A inspiração e o pensamento são os dois eternos combatentes que o homem mandou á conquista do mundo: differentes são as armas: mas no pendão d'ambos está gravada esta mesma legenda: Verdade. A Religião chama-lhe Deos: a Sciencia chama-lhe Idéa. Mas ambas por varias estradas, com vario passo, caminham para esse desconhecido, e é uma voz de commando tambem desconhecida que as faz andar

e precipitar-se — o sentimento do infinito. Pois bem: o nome d'esse mysterio para que todo o olho humano se vira, ou no delirio das visões do propheta ou na fixidez da meditação do sabio, esse nome escripto nos ceos como nos corações; esse nome sabe-o a Arte e é ella só quem o revella. Além da idéa e além de Deos, diz ella ás religiões, além d'esses divinos fantasmas, ha uma realidade divina — é a Belleza. É assim que se chama o mysterio que o homem busca atravez das tempestades e das cerrações do mundo.

Os systemas cáem: os cultos desfazem-se: só os poemas parecem cada vez mais jovens e mais bellos sob os beijos fataes do tempo. Este condão magico de mocidade e vida quem foi que o deu á Poesia, que assim a libertou da mais inexoravel lei, da mais escura maldição que persegue as obras dos homens, a velhice, a morte? Ha n'ella alguma coisa de eterno, por força, que a sustenta erguida sobre o mar onde tudo sossobra, a vigora com o veneno que é morte para tudo mais, e parece fazer-lhe d'esse ar que a todos nos dilacera os pulmões, o tempo, o elemento vital de sua mesma natureza!

Nada morre, nada envelhece senão o que é imperfeito, o que é incompleto, e mal chega a fixar em si um raio dubio d'esse astro radiante de vida que é o Espirito. Mas a Arte é a perfeição — e por isso é immortal. O Espirito, na sua dupla fórma — Alma e Natureza — realisa-se ali no grau mais subido a que podem chegar as faculdades humanas. Em face de si e do universo, suspenso entre dois mysterios, o homem exita como disputado por deoses e fados contrarios. Ora inclina o ouvido sobre os echos profundos do seu mesmo coração; ora, cheio de pasmo, abre os olhos

sobre um mundo cuja confusa variedade tenta reduzir e comprehender no circulo d'uma idéa unica. Mas, quando a luz que sáe dos factos e a luz que sáe da alma, attrahidas irresistivelmente, se encontram e fundem, vê-se então brilhar na terra o explendor inexcedivel da formosura entre todas perfeita — a Consciencia. O universo e a alma affirmam-se um pelo outro, na concordancia de suas tendencias, na identidade de suas leis. O universo *sabe que existe* porque a alma o reconhece como logico, como idealmente verdadeiro. E a alma, tambem, sae da sua sublime mas dolorosa solidão, conhece-se irmã na familia dos mundos e serena e forte caminha com elles em demanda d'um destino commum. É a forma mais pura do Ideal e a forma mais pura da Realidade. Os vultos mais opacos parecem transparentes. Para além d'elles (e a travez d'elles) pode-se ver então uma claridade ineffavel, uma aurora e onda de brilho aonde nadam as fórmas, as apparencias confusas, que as penetra e explica — esclarecendo-as. Do contraste das paixões, dos desejos, das tendencias do coração; da contradicção dos factos, dos movimentos encontrados da natureza; dos combates antigos do homem comsigo e com o mundo; que resta? uma harmonia superior que os liga, que os explica e faz amar uns pelos outros; uma ordem divina que, sem sacrificar um só, dá a cada qual o seu logar; os reconcilia no seio da unica ordem, da unica harmonia eterna — o Espirito.

Harmonia viva e fecunda. O grande abraço mistico do visivel e do invisivel não podia ser esteril. D'esta alta concordancia universal nasce uma coisa maravilhosa, um milagre em opposição com as forças necessarias que determinam as creações da natureza — *uma*

criação livre e consciente. É um mundo novo, para que o universo visivel concorreu com todas as suas fórmas estranhas e caprichosas, a sua assombrosa e quasi assustadora variedade, a sua fantasmagoria de côres, de vozes, de horizontes e de luzes.

O mundo invisivel, esse deu-lhe o que faltava a tudo isto, o calor do Sentimento e a luz da Consciencia.

É uma creação nova. Nova, por que n'uma proporção desconhecida, mais viva e animada se dispoem os elementos de que é formada. Mas antiga, (porque) esses elementos foram todos extrahidos do fundo indestructivel da creação eterna. N'isto está a sua força e a sua originalidade. É a natureza penetrada, revelada pelo pensamento: e é o pensamento tomando, para se revelar, os trages luxuosos e opulentos da natureza. Nem a sciencia nem a religião podem attingir á altura d'esta sinthese. Uma e outra são exclusivas e estreitas. Uma renega a alma em nome do mundo: a outra o mundo em nome da alma. O terceiro termo, a harmonia superior, só a conhece a Arte. É por isso que as suas creações tem o caracter da eternidade que só ao Espirito pertence: em quanto que as filhas da Paixão e do Mundo, como ellas, são transitorias e as suas obras ephemeras. A Arte é a obra eterna do homem, por que é a mais verdadeira e a mais completa. É a verdade movendo-se no mundo. É a nossa gloria: e, em face das leis fataes do universo, que só parece creador, erguemo-nos tambem como deoses e podemos mostrar alguma coisa egual, senão superior — uma creação livre.

Vive e anima-se ao contacto do vivo coração da humanidade essa fria idéa arrancada com esforço ás trevas inertes d'esse mundo impassivel. Eil-a que avulta entre

as nossas mãos e toma corpo, movendo-se como dotada emfim d'uma alma sua. É a nossa mesma alma que a anima; é o calor do nosso peito que a aquece; somos nós mesmos, no que ha em nós de melhor, como em nossos sonhos desejáramos ser, puros, altos, radiantes. Profunda harmonia! nobre, consoladora liberdade! O nosso ideal, a columna de fogo que nos váe na frente, accendeu-a aqui, acaso alguma mão descida do céo, com o seu lume, a sua luz sublime? Não! É a nossa mesma alma, reflectida no espelho longinquo do desejo, mais pura e mais bella, que assim glorificamos, que seguimos como coisa santa, a nossa divindade! Em face do céo, em face do mundo, o homem affirma-se como o que ha de melhor, de mais espiritual por toda a Creação e, attrahindo-a simpathicamente, arrasta-a comsigo no seu giro em volta do sol eterno da Verdade.

Para lá é que vamos. Mas da verdade quem se aproxima mais, tanto, como o giro sereno e certo da Arte? Está n'isto o seu caracter positivo, a sua indestructivel realidade. Não são um jogo esteril de espirito essas concepções que, idealisando o mundo, o mostram a nossos olhos na harmonia superior de suas leis mais intimas e ao homem o deixam ver na simples e sublime concordancia de seus sentimentos mais profundos. Não é um frivolo brinquedo, uma curiosidade quando muito, este palpar do coração da realidade, para o sentir pulsar, para saber como e por que bate; este roubar dos seus segredos á terra e ao homem, aos astros e ás almas! É uma missão — e a mais alta: é um sacerdocio — e o mais eterno!

O universo é o symbolo complexo, prodigioso d'uma ideia desconhecida. Extrahil-a d'essas sombrias appa-

rencias, revelar esse sopro mysterioso de vida que anima todos esses vultos confusos, eis ahi a ancia do espirito, o que o faz agitar-se dolorosamente, a sua Missão. E a Arte, o Prometheu que mais que nenhum Deos aviventa essa argila inerte com um fogo santo e maravilhoso, a Arte, o pontifice espiritual do universo, havia de fechar os seus oraculos como mentirosos e fantasticos?

Os systemas orgulhosos passam e esquecem. Aos deoses medem-se-lhes por annos, por seculos quando muito, as suas eternidades. Mas se Brahma se sumiu, tombando no abysmo do *nirvâna* que um dos seus filhos lhe abriu aos pés, Sitta e Rama não poderam morrer ainda: e a estrophe da Valmyki vibra ainda hoje em nossos corações como no dia primeiro em que o céo da India ensinou ao poeta sagrado a defender, cantando o innocente oprimido, a virtude dos homens e a vida do mundo.

Ahrimane e Ormuzd já se não disputam, enchendo o espaço com os echos temerosos de seus combates divinos. O tempo, sob a mesma onda, sepultou esses celestes inimigos. Mas a alma da Persia, essa passou para o metro de Firdousi, e vive ali joven e bella como no dia primeiro, eterna como o céo, os montes, os rios e os arvoredos que orlam o horisonte do poema immortal, do poema santo do Iran.

É que as Religiões fallam de Deos — e os deoses, retirando-se passo a passo dos dominios do homem, somem-se dia a dia, evaporam-se no infinito. Só a Arte falla do homem e do mundo — e o mundo e o homem, passo a passo, dia a dia, alargam-se, crescem e vão tomando os Céos e os Olimpos, todo o dominio antigo do *divino*.

« O homem é o primogenito dos deuses. O hymno começou tudo. A palavra creou o mundo ».

Quem falla? é Voltaire? é Goethe? Não! é o livro religioso por excellencia, o livro antigo, o Vêda sagrado do Oriente.

Sobre as ruinas das velhas illusões arvora-se o pendão das certezas futuras. Na legenda d'essa auriflama maravilhosa uma mão desconhecida bordou a oiro estas palavras *Mundo e Homem — Verdade e Vida —*.

A Arte é — *a Verdade feita Vida!* (1)

(1) Revista do Seculo, periódico literário de Lisboa dirigido por A. Osório de Vasconcelos, 1.ª série, p. 39. *(N. do ed.)*

BOM-SENSO E BOM-GOSTO

Carta ao Excellentissimo Senhor
Antonio Feliciano de Castilho.

Ex.mo Sr. — Acabo de ler um escripto (1) de v. ex.ª, onde, a proposito de faltas de bom-senso e de bom-gosto, se falla com aspera censura da chamada eschola litteraria de Coimbra, e entre dois nomes illustres (2) se cita o meu, quasi desconhecido e sobre tudo desambicioso.

Esta minha obscuridade faz com que a parte de censura que me cabe seja sobre maneira diminuta: em quanto que, por outro lado, a minha despreoccupação de fama litteraria, os meus habitos de espirito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte que me resta tão indifferente, que é como que se a nada a reduzissemos.

Estas circunstancias pareceriam sufficiente para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, todavia. Eu tenho para fallar dois fortes motivos. Um é a liberdade absoluta que a minha posição independentissima de homem sem pretenções litterarias me dá para julgar desassombradamente, com jus-

(1) No livro do sr. Pinheiro Chagas — *Poema da Mocidade.*
(2) Os srs. Theophilo Braga e Vieira de Castro.

tiça, com frieza, com boa-fé. Como não pretendo logar algum, mesmo infimo, na brilhante phalange das reputações contemporaneas, é por isso que, estando de fóra, posso como ninguem avaliar a figura, a destreza e o garbo ainda dos mais luzidos chefes do glorioso esquadrão. Posso tambem fallar livremente. E não é esta uma pequena superioridade neste tempo de conveniencias, de precauções, de reticencias — ou, digamos a cousa pelo seu nome, de hypocrisia e falsidade. Livre das vaidades, das ambições, das miserias d'uma posição a que não pretendo, posso fallar nas miserias, nas ambições, nas vaidades d'esse mundo tão extranho para mim, atravessando por meio d'ellas e sahindo puro, limpo e innocente.

A este primeiro motivo, que é um direito, uma faculdade só, accresce um outro, e mais grave e mais obrigatorio, porque é um dever, uma necessidade moral. É esta força desconhecida que nos leva muita vez, ainda contra a vontade, ainda contra o gosto, ainda contra o interesse, a erguer a voz pelo que julgamos a verdade, a erguer a mão pelo que acreditamos a justiça. É ella que me manda fallar. Não que a justiça e a verdade se offendessem com v. ex.ª ou com as suas apreciações. Verdade e justiça estão tão altas, que não têm olhos com que vejam as pequenas cousas e os pequenos homens das infimas questiunculas litterarias d'um ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal.

Não é isso o que as offende. Mas as idêas que estão por de trás dos homens; o mal profundo que as cousas apenas miseraveis representam; uma grande doença moral accusada por uma pequenez intellectual; as desgraças, tanto para reflexões lamentosas, d'esta

terra, reveladas pelas miserias, tão merecedoras de despreso, dos que cuidam dominal-a; isso é que afflige excessivamente a razão e o sentimento, o que prende o olhar ainda o mais desdenhoso a estas baças intrigas; isso é que levanta esta questão do raso das personalidades para a elevar até á altura d'uma questão de principios e que dá ás ridiculas chufas, que entre si trocam uns tristes litteratos, todo o valor d'uma discussão de philosophia e de historia.

Sim, ex.mo sr. Eu não sei se v. ex.a tem olhos para ver tudo isto. Cuido que não: porque a intelligencia dos habeis, dos prudentes, dos espertissimos é muitas vezes cega em lhe faltando uma cousa bem pequena, que se encontra nos simples e nos humildes — a boa-fé.

Á luz d'ella, porem, eu hei de sempre ver uma pessima acção, digna de toda a importancia d'um castigo, nas impensadas e infelizes palavras de v. ex.a, dignas quando muito d'um sorriso de desdem e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incommodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a deshonesta acção de v.a ex.a

Porque é uma acção deshonesta. O que se ataca na eschola de Coimbra (talvez mesmo v. ex.a o ignore, porque ha malevolos innocentes e inconscientes), o que se ataca não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo ou uma idêa. Isso é o pretexto, apenas. Mas a guerra faz-se á independencia irreverente de escriptores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos *mestres*, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandalo

inaudito d'uma litteratura desaforada que cuidou poder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grãos-mestres officiaes. A guerra faz-se á impiedade d'estes hereges das lettras, que se revoltam contra a auctoridade dos papas e pontifices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas frontes o signal da infallibilidade. Faz-se contra quem entende pensar por si e ser só responsavel por seus actos e palavras...

Agora quem move estes ridiculos combates de phrases é a vaidade ferida dos mestres e dos pontifices; é o espirito de rotina violentamente incommodado por mãos rudes e inconvenientes; é a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias; é a vulgaridade que cuida que a forçam — nós só lhe queremos puchar as orelhas!

Isto, resumido em poucas palavras, quer dizer: combatem-se os hereges da eschola de Coimbra por causa do negro crime de sua dignidade, do atrevimento de sua rectidão moral, do attentado de sua probidade litteraria, da impudencia e miseria de serem independentes e pensarem por suas cabeças. E combatem-se por faltarem ás virtudes de respeito humilde ás vaidades omnipotentes, de submissão estupida, de baixeza e pequenez moral e intellectual.

V. ex.ª, com a imparcialidade que todos lhe conhecemos, deve confessar que uma guerra assim feita é não só mal feita, mas tambem pequena e miseravelmente feita. Mas é que a eschola de Coimbra commetteu effectivamente alguma cousa peior de que um crime — commetteu uma grande falta: *quiz innovar*. Ora, para as litteraturas officiaes, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a ver-

dade com a baba dos sophismas, do que envenenar com o erro as fontes do espirito publico, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, peior do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de *dizer* e não *repetir*, de *inventar* e não de *copiar*. Por que? Porque todos os outros crimes eram contra as idêas; haveria sempre um perdão para elles. Mas esta falta era contra as pessoas: e essas taes são imperdoaveis. Innovar é dizer aos prophetas, aos reveladores encartados: «ha alguma cousa que vós ignoraes; alguma cousa que nunca pensastes nem dissestes; ha mundo além do circulo que se vê com os vossos oculos de theatro; ha mundo maior do que os vossos systemas, mais profundo do que os vossos folhetins; ha universo um pouco mais extenso e mais agradavel sobre tudo do que os vossos livros e os vossos discursos». Isto, sim, que é intoleravel! Isto, sim, que é infame e revoltante e impio e subversivo! Contra isto, sim, ás armas, ergamo-nos na nossa força, mostremos o que somos e o que podemos... escrevamos tres folhetins e um prologo!...

V. ex.ª fez-se chefe d'esta cruzada tão desgraçada e tão mesquinha. Não posso senão dar-lhe os pezames por tão triste papel. Mas se eu, como homem, desprézo e esqueço, como escriptor é que não posso calar-me; porque atacar a independencia do pensamento, a liberdade dos espiritos, é não só offender o que ha de mais sancto nos individuos, mas é ainda levantar mão roubadora contra o patrimonio sagrado da humanidade — o futuro —. É seccar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras têm de beber. É cortar a raiz da arvore a que os vindoiros tinham de pedir sombra e socego. É atrophiar as idêas e os sen-

timentos das cabeças e dos corações que têm de vir.

O contrario d'isto tudo é que é a bella, a immensa missão de escriptor. É um sacerdocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idêas, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso toda a altura, toda a nobreza interior são pouco ainda. Para isso toda a independencia de espirito, toda a despreoccupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres, de auctoridades, nunca será de mais. O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o ouro entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da náo por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas inconstantes e injustas, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro.

Este é o escriptor, o poeta, o apostolo. Se o obrigassem a respeitos convencionaes, a terrores supersticiosos diante de certos homens, a espantos cegos diante de certas cousas; se o fizessem baixar a cabeça e as costas para entrar a porta do pantheon litterario; elle, o pobre, ficaria sempre curvo e submisso, humilde e

sem força propria, servo de alheias idêas e apostolo apenas de palavras decoradas e vazias d'alma. Como se havia elle pois erguer, entre seus irmãos, tão alto que seus olhos fossem uns como pharoes para todos os outros olhos, a sua fronte como uma montanha de luz; tão alto que as palavras de sua bocca cahissem sobre as cabeças como uma chuva benefica e fecundante? Seria, depois das provas e das torturas, das genuflexões e das baixezas da iniciação no gremio dos *senhores*, seria um aleijão e não gigante, um aborto em vez de heroe e, em vez de sobr'exceder a todos com a fronte, andaria sumido entre elles, visitado escassamente pelo sol e pela luz. Elle, que não soubera procurar para si o seu caminho, como poderia elle allumiar o dos outros? Elle, humilde, como ensinaria a altivez e a dignidade? Respeitador de conveniencias estereis, como daria o exemplo das revoltas fecundas? Sem alma, como a insuflaria no peito dos tristes e humilhados? Sem vontade, como resistiria ás tyrannias da opinião omnipotente, ao capricho dos grandes, ás ambições, ás tentações?

As grandes, as bellas, as boas cousas só se fazem quando se é bom, bello e grande. Mas a condição da grandeza, da belleza, da bondade, a primeira e indispensavel condição, não é o talento, nem a sciencia, nem a experiencia: é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma e a dignidade do pensamento e do caracter. Nem aos *mestres,* aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciencia das turbas, do maior numero, deve pedir conselhos e approvação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas crenças! Nesta eschola do trabalho, da dignidade, das

altas convicções, se formam os homens em cujos peitos a humanidade encontra sempre um vasto lago onde farte a sede de verdade, de consolações, de ensinos para a intelligencia e confortos para o coração.

No peito dos outros, dos que andam de capella em capella na lida afanosa de incensar cada dia todos os idolos, dos que fazem da gloria uma bastilha para aventureiros levarem de assalto, e não pulpito aonde se suba com respeito e amor, no peito d'esses não habita mais do que ambição, vaidade, endurecimento e miseria. Esses lisongeiam os grandes; e os grandes dão-lhes a mão para que subam, e desprezam-nos depois. Lisongeiam as maiorias; e as maiorias inconstantes lançam-lhes no regaço um pouco de ouro e algum applauso de momento, e depois passam e esquecem. Afagam todas as vaidades; e têm em cada vicio humano um capital, cujo juro dissipam em quanto vivos, porque essa moeda corrompida para mais ninguem serve. Emfim, nos quinze ou vinte annos em que dão que falar ás gazetas, aos botequins, aos gremios, a todos os vadios, a todos os futeis, folgam, vivem alegres e esquecidos de tudo quanto não seja a satisfação do que ha no homem de mais pequeno — a vaidade e o interesse.

Para os outros a obscuridade, e a miseria muita vez — mas a estima dos melhores entre os homens pelo espirito, e, o que excede tudo, a posse d'uma consciencia superior a quanto não seja a verdade, a justiça e a formosura. As idêas serenas brilham-lhes na escuridão do isolamento e alumiam-lhes com uma luz doce mas immensa toda a sua obscuridade. Dão-se a desbaratar o mal dos outros homens, como muitos se dão a augmentar o seu bem proprio. Vivem na região

das bençãos, escutando as palavras da bôcca invisivel, e com os echos d'essa voz celeste compõem os hymnos de esperança e de amor para a humanidade. Morrem; mas morrem nobres e puros. Tudo isto porque foram independentes. Não pertencem a corrilhos; não elogiaram ninguem para que os elogiassem a elles; não incensaram os fetiches dos ridiculos pagodes litterarios. Foram honrados. Foram simples.

A estes taes chamo eu poetas. Porque nos ensinam o bem. Porque são originaes e dizem sempre alguma cousa nova á nossa curiosidade de saber. Porque dão com a elevação das vidas confirmação á sublimidade dos escriptos. Porque são tão poeticos como os seus poemas. Porque vão adiante abrindo á luz e ao amor novos horisontes. Porque não conhecem ambições nem orgulhos. Porque têm a cabeça do genio e o coração da innocencia. É por isso tudo que lhes chamo poetas.

Os outros adoram a *palavra*, que illude o vulgo, e desprezam a *idéa*, que custa muito e nada luz. São apostolos do diccionario e têm por evangelho um tractado de metrificação. Fazem da poesia o instrumento de suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas practicam o egoismo por indole e por vontade. Fazem-nos descrer da grandeza humana, porque são uns sophismas que nos mostram a pequenez e a má fé aonde as apparencias são todas de nobreza. Preferem imitar a inventar; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dicto ha mil annos, e fazem-nos duvidar se o espirito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé para parecerem alguma cousa. São os idolos litterarios da multidão que mal sabe ler.

São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São, emfim, genios no Brasil como v. ex.ª

Estes taes escusam da nobreza e da dignidade: têm a habilidade e a finura. Para a obra que fazem, isso lhes basta. Mas a obra, ex.mo sr., é que é uma obra vulgar: bem feita para agradar ao ouvido, mas esteril para o espirito. Sôa bem, mas não ensina nem eleva. Ora a humanidade precisa que a levantem e que a doutrinem. São, pois, necessarias outras e melhores obras.

Mas, se já alguma hora da historia impoz aos que fallam alto entre os povos obrigações de seriedade, de profunda abnegação, de sacrificio do *eu* ás tristezas e miserias da humanidade, de trabalho e silencioso pensamento; se alguma hora lhes mandou serem graves, puros, crentes, é certamente esta do dia de hoje, da edade de transformação dolorosa, de scepticismo, de abaixamento moral, de descrença, que é o nosso seculo. Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idêas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é preciso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa.

Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens. Sahirão esses heroes das academias litterarias? das arcadias? das sinecuras opulentas? dos corrilhos do elogio-mutuo? Sahirão as aguias das capoeiras? Saltarão as idêas salvadoras do choque das maledicencias e dos doestos? Nascerão as dedicações

do casamento das vaidades? Darão a grande novidade os ledores de Horacio? Inventarão as novas formulas os que decoram as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos? E os Socrates e os Epictetos descerão para as suas missões das cadeiras almofadadas, das rendosas conezias litterarias, das prebendas, das explorações?

Fóra d'essa atmosphera corrupta, e quando não corrupta, pelo menos esterilisadora, é mais provavel encontrarem-se as condições que precisam para viver e crescer os homens uteis e necessarios ás transformações do espirito humano.

Não é traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma; (1) requentando fabulas insossas diluidas em milhares de versos semsabores; (2) não é com idyllios grotescos sem expressão nem originalidade, com allusões mythologicas que já faziam bocejar nossos avós; (3) com phrases e sentimentos postiços de academico e rethorico; (4) com visualidades infantis e puerilidades vãs; (5) com prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteantes; (6) com banalidades; (7) com ninharias; (8) não é, sobre tudo lisongeando o máo gosto e as pessimas idêas das maiorias, indo atrás d'ellas, tomando por guia a ignorancia e a vulgaridade, que se hão de produzir as ideias, as scien-

(1) Allude ás traducções de Ovidio e Anacreonte.
(2) Allude ás Cartas d'Echo e Narciso.
(3) Allude á Primavera.
(4) Allude ao Tributo Portuguez na morte de Pedro V.
(5) Allude aos tractados de Metrificação e Menemonica.
(6) Allude a todas as obras em prosas.
(7) Allude a todas as obras em verso.
(8) Allude a todas as obras junctas, prosa e verso.

cias, as crenças, os sentimentos de que a humanidade contemporanea precisa para se reformar como uma fogueira a que a lenha vai faltando.

Mas fóra de tudo isto, d'estas necedades tradicionaes, é o nevoeiro, é o methaphysico, é o inattingivel — diz v. ex.ª

Todavia, quem pensa e sabe hoje na Europa não é Portugal, não é Lisboa, cuido eu: é Paris, é Londres, é Berlim. Não é a nossa divertida Academia das Sciencias que revolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idêas. É o Instituto de França, é a Academia Scientifica de Berlim, são as escholas de philosophia, de historia, de mathematica, de physica, de biologia, de todas as sciencias e de todas as artes, em França, em Inglaterra, em Allemanha. Pois bem: a Allemanha, a Inglaterra, a França, comprazam-se no nevoeiro, são incomprehensiveis e ridiculas, são methaphysicas tambem. As tres grandes nações pensantes são risiveis deante da critica fradesca do sr. Castilho. Os grandes genios modernos são grotescos e despreziveis aos olhos baços do banal metrificador portuguez.

O grande espirito philosophico do nosso tempo, a grande creação original, immensa da nossa edade, não passa de confusão e embroglio desprezivel para o professor de ninharias, que cuida que se fustiga Hegel, Stuart Mill, Augusto Comte, Herder, Wolff, Vico, Michelet, Proudhon, Littré, Feuerbach, Creuzer, Strauss, Taine, Renan, Buchner, Quinet, a philosophia allemã, a critica franceza, o positivismo, o naturalismo, a historia, a methaphysica, as immensas creações da alma moderna, o espirito mesmo da nossa civilisação... que se fustiga tudo isto e se ridicularisa e se derriba com

a mesma sem-cerimonia com que elle dá palmatoadas nos seus meninos de 30, 40 e 50 annos, de Lisboa, do Gremio, da Revista Contemporanea!

Quem seguir tudo isto vai com o pensamento moderno; com as tendencias da sciencia; com os resultados de trinta annos de critica; com a nova eschola historica; com a renovação philosophica; com os pensadores; com os sabios; com os genios; vai com a França; vai com a Allemanha — mas que importa? não vai com o sr. Castilho! não vai com o novo methodo repentista! não vai com o moderno folhetim portuguez!

O metrificador das Cartas d'Echo diz ao pensador da Philosophia da natureza — *tira-te do meu sol!* — O mythologo do diccionario da fabula diz ao profundo descobridor da Symbolica — *és um ignorante!* — A rethorica portugueza diz á sciencia, ao espirito moderno — *cala-te d'ahi, papelão!*

É que tudo isto não passa de idêas. Ora ha uma cousa que o sr. Castilho tomou á sua conta, que não deixa em paz, que nos prometteu destruir... é a methaphysica... é o ideal...

O ideal! palavra mystica; de gothica configuração; quasi impalpavel; espiritualista; impopular; que o artigo de fundo repelle; que desacreditaria o deputado do centro que a empregasse; que Victor Hugo adora e de que se riem os localistas; que não chega para um folhetim e que enche o maior poema; immensa aos olhos dos que a vêem com os olhos fechados e que nunca viram os que os trazem sempre arregalados; palavra pessima para uma rima de madrigal; palavra que faz desmaiar as beatas; grotesca num botequim; disforme numa sala; medonha numa assembleia de lit-

teratos horacianos... decididamente v. ex.ª devia odiar esta desgraçada palavra!

O ideal quer dizer isto: desprezo das vaidades, amor desinteressado da verdade; preoccupação exclusiva do grande e do bom; desdem do futil, do convencional; boa fé; desinteresse; grandeza d'alma; simplicidade; nobreza; soberano bom gosto e soberanissimo bom senso... tudo isto quer dizer esta palavra de cinco letras — ideal.

Por todos estes motivos ella é sobremaneira odiavel; ella é desprezivel por todas estas causas; e v. ex.ª tem toda a razão, chacoteando, bigodeando, pulverisando esse miseravel ideal.

Elle, com effeito, nada do que elle é ou do que vem d'elle, serve ou pode servir jámais para alguma cousa do que se procura na vida, do que nella procuram os homens graves, os homens serios, os homens de senso e gosto como v. ex.ª, que nada querem com ideaes ou com idêas, mas só com realidades e com factos; para captar a admiração das turbas; o applauso das multidões; para formar um grande nome composto de pequeninas lettras; para merecer os encomios dos grammaticões e o assombro dos burguezes; para ser das academias; das arcadias; commendador; citado pelos brasileiros retirados do commercio; decorado pelos directores de collegio; o Tirteu dos mercieiros e um Homero constitucional.

Para isto é que não serve o ideal. E é por isso, pela sua absurda inutilidade, que v. ex.ª o apeia com tanta sem cerimonia do pedestal aonde, para o adorarem, o têm posto os loucos que nunca foram nada neste mundo, nem das academias nem do conselho de instrucção publica, um Christo, um Socrates, um Homero...

Por isso é que v. ex.ª faz muito bem em o destruir, a esse pobre diabo do ideal; de o pôr fóra de casa a bofetões; de o bannir das suas obras, que não ha ver por lá nem a mais leve sombra d'elle. Agradam a todos assim. Os versos de v. ex.ª não têm ideal — mas começam por letra pequena. As suas criticas não têm idêas — mas têm palavras quantas bastem para um diccionario de synonimos. Os seus poemas lyricos não são methaphysicos, não precisam d'uma excessiva attenção, de esforços de pensamento para se comprehenderem — e têm a vantagem de não deixarem ver nem um só ideal. Nas suas obras todas ha uma falta tão completa d'essas incomprehensibilidades, que deve pôr muito á sua vontade os leitores que v. ex.ª tem no Brasil. V. ex.ª diz tudo quanto se pode dizer sem idêas — boa, excellente receita para não cahir nas nebulosidades do ideal. Os seus escriptos são optimos escriptos — menos as idêas: e é v. ex.ª um grande homem — menos o ideal.

Dante, que era um barbaro, o Shaskspeare, que era um selvagem, é que rechearam as suas obras de ideal. Victor Hugo tambem cáe muito nesse defeito. V. ex.ª é que o tem sempre evitado cautelosamente, e por isso não é um barbaro como Dante, nem selvagem como Shakspeare, nem um máo poeta como Victor Hugo. Não é Dante, nem Shakspeare, nem Hugo — mas é amigo do sr. Viale, que falla latim como Mevio e Bavio.

Mas, ex.mo sr., será possivel viver sem idêas? Esta é que é a grande questão. Em Lisboa, no curso de lettras, na academia, no conselho superior, no gremio, nos saraus de v. ex.ª, dizem-me que sim, e que é mesmo uma condição para viver bem. Fóra de Lisboa, isto é no resto do mundo, em Paris, Berlim, Londres, Turim,

Goettingue, New-York, Boston, paizes mais desfavorecidos da sorte, na velha Grecia tambem e mesmo na Roma antiga, é que nunca poderam passar sem essas magnificas inutilidades. Ellas o muito que têm feito é servirem de entretenimento aos visionarios como Christo (um metaphysico bem nebuloso), como Socrates, como Çakia-Mouni, como Mahomet, como Confucio e outros sujeitos de nenhuma consideração social, que se entretinham fazendo systemas com ellas, e com os systemas religiões, e com as religiões povos, e com os povos civilisações, e com as civilisações codigos, leis, sentimentos, amores, paixões, crenças, a alma emfim da humanidade, cousa que se não vê nem rende, e é tambem inutil e incomprehensivel. Eis ahi o mais a que as idêas têm chegado. Creio que pouco mais ou nada mais têm feito do que isto.

Em Lisboa é que nem isto. Não sei se tem havido quem tente introduzil-as nessa capital. V. ex.ª é que eu tenho a certeza de que não era capaz d'essa má acção. Por isso Lisboa não cahe como cahiram Athenas e Roma, por causa das suas idêas, e Jerusalem e outras cidades infelizes, cujos poetas tiveram um amor demasiado ao ideal... Uma só cousa ficou d'ellas: uma memoria grande, honrosa, nobilissima. Cahiram, mas deram ao mundo um espectaculo raro — o espirito e a consciencia humana triumphando da materia e brilhando no meio das ruinas como a chamma que se alimenta da destruição da lenha d'onde sahe e que a gerou. Eu não sei se v. ex.ª acha isto sensato e de bom gosto. Cuido que não. O que eu sei sómente é que isto é sublime . . . . . .

Paro aqui, ex.mo sr. Muito tinha eu ainda que dizer: mas temo, no ardor do discurso, faltar ao respeito a

v. ex.ª, aos seus cabellos brancos. Cuido mesmo que já me escapou uma ou outra phrase não tão reverente e tão lisongeira como eu desejára. Mas é que realmente não sei como hei de dizer, sem parecer ensinar, certas cousas elementares a um homem de sessenta annos; dizel-as eu com os meus vinte e cinco! V. ex.ª aturou-me em tempo no seu collegio do Portico, tinha eu ainda dez annos, e confesso que devo á sua muita paciencia o pouco francez que ainda hoje sei. Lembra-se, pois, da minha docilidade e adivinha quanto eu desejaria agora podel-o seguir humildemente nos seus preceitos e nos seus exemplos, em poesia e philosophia como outr'ora em grammatica franceza, na comprehensão das verdades eternas como em outro tempo no entendimento das fabulas de La Fontaine. Vejo, porem, com desgosto que temos muitas vezes de renegar aos vinte e cinco annos do culto das auctoridades dos dez; e que saber explicar bem Telemaco a crianças não é precisamente quanto basta para dar o direito de ensinar a homens o que sejam razão e gosto. Concluo d'aqui que a edade não a fazem os cabellos brancos, mas a madureza das idêas, o tino e a seriedade: e, neste ponto, os meus vinte e cinco annos têm-me as verduras de v. ex.ª convencido valerem pelo menos os seus sessenta. Posso pois fallar sem desacato. Levanto-me quando os cabellos brancos de v. ex.ª passam deante de mim. Mas o travesso cerebro que está debaixo e as garridas e pequeninas cousas que sahem d'elle confesso não me merecerem nem admiração, nem respeito, nem ainda estima. A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. ex.ª precisa menos cincoenta annos de edade, ou então mais cincoenta de reflexão.

É por estes motivos todos que lamento do fundo d'alma não me poder confessar, como desejava, de v. ex.ª

Coimbra 2 de Novembro
de 1865.

Nem admirador nem respeitador

Anthero do Quental. (1)

(1) Reedição do opúsculo — *Bom-senso e bom-gosto. Carta ao Excellentissimo Senhor Antonio Feliciano de Castilho por Anthero do Quental.* Coimbra, Imprensa da Universidade. 1865. In-8.º de 16 pág. *(N. do ed.)*

A DIGNIDADE DAS LETTRAS

E AS LITTERATURAS OFFICIAES

I

Devo estas explicações ao publico, e a mim mesmo sobre tudo.

Sim: sobre tudo a mim, á minha propria dignidade moral. Na hora em que eu não pudesse confessar sem receio ou vergonha, a esse severo juiz que todos temos dentro, os motivos de uma opinião, d'uma phrase, d'uma palavra sequer, proferida n'uma occasião grave; na hora em que me visse obrigado a occultar á consciencia, que julga e sentenceia, um só acto da intelligencia, que pensa e determina — fosse embora aquella phrase brilhante e applaudida, fosse aquella determinação atrevida e admirada — eu é que não poderia n'essa hora sentir nos labios as doçuras do triumpho, mas só no coração todas as amarguras d'uma consciencia perturbada, o fel da baixeza e da injustiça propria.

O publico, esse, tem direito a perguntar-me por que me levanto contra as imagens gloriosas ante que elle se enclina; por que não admiro o que elle ama; por que não respeito o que elle adora; porque me atrevo contra o voto das gentes e a opinião commum.

Extranho desacato, com effeito! Na pessoa de um dos seus escolhidos, offendi eu toda a opinião, o juizo,

o gosto, o sentir de quantos o tinham levantado sobre os braços e sentado na cadeira curul da auctoridade e da gloria. Reputaram-lhe merecimentos dignos de admiração e de respeito. Eu, revoltando-me, é como se dissesse ao respeito e admiração publica: «sois cegos e insensatos: enganaes-vos: o que a todos vos enleva e faz pasmar não é grande gigante, é só nuvem e fumo mentiroso...».

Isto é grave. É preciso firmar-se quem disser isto em boas e solidas rasões, porque se não contradiz tanta gente só pelo gôsto de contradizer. Ao publico devemos-lhe isto; de lhe não fallar senão em nome d'alguma cousa alta, d'algum bom principio, d'alguma rasão inabalavel.

É o que a mim me acontece.

Se ao publico e á consciencia, que me interrogam pelos motivos de uma acção grave por mim praticada, eu não tivesse para responder senão paixões, caprixo, vaidades; eu seria então, para aquelle, quando muito, um iconoclasta atrevido mas sem nobreza nem rasão, e, o que é peior, para esta um espirito escurecido, sem clarão de justiça, sem luz moral...

Nada d'isto acontece, porém. Interrogo-me na austera serenidade do meu tribunal interior e acho-me limpo e innocente. Não sacrifiquei ao orgulho, ao interesse, ao egoismo da mais pequenina das vaidades — a vaidade litteraria. Nada d'isso. Fallei verdade: e esta só palavra explica o silencio, ou os desconcertos, peiores ainda que o silencio, d'aquelles a quem me dirigí; e, por outro lado, explica a serena constancia com que me levanto de novo para sustentar, para confirmar os sentimentos, as idéias e as palavras que esse amor da justiça e da rasão me inspirára.

A verdade tem, com effeito, isto de admiravel; que só por si, invisivel e desherdada, vale para o espirito de quem sinceramente a adoptou mais do que a adhesão dos sabios, a approvação dos prudentes, o applauso das maiorias. Isolada e desconhecida, é ella comtudo o mais forte esteio da consciencia, porque só ella lhe offerece esta base inabalavel — a convicção.

O mais que importa? Eis ahi estão muitos dos que me animam e defendem que, applaudindo-me, foram tão injustos para commigo como os que me combatem, com as suas ignorantes apreciações. Applaudiram uns a audacia da heresia litteraria; outros a firmeza d'um golpe certeiro; aquelles folgaram com a satisfação de certos odios que eu não conheço; estes com o abatimento de certas famas; todos, emfim, com o escandalo... Mas eu só tinha buscado o triumpho da verdade.

Não, meus senhores. Eu não tomei nas mãos o pendão de nenhum corrilho ambicioso, para o fazer triumphar em combates risiveis de palavras. Eu não puz a minha alma ao serviço das vaidades egoistas de nenhum grupo. Tambem não foi um turbulento espirito demagogico que me fez sahir a campo procurando destruir alguma cousa só pelo amor da destruição. Menos, a presumpção orgulhosa de gladiador novo, cuja audacia impaciente não conhece prudencia e procura os mais robustos e aguerridos para o desafio e o combate. Menos ainda, o escandalo...

Não, meus amigos. Não vale realmente a pena commover-se a gente quasi até á vehemencia, indignar-se quasi até ao soffrimento, chamar a sua intelligencia e o seu coração, só para responder com grandes phrases a pequenos golpes de gente ainda mais ignorante do

que malevola; para desacatar um dos idolos de barro da religião burgueza contemporanea; para, emfim, fazer um escandalo ... em Portugal! Nada d'isso. Graças ao deus da liberdade, não pertenço por ora a nenhuma escola além da escola do pensamento e da franqueza. Essa está ou póde estar em Coimbra como em Lisboa ou em Pekin — em toda a parte aonde estiver uma consciencia leal. Das outras não curo eu. Parecem-me refinadas em ritos complicados e doutrinas subtis de mais para esta minha rudeza inconveniente e até insocial. Não sei o caminho secreto de suas aulas. É por isso que as não defendo nem ataco: ignoro-as (1).

Não foi isso, pois, o que eu intentei fazer *desacatando* a venerabilidade sacerdotal do sr. Castilho. Não foi defender uma escola, um grupo, uns homens. Foi *só* defender a liberdade e dignidade do pensamento, que n'esse momento se offendiam na chamada escola de Coimbra, no trabalho d'alguns homens (bom ou mau, não curei de o saber) mas trabalho livre, independente, trabalho santo pois, e digno de respeito.

Isto assim parece-me melhor e mais alto. Entendamos assim a questão. Só assim será justa, sagrada esta causa. Só assim terá infalivel o triumpho.

(1) Não posso, a proposíto d'isto, deixar de fallar de um notavel desacerto. É o do sr. E. da Cunha, pessoa que eu pouco conheço, e que acaba de me dirigir uma carta pela imprensa, aonde começo por estranhar a inesperada intimidade do tratamento de *tu*, e acabo indignando-me com as idéas, as intenções e os principios que me suppõe. Não menos me espantou saber por esse escripto que pertenço a uma eschola cujas opiniões o auctor deduz e motiva com uma facilidade que me assombrou, a mim que não sabia pertencer a tal gremio nem a taes principios. Tudo isto faz rir; mas sempre é bom declarar que tudo aquillo são meras illusões d'uma boa vontade muito mal aconselhada.

D'esta altura vê-se muito, e muito longe. A perspectiva é clara e franca, e raro engana. Fica-se firme e sereno como quem vê o verdadeiro aspecto das cousas. Como não houve illusão não ha logar depois a negar, a reformar, a contradizer. O que se viu viu-se por uma vez. O que se disse disse-se por uma vez. A palavra toma ao caracter a sua segurança e energia. Não retira o que uma hora affirmou. É honrada.

Ora na conta de honrada tenho eu a minha. Por isso que me levantei em nome de idéas e não de cousas, de verdades e não de homens, por isso mesmo não tenho que soffrer da incerteza dos homens e das cousas. Condemnei em nome de principios: esses são eternos, e áquella sentença não lhe posso nem devo nem quero mudar uma linha, uma lettra sequer.

Porque? Eis a explicação que eu devo ao publico. Porque persisto em accusar o sr. Castilho em nome d'este grande principio da liberdade do espirito? Por que lhe não aceito a auctoridade? Porque o não sigo, antes aconselho a todos que lhe evitem o exemplo? Porque o não *admiro* nem *respeito*?

Cumpre explicar tudo isto. Os motivos que tenho satisfazem-me as exigencias d'uma consciencia pouco afeita a branduras comsigo mesma. Espero que satisfarão a de muitos. No caso contrario, consolar-me-hei com esta lembrança — que mais lealmente ninguem procurou a justiça e a razão n'este pleito.

II

A dignidade do pensamento! Se desde Socrates até Camillo Desmoulins, até Proudhon e Victor Hugo no exilio, tudo que em nome d'ella se tem soffrido não passasse d'uma questão d'utilidade ou vaidade de pes-

soas, capricho e opinião d'homens, d'um lado como no outro, eguaes os perseguidores e os perseguidos no principio, e só differentes na varia fortuna — n'esse caso deviamos lamentar a humanidade, porque a sua maior virtude, como na blasphemia de Bruto, não passaria d'uma palavra.

Não é assim, felizmente. Esses taes tinham para lhes levantar a causa até ás alturas d'uma causa humana, d'interesse universal (tinham esses e teem todos os que preferem soffrer e combater a dobrar-se ao mando de quem só tem auctoridade do acaso, da fortuna d'uma posição official) uma cousa bem pequena ordinariamente no mundo, mas no espirito — e por isso na verdade — immensa, a maior de todas: a liberdade.

E pois foi em nome d'ella que eu vim fallar, é por isso que não posso nem devo desdizer-me.

Eu não daria um passo fóra da minha porta para ir defender-me diante dos que passam, convencel-os da superioridade dos meus trabalhos, contar-lhes os meus triumphos e os meus dissabores litterarios, fallar dos meus amigos ou inimigos. Que vale isso? Mas para declarar que não ha auctoridade outra além da rasão; outro criterio mais que o sentir individual; que o pensamento e a meditação, se custam mais, por isso mesmo infinitamente mais valem que a obediencia inerte e inintelligente; que mestre não ha outro além do estudo, nem outro respeito deve haver além do culto da verdade — para declarar isto já vale a pena erguer a voz, porque se alguem nos quizer impor silencio em nome d'algum interesse ou conveniencia podemos sempre responder-lhe: «Não; este interesse vae adiante de todos porque é o interesse soberano do espirito.»

Ubi spiritus ibi libertas, diz o apostolo. São inse-

paraveis: como os gemeos Siamezes não é possivel cortar o laço vivo que os une sem que para logo corra o sangue e morram. Sem espirito não ha liberdade: sem liberdade não ha espirito. Ora este é a alma, a vida, a essencia das litteraturas, da poesia, da arte, de todo o trabalho do pensamento e da inspiração. Litteratura que respeite mais os homens do que a santidade do pensamento, a independencia da inspiração; que pede conselho ás auctoridades encartadas; que depende d'um aceno de cabeça dos vizires academicos; essa litteratura não é livre — *ubi libertas ibi spiritus* — não tem, logo, espirito, não é viva e poetica... não existe pois como cousa alta e ideal, isto é, não existe, porque só ideal e alta se concebe litteratura e poesia.

Bastava-me isto só para condemnar o sr. Castilho, as suas doutrinas, o seu procedimento. Se isto é verdade, se não ha verdadeira poesia fóra d'esta alta e digna independencia, o sr. Castilho é o maior inimigo da poesia portugueza porque quer matar n'ella aquillo mesmo que é a sua essencia, a sua força, a sua vida...

Isto é um grande mal e uma grande injustiça. Protesto contra elles. E não só protesto como consciencia individual mas como consciencia collectiva; como homem e como cidadão; em nome das regalias do meu espirito e em nome do futuro do espirito nacional. Sim: fazer rachitica uma litteratura, amputal-a do que tem de mais vital, pôl-a engoiada e pêca como um fructo secco antes ainda de maduro, isto é um crime publico. Cuidaes que é só roubar aos olhos ou aos ouvidos algumas côres ou alguns sons agradaveis? privar-nos d'um divertimento, uma distracção futura? Não: é mais e muito peior. As litteraturas, boas ou más, teem feito o destino do espirito das nações. Ora

tudo vem do espirito. Pervertel-o é perverter a nação, é corromper as origens do futuro, é roubar ao presente a sua energia, a sua vida. Concebe-se uma litteratura banal, baixa, commum, ridicula, no meio de uma sociedade grande, nobre, forte, formosa? Uma reagiria sobre a outra e em breve lhe teria inoculado o virus mortal da vulgaridade e da baixeza. Pelo livro, pelo theatro, pela critica, pela conversa infiltraria essa peçonha em todos os vasos do corpo social, na familia, na escola, no jornal, no parlamento, em casa, na rua, em toda a parte onde se lê ou falla, vê ou ouve, e em toda a parte educaria para o mal e para a vulgaridade os pensamentos a principio, depois as vontades, os corações, tudo e todos por fim...

Os escriptos e os escriptores, as artes e os artistas, é que fazem a corrupção ou a grandeza das épocas. O cortezão Petronio, os poetas sophistas e sensuaes, a litteratura material e aduladora da Roma dos Imperadores preparam, conservam e acostumam o povo a soffrer o despotismo, a crapula e a baixeza de seus senhores, a ser como elles baixo, crapuloso e violento. Eschylo, pelo contrario, o poeta nobre e audaz, independente até á rudeza, é o contemporaneo de Salamina e Marathon, da época de maior grandeza, de maior elevação do espirito grego. O Canto de Roland, esse poema da altivez e do denodo, apparece no grande tempo espontaneo, liberrimo, da formação do mundo feudal, n'esse grande esforço da Europa para constituir uma sociedade fundada toda na independencia quasi feroz do individuo. O chato e manhoso Poema de Renard, baixo e traiçoeiro, a Farça de Patellin, vilã e indigna, são obras contemporaneas do estabelecimento da tyrannia real, da destruição das communas,

do espirito de pequena prudencia e cobardia que precedeu a Reforma e a Renascença. Os poetas cortezãos e convencionaes de Luiz XIV fazem esquecer à França a sua independencia, doiram os grilhões que lhe lança aquelle senhor despotico e orgulhoso. Pelo contrario, a litteratura turbulenta do seculo XVIII, heretica em Voltaire, plebeia em Rousseau, democratica em Diderot, eleva o espirito francez até áquella ebulição sufficiente para conceber a grande obra dos tempos novos, a Revolução.

Sempre o espirito do lado da liberdade. Sempre a independencia, como solo uberrimo, deixando rebentar do seio as obras boas e fecundas. Sempre a dignidade, a *irreverencia* pelos mestres e senhores, pelas auctoridades officiaes, garantindo a verdade e elevação dos pensamentos e das palavras. «O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o oiro por entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da nau por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, intemerato e incorruptivel. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas injustas e inconscientes, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro.» (Carta ao ex.mo sr. A. F. de Castilho.) Escrevamos

afoutamente esta sentença do philosopho antigo — um grande escriptor é antes de tudo um grande homem: o bom poeta presupõe o homem de bem. — Ora concebe-se, já não digo o grande homem, que nem todos pódem ser, mas o homem de bem, que todo tem obrigação de ser, pedindo o auxilio de uma auctoridade qualquer para pensar, consultando o thermometro da conveniencia e approvação dos mestres para fallar, recebendo o santo e a senha como um soldado disciplinado, feito automato escravo na cousa espontanea e individual por excellencia, o pensamento? Um homem de bem não faz isto: e toda a litteratura que o faz é uma deshonesta litteratura.

É porque a essencia, a cousa vital das litteraturas não é a harmonia da forma, a perfeição exacta com que se realisam certos typos convencionaes o bem dito, o bem feito, um arranjo e uma curiosa faculdade feita para divertimento de ociosos e pasmo de quem não concebe nada acima d'essas raras mas futeis habilidades de prestidigitador. Para isso basta um certo geito, uma arte delicada mas puramente exterior ás grandes faculdades do espirito, um estudo especial e por unica virtude a paciencia. Se assim fosse, seguramente que se dispensavam todas as outras virtudes; a habilidade bastava; e podia-se ser um grande escriptor e, todavia, um homem pouco digno e nada altivo. Os poemas seriam n'esse caso como pulseiras ou brincos admiraveis realmente, e que não requerem mais merecimentos em seus auctores do que o desenvolvimento particular de certas faculdades e dispensam perfeitamente todo o cortejo dos grandes e excellentes dons, a hombridade, e o severo espirito que só fazem o verdadeiro *homem*.

Provada, porém, e admittida a differença entre um bom ourives e um bom poeta, entre uns lavrados e delicadissimos enfeites e um sentido e pensado poema, provada fica a necessidade que tem o ministerio sagrado das lettras de mais alguma virtude além dos dotes mecanicos e exteriores — isto é, a necessidade d'um simples mas levantado espirito, d'uma livre inspiração, d'uma franqueza e independencia extrema... d'alma, para tudo dizer.

III

A alma! sim: é d'ella que precisa toda a litteratura que, em vez dos applausos que passam e dos interesses que rebaixam, tivesse por unica e nobilissima ambição levantar, melhorar os espiritos abatidos, ir adiante mostrando os caminhos encobertos do bem, responder ás necessidades moraes do tempo, dar um alimento sadío e forte á ancia, á fome e sede de saber e de sentir, ser emfim nacional e popular no grande e bello sentido da palavra.

Uma litteratura assim comprehenderia estas coisas: que toda a soltura e independencia é pouca; que se a tyrannia da moda e da opinião é insupportavel, não o é menos a dos mestres e das reputações oppressivas e orgulhosas; que, tendo-se em vista dizer alguma cousa nova, descubrir, não copiar e repetir, bom é que haja liberdade de procurar, que não se perturbe nunca o pesquizador de bem e de verdade, ainda aquelle que a pretende encontrar nos desvios mais arredados e estranhos; que se creia no *possivel* e se respeite ainda o erro quando fôr filho d'um desejo tão sincero e d'um tão honroso empenho.

Ora isto é que não fazem as litteraturas officiaes.

Não concebem salvação fóra do gremio estreito de suas egrejas, para não dizer capellas e oratorios. Não entendem outras palavras senão as poucas do seu diccionario incompleto e mutilado. Acham que o mundo está todo explorado, todas as ideias, todos os sentimentos, todas as fórmas, e que tudo isso o tem elles nas suas gavetas e nas suas pastas. Classificam de louco e de ignorante quem, ahi d'um canto, se levanta e pretende ter achado alguma cousa nova — ainda que não seja senão um seixo descolorido ou uma herva rasteira. Querem que se olhe para o mundo atravez das vidraças dos seus gabinetes e se veja reflectido todo o ceu no fundo dos seus tinteiros...

Isto assim póde ser que seja util, facil, vantajoso; póde ser que assim se conquiste a opinião das maiorias boçaes, que dão a fama, ou o favor das minorias intelligentes, que dão alguma cousa melhor do que a fama, que dão a importancia, o interesse e o poder... Póde ser que seja habil isto e até profundo — só não é nem digno nem verdadeiro.

Mas são assim as litteraturas officiaes, governamentaes, subsidiadas, pensionadas, rendosas, para quem o pensamento é um infimo meio e não um fim grande e exclusivo; para quem as ideias são uns instrumentos de fortuna mundana, uma occasião mais de sacrificar ás pequenas ou más paixões, em vez de serem uma fortaleza aonde se guardem do contacto da impurezas e das miserias; para quem esta santa tribuna da palavra não passa d'um marco d'aonde lancem o pregão de vergonhosos leilões; para quem a gloria é uma especulação feliz, não uma sagrada palma que é preciso colher com mãos puras; para quem, emfim, nobreza, desinteresse, ideal, sinceridade, sacrificio, são apenas

boas e sonoras palavras, feitas para levantar o periodo e encher a phrase, elegantes, brilhantes, excellentes para tudo... menos para se tomarem a serio. São assim as litteraturas officiaes; e, o que é mais, não podem ser d'outro modo. A fatalidade de seus principios impõe-lhes necessariamente estas tristes consequencias. Como não buscam a verdade pela verdade, a belleza pela belleza, mas só a verdade pelo premio e a belleza pelo applauso, teem de as renegar tantas vezes quantas a belleza não agradar aos olhos embaciados da turba que applaude, e a verdade offender os senhores que premeiam e recompensam. Ora, quantas vezes n'um seculo premeiam os senhores a verdade sincera e inteira? quantas vezes applaudem as turbas sensuaes e ininteligentes a formosura ideal, limpida e simples?

Mas quanto mais fogem das ideias tanto mais respeitam e adoram as cousas. Quanto mais ignoram os principios, os inflexiveis principios que não se vêem nem rendem nem louvam, impassiveis e pobrissimos, tanto menos se atrevem contra os homens, os homens que vêem perfeitamente as genuflexões e as agradecem e galardoam, que ouvem distinctamente as lisonjas e se dobram e torcem, os homens maleaveis, os homens exploraveis, ricos em applauso e mesmo em dinheiro... Como não teem no coração uma voz eterna, uma inspiração que os leve no seu caminho, sob pena de não andarem, teem de seguir alguem, os passos d'algum ser privilegiado que lhes faça as vezes de consciencia, de sciencia e de critica. Como não teem um credo, teem de ter um papa cuja pessoa sagrada sirva de doutrina, de crença, de fé. Como não teem bandeira em volta de que se ajuntem todos eguaes e livres, precisam

então d'um chefe, um general muito condecorado, muito dourado, muito fardado, envolto todo em fitas, commendas, galões, um fetiche, um idolo que só por si faça as vezes de pendão, de palavra sagrada, d'ideia, de tudo...

É assim que nascem as realezas litterarias. Nascem d'um vicio, como todas as realezas. Nascem para o mal dos homens, para o abaixamento das almas, como todas as auctoridades, todos os poderes desnecessarios. Mas estas são peiores e d'um mais pernicioso effeito. As outras opprimem os corpos, as cousas da materia, as fazendas, os interesses: mas estas tyrannisam o pensamento, as ideias, o espirito. Estas é que são as verdadeiras, as detestaveis tyrannias. As outras podem deixar-nos ahi a um canto, sem tecto, sem lar, sem dinheiro, nus e ao frio. Mas isso satisfal-as: e esse miseravel nu póde livremente pensar, scismar, ter a opinião que lhe convier e um mundo interior tão bello como aquelle de que o privam os oppressores: póde, diz muito bem Michelet, chamar-se o escravo Epicteto. Mas estas oppressões do espirito, ainda que nos dessem, como falsa compensação, casas, riquezas, servos, luxo e brilho, deixavam-nos tão escravos e miseraveis como d'antes, sem liberdade interior, sem capacidade para pensar, julgar por nós mesmos, moralmente paraliticos. Quem, ainda no meio das maiores grandezas, não póde senão amar, admirar cousas pequenas e mesquinhas, que é senão mesquinho e pequeno? Quem, ainda no paiz mais livre, obedecer sem reflexão ao aceno d'alguem, o que é senão escravo? Os tyrannos da materia deixam-nos pobres e desabrigados: estes do espirito fazem-nos baixos e estupidos — qual é preferivel? E não me digam que uso de grandes palavras

n'uma pequena questão; que invoco os maiores santos n'uma occasião de tão pouco perigo. Não é assim. Tanto se soffre d'uma pedrada atirando-se-nos com um seixo como com uma pedra preciosa. Que importa que a violencia que se faz á alma seja d'um ou d'outro modo, n'uma grande ou n'uma pequena cousa? Todas as liberdades são solidarias: e o que as faz boas e estimaveis não é o darem-se n'um caso e não n'outro, mas no facto mesmo da liberdade. Tambem são solidarias todas as oppressões; e o que as faz pessimas e detestaveis não é virem d'uma ou outra mão, pezarem n'um lado ou no outro, mas sómente o facto da tyrannia. Não ha pequenas oppressões, pequenas injustiças, pequenas miserias. Ha só miserias, injustiças e oppressões. Todas são más e despreziveis.

E, depois, a litteratura será cousa tão pequena, tão indifferente e secundaria? será tão minimo interesse, que aquelles mesmos que não soffrem a menor vexação, a menor violencia, n'esse ponto tolerem ou nem sequer sintam o mal e as durezas do jugo? Será cousa sem consequencias o pensamento escripto, o theatro, o livro, o romance, a poesia, que não valha ao menos a pena indagar por que mãos andem, quem é que pretende explicar os sentimentos e as ideias, quem fórma o gosto bom ou mau, quem critica e organisa a opinião, quem faz tudo isto e com que direito?

Lembremo-nos que a litteratura, porque se dirige ao coração, á intelligencia, á imaginação e até aos sentidos, toma o homem por todos os lados; toca por isso em todos os interesses, todas as ideias, todos os sentimentos; influe no individuo como na sociedade, na familia como na praça publica; dispõe os espiritos; determina certas correntes de opinião; combaté ou abre

caminho a certas tendencias; e não é muito dizer que é ella quem prepara o berço aonde se hade receber esse mysterioso filho do tempo — o futuro.

É elle, com effeito, quem as litteraturas convencionaes e falsas compromettem. A pequenez e estreiteza d'espirito que as caracterisa, o acanhamento de seus juizos, a incerteza e indecisão de seus principios, a banalidade, o commum de suas criações, e sobre tudo o seu servilismo e miseria moral caem, como um veneno, no sangue das gerações nascentes, corrompem-no logo a principio, e o futuro, de bello e forte que Deus o tinha preparado, sae rachitico, incerto, fraco, triste, baixo e apto para soffrer todas as miserias e todas as servidões.

Por ventura não foi a *litteratura picaresca*, sceptica e sem brios, que entorpecendo com o espesso vapor de nauseabundas banalidades a alma audaz dos hespanhoes, lhes fez soffrer resignados a oppressão austriaca, o reinado infame de Carlos V, Philippe II e a Inquisição, e comprometteu por seculos a causa da civilisação na Hespanha?

IV

Ah! antes mil vezes o excesso, a extravagancia mesmo, a desregrada audacia, a petulancia aventureira de concepções e fórmas, o abuso da liberdade, emfim, do que esta estreita e pequena prudencia; do que esta submissão inintelligente, este temor de cego que não anda com medo de cair e, como não vê, por isso se dispensa de fallar em luz; do que o acanhamento intellectual que é uma prova ou um motivo de entorpecimento moral e este culto do vulgar, do rasteiro, das *ideias* ao alcance dos que não sabem pensar e dos *sentimentos* accessiveis aos que não teem alma;

do que, finalmente, esta morna, adocicada e nauseabunda atmosphera artificial que nos querem fazer respirar como se fosse o ar livre, extenso e forte da vida do espirito. — Isto não faz doudos, seguramente, por que a doudice é ainda uma energia, e isto é mortal e inerte. Não faz extravagantes, por que a extravagancia suppõe ao menos um desejo de subir e elevar-se, e isto é tacanho e ordinario como um annuncio mercantil. Nao faz as Lelias e as Pulcherias ultraromanticas e ardentes, mas cria as Emmas piegas, sem alma e sem sentidos, tão pouco virtuosas com as outras e sem ao menos terem como ellas uma desculpa nos delirios d'um espirito excessivo mas nobre, ou nas excitações d'um sangue de bachante, mas vivo em todo o caso. As litteraturas officiaes, realistas e banaes não fazem d'estas extravagancias, que ao menos teem a elevação e toda a poesia da febre e do delirio. Mas produzem a imbecilidade, a baixeza, a vulgaridade — sem por isso serem mais virtuosas...

Isto é um pouco peior, cuido eu. Ha nas extravagancias da exaltação alguma cousa nobre e aspiradora de melhor, que, ainda quando sorrimos, nos faz pensar que é um coração desregrado sim mas vivo que inspira essas doudices. Mas nem ao menos ter por desculpa uma generosa loucura; errar, mas errar a sangue frio; ser falso reflectida e prudentemente — isto é que é ter plena consciencia da sua miseria, é comprazer-se n'ella e habitar alegre no seu nada como se fosse o mais rico palacio!

É certo que se não é extranho, confuso, visionario; mas não é porque pela verdade se chegasse á simplicidade, pela elevação se alcançasse aquelle ponto sublime que parece á primeira vista facil e corrente. Não

é por isso; mas simplesmente porque se abstrae do pensamento, occasião de confusões, de phantasia, origem d'extranhas visões, do sentimento, causador d'impetos apaixonados; exactamente como aquelles que jamais escorregaram ou caíram nos precipicios da montanha, não por que são fortes e resolutos, mas só por que nunca sairam de ao pé do lar domestico, entre as mulheres, quentes e satisfeitos...

Mas esta é a dura fatalidade das litteraturas que sacrificam ao idolo vulgar do favor publico e não ás aras severas da consciencia, do pensamento isolado mas energico. Como é a fama que procuram, passam ao lado da verdade e não a vêem nem a conhecem sequer. Servem um senhor caprichoso e grosseiro: têm de lhe offerecer umas vezes manjares acres e ardentes que estimulem a sua rude sensualidade, outras, pelo contrario, as mais refinadas e requintadas iguarias com que lisongeiem o seu extravagante sibaritismo de barbaro. Jamais a nutrição simples mas sadia, forte sem ser grosseira, pura sem ser requintada. Essa não a quer elle, excessivo, cheio dos mais contradictorios caprichos, como creança perdida de mimos ou sultão a quem nunca uma contrariedade educou para a paciencia e a verdade.

Esta, a verdade, quer só dar-se a quem a procura por amor, exclusivamente por sua formosura, não pelo applauso ou pelo preço que possa render. Ora isto é o que não podem fazer as litteraturas officiaes. Seria renegar o seu mesmo principio, o culto da opinião, e o seu fim, os bravos de momento, o triumpho ruidoso mas ephemero das praças publicas. Fallam ás maiorias, têem de ser communs. Dirigem-se ao vulgo, teem de ser vulgares. Especulam com as paixões publicas,

têem de as aceitar e lisongear. Dependem dos idolos do dia, têem de os incensar. Recolhem juro dos prejuizos e illusões nacionaes, têem de conservar esse capital rendoso. Têem por infallivel pontifice o juizo popular, não podem renegar de suas doutrinas, seus dogmas, seus cultos. Hão-de ir sempre ao nivel do espirito publico, do pensar das maiorias: nunca acima. Serão entendidos, applaudidos, estimados. Nunca, porém, elevarão, nunca hão de ensinar, nunca hão-de mostrar mais do que póde ver qualquer dos que estão no meio da turba...

As nações, porém, é que têem direito a exigir dos que fallam no meio d'ellas alguma palavra melhor ou maior do que as usadas e costumadas palavras de todos e de todos os dias. Porque razão, com effeito, levantar-se no meio dos homens, chamal-os em volta de si, para não dizer mais nem melhor do que elles sabem, pensam e dizem? As nações têem um instincto secreto ainda que confuso de seus destinos e do que para o cumprimento d'elles convem. Se um momento applaudem quem as lisongeia, em breve desprezam e esquecem. Para amar precisam odiar primeiro. Aquelles cujos nomes teem de gravar no coração, não são os aduladores, são os amigos sinceros e independentes, que lhes dizem as verdades em toda a sua dolorosa mas salutar crueza. São os Proudhons, os Larras, os Herculanos: não os Castilhos, os Martinez de la Rosa, os Sainte Beuve. Estes, porque são das academias, dos conselhos reaes, dos senados, dos *altos* cargos, é por isso mesmo que não são nem do povo nem da nação. Elle, o povo, quer que o eduquem, que o melhorem, que o reprehendam. Quer obras severas, graves, serias, fortes; não brincos de creanças, dis-

tracções de ociosos, entretenimentos de futeis — porque elle trabalha e não o consolam nem alliviam essas pulidas mas occas ninharias. Sabe que é ignorante e quer que o alumiem, que o castiguem ás vezes: o seu bom senso desconfia dos que o adulam e chamam sabio e inspirado. Uma litteratura cortezã, convencional, respeitadora de todas as conveniencias, menos da verdade, só póde ser applaudida pela multidão dos ociosos, dos banaes, cujo mau gosto illudem as apparencias de estylo, melodias de forma e exterioridades.

O povo, a verdadeira nação, isto é, os homens que sentem e os homens que pensam, esses não têem simpathia nem admiração pelos formosos sophismas d'uma arte brilhantemente esteril, que só serve para entorpecer o espirito adormecendo-o ao som de um canto doce mas fraco, sensual e sem altura. Esses não prezam a rethorica, mas só o pensamento. Não amam a poetica; basta-lhes a poesia. Não querem ser divertidos, mas sómente ensinados e melhorados.

V

Ah! mas n'esta terra, em tempo fecunda e santa e agora fria e esteril, a esta gente outr'ora nobre e altiva e hoje baixa e invilecida, a esta gente e n'esta terra é que era fazer ouvir as grandes palavras d'esperança, de coragem e de fé! Levantar esses animos incertos e caídos, animar esses corações descrentes, aquecer com um fogo vivo d'amor, de sentido e ardente amor, esse sangue meio regelado, esses peitos que esfriam de desalento, alumiar esses olhos que o desgosto embacia e essas almas ainda mais baças pelos crepusculos d'um espantoso abaixamento de luz moral! Aqui é que era fazer triumphar o espirito, pondo-o tão alto que fosse

um como sol a aquecer, a alumiar uma terra e uma gente que, ao sentir faltar-lhe o mundo, soubesse tirar d'aquelle só astro o calor e a luz para a vida, e no isolamento da decadencia, fizesse nova patria, mais rica e formosa, da virtude e da nobreza!

Nunca litteratura alguma teve obrigação de ser elevada, grave, séria, desambiciosa, como a litteratura d'este povo decadente, cujas ultimas miserias ahi estão para inspirar a compaixão ou o desespero, a dedicação ou a blasphemia, o amor ou o insulto, tudo, menos os pequenos sentimentos do interesse pessoal e da vaidade. Oh! quem se póde lembrar d'especular com os ultimos alentos d'um moribundo? quem póde folgar com a ruina de um grande e formoso edificio que desaba, só porque n'esta queda aproveite algumas pedras para fazer um muro á sua horta? quem se consola de ver retalhado o manto nobre de um grande rei só por que uma nesga lhe póde servir para os seus usos domesticos?

É isto, todavia, o que tem feito e o que faz ainda a nossa litteratura official. Ri, graceja, scisma, murmura, phantasia, procura rimas bonitas, desenterra palavras obsoletas e construcções exoticas de phrase, diverte-se e cuida divertir-nos, no meio de um grande luto nacional, n'uma hora das mais solemnes d'este povo... Quando, no meio da triste dissolução do passado, a alma portugueza incerta e vaga procura um caminho novo, hesita e está em perigo de se assentar cheia de dôr n'algum marco isolado e deixar-se ahi finar de desgosto, é n'esta hora que a nossa litteratura que se diz nacional não acha, para a confortar, esclarecer, animar, conduzir, uma só palavra viva, um só sentimento profundo, uma alta ideia, ao menos uma

lagrima bem triste, nada... só phrases, rimas, estylos, palavra — *words, words, words*...

Havia um grande exemplo de meditação a dar ao povo — e vemos a futilidade enthronisada. Havia um grande exemplo de patriotismo — e vemos o desamor e a indifferença premiados. Havia um grande exemplo de desinteresse e independencia — e não vemos senão cortezias, genuflexões, reverencias, baixezas... Ah! com a mão na consciencia, será isto bastante para constituir a litteratura, isto é, o pensamento, a alma d'uma nação? Eu pergunto-o aos homens de bem, que ainda não coram d'este nome honradissimo de patriotas, que ainda não acharam ser cousa de bom gosto o scepticismo, a indifferença e o desprezo da patria e dos cidadãos. A esses pergunto: representam realmente o espirito d'este povo a futilidade, o desamor e a baixeza? Será assim o coração d'esta gente toda, que os que se dizem interpretes de seus sentimentos não achem lá senão o vacuo e innanidade moral?

A consciencia da nação, da parte honrada, seria e realmente viva d'ella, responde-me que não. Não me respondem, seguramente, os especuladares da capital, os scepticos da moda, que esses não sabem senão rir com um riso baixo e inintelligente, que compunge mais ainda que as lagrimas. Mas eu não fallo com elles. Esses entendem que o povo está bom e é forte ainda e prospero por isso que ainda póde pagar. Para esses a missão das lettras está cumprida com meia duzia de folhetins e alguns romances insipidos quando não immoralissimos.

Mas a nação, a nação verdadeira, não sois vós, senhores do funccionalismo, parasitas, ociosos, improductivos. A nação portugueza são tres milhões d'homens

que trabalham, suam, produzem, activos e honrados, que vivem não segundo a moral dos especuladores, mas segundo a lei do dever e da consciencia. Esse, o verdadeiro povo, tanto approva os vossos feitos e os vossos dizeres, que não conhece os vossos governos senão para os maldizer, e aos vossos grandes homens, aos homens de convenção, nem sequer lhes sabe os nomes obscuros a tres leguas de distancia das vossas academias e das vossas redacções...

Oh! meus pobres amigos da provincia! pobres homens que sois os que trabalhaes e fecundaes o solo, cujo melhor fructo devoram esses senhores inuteis; que sois honestos e bons; que tendes no coração os restos do sentir portuguez que ha ainda n'esta terra! Homens sinceros das villas, das aldeias, dos campos, das lavoiras, dos trabalhos; dizei-me quantas vezes tendes feito parar o arado no meio de um rego para recordar as glorias officiaes, que as gazetas recommendam, e exultar com ellas, e consolados por esta lembrança continuar mais energicos e alegres?

Lembro-me de vós e dos vossos rudes labores, das lidas fadigosas que vos consomem as honradas e modestas vidas! Por vós e pela vossa causa soffro contente os risos insultuosos, os desdens e as injustiças, porque vós tendes direito a alguma cousa melhor do que requebros de phrase, algumas lições mais altas do que os exemplos de connivencia com as torpezas e as abjecções do tempo, a alguma doutrina mais consoladora do que a resignação e a condescendencia com as loucuras da época, a alguma moral mais santa do que o amor sensual e exclusivo da forma, do som, das palavras occas e esterilmente harmoniosas!

Vós, porque pagaes, nutris, sustentaes toda essa

gente, tendes direito a que em troca vos dêem bellos e bons pensamentos, santas inspirações, crenças, confortos, luz e fé.

As litteraturas officiaes serão tudo e de todos — do governo, da academia, do agrado dos botequins e das gazetas, serão ricas, estimadas, lisongeadas — só não serão jamais nacionaes e do coração do povo!

Eu, como filho do povo, como cidadão, em nome d'estes direitos menosprezados, protesto contra essa falsa litteratura, contra os seus chefes, contra as suas obras, contra os seus discipulos, contra as suas tendencias, contra as suas oppressões...

Protesto em nome da minha consciencia d'homem...

Protesto em nome do espirito nacional, que não tem que vêr com esses idolos convencionaes d'uma infima egreja, d'uma communhão de meia duzia de fieis infidelissimos...

Protesto, finalmente, em nome das mesmas regalias do espirito humano, que não consente que lhe imponham admirações e respeitos, como se o respeito e a admiração não fossem por excellencia as cousas espontaneas e livres da alma.

Coimbra. Dezembro de 1865.

Anthero do Quental.

APPENDICE

NOTA

PROVAS TIRADAS DAS PRINCIPAES OBRAS DO SR. A. F. DE CASTILHO

Para que se veja claramente a verdade de quanto acabo de affirmar nas paginas antecedentes; a impotencia das litteraturas officiaes, fundadas no respeito das conveniencias, dos costumes, das opiniões e ainda das illusões communs, para se levantarem acima do nivel d'essa corrente em que se deixam boiar indolentes e sem energia propria; a incuravel vulgaridade de todas as obras que não tiverem outro fim mais do que divertir a entreter os ocios do vulgo; a pequenez intellectual e moral de escriptores que mirando só ao effeito, teem de sacrificar a verdade simples e forte a requintes exquisitos e falsas delicadezas, que illudem por uma passageira originalidade; a fraqueza de pensamentos e formas d'uma litteratura sem audacia, convencional, rethorica, academica, rotineira; o nada, emfim, que são todas essas criações que, sem fé no espirito e nas idéas, só se fiam em apparencias e exterioridades; para vermos tudo isto basta olharmos com uma attenção imparcial e fria para as obras de um dos grandes pontifices da nossa litteratura official, o sr. Castilho, e do pouco do mestre deduziremos o nada dos discipulos.

Quaes são os fundamentos da fama, evidentemente

excessiva, do sr. Castilho? A que cousa nova e duradoura ligou o seu nome? Com que idéia, com que descoberta enriqueceu o thesouro do espirito nacional? Que traço dourado tem de marcar para o futuro o seu caminho atravez da historia litteraria dos ultimos trinta annos?

A estas perguntas não é facil responder.

Almeida Garrett cria o theatro e a poesia moderna em Portugal; inspira-se da alma da nação, resuscita-a, interpreta-a e, já pela boca dos grandes homens antigos magicamente evocados do tumulo, já fazendo-a rebentar com força n'um lyrismo profundo e vivo, revela-a de novo a um mundo que a tinha quasi esquecido, faz dispertar, nos corações que agita, sentimentos que são d'esta terra e d'este sangue, falla ao crer intimo do povo, e cada uma de suas palavras é uma pagina animada da historia do renascimento do espirito nacional. Esta missão explica o homem e a gloria d'elle. Sabe-se o que fez e vê-se que o trabalho correspondeu a alguma cousa eterna e que o hade eternisar comsigo — a vida moral do povo. É um grande nome creado por uma grande obra: uma estatua com um pedestal solido: concebe-se e vê-se claramente por que se sustenta erguida e tão alta.

Alexandre Herculano, esse é a antiga, a severa, a admiravel honra e gravidade do caracter portuguez, inspirando todas as concepções d'uma intelligencia recta e forte, tendo por fim ultimo o triumpho da verdade moral, tão heroico nos combates do pensamento como os maiores heroes dos nossos fastos nas pelejas da liberdade e da honra patria. A historia para elle não é uma curiosidade de antiquario: é uma lição dada ao presente por um philosopho cujo caracter está á altura

das mais fortes e nobres epocas do passado. O seu trabalho não é um deleite de artista: é uma luta de morte contra a hypocrisia, a villeza, as más paixões d'um tempo contradictorio e sceptico como o nosso. Tem uma grande missão, que sabe cumprir como poucos. Isto explica uma gloria pura e honrada como nenhuma.

O sr. Castilho, esse o que é? e que representa?

É triste para a admiração do paiz não haver uma resposta cabal a esta pergunta. Mas a sua fama explica-se dizendo que é uma tradição antiga, um uso velho e convencional: e esses ordinariamente acceitam-se e não se discutem. As maiorias pouco instruidas e muito occupadas acham mais commodo admirar sob palavra do que examinar, estudando e analysando, cousas estas que fazem pensar e roubam muito tempo. As minorias intelligentes e ociosas, essas dizem entre si o que pensam do sr. Castilho, mas dizem-n'o baixo e para poucos. Por menos lisongeiro que seja este juizo, como não transpira do recinto estreito de certas reuniões de amigos, a illusão conserva-se e continua a haver em Portugal uma grande fama fundada em muito fracos motivos.

Eu por mim assento que n'esta nossa terra de noventa leguas estamos todos em familia, e por isso o que tantos pensam ou dizem em voz baixa é melhor e mais franco repetil-o alto e claramente para que todos nos entendamos.

O merecimento do sr. Castilho é um merecimento exclusivamente externo e formal. O seu caracter essencial não é uma idéia, um sentimento, um principio, um modo seu de conceber a sociedade, o individuo ou a natureza, alguma cousa intima que distinga entre todas

as suas creações, lhes dê uma feição original e indistructivel e seja como que a rasão de ser, o elemento gerador d'ellas. Nada d'isto. A sua faculdade dominante e talvez exclusiva é apenas o dom exterior da forma, o genio da proporção e da harmonia, o segredo das apparencias formosas — o estylo. É isto o que o torna essencialmente proprio para o papel artificial que representa. Tem todos os longes d'uma grande cousa; tem a elegancia, a arte, a distincção; illude e faz vista. Menos um pouco, era um escriptor mediano: um pouco mais, um grande escriptor. Nem um nem outro serve para chefe de litteraturas officiaes. No primeiro caso estaria demasiadamente abaixo do publico; no segundo demasiadamente acima dos que precisam d'elle como d'um pendão, d'um heroe convencional. Uma idéia fixa, uma aspiração dominante, um espirito unico, são muito exclusivos, muito absorventes, muito rigidos para se dobrarem ás exigencias de um papel cujo caracter varia d'hora em hora com a fluctuação do gosto e do capricho publico. Mas se com a negação d'estas cousas incommodas se puder combinar uma maravilhosa faculdade imitativa, formal, capaz de fingir tantos espiritos quantos a voga fôr pedindo, mas sem nunca se fixar n'um só e exclusivo; se fôr possivel ter a forma de todas as idéias sem se deixar dominar por nenhuma d'ellas, imitar os sentimentos sem sentir de modo algum; n'esse caso poder-se-hão seguir as variações do gosto commum, acompanhar o capricho ondulante e incerto da opinião, e agradar sempre a todos, ainda aos mais contradictorios, aos mais inconciliaveis.

Este é o grande, o espantoso talento do sr. Castilho. É admiravel n'esta negação da individualidade propria. É assombroso n'esta faculdade de ser quanto quer ou

querem que seja, á semelhança d'esses bastidores de theatro aonde se penduram todas as vistas, sala e rua, floresta e palacio, carcere e egreja... Não representa, entre os escriptores nacionaes, uma opinião, uma tendencia, um espirito: não tem uma missão propria: não se sabe bem o que quer e o que vem fazer. Mas nenhum nos espantará com mais extraordinarias metamorphoses, transformações admiraveis até ao absurdo, uma meleabilidade, um deixar-se dobrar nas mãos das conveniencias de momento, que faria honra ao mais fino politico. Por este lado o sr. Castilho é um diplomata das lettras. É verdade que não diz nada, nada ensina, não concorre para o movimento geral. A civilisação, os progressos do pensamento, as conquistas da liberdade moral nada lhe devem. Mas é um artista primoroso, um admiravel estylista, a quem só falta uma idéia generosa e inspiradora para ser um grande escriptor.

Consultemos os annos, e vejamos quantos papeis tem representado este grande e habilissimo comediante. Em 1816 elmanista em poesia, em politica indifferente: poeta monarchico e official em 1818; pastoril e novamente indifferente de 1822 a 1825, e alguns annos depois socialista radical e prophetico: classico e academico em 1826 e em 1836 ultra-romantico e shakspeariano; algum tempo depois vemol-o virar-se de novo para os vultos venerandos dos poetas e dos mestres antigos. Cuidaes vel-o occupado na composição de rimas populares? elle traduz os cantos da musa romana. Esperaes achal-o no meio dos documentos historicos dos nossos primeiros seculos? elle redige artigos e proclamações politicas. Julgaes encontral-o em admiração diante das glorias da litteratura patria? elle

declara que qualquer metrificador contemporaneo se deveria envergonhar de pôr o nome debaixo das oitavas de Camões. Ouvistel-o hontem, emfim, declamar contra a prepotencia dos tyrannos, radical e republicano? escutae-o hoje, fazendo a apologia d'um governo anti-popular e oppressivo. Classico, romantico, monarchico, republicano, novo, antigo, philosopho, religioso, quem é? que quer? não se sabe. É um bello escriptor... tem um estylo admiravel... Póde-se dizer retrogado com Chateaubriand, e demagogo com Fourier, innovador com Victor Hugo e conservador como Ponsard... que é sempre verdade e é sempre falso. Não liga o seu nome a uma idéia unica como cada um d'estes: mas especula com todas. Uma cousa só não varía: o bom estylo, por que é esse o instrumento de todas estas variações...

Isto será habil, phantasioso, facil e delicado: mas não indica seguramente uma alta moralidade intellectual, isto é, o grave espirito e sério pensamento da vida que só faz os grandes poetas e os homens superiores.

É por isso que o celebrado chefe da litteratura official é feliz, glorioso, illustre e applaudido escriptor — mas é por isso mesmo que não tem missão, não representa um principio, não diz uma certa cousa ao espirito do povo e não é um grande escriptor.

Levem ao cadinho da analyse cada uma de suas obras: verão se no fundo fica mais do que essa cinza doirada, essa poeira brilhante de um bello estylo, muitas formosas phrases e nada mais. Um ensino, um ideal, uma crença, uma verdadeira sciencia da alma e da vida, isso é que não se póde lá encontrar.

Nas *Cartas d'Echo e Narciso*, estreia do poeta,

apparece este espirito artificial e mesmo artificioso já formado e inteiro, e não é difficil prever o que virá depois. É a mesma harmonia de phrase, encubrindo a mesma carencia completa de pensamento. A escolha do assumpto já por si dá a medida do genio do poeta. Não é um d'estes dramas simples e profundissimos, cheios de immensas lições de verdade e sciencia do coração, como os creou a alma brilhante, mas intuitiva da Grecia. É uma fabula da decadencia da mithologia, uma cousa subtil e falsa, uma difficuldade a vencer, um motivo para se admirarem os raros dotes do escriptor, mas sem um sentimento vivo, sem uma idéia eterna, que não commove nem indigna, refinada e artificiosa e que por fim chega a nausear como acontece com todas as doçuras insipidas. São tudo suspiros, ternos disticos gravados em troncos de alamos, passeios em barco, festões e grinaldas, branduras ou friezas... só não se vê a alma, só nenhum d'aquelles sentimentos existe d'aquelle modo no coração. N'esse poema dos gemidos amorosos ha de tudo; menos uma cousa só: o amor. Tirada a invenção, o fundamento moral, a intelligencia dos segredos da vida, que fica? O estylo — eis tudo.

Mas é no poema da *Primavera* que mais se palpa esta carencia completa de funda inspiração, saida das entranhas mesmas da natureza, que é a verdadeira essencia da poesia. A pedra de toque do poder e força de interpretação das realidades (que outra cousa não é o genio poetico) essa pedra de toque é a poesia da natureza. É n'ella que Volfgang Goethe revela as suas mais assombrosas faculdades intuitivas, o seu dom de explicar a vida do mundo ou de o animar prestando-lhe uma vida roubada ao excesso da sua propria. É como

interprete e altissimo sacerdote da natureza que Virgilio nos apparece, á distancia de seculos, erguido e immenso só por esse condão, no meio da ruina de tudo quanto cantou, do mundo que o inspirava. Victor Hugo só nos dá a verdadeira medida do seu genio quando nos faz como que sentir debaixo das mãos o palpitar do coração da terra, a vida universal, a seiva e a alma do grande Todo. — Compare-se tudo isto com a *Primavera*. É como se nos corressem de repente entre os olhos e a vasta extensão dos campos, das florestas, das montanhas, uma cortina de fumo alvacento: nem é ainda isso. É como se saltassemos, arrebatados por algum demonio ironico, das matas virgens da America, cheias de vozes, cores estranhas, lumes, phantasmagorias, mysterios e terrores, para o meio de alguma horta bem amanhada e bem util dos arredores de Lisboa, com suas moitas de bucho pelo meio, para nos dar idéia das energias poderosas do mundo vegetal. Parece que assistimos a um honesto chá de familia, aonde algum conselheiro velho conta ás innocentes meninas as impressões de uma peregrinação bucolica a Villa-Franca ou ainda á Alhandra. São os cordeirinhos enfeitados de mad. Deshoulieres e de Florian. Parece que não ha montes já na terra, nem precipicios, cascatas, rumores terriveis da noite na montanha, ou horisontes largos aonde o peito e a alma bebam a longos tragos o ar da vida e o ar da liberdade. São tudo collinas, vergeis, festões de rosas, passarinhos ensinados, grutas alcatifadas de relva macia, brandos ribeirinhos e até dos proprios cedros, como de caniços, se podem cortar frautas e avenas pastoris... Tudo isto n'um encantador estylo, recendendo a rosmaninhos, distillando mel, doce, doce, como para embalar o somno

de creanças. É que é realmente uma adoravel creancice aquelle poema! Deve-se conceber assim a natureza aos seis annos, quando a ama nos passeia no quintal que rodeia a casa da familia; e devem-se dizer as cousas com aquella meiguice infantil. Mas entre essas lindas pieguices e a expressão animadas do grande movimento natural, de suas energias, de suas forças poderosas, de seus dramas, das actividades creadoras da primavera, do mundo dos seres vivos, nas aguas, nas grandes folhas da floresta, em aves, feras, pinhaes, devezas, por toda a parte... entre isto e as bem descriptas pastoraes do sr. Castilho ha toda a differença que vae de Gesner e Florian, seus mestres, a Goethe, Hugo, Senancourt, verdadeiros poetas das bellezas e das grandezas naturaes.

Que fica? Sem forte pensamento, sem verdadeira comprehensão das forças vivas do mundo, dos sentimentos correspondentes do coração, da alma mesma do naturalismo, fica do celebre poema didactito uma soffrivel aguarella no gosto das de Watteau e Boucher, os paizagistas officiaes de Sua Magestade Luiz XV, os Rembrandts efeminados dos Trianons de M.me Dubarry. Um brando, gentil e mimosinho estylo, o que resta sempre e exclusivamente das obras do sr. Castilho, quando bem estudadas — palavras!

«Mas, dir-se-ha, talvez essa fraqueza não seja mais do que um indicio de excessiva força. Talvez que o genio ardente e arrebatado do poeta se achasse mal e apertado na estreiteza d'um assumpto didactico, frio e compassado. Eis ahi estão obras cheias de movimento e ardor, a *Noite do Castello* por exemplo...»

Ah! A *Noite do Castello!* Mas é um verdadeiro castello de cartas aquelle castello, e aquella noite uma

verdadeira noite de theatro! O castello, á borda d'um lago, romanesco, elegiaco e tragico ao mesmo tempo, parece sonhado pelo visconde de Arlincourt, de funebre mas divertidissima memoria. Ha um cavalleiro, um sympathico tyranno, como em Anna de Radcliff, e não esquece a donzella *tão formosa como perfida*... O cavalleiro, ao chegar da Palestina, (ainda se chega da Palestina nos poemas do sr. Castilho!) vê-se traido pela ingrata, que já mal o conhece. Era d'esperar: e, como tambem e de suppor ha imprecações e choros e terrores e muitas phrases atrozes e ferozes, com quanto sempre em estylo doce, brando e encantador. Tudo isto é d'um effeito admiravel: mas seguramente não é gothico, nem moderno, nem antigo, nem meia-edade, nem romantico, nem historico. Não se sabe o que é. É o phantasiado mundo romanesco e cavalheiroso dos escriptores do primeiro imperio francez, convencional e falso, cheio de phrases immensas e pequenos sentimentos, sem estudo do coração, sem conhecimento dos grandes effeitos das paixões, sem intuição do espirito das epocas historicas, sem unidade, com ditos á Shakspeare e pensamentos dignos do sr. conselheiro Bastos!... Tudo isto, em França, depois da *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo, depois dos trabalhos de Michelet sobre a edade media, depois do Getz Berlichigen de Goethe e dos Salteadores de Sehiller, em Allemanha, depois sobre tudo do grande vôo ideal da poesia levantado pela eschola romantica, tudo isso tinha caido miseravelmente em 1830, enterrado como se enterram ninharias e pieguices — ás gargalhadas. E é isto o que o sr. Castilho, em 1836, *inventava* em Portugal! O ciume, que é o dado moral da *Noite do Castello*, quando a gente o vê no Othello de Shakspeare, pare-

ce-nos uma paixão immensa, senão pura e santa. No poema do sr. Castilho aprende-se que não é assim. Essa grande cousa, n'aquelles versos comicamente terriveis, tem a particularidade de fazer rir. Depois, a acção exgota-se em se chegando á terça parte do poema. O resto (dois terços) são imprecações e phrases e ditos, que só variam nas palavras e nunca na vulgaridade do sentimento, superficial e insignificante. Tal é a *Noite do Castello*, tentativa infeliz para naturalizar entre nós um genero em toda a parte impopular e impossivel de sustentar-se, porque era falso e sem fundamento nem na historia nem na natureza moral do homem.

Evidentemente n'esta obra o sr. Castilho está ainda abaixo de si mesmo. O estylo, esse grande mentiroso, sempre prompto a encubrir os erros e os vicios dos livros do nosso poeta, nem esse mesmo se salva d'esta vez. Se exceptuarmos algumas raras descripções finas e bem acabadas e um ou outro movimento lyrico mais feliz, o resto é artificial e embrulhado, difficil, arrastado, frouxo e contrastando extravagantemente pela sua brandura com as feras paixões que lhe querem fazer exprimir...

Mas eis-nos chegados em frente do livro intimo, do livro sentimental, do livro ideal, do livro consolador e sympathico — *Amor e Melancolia!*

Custa-me, realmente, não poder escrever d'este livro tudo quanto pensaram d'elle nossas mães, então ainda meninas ingenuas e romanescas. Pelos sentimentos innocentes de que foi confidente elle é sagrado como um travesseiro de leito virginal. Pelas lagrimas de pura saudade que lhe cairam em cima elle é inviolavel como um seio materno. Pelas tristezas que consolou, os dissabores que mitigou, elle deve ser recebido como

um amigo de familia... E eu, por debaixo do titulo d'este livro tão querido ha trinta annos dos bellos olhos que tem hoje cincoenta, eu hei-de ir, com a minha mão cruel de revolucionario, e escrever esta palavra infamante — *banalidade!?*

Mas, que heide eu fazer, entre a piedade e o bom gosto? Acima de tudo o dever. Sim; heide dizel-o: é uma banalidade esse admiravel livro! esse livro sublime é uma cousa vulgar! Nossas mães foram no seu tempo umas santas e adoraveis raparigas; mas não sabiam litteratura... mas não sabiam esthetica... para bem d'ellas então, e mal dos filhos, hoje!

Abro este livro ao acaso. Encontro: versos ao triste cipreste; quadras ao cemiterio; quadras á cruz do ermo; mais quadras á melancolia; versos á terna saudade: falla-se-me do arroio, do chorão, do goivo e do malmequer... basta! fecho o livro assustado. Por entre aquellas folhas melancolicas pareceu-me ver surgir a face pallida, longa e piedosamente romanesca do visconde de Arlincourt!

O goivo! o malmequer! a terna saudade! mas nós vemos d'estes arrojos lyricos todos os dias nos jornaes litterarios da provincia, entre um logogripho e uma charada, e não admiramos! e temos a crueza de nem sequer verter uma lagryma de estreme melancolia! Ó dureza dos tempos modernos! Decididamente o livro sentimental do sr. Castilho não é para esta geração estragada por Byron, Victor Hugo e Goethe... Não somos dignos d'elle... Que fique, pois, com as suas antigas leitoras que o comprehendem e amam! Fique e repouse no cestinho de costura das meninas de 1830, que ainda não casaram e precisam de consolações!

Do estylo é escusado fallar. Sempre o mesmo, bello,

limpido, doce, mavioso estylo. O periodo cheio e correcto, sem retumbancia nem affectação. A phrase corrente e agradavel como as palavras da boca d'uma creança alegre. N'este livro, então, é realmente admiravel; e tanto mais nos faz lembrar quão bem teria exprimido altas idéias, verdadeiros sentimentos, rasgos de naturalidade, conceitos profundos... se o auctor tivesse posto d'isto no seu lindo livrinho!

Por este tempo tinha Lamartine publicado em França as *Meditações* e as *Harmonias*. Em Alemanha appareciam os versos de Novalis. Em Portugal concebia Alexandre Herculano aquella nobre e profundissima *Harpa do Crente*, aonde ha um verdadeiro e grave *amor* da patria e toda a *melancolia* d'um coração que se despede das illusões do passado — mas que esta gente boçal não comprehende... porque tem versos duros!!...

O nome do nosso illustre historiador recorda-me as tentativas historicas do sr. Castilho. É n'esse livro, os *Quadros Historicos*, que apparecem n'um relevo immenso todos os brilhantes dotes artisticos do auctor, a phrase perfeita, a imagem original, o genuino dizer portuguez, a harmonia, o colorido luminoso do estylo, a phantasia delicada ou o imaginoso arrebatamento, as figuras, as descripções, as narrações, toda a rethorica e poetica do rhetorico poeta. Infelizmente tudo isto serve para pôr em evidencia os vicios inseparaveis do excesso ou antes do exclusivismo d'estes excellentes dons. Uma concepção geral ou comprehensão da unidade do drama historico; um pensamento capital que, dominando cada época e cada acontecimento, dê a todos na sua variedade um commum espirito, os explique e faça comprehender uns pelos outros, mostrando a ne-

cessidade de cada um na harmonia do todo; uma critica que, em vez de buscar as origens dos factos em meras coincidencias de datas, e fazer depender do acaso os maiores successos, estude e explique a logica necessaria das instituições e dos elementos sociaes, modificada ás vezes pelas paixões dos homens e arrastando-os a elles outras vezes; uma intuição da alma de cada época, do seu modo particular de sentir e obrar; uma historia critica, emfim, dominadora dos factos pelo espirito e não escrava d'elles, uma historia philosophica, isto é que o sr. Castilho se não lembrou de fazer, contente com arredondar os seus periodos, limar as suas phrases, acabar as suas descripções, pôr, emfim, as grandes cousas heroicas antigas, adoçadas, pintadas, burnidas, ao alcance do gosto nada grande dos seus pouco heroicos leitores contemporaneos. O sr. Castilho não teve em vista, como tiveram Thierry, Michelet, Quinet, que n'esse tempo creavam uma sciencia historica digna do seculo de Hegel, Creuzer e Herder, dar-nos a alma, a consciencia, a razão intima das épocas e dos homens, resuscital-os por uma intuição tão largamente sentida como profundamente meditada e d'algum modo fazer-nos assistir á concepção das grandes cousas da historia no seio das nações. Tanto não precisava o bem-fallante academico para agradar no circulo precioso dos refinados puristas da capital e merecer os applausos do publico admirador de fogos d'artificio. Buscou apenas um assumpto para declamar elegantemente; um palco aonde se podesse pavonear nas galas arcadicas da sua rethorica: um pretexto para fazer brilhantes figuras e effeitos d'estylo; tomando ás grandes épocas e aos grandes homens quanto baste para uma phrase original ou um conceito feliz, e ao espirito antigo

da nação o sufficiente para fazer sobresaír os recursos da lingua moderna. A alma, essa, dispensa-se em boa rethorica. Isto, porém, não é historia.

Todas aquellas bellas cousas se podem dizer egualmente tanto da historia contemporanea como da primitiva, tanto da portugueza como da italiana ou da tártara. Os acontecimentos só é que variam. O resto serve para todos, porque não se inspira do caracter particular d'uma raça e d'uma civilisação, d'um certo ponto de vista da critica nacional, mas só da eloquencia, de suas figuras e effeitos, que não são patrimonio da historia de nenhum povo. Por isso o bello livro do sr. Castilho não é uma historia, mas só um exercicio eloquente de declamação.

As lendas populares dos tempos semibarbaros mas ingenuamente poeticos apparecem alli vestidas á moderna, como se tivessem estudado na eschola dos Lucenas e dos Freires, usando de phrases dignas certamente do grande seculo classico, mas nada primitivas, nada populares, nada gothicas e por isso nada verdadeiras e nada historicas. As ingenuas tradições, as crenças rudes e simples ficam, depois do *rifacimento* do sr. Castilho, como essas armaduras da edade-media, grevas, cotas, escudos que se fabricam hoje em Paris e se vendem aos curiosos ignorantes, pulidas, elegantes, novas em folha, como qualquer outro producto da industria contemporanea. A alma d'essas remotas edades some-se, perde-se, no meio d'aquella culta phraseologia, como um ribeiro saido da rocha viva ao atravessar um areal — seja embora um areal d'areias d'ouro... Isso, todavia, essa *barbara* expressão, que o nosso arcade julgou indigna da sua eloquencia, é isso mesmo o principio essencial da historia, pelo menos

da historia como a conceberam Vico, Herder, Wolff, e modernamente Jacob Grimm, Michelet, Thierry — ainda que isto repugne ao cultismo dos declamadores elegantes, nem a façam assim Rolin, Saint-Real, o conde da Ericeira e o sr. Castilho...

Mas, para quem sabe o que representa de trabalhos, de meditações, de profundos pensamentos e altas vistas philosophicas esta concepção moderna e realissima da sciencia historica e como este methodo se liga ao desinvolvimento do espirito humano no seculo XIX, para esses os *Quadros Historicos* do sr. Castilho podem ter o valor de bellos mas banaes exemplares de eloquencia, modelos de phrase, mas nunca o alcance de uma séria e viva obra de historia.

Sempre o estylo! Essa exclusiva preocupação, a que o seu falso ponto de vista e ainda o seu mesmo temperamento de artista o obrigam, é que faz a apparente belleza de momento, mas a real e profunda falsidade de todas as creações de uma arte superficial, que esconde um grande vazio d'ideias, de sciencia das cousas e dos homens, sob as phantasmagorias phosphorecentes d'um enredo de palavras, luzentes mas frias e estereis. É por isso que o sr. Castilho é, sobre tudo, excellente nas traducções. Como o original teve por elle o trabalho de pensar, sentir e crear, o traductor póde dar todos os seus cuidados e exclusiva attenção á phrase, á composição, ao metro — e n'isto, e talvez n'isto só, é eminente o sr. Castilho. Dão-lhe um corpo vivo e animado, sómente nu; e elle veste-o com umas galas e um luxo dignos de um rei. Mas o que é certo é que um alfaiate, mesmo alfaiate de reis, é sempre um alfaite. Um optimo traductor não é um grande poeta. Os homens como Virgilio, Dante, Cor-

neille, Camões, Garrett, não se immortalisam compondo descuidadamente e enfeitando o que outros sentiram, pensaram com muito trabalho e muitas dores ás vezes. Esses pensaram e sentiram por si. Viram, entenderam, experimentaram, deduziram, observaram-se a si, aos homens e ao mundo; e só por isso lhes chamamos creadores, originaes e inspirados. O mais solido esteio em que se apoia a fama do sr. Castilho é seguramente este trabalho das suas traducções. São bons versos, realmente, e boas palavras harmoniosas: sómente o que dizem de bom e profundo não pertence ao compositor mas só ao poeta original. Este creou; o outro compoz. Um, com a mãe que traz no seio e amamenta e robustece e educa uma creança, deu a vida e a alma. O outro é apenas um mestre, que aproveita certas tendencias, desenvolve certas inclinações, ensina uma ou outra só prenda, mas não dá ao ser vivo um só elemento, uma faculdade mais. O sr. Castilho será pois um grande poeta — mas com a collaboração dos grandes poetas que traduz. Em qualquer paiz esta especie de merecimento dá direito a uma menção honrosa nos diccionarios bibliographicos. Na nossa terra é quanto basta para se ser um genio.

E, depois, traduz-se realmente um poeta? Já Victor Hugo escreveu «para traduzir Homero é preciso *pelo menos*, um outro Homero». Ora não nascem dois Homeros, nem dois Virgilios, nem dois Petrarcas, nem dois Miltons; e por uma razão muito simples: porque qualquer d'elles foi produzido por um concurso de circumstancias que se não repetem mais, de raça, de ideias, de religião, de governo, de tempo, de tudo; e elles representam tudo isso, teem o intimo sentimento d'essas cousas, em todas as suas mais ligêiras cam-

biantes, que só elles viram uma vez e ninguem mais verá, seja o talento que for, porque tudo isso passou e não póde repetir-se. Seguramente que Dante vale tanto como Virgilio. Mas Dante, se em 1300 tivesse querido refazer a Eneida, teria feito uma cousa absurda e insupportavel. Quem ha ahi que possa comprehender, á distancia de mil annos, uma edade remota, ainda mais do que pelo tempo, por um abysmo de idéias religiosas, politicas, sociaes? percebel-a no mais intimo do seu pensamento e, o que é mais impossivel, n'aquillo que ella mesma ignorava, a parte fatal e instinctiva, o sentimento vago mas absorvente e que é o que constitue sobre tudo a poesia? Qual ha ahi homem de genio que entenda tudo isto e se identifique a ponto de dar, traduzindo, a cada affecto, a cada idéia, o peso, a fórma, o maior ou menor relevo, maior ou menor luz com que o viu ou o sentiu o poeta d'aquella sociedade extincta? que elle mesmo lhe tinha dado em virtude da relação necessaria em que o seu pensamento estava com tudo quanto o rodeava, determinando essas proporções impossiveis de medir?

O sr. Castilho declara-se-nos capaz de fazer tudo isto. O publico acredita-o; porque o publico não é seguramente critico, erudito, philosopho, quanto se requer, para entender bem estas cousas elementares.

Todavia é bem certo que uma traducção d'Ovidio, no seculo XIX e pelo sr. Castilho, é cousa tão éxtraordinaria e falsa como, sendo possivel, teria sido a traducção da *Noite do Castello*, feita por Ovidio, em Roma e no tempo de Augusto.

Mas a gymnastica deslumbrante de palavras, as prestidigitações surprehendentes de phrase, as habilidades de acrobata do estyio entretem os olhos com passos e

posições difficeis e complicadas: e, presa a attenção, enleada, esquecida, o resto passa facilmente...

É isso o que faz que passem todas as outras obras secundarias de que não me occupo, e as contradicções de principios e as loucuras e a falta completa d'ensino verdadeiro da natureza, do coração, da vida. É assim que passam tambem as extravagancias, os absurdos ridiculos ou odiosos, como por exemplo, a critica inclassificavel aonde se contesta o merecimento dos *Lusiadas*, d'um poema politico e social, *por isso que não póde servir nas escholas de primeiras lettras!* «Criticar uma epopeia nacional, dizia a este respeito o meu João de Deus, porque não serve para cartilha do Mestre Ignacio, é o mesmo que criticar a cartilha do Mestre Ignacio porque não serve para epopeia nacional.»

Que concluir de tudo isto? Uma cousa triste, em verdade, para a admiração publica, extraviada e illudida, mas no fundo consoladora para a dignidade do pensamento humano. Concluimos que a lisonja do gosto commum, arvorada em supremo principio de critica, póde chegar a produzir homens habeis, desenvolver faculdades brilhantes, mas não chega jámais a inspirar uma poesia e um poeta verdadeiros. Só a belleza da natureza humana, revelada pela voz livre do coração e ensinada pela severa meditação da philosophia e da historia, não varia jámais. A opinião dos homens essa é incerta e vária. Quem deixar aquelle firme solo eterno por estas areias movediças construe sem alicerces, como o sr. Castilho, embora sejam brilhantes de adornos e arrebiques postiços esses palacios inconsistentes. Tem de ir e vir a capricho da onda que eternamente fluctua. Não terá, logo, um principio unico, o mesmo, firme, indissoluvel. Não dirá, logo,

uma e a mesma cousa á intelligencia e ao coração da sociedade. Não representará, logo, um movimento vivo, necessario e verdadeiro do espirito nacional. Não será um grande poeta, porque a necessidade de lisonjear a mudavel opinião não lhe dará logar para seguir uma immutavel idéia, ter uma missão e como que instalar-se n'uma parte da alma e do pensamento humano. Fica-lhe o estylo, apenas, a forma, a arma d'esses enganos, a divindade d'esse culto de illusões. Esse é que serve para os *successos*. Mas os *successos* são para a gloria como são para o amor sereno, puro e constante esses estremecimentos da paixão ardente e sensual, tão rapidos como fogosos.

Se quem só procura a verdade raras vezes chega á fama, quem procura só a fama é que jámais alcança a verdade. Essa ha de ser buscada por si e por seu exclusivo amor. Quem quer escrever bem só porque seja uma celebridade da sua terra, e não é uma celebridade só porque escreve bem, esse tal póde tomar de assalto a opinião: mas a natureza e o verdadeiro gosto é que não póde nem conquistar nem illudir: por isso, tarde ou cedo, tem de cair e esquecer.

Eu não quero outra melhor prova de quanto tenho estabelecido do que uma obra mesma do nosso poeta. Essa sim, é uma obra sentida e profundamente verdadeira, feita com alma, paixão, sangue e vida, que se sente palpitar e nos toma o coração e o domina com este absolutismo que só tem a verdadeira belleza. É um dos mais formosos dramas do theatro portuguez e a unica admiravel e inatacavel obra do sr. Castilho — o drama *Camões*. Nunca se dirá bastante d'esse livro surprehendente que excede muito o *Camões* de Garrett no estudo da época, na interpretação do verdadeiro

caracter do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nação e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas d'um maravilhoso palacio de poesia.

Pois bem: esta obra é exactamente aquella que o auctor concebeu, dispoz e executou na época em que as ingratidões de muitos lhe tinham feito crear pelo vulgo, pelo publico, pelo mundo todo, uma repulsão dolorosa, um desprezo das pequenas cousas d'esta infima sociedade official, aquelle soberbo desdem, emfim, independente e altivo que só liberta o poeta do jugo das conveniencias e dos juizos convencionaes e lhe dá logar a realisar a verdadeira belleza, simples, boa e incomprehensivel ao vulgo. Na solidão, na tristeza, no desgosto, na indifferença das apreciações dos que se dizem entendidos e do applauso grosseiro das maiorias, no isolamento moral d'um coração ferido e no apartamento physico d'um exilio no meio do oceano (1) é que foi concebida aquella obra. O mundo convencional está tão longe, tão longe e esquecido, que a sua sombra nem de leve escurece uma pagina, uma palavra só d'aquelle poema. No dia em que as exigencias de um brilhante mas profundamente triste papel de chefe de litteratura official o deixam livre, o poeta encontra um coração, uma lucida intelligencia, uma palavra de vida e amor, falla e diz como os que melhor teem dito e fallado n'esta terra. Como despreza o publico sufficientemente para o não temer já, para não condescender com suas vulgares exigencias, por isso entra com passo seguro por caminhos novos e, fóra já de sendas trilhadas, penetra na floresta rumorosa das

(1) Na ilha de S. Miguel.

ideias livres, dos livres sentimentos, vae e vem, senhor das extensões que descobriu e de que é rei, rei d'esses grandes *desertos* cheios de vida, como nunca entre os muros dos *povoados* aonde a morte moral estende o silencio terrivel das almas e das phantasias...

Isto é quanto basta para mostrar quanto o sr. Castilho poderia ter feito, se um destino bom lhe tivesse afastado do coração aquellas ambições tristes, aquellas sedes de falsa gloria que, se lhe teem dado, levantando-o ao posto official de chefe litterario, passageiras satisfações de vaidade, lhe entorpeceram ao mesmo tempo faculdades admiraveis, privando a sua obra d'uma cousa eterna e que nenhum respeito convencional dos seus admiradores póde substituir nem encobrir — a grande originalidade e a elevação moral.

Sem estas duas cousas, porém, não se póde dirigir, dominar, encaminhar a corrente dos espiritos e o movimento das ideias litterarias. E é por isso que a velhice dos grandes homens officiaes, immobilisados na sua propria gloria e incapazes de comprehender as transformações successivas e lentas do espirito nacional, é sempre semelhante á triste velhice de Luiz XIV, grande homem tambem, martyrisado pelo espectaculo da ruina da propria grandeza. Assistem, como elle, á morte de tudo quanto tinham levantado e porque só se reputavam gloriosos. Perdem, enterrando-se cada vez mais no passado que os attráe, a consciencia do seu tempo e das legitimas necessidades d'elle. Parecem espectros d'outra edade; e na face d'elles vê-se ás vezes passar como que uma sombra das civilisações mortas e esquecidas. Não teem já uma missão: não dizem uma unica cousa que vá ao coração ou á intelligencia das gerações transformadas e melhoradas. Não diri-

gem, não levantam, não caminham. Conservam-se... sustentam-se apenas...

É por isso que tudo quanto é novo, esperançoso, e para tudo dizer revolucionario, se afasta cada dia d'elles a ponto de nem os conhecer mais que de nome. Respeitam-n'os ainda por conveniencia ou habito: mas não os amam já. Do desamor não vae mais que um passo ao esquecimento. Mas, como tudo aquillo é o futuro, é pois o futuro quem os desestima e esquece...

É assim que a nova geração renega do culto convencional do sr. Castilho. Uns, os mais francos, protestam: outros, mais timidos, adherem apenas com a vontade: os indifferentes esquecem. Lance o sr. Castilho os olhos em volta de si: quem vê rodear-lhe o seu tabernaculo, o seu altar d'idolo poetico? Velhos, velhos de corpo e espirito — e os poucos moços, esses, velhissimos como quem nunca mereceu este bello nome de *joven*. Veja que mãos piedosas recebem o deposito das suas doutrinas, das suas inspirações e da sua gloria... Restos estereis do passado: e do presente, apenas a parte impotente, moralmente senil, que atraiçôa a edade e se apega ao passado, sem se lembrar que o respeito aos cabellos brancos não implica a escravidão ás illusões, aos enganos e ás fraquezas dos velhos. Eis a que debeis mãos confia o sr. Castilho o cuidado da sua memoria. Mas essas mãos são tão fracas como piedosas: sabem enterrar como filhos: não defender como combatentes...

Entretanto o tempo caminha. Se o que ha de ser ámanhã o futuro não está em volta do altar do sr. Castilho é porque está n'outra parte, visto que o futuro d'algures tem de sair. Está n'outra parte: e quando surgir á luz não trará na fronte o signal consagrado

da sua benção patriarchal, não saberá de suas doutrinas, não se lembrará de seus ensinos, fallará em nome d'outras ideias, outros principios, outros mestres... e o sr. Castilho será esquecido para sempre.

Digo isto porque o creio firmemente; porque é isto o que pede a logica do espirito humano; porque os symptomas raros, mas já bem claros, que se manifestam o indicam para quem sabe ler n'este livro sybilino da opinião.

Isto que aqui affirmo e que a muitos parecerá atrevido e irreverente paradoxo, a esses mesmos, dentro em alguns annos, se lhes representará cousa evidente e simples, extranhando só a brandura e timidez das minhas conclusões.

Eu por mim fallo d'estas cousas sem paixão nem azedume, com a serenidade interior da convicção. Sei que é um *desacato* o que faço aqui. Mas nem por isso me penitenceio diante do publico, nem lhe peço perdão. Elle é que me ha de agradecer ao depois esta dedicação com que lhe aturo agora as rudezas, pelo menos incommodas e nada divertidas, só para bem d'elle e seu ensino. Despreoccupado inteiramente com o que se chama vaidade, fama e nomeada, que lucro eu com um escandalo cujo ruido pelo menos me perturba os ocios de uma contemplação intellectual, indolente e descançada?

Mas estas cousas estavam por dizer: tinham de ser ditas. Pareceu-me que dizel-as eu primeiro me punha bem com a minha consciencia, porque são a verdade. E é por isso tambem que não lastimo a ruina que prevejo. É a ruina de um homem apenas. Por detraz d'essa queda vejo as ideias que se levantam mais bellas e caminham mais desassombradas. Vejo que n'esta

pequena questão litteraria está envolvida uma cousa d'algum valor — a maior liberdade do pensamento e os progressos do espirito.

É quanto basta para me consolar; para me alegrar até. (1)

(1) Reedição do opúsculo: *Anthero do Quental. A Dignidade das letras e as litteraturas officiaes.* Lisboa, Typographia Universal. 1865. In-8.º de 48 pág. *(N. do ed.).*

ÍNDICE

Pág.

Advertência do Editor V

Educação das mulheres 1
Na sentida morte do meu condiscipulo e amigo Martinho José Raposo 6
Leituras populares 9
Esbocetos biographicos 37
A lyrica açoriana 56
A illustração e o operario 59
As Meditações poeticas de Lamartine 65
Influencia da mulher na civilisação 74
A Patria 90
A proposito d'um poeta 93
Necessidade de uma doca na Ilha de S. Miguel 105
Sobre traducções 112
Das revistas de Coimbra 120
O que toda a gente vê ou a politica n'uma lição 124
A João de Deus 128
Revista litteraria de Coimbra 137
A indifferença em politica 146
Questão romana 156
Saudação ao principe Humberto 159
Manifesto dos estudantes da Universidade de Coimbra . . . 161
Correspondencia de Coimbra 176
A propósito de umas poesias de D. Henriqueta Elisa 181
Correspondências 187
A Biblia da humanidade de Michelet 257
Defesa da carta encyclica de Sua Santidade Pio IX 279
Carta-dedicatória das *Odes Modernas* 304
Nota [sôbre a missão revolucionária da poesia] 306

Pág.
Introducção [aos *Cantos na Solidão* de Manuel Ferreira da Portella] 316
Arte e verdade 322
Bom-senso e bom-gosto 330
A Dignidade das lettras e as litteraturas officiaes 348

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Leia-se
200	33	185	195
278	27	1855	1865

OBRAS

DE

ANTERO DE QUENTAL

Publicadas:

OS SONETOS COMPLETOS — Conforme a 1.ª edição.

PRIMAVERAS ROMANTICAS — Conforme a 1.ª edição.

PROSAS — Vol. I (1859-1865). — Edição conforme o original.

A sair:

PROSAS — Vol. II.

ODES MODERNAS — Conforme a 1.ª edição.

CARTAS — Nova edição, aumentada.

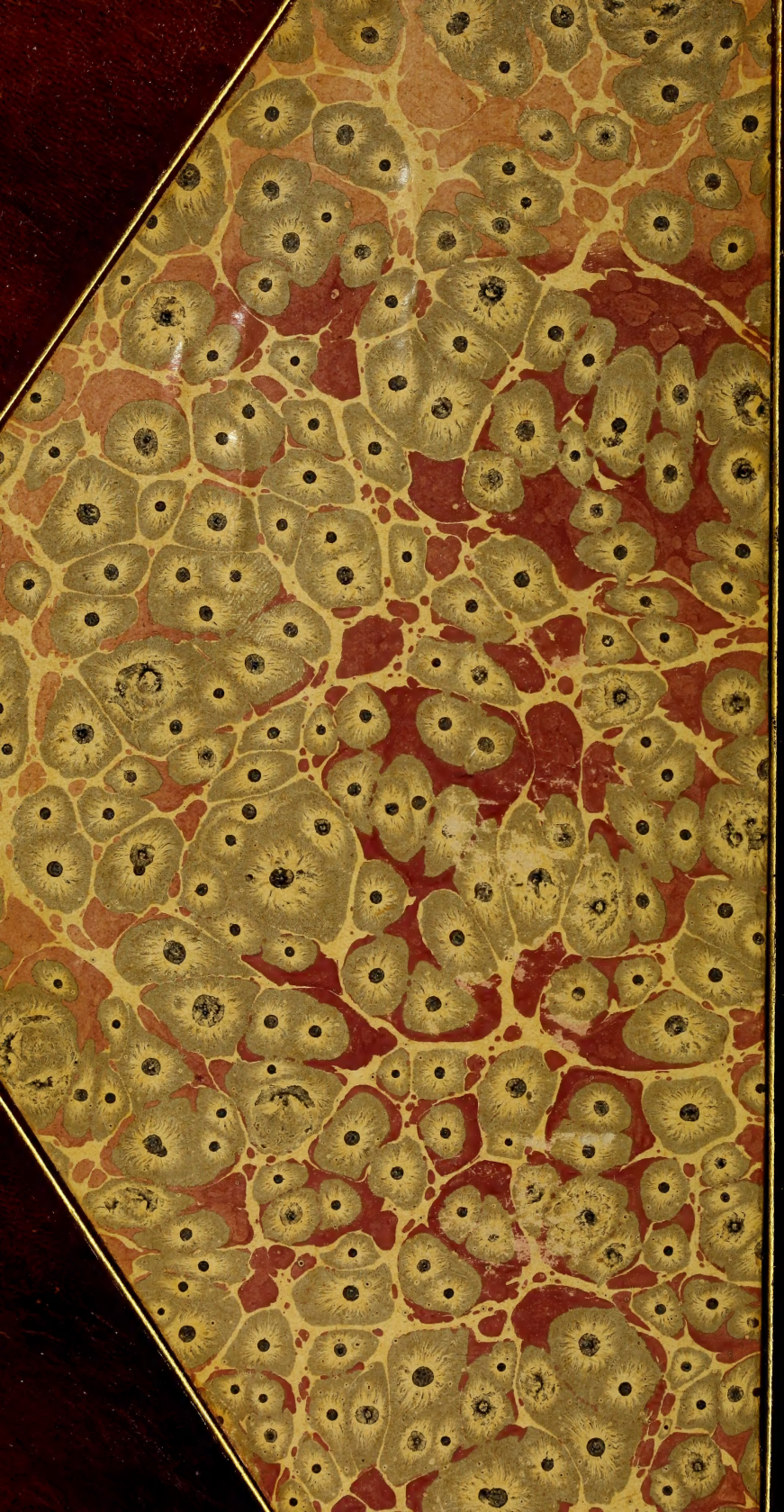
Pedidos á

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA

PQ
9261
Q4A15
1923
v.1

Quental, Anthero de
Prosas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY